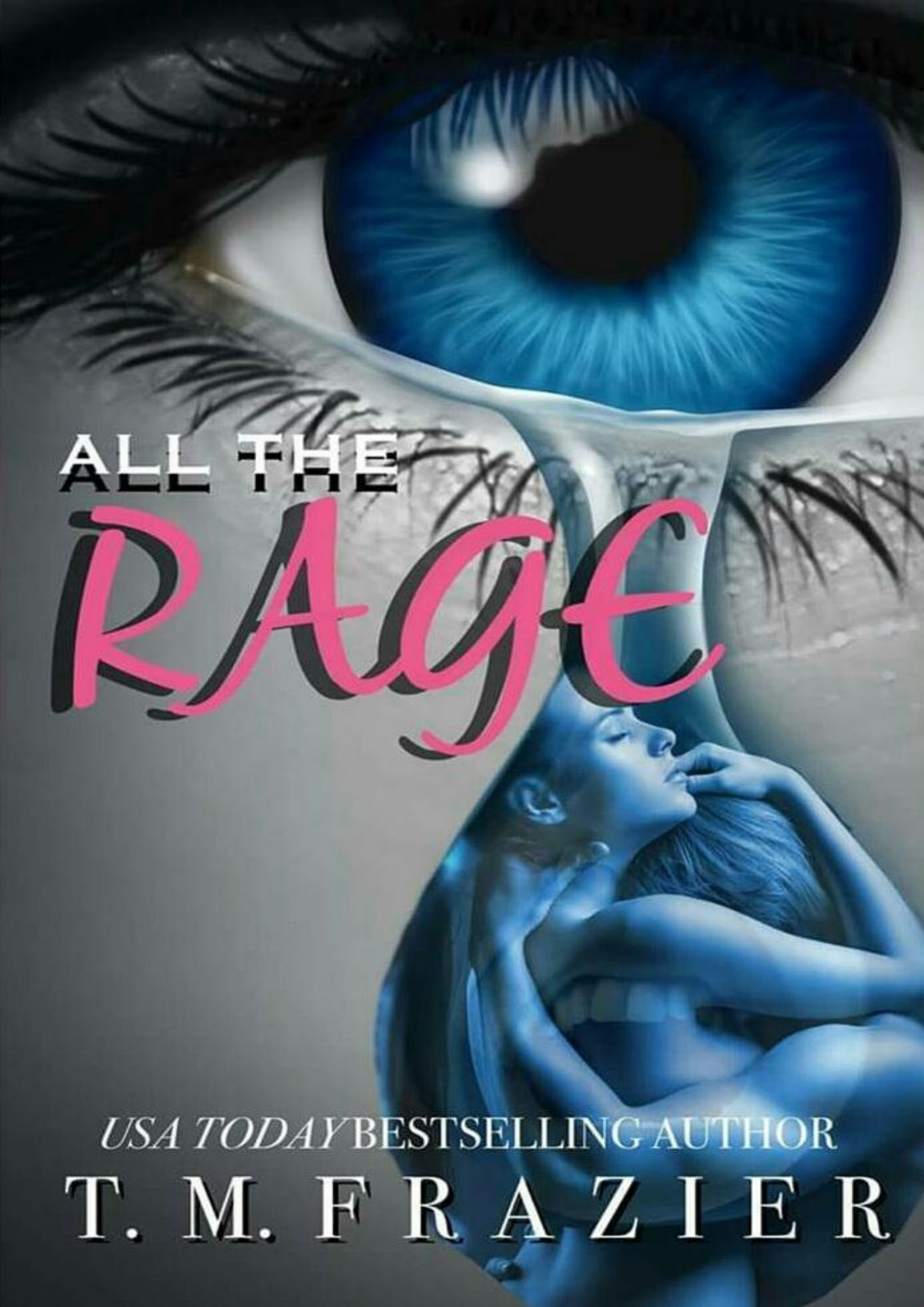

ALL THE
RAGE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
T. M. FRAZIER

T.M. Frazier

All The Rage

Livro Único



Tradução e Revisão Inicial: Tami F.

Revisão Final e Leitura: Anne Pimenta

Data: 11/2016

All The Rage Copyright © 2016 T.M. Frazier

SINOPSE

Eles me chamam de Rage.

Meu nome real é como uma sombra, sempre perto, mas nunca capaz de alcançá-lo.

Eu voo sob o radar porque ninguém suspeita que eu seja capaz do tipo de violência brutal que eu me comprometo todo dia.

Você vê, eu sou uma menina. Eu tenho dezenove anos.

E eu sou uma assassina.

Esta vida é tudo o que sei. É tudo que eu quero saber. Ela mantém as merdas enterradas que eu preciso manter enterradas. Ela me permite viver sem pensar muito.

Sem reviver o passado.

Até ele.

Tudo muda quando um garoto comum se torna o meu próximo alvo.

E o meu primeiro amor.

Eu tenho que escolher.

A única vida que eu já conheci tem que morrer, ou ele.

De qualquer forma, eu vou ser a única puxar o gatilho...

Prólogo

Já foi dito que, se você ama alguém o suficiente, você deve deixá-lo ir. Se ele voltar para você, significa que ele se destina ser seu.

Isso é uma besteira.

A minha história é diferente da maioria. *Eu* sou diferente da maioria.

Porque na minha história, se você ama alguém o suficiente, você deve primeiro soltar a arma.

Capítulo um

HOPE

Dez anos de idade

— Eu não quero ver mais nenhum médico, — eu anunciei assim que irrompi pela porta da varanda de Cody.

Eu disse isso como se fosse uma nova informação, quando na verdade é o mesmo anúncio que eu faço toda vez que eu volto para casa de outra consulta inútil com outro psiquiatra que ainda não conseguiu me consertar.

Eu me sentei no pequeno sofá velho que ficava na varanda dos fundos da casa de Cody por tanto tempo quanto eu poderia lembrar. Avistei um fio solto na quina da almofada, e estupidamente comecei a pegar na costura desgastada.

— Eu não entendo. Achei que você tinha pedido para ir ao médico? — perguntou Cody.

— Eu pedi, mas que fosse outro médico. A consulta foi ontem e eu só queria ir porque estava certa de que eu tinha um câncer no cérebro no estágio quatro. — eu o informei como se fosse uma coisa completamente normal para uma criança de dez anos dizer. — É importante fazer esses exames de rotina, você sabe.

Para mim era normal.

— Eu preciso perguntar? — perguntou Cody, inclinando para frente e fingindo estar sério. — É o seu fim? Devo chamar um padre? Espere, talvez no seu caso, você precise de um exorcista. — ele passou os seus braços em torno da minha cintura e riu às minhas custas.

— Eu tinha todos os sintomas, — argumentei. — Eu vou te mostrar o jornal médico do meu pai para te provar isso.

— Ok, então você está livre do câncer...

— O câncer de cérebro, em todo caso, — eu o corrigi. — Mas isto não é sobre os médicos. Isto é sobre os outros. Os psiquiatras. Não quero ir mais. Eu acho que já fui o suficiente.

Parecia que Cody estava ponderando sobre isso. Uma luz se acendeu em seus olhos. — Então, se você não quer ir ver os outros médicos, então não vire a sua mesa encima da Sra. Carmine e não diga que vai empalá-la com um lápis, ou melhor ainda, não tente empurrar Jimmy Meyers na frente do ônibus escolar de novo, — ele disse.

Como se fosse assim tão simples.

— Jimmy puxou o meu cabelo, — argumentei.

— Bem, a parte boa sobre ele é que ele vai pensar duas vezes antes de fazer isso novamente, não é? — Cody sempre via um lado das coisas que eu nunca via. Esse é o motivo pelo qual eu vou até a sua casa todos os dias.

É por isso que ele era meu melhor amigo.

— Então? — ele perguntou. — Me diga a verdade nua e crua. O que este novo médico disse? — perguntou Cody, rasgando um pacote de Kit-Kat. Meu favorito.

Ele sentou próximo a mim, o seu joelho batendo em minha coxa no pequeno sofá esfarrapado. Ele quebrou duas das quatro barras e me entregou a metade ainda dentro da embalagem.

— Obrigada. — eu disse, dando uma mordida grande. Eu mastiguei e deixei o chocolate se estabelecer em meu sistema, enquanto eu pensava em uma resposta para a pergunta de Cody. — Eu ouvi o médico dizer aos meus pais que eu era... diferente?

— Duh, — Cody disse, batendo em sua testa com a mão. Ele cutucou meu ombro. — Este pode ser o diagnóstico mais estúpido porque todo mundo já sabe disso.

Eu balancei a cabeça e franzi os lábios. — Não, a maneira como o Dr. Klondike disse isso, fez soar estranho.

Cody torceu o nariz e bateu com o dedo indicador contra seu queixo. — O que exatamente ele disse? Tente se lembrar.

Mordi o lado do meu polegar, mas assim que percebi o que eu estava fazendo, o puxei para longe da minha boca e coloquei as minhas mãos embaixo das minhas coxas.

Cody esperou pacientemente enquanto eu tentava lembrar como o médico havia dito a palavra. Ele nunca tinha pressa e ele nunca me apressava com as respostas como os meus pais ou os médicos faziam.

Eu sentia como se os meus pais tivesse um período de tempo limitado dedicado em me reparar, e se eles não tivessem sucesso naquelas consultas pagas, eles desistiam e começavam tudo de novo na próxima vez que eu fizesse algo.

Cody tinha um nível de paciência que eu nunca poderia pensar em alcançar, mas sorte a minha, o meu melhor amigo tinha o suficiente para nós dois.

Por fim, ocorreu que eu consegui lembrar a palavra do médico. — Ele disse que eu era *IN-diferente*, porque eu sou emocionalmente não dou importância e sou desconectada da maioria das pessoas, ou, — eu acenei a minha mão no ar, — alguma coisa nesse sentido. — eu belisquei a ponta do meu nariz, tentando me lembrar de mais, mas quando você vai a muitos médicos, como eu vou, todos eles começam a se misturar.

— Oh! — exclamei, apontando meu dedo no ar com a lembrança. — Ele também poderia ter usado as palavras 'emocionalmente anulada'. — eu dei outra mordida na minha barra de chocolate e me recostei no sofá, olhando para o ventilador torto com a lâmina quebrada que oscilava em um círculo lento com um infeliz barulho esganiçado.

Outra semana. Outro médico. Outra conversa desconfortável com um completo estranho. Outro olhar de preocupação e medo nos olhos dos meus pais quando os médicos disseram que, embora houvesse algo de errado comigo, eles não poderiam entender a causa disso e, portanto, não poderia recomendar um tratamento.

Cody balançou a cabeça e falou com a boca cheia. — Indiferente.

— Hãn?

Ele engoliu em seco. — Acho que ele disse que você era indiferente. Não diferente.

— O que isso quer dizer? — eu perguntei, puxando meus joelhos até meu peito. Cody era apenas um ano mais velho que eu, mas às vezes eu acho que é como uma centena de anos.

Ter um sabe-tudo como melhor amigo nem sempre foi o mais divertido, especialmente quando ele queria me explicar a ciência por trás da reciclagem cada vez que o caminhão verde se deslocava pela

rua, ou quando ele desenhava um diagrama sobre os ciclos da água cada vez que uma tempestade começava. Quando ocorria do meu cérebro ficar confuso, o cérebro super esperto de Cody vinha a calhar.

Cody terminou a metade do Kit-Kat. Ele pegou a embalagem e formou uma bola de papel laminado em suas mãos, e a jogou do outro lado da sala para a lata de lixo como se ele estivesse jogando uma bola de basquete em um aro. Ele errou por um milhão de metros. A bola bateu na parede e foi rolando em toda a sala na direção oposta.

Cody é uma porcaria no basquete. Baseball é mais a sua praia.

— Isso significa que você não sente as coisas que outras pessoas sentem. Tipo, você se lembra de quando nós estávamos assistindo aquele filme e seus pais disseram que não podíamos assistir? Aquele em que a senhora é atropelada por um trem no final?

— Sim, — eu disse. Lembrando quando tínhamos descoberto a forma de alugar o filme com classificação R[1] a partir do controle remoto da TV.

Quando acabou, Cody se afastou de mim, mas era tarde demais. Eu já tinha visto um vislumbre de suas lágrimas. A senhora foi atropelada por um trem depois de apenas ser dito que ela estava livre do câncer. Ela morreu. Tinha acabado.

— Eles nem sequer mostraram a parte legal onde ela realmente foi atingida. Eles só mostraram as faixas e seu chapéu flutuando no ar.

Cody olhou para mim como se eu tivesse acabado de provar o seu ponto.

— Talvez fosse um filme estúpido e eu sou a única que percebeu o quão estúpido era, — eu disse, me ajeitando nas almofadas do sofá.

— Tudo bem que pode não ter sido o melhor exemplo, mas eu só estou tentando te explicar o que o psiquiatra quis dizer — disse Cody, tocando no topo da minha cabeça. — Mas se você me perguntar, — ele balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro, — ele não fez um trabalho muito bom.

Me sentei para frente. — Por que você diz isso? — eu poderia ter sido indiferente quando se tratava de tristeza, mas a raiva foi sempre viva, era um sentimento bem ansioso querendo se libertar. Eu encontrei

[1] Nos EUA, classificação R significa que o filme é restrito para maiores de 17 anos, que para nós é equivalente a 18 anos.

os olhos castanhos dourados de Cody e ele abriu um mega grande sorriso mostrando os seus dentes.

Cody era o único que poderia apagar a queimação da minha raiva uma vez iniciada. Não os meus pais, nem os médicos, nem os conselheiros na escola. Nenhum deles poderia fazer o que Cody poderia com apenas um sorriso bobo.

— Nerd, — eu disse, jogando uma almofada em sua cabeça.

Ele se esquivou.

— Eles não estão fazendo um trabalho muito bom examinando a sua cabeça. — ele fez um movimento exagerado com os braços, esticando-os, tanto quanto ele poderia estar tentando tocar as paredes com as pontas dos dedos. — Porque está tão gigante como sempre! — ele estendeu a mão e despenteou o meu cabelo, fazendo com que meu rabo de cavalo se desfizesse. O meu cabelo caiu em meus olhos como uma bagunçada cortina loira.

Cody explodiu em um ataque de riso incontrolável. Seu cabelo escuro, quase tão longo como o meu, também estava cobrindo seu rosto quando ele agarrou seu estômago e rolou para fora do sofá, rindo histericamente até que ele rolou para a porta de tela, raspando o braço em um pedaço irregular de alumínio.

— Merda, — ele assobiou entre os dentes. Ele levantou o cotovelo e puxou o braço para cima para verificar o dano. Um filete de sangue vermelho brilhante pingava do arranhão abaixo da manga de sua camiseta e deslizou no vinco de seu cotovelo.

Eu me arrastei para fora do sofá e me ajoelhei ao seu lado, levantei o seu cotovelo um pouco para cima para que eu pudesse olhar para o seu arranhão.

— Você está bem? — perguntei.

Cody olhou para mim e afastou alguns fios rebeldes dos seus cabelos que tinham caído em seus olhos.

— Sim, eu estou bem, — disse ele, se levantando do chão. Ele estendeu a mão para as minhas e me puxou com ele. — É apenas um pequeno arranhão.

Cody e eu sempre tínhamos a mesma altura até o ano passado, quando ele começou a crescer como uma erva daninha. Eu não acho que eu percebi o quão alto ele estava até que eu tinha que virar quase

todo o meu pescoço para olhar para ele. Sua testa enrugou como se ele cheirasse algo ruim.

— O quê? — perguntei, dando um passo para trás no caso de que o cheiro ruim fosse eu. Talvez cebolas extras do cachorro quente no almoço não tenha sido a melhor ideia.

— Posso te perguntar uma coisa? — perguntou Cody, o que era estúpido, porque aquilo era uma pergunta.

Dei a ele um olhar que transmitia esse pensamento, os meus lábios franzidos formaram um beicinho e os meus olhos rolaram no alto na minha cabeça.

Cody acenou. — Ok, então agora. O que você sentiu quando você se levantou do sofá e se aproximou de mim?

— Eu não entendo, — eu disse, e então era a minha vez de franzir a minha testa.

Ele apontou para o braço e, em seguida, o seu corte, onde a bolha de sangue já tinha começado a secar.

— Quando eu me machuquei você veio me verificar. O que você estava pensando quando você fez isso?

Dei de ombros. — Eu não sei. Eu acho que eu só vi o sangue e eu queria ter certeza de que estava tudo bem, — eu disse, perguntando onde ele estava indo com tudo isso.

— Viu? — Cody disse como se ele tivesse acabado de provar algum ponto que eu ainda não tinha entendido.

— Viu o quê? — perguntei, mordendo o interior da minha bochecha.

Cody agitou os braços no ar como se a resposta fosse óbvia, mas eu ainda não estava entendendo.

— Duh. Não tem como você ser indiferente como esse charlatão diz. Não tem como você não ter quaisquer sentimentos ou que você é indiferente. Porque se isso fosse realmente verdade, então você não teria se importado com o que aconteceu comigo, certo? As pessoas que não se preocupam com as outras se não têm sentimentos nem verificariam os seus amigos para se certificar de que não estão feridos. Então é isso. O médico é um idiota e podemos voltar ao vídeo game.

Cody meio que tinha razão, mas eu não me incomodei de lembrá-lo de que ele era o único além de meus pais que eu teria essa reação. De todas as pessoas no mundo, eu só me preocupava com apenas três, isso conta?

Na semana anterior, um vizinho mais velho tinha caído de sua bicicleta na frente da nossa casa. Eu assisti com fascínio da janela da sala enquanto ele lutava com a perna quebrada, obviamente, até que um carro veio e parou para ajudar.

Nunca me ocorreu em ajudar. Nem uma única vez.

Foi esse o pensamento, a ideia de que eu estava quebrada, que enviou o calor de raiva que subiu através da minha espinha, e foi essa raiva que me levou a enviar toda a porcelana chinesa da minha mãe que ficava no armário no chão.

— Você tem que lembrar que você é diferente, não quebrada. Só temos que repará-la um pouco. Fazer com que os outros não veem o *diferente* dentro de você. — ele piscou para mim, algo que ele vem fazendo muito ao longo dos últimos meses.

Sempre que eu tentava piscar de volta, eu só piscava um monte de vezes e acabava parecendo que tinha um tique nervoso porque eu não poderia fechar um olho de cada vez.

Cody foi até a TV e começou a desembaraçar dois controles de vídeo game. — É um começo, certo? Estamos chegando a algum lugar. Você se preocupa comigo, então o que o médico disse não é verdade. Eu diria que avançamos o suficiente por hoje.

— Claro que é, — eu concordei sentada em estilo indiano no chão em frente ao sofá.

— Você não pode se preocupar tanto com o que é normal e o que não é, — disse Cody.

Eu queria que fosse simples assim, mas meus pais estavam afoitos para me reparar. Alguns dias eu me senti mais como um experimento em uma placa de Petri[2] do que filha deles.

Eu sabia que não era normal. Meus pais não precisam gastar um único dólar com um profissional para lhes dizer algo tão óbvio. — Mas

[2] Uma placa de Petri, ou caixa de Petri é um recipiente cilíndrico, achatado, de vidro ou plástico que os profissionais de laboratório utilizam para a cultura de micro-organismos.

meus pais se preocupam comigo. É por isso que eles têm me levado a todos os psiquiatras daqui para tentar me entender.

— Mas eles só te levaram por causa da coisa da raiva, certo? — perguntou Cody. — Quero dizer, as outras coisas. De sempre se preocupar que você está doente, a coisa de germe, insônia, isso não é a única coisa que os fazem te levar nos médicos, certo? É só quando você fica realmente brava. — eu balancei a cabeça, sabendo muito bem que era a minha raiva e o que eu fazia quando eu tinha um 'ataque' que os mantinham acordados na maioria das noites.

Cody terminou de desembaraçar os fios dos controles e me entregou um. Ele conectou os cabos no console e a pequena TV ganhou vida em cores brilhantes e animadas.

— Então eu acho que a resposta é simples.

— É? — perguntei. — Então qual é a resposta?

O olhar de Cody se fixou no pequeno personagem verde na tela, e sua língua caiu para o lado de fora da boca, enquanto ele se concentrava. Seus cotovelos estavam a centímetros do meu rosto e ele os manobrava drasticamente no ar enquanto apertava seu controle.

— Uhum. Só temos que te ensinar a fingir.

— Fingir? — perguntei. — Fingir o quê?

— Tudo isso. Essas coisas de emoção. Primeiro, quando você precisar soltar a sua a fúria, ou quando você se sentir que está se sufocando em sua própria raiva, vamos descobrir uma maneira para deixar tudo sair, mas não perto dos seus pais. Faça o que tiver que fazer, só não os deixar saber. Eles não ficarão magoados se não souberem.

Isso pode funcionar.

O que Cody estava sugerindo parecia difícil, mas talvez não fosse completamente impossível.

— Ok Doutor Delacroix, e sobre aquela outra coisa? — perguntei, interessada em ver o que mais ele tinha em mente.

O personagem de Cody pulou no ar e agarrou a sua garganta quando ele morreu. Uma triste notificação da morte do personagem subiu e logo afundou para o fundo da tela. Meu personagem rosa veio à vida na tela, substituindo o seu.

Eu não tinha mais vontade de jogar. Eu coloquei o meu controle no chão e virei o meu rosto para Cody, que fez o mesmo.

— A coisa da indiferença.

— Você pode fingir isso também, — disse Cody, soando muito mais seguro de si mesmo do que eu estava.

— Como? — perguntei.

— Eu vou te ensinar, — disse Cody, pegando as minhas mãos nas suas. — Quando um cão morre em um filme, é suposto que você fique triste e que faça essa cara, — Cody franziu a testa dramaticamente, o que só me fez rir. — Ou quando o herói salva a princesa, no final, é suposto ser feliz, e aí você faz essa cara. — Cody sorriu e piscou seus cílios como se ele fosse uma princesa que tinha sido resgatada.

— Você está sendo estúpido, — eu disse, socando-o de brincadeira no ombro. O melhor remédio que nenhum desses médicos poderiam prescrever era Cody.

— Sim, eu sei, — ele admitiu. — Mas eu estou falando sério também. Vou te ensinar a fingir. Nós podemos fazer isso.

Seu aperto aumentou em torno dos meus pulsos. Meus olhos foram ao encontro dele. Seu sorriso era uma linha séria.

— Nós vamos criar uma lista de todas as coisas que poderiam ajudar e vamos separar das coisas que não ajudam. Vamos carregá-la sempre e cada vez que você estiver confusa sobre alguma coisa, tudo que você tem que fazer é ler a lista. — Cody realmente estava falando sério. — Nós vamos fazer isso juntos, — ele prometeu. — Sempre.

— Juntos, — eu repeti, embora com apenas uma pequena fração de sua confiança.

— Eu estou contente que está tudo resolvido. — Cody pegou meu controle e começou a clicar os botões com os polegares.

— Mas e sobre...? — eu comecei a perguntar, a metade da pergunta saiu em um sussurro.

Ele parou os polegares sobre o controle. Ele sabia exatamente o que eu ia perguntar sem ter que terminar a minha pergunta.

— Só porque você gosta de fazer alguma coisa não significa que você deve fazer, — ele disse, repetindo a mesma frase que ele sempre falava quando esse assunto vinha à tona. — Está ficando pior?

Eu baixei meu queixo e dei a Cody um único aceno. Ele estava olhando para a TV. Meu personagem rosa congelou no meio de um salto. Cody fechou os olhos com força e suspirou. Ele apertou os lábios.

Depois de apertar os seus lábios outra vez, ele começou o jogo novamente como se nada tivesse acontecido. Todos os traços de preocupação passou de sua expressão. Sem olhar para mim, ele respondeu: — Nós vamos resolver isso também. Só me prometa que não vai contar a ninguém. Especialmente aos seus pais. — ele finalmente olhou para mim depois que a linha verde da vida que ficava em cima do meu personagem chegou ao fim. — É sério. Quero dizer. Se os seus pais descobrirem sobre isso, se alguém descobrir, eles não vão apenas te levar para psiquiatras, eles... vão te prender.

— Eu sei, — eu disse. O Google tinha me dito.

Cody estendeu a mão, entrelaçando os dedos com os meus. A sensação de alívio tomou conta de mim tão reconfortante como aloe vera em queimaduras de sol. — Enquanto eu tenho você. Eu vou ficar bem, — eu disse.

Cody concordou. — Está certo. Eu nunca vou deixá-los levá-la de mim, mas você tem que prometer que eu serei a única pessoa no mundo que irá saber. — ele apertou minha mão. — Você tem que prometer. Promete?

— Só você, — eu concordei. — Eu prometo. — o pensamento de ser levada embora não me incomodava tanto quanto o pensamento de estar longe de Cody.

— Juntos, — Cody disse novamente com outro aperto na minha mão. Ele lançou um grande sorriso antes de pegar o controle do vídeo game e continuar o jogo.

Eu não sabia o que era amor, mas eu achei que o que sentia por Cody poderia estar tão perto como eu poderia chegar a algo como amor. Mas o que eu sabia com certeza era que eu não iria decepcioná-lo.

Talvez, se eu fizer um trabalho muito bom fingindo, meus pais poderão tirar aquele olhar preocupado do rosto e voltar para os rostos felizes das fotografias revestindo o corredor.

Fotos antes do meu nascimento.

Mamãe e papai tinham colocado suas próprias vidas em espera a fim de 'lidar' com a sua filha problemática. As consultas dos médicos, as noites de insônia por minha causa, os olhares compartilhados na

mesa de jantar, eles achavam que eu nunca tinha percebido. Mas eu percebi.

Eu sempre percebi.

Foi por essas razões e centenas mais que eles nunca poderiam descobrir a verdade. Eu não queria pensar o que faria com eles se eles descobrissem que a sua única filha... desejava matar.

Capítulo dois

HOPE

Dezesseis anos de idade

Através do teto solar, as estrelas brilhavam no céu da noite clara. Os pinheiros finos e altos se curvavam em ângulos extremos, embora a brisa estivesse leve. Grilos cantarolavam nas proximidades. Um sprinkler por perto disparou, sibilando para a vida, enchendo o ar com o cheiro de enxofre, o que para mim sempre cheirava a ovos podres. No console central do carro, uma canção country antiga tocava no iPhone de Cody.

Estava tudo zombando de mim. Tudo isso.

Até mesmo os malditos grilos eram um lembrete de que eu era um fracasso.

Na vida.

No amor.

Na amizade.

Na normalidade.

— Aqui, se vire, — disse Cody. Eu me contorci o máximo que pude no pequeno banco traseiro. Cody fechou o zíper do meu vestido, cheirando algumas mechas dos meus cabelos que tinham escapado dos grampos. Ele plantou um beijo na minha nuca.

Nada ainda.

Eu respirei fundo e tentei lembrar que Cody era meu melhor amigo. Meu único amigo. Eu confiei nele. Nada iria mudar entre nós. Só que era uma mentira, porque tudo estava prestes a mudar. Para ele. Para mim.

Porque eu estava indo embora.

Esta noite.

No segundo em que eu me virasse para Cody, ele iria ter ciência da verdade. Eu não poderia esconder, não dele especialmente. Ele sempre vê através das minhas mentiras e naquela noite não seria exceção.

— Hope? — ele perguntou em um sussurro. Seu entusiasmo sobre o que tínhamos feito momentos antes no banco de trás do seu Honda, no meio do Parque Nacional do Estado de Caloosa, dissipou completamente da sua voz quando nossos olhos se encontraram.

Abri um pequeno sorriso para Cody, esperando, mesmo que contra todas as probabilidades, que talvez ele não visse o que eu estava sentindo por dentro.

Mas ele sempre sabe.

Eu era uma atriz horrível e uma mentirosa abominável, mas quando eu disse a Cody que eu estava indo embora de Lilly Heights depois da formatura, ele disse que queria tentar mais uma coisa. A verdade era que eu queria dar a ele uma última tentativa também. A coisa normal. Eu lhe devia muito. Eu me devia muito.

Por isso, fizemos o que os adolescentes normais fazem após o baile.

E durante, não senti nada.

E depois, não senti nada.

— Hope? — Cody perguntou de novo, estudando meu rosto.

— Eu estou aqui, eu estou com você, — eu disse, tentando o meu melhor transformar o meu sorriso falso em um real, porque no fundo eu desejava que fosse real. Eu olhei para o meu colo e torci as minhas mãos, olhando as minhas unhas pintadas no estilo francesinha.

— Corta essa! — Cody retrucou, chamando minha atenção de volta para o seu rosto, os seus olhos refletiam uma mistura de dor e raiva. Eu o conheço desde que ele se mudou para o lado da minha casa quando eu tinha quatro anos de idade e nunca tinha visto ele com a expressão tão angustiada.

Ele era meu melhor amigo.

Meu único amigo.

Eu olhei em seus olhos azuis e deixei cair o meu sorriso falso.

Merda.

— Eu te disse que isso não iria funcionar, — eu disse, tomando uma respiração profunda, apagando a raiva dentro de mim que ameaçava tomar posse a qualquer momento. Eu poderia segurar por mais alguns minutos. Por ele. — Eu te disse que eu estou quebrada. E que você não poderia corrigir isso, mas eu queria tentar.

Cody pegou minha mão e ligou os seus dedos com os meus uma última vez. Eu sentia um sentimento de familiaridade quando ele me tocava. Cody suspirou. — Eu não entendo. Quero dizer, nós podemos tentar novamente. Talvez só precisamos... — o aperto de Cody aumentou em torno da minha mão. — Hope, seja honesta. Me conte. Nós não podemos fazer funcionar se você não... — o seu uso contínuo de um nome que eu odiava foi o que me empurrou ao limite e de repente o banco traseiro do seu Honda parecia impossivelmente pequeno demais.

Me sentia presa.

— Fazer funcionar? — eu lati, arrancando a minha mão da dele e abrindo a porta do carro. Saí descalça na grama e me inclinei no Honda. Cody saiu e parou do outro lado, a luz da lua destacou cada linha em seu rosto que eu não queria ver.

— Nós! — Cody gritou. — É claro que nós! Não se tratava disso? Ver se nós podemos fazer funcionar como um casal, mesmo com os seus... problemas?

Eu finalmente entendi quão ingênuo ele realmente era. Todo esse tempo. Todos esses anos com essas tentativas para me ajudar, e ele ainda não entendeu. Ele não conseguiu me consertar.

Eu inclinei meus ombros e lancei a verdade para ele. — O que você quer ouvir, Cody? Que podemos viver felizes para sempre? Porque você de todas as pessoas deve saber que isso não rola pra mim. E o que nós fizemos? Sexo? *Fodemos?* Você quer ouvir a verdade quando se trata disso? Porque a verdade é que eu estava dormente, — eu admiti. — Não doeu. Eu realmente não senti qualquer coisa. Honestamente, eu pensei sobre o meu cabelo e os grampos que estavam cutucando a minha cabeça. Então a minha mente vagou e eu não sei onde eu fui, mas não era aqui. Esse é o problema, nunca esteve AQUI. — Eu puxei os dois pinos principais que sustentava o meu cabelo em uma pilha de cachos apertados em cima da minha cabeça. Joguei os grampos no chão. Meu cabelo caiu ao redor dos meus ombros, e

instantaneamente senti um alivio. — Eu me sinto como um fracasso, não porque isso não funcionou, mas só porque eu te decepcionei.

— Você não me decepcionou, — disse Cody, contornando o carro para se juntar a mim no outro lado. — Não é como se tudo isso fosse instantâneo. Essas coisas levam tempo. Há muito mais disso que...

— Cody! — desencostei do carro e me virei para encará-lo, fazendo um gesto para o meu vestido de baile de paetês rosa com um aceno. — Acabou. Chega. Esta foi a minha última chance. Você está aí em pé com o olhar ferido, e eu estou chateada por ter te machucado. Isso é tudo o que eu sinto. Eu me importo com você, e eu quero amar você do jeito que você merece ser amado, mas eu não posso. Você é uma das poucas pessoas no mundo que se você caísse morto no chão, eu não iria passar por cima de seu corpo e continuar caminhando. Essa é a minha definição de amor. Você merece mais do que isso, Cody, mas não posso dar a você.

— Mas Rage, — Cody começou a argumentar, usando o apelido que eu preferia ser chamada. Ele se aproximou.

— Não! — eu disse, levantando a minha mão para detê-lo. Me inclinei pela janela do carro e peguei minha bolsa, e joguei a alça ao redor dos meus ombros. Peguei meu telefone e escrevi uma mensagem rápido. Então eu puxei o pedaço de papel amassado de caderno que eu carregava comigo desde que Cody e eu escrevemos há mais de seis anos atrás. — Não há 'mas Rage'. Nós já tentamos de tudo e muito mais. Tem sido anos. Eu tenho aceitado cada ideia e cada sugestão. E embora eu tenha conseguido enganar algumas pessoas, eu não posso te enganar e, mais importante, não posso enganar a única pessoa que sabe quem eu realmente sou e eu não quero mais fingir.

— Quem exatamente você é? — perguntou Cody com ciúme em sua voz.

Entreguei a ele as páginas dobradas. — Eu.

— Fique com isso, — disse ele, olhando para as sugestões de como me tornar normal, apropriadamente intitulado como AS REGRAS PARA SER RAGE.

— Eu não quero que você vá, — Cody sussurrou com lágrimas em seus olhos. Os psicólogos tinham dito que eu não tinha remorso, empatia, e uma falta geral de respeito com a vida humana. Eles estavam certos em sua maior parte, mas eu era capaz de me importar com algumas pessoas.

Eu sabia suficientemente que eu tinha que ir, assim eu não poderia machucar mais ninguém. Incluindo Cody.

— Você sabia que isso ia acontecer, — eu disse. Cody sabia que uma bomba estava prestes a explodir de alguma forma e indo embora iria diminuir o impacto.

— Eu esperava que esta noite fosse mudar as coisas, — disse ele, colocando as mãos nos bolsos e olhando para mim, envergonhado. Seu cabelo escuro tinha caído sobre os olhos.

— Estou aliviada, — eu disse, com uma pequena risada. — Não existem linhas de confusão agora. Eu sei o que eu preciso fazer.

O rugido de um motor se aproximando trovejou através do silêncio da noite, o som ecoou através dos topos dos pinheiros, me chamando assim como a liberdade.

Um único farol iluminou por trás dos altos pinheiros, impossibilitando ver quem conduzia a moto.

— Por que ele está aqui? Você o chamou? — perguntou Cody, colocando sua camisa branca para dentro da calça, mas qualquer um poderia ver seu estado de desalinho.

— Mandei uma mensagem, — eu admiti.

— Você o quê? — perguntou Cody, me surpreendendo. — É por isso que ele está aqui tão rápido?

— O quê?

— Você o quer? — perguntou Cody, batendo o punho no telhado de seu carro.

— Você está doido? Você acha que eu iria simplesmente deixar você... — fiz uma pausa, tentando encontrar a palavra certa para não sair muito dura.

— Deixar eu *te foder*, — Cody terminou, não se importando com o termo grosseiro. O tom rancoroso em sua voz estava me deixando irritada. Eu atirei a ele um olhar de advertência. Ele era a única pessoa que tinha recebido um desses. Ele sabia o que fazer e relutantemente afrouxou os punhos e respirou fundo.

— Sim, você acha que eu teria simplesmente deixado você me *foder*, você acha que eu teria ido até esta uma última tentativa para ver se eu era capaz de sentir uma atração, de ter um relacionamento, de ser

uma adolescente normal, se existisse alguém lá fora que eu queria? — Cody não disse nada, mas eu podia ver o arrependimento estampado em seu rosto por causa de sua escolha rude de palavras. — Eu não quero ninguém. Essa é a porra do problema. Eu não quero nada, exceto ser eu. Se você realmente acha que eu estou saindo com outra pessoa porque eu quero transar com elas, então eu estou feliz que eu vou embora, porque eu pensei que você fosse a única pessoa que realmente me conhecesse, mas eu posso ver agora que você nunca realmente me conheceu por inteira. — eu bufei. — E pensar que levou apenas alguns minutos no banco de trás da porra do seu carro para você esquecer tudo o que já sabe sobre mim.

O remorso de Cody estava impresso por todo o seu rosto antes que as últimas palavras deixassem a minha boca. — Sinto muito, mas… — ele rosnou e puxou seu cabelo. — E seus pais? — perguntou Cody, agarrando ambos os meus ombros, cavando seus dedos em minha pele. O desespero ocupando o lugar da raiva.

Eu balancei a minha cabeça. — Eu já cuidei de tudo.

Cody olhou em direção ao estacionamento. Ele protegeu os olhos do feixe de luz branca cegante enquanto para mim essa luz acenava como o calor do sol, me descongelando de um longo inverno frio.

Estendi a mão tocando o rosto de Cody. Eu sorri um raro sorriso genuíno. — Você sabe que eu não quero mais ninguém, certo? — perguntei. Eu precisava que ele entendesse que não era dele que eu estava fugindo, mas sim de mim.

— Sim, Rage, mas você não me quer também, — ele afirmou categoricamente, usando o meu apelido pela segunda vez. Rage era um apelido que Cody colocou em mim, mas quando nós ficamos mais velhos ele parou de usá-lo e começou a usar Hope novamente. Eu sabia o porquê. É porque ele queria que eu fosse Hope. A Hope era uma menina que você leva em encontros e a cinemas. A Hope era uma garota que fazia planos para o futuro e perdeu a virgindade no banco de trás do Honda depois da formatura.

Eu não era ela.

Eu tentei ser ela. Tentei fazê-la real, mas naquela noite a verdade estava mais clara do que nunca.

Nada que eu tentei tinha funcionado… porque Hope Michaels não existia.

— Não, eu não quero você. Mas você tem que saber que se eu fosse escolher alguém, teria sido você, — eu disse. Cody acenou com a cabeça, fechando os olhos e inclinando sua bochecha na minha mão.

— O que vou fazer sem você? — ele perguntou. Suas palavras sussurrando através da palma da minha mão. Uma lágrima se formou no canto interno do seu olho, e desceu pela ponte de seu nariz. Ele fungou.

Cody era um estudante que estava destinado para uma das Ivy Leagues[3]. Ele era um gênio da matemática e uma estrela na equipe de beisebol da nossa escola. Sem mim para arrastá-lo para baixo, ele poderia ir para qualquer topo de qualquer montanha, ele queria subir.

O motor da moto vibrou, me deixando saber que estava na hora.

— Você realmente quer saber o que você vai fazer sem mim? — perguntei. Tirei a minha mão do rosto de Cody e saí correndo o mais rápido que pude com a minha saia ridícula de tule amontoada em meus punhos. — Você vive! — eu gritei por cima do ombro. — E você pode ficar com a lista. Eu não preciso dela mais! — folhas secas de pinheiro golpearam o fundo dos meus pés descalços, mas eu não me importei.

Eu não olhei para trás. Não olhei para Cody. Não olhei para a minha antiga vida.

Corri em direção à liberdade. Em direção a uma nova vida. Em direção ao meu eu real.

Liberdade.

Onde eu estava indo, Hope Michaels não viria comigo. No lugar dela eu seria a garota que eu tinha deixado de lado por tanto tempo quanto eu poderia lembrar. Aquela que a sociedade, meus professores, meus psiquiatras, meus pais, e até mesmo Cody passou muito tempo tentando transformar em outra pessoa.

Quando cheguei ao estacionamento de cascalho, eu levantei o meu vestido em volta da minha cintura e subi na moto, segurando forte à parede do couro e de músculo na minha frente.

Eu não podia ver Cody, mas eu podia sentir seus olhos em mim enquanto a moto disparava para frente, para a escuridão da noite. Para o desconhecido.

---

[3] As escolas Ivy League são um grupo de faculdades nos Estados Unidos reconhecido no mundo todo. Os alunos dessas instituições são vistos como algumas das mentes mais brilhantes da sua geração.

Cody poderia ter a Hope, porque eu não estava levando-a comigo.

Com o vento chicoteando pelo meu cabelo e meu vestido cor de rosa flutuando ao redor de mim, a Hope oficialmente se foi.

Tudo o que foi deixado no lugar dela... era Rage.

Capítulo três

RAGE

Minha bolsa vibrou pela milionésima vez dentro de um período de três minutos. Desde que um dos celulares era especificamente reservado para chamadas de apenas duas pessoas, e uma vez que uma dessas pessoas muito raramente ligava sem a outra na linha, eu sabia exatamente quem estava tentando falar comigo do outro lado da linha. Eu não poderia ignorar a chamada para sempre, especialmente desde que eles não iriam parar de ligar até que eu atendesse ou até que a bateria deles morresse, mas eu ainda tinha tempo. Estava em uma tarefa que exigia toda a minha atenção.

Eu gastei cada segundo dos últimos três anos trabalhando e treinando com Smoke. Eu era habilidosa e forte fisicamente. Eu controlei a minha necessidade de destruir em um negócio que, ao longo do ano passado, começou a prosperar como a minha reputação em começar e terminar um trabalho bem feito.

Apenas uma pequena parte dos meus empregadores sabiam como eu era fisicamente, incluindo Smoke, e era difícil pra caralho manter a minha identidade dessa maneira. O anonimato era fundamental. Não apenas para evitar o blowback,[4] mas também a chave para o meu sucesso. Eu poderia ficar muito mais perto de um alvo do que um motoqueiro vestido de couro podia. Cabelo louro, rabo de cavalo, e uma camiseta rosa não levanta exatamente os mesmos tipos de bandeiras vermelhas.

Me agachando, rastejei através do arbusto com galhos quebradiços em um terreno baldio onde eu estava completamente escondida, mas ainda tinha uma vista perfeita do prédio de três andares. Me sentei com as pernas cruzadas e o meu telefone vibrou pela milionésima e uma vez.

[4] É um sistema de ação operacional em armas de fogo que dispensa o sistema de travamento da culatra.

Abaixei a minha bolsa azul claro da Lee County High School[5] que eu sempre carregava e tateei dentro dela a procura do telefone particular, até que minha mão pousou sobre ele e eu estava olhando para uma foto com dois rostos sorridentes na tela. Eu respirei fundo colocando um falso sorriso obrigatório no meu rosto como se eles pudessem me ver, e apertei o botão de aceitar a chamada. — Ei, Moe! Ei, Va! — eu disse com uma jovialidade praticada.

De repente, o som inconfundível de uma cascavel sacudindo um aviso me chamou a atenção.

— Minha linda menina, — minha mãe murmurou como se eu ainda fosse um bebê. — Por que você não atendeu as minhas chamadas, meu docinho? — ela perguntou, usando o apelido pomposo que colocou em mim.

Eu desembainhei a faca do bolso de trás da minha calça e imediatamente avistei onde o meu novo amigo estava escondido.

— Tem sido uma loucura aqui, mãe. Eu te disse, o café está ficando aberto até mais tarde. Eu e Becs não temos muita pausa entre o almoço e o jantar, — eu disse. Me levantei e contornei a cobra. Sem perder o ritmo eu me lancei para frente, mergulhando a minha faca na cabeça dela. Retirei a minha faca e limpei a lâmina com um lenço embebido do pequeno vidro de desinfetante. Eu também higienizei as minhas mãos e limpei todo o meu braço até os cotovelos. Eu mantive o zíper da minha bolsa aberto antes de me sentar no chão novamente para preparar o resto do dispositivo.

Houve uma breve pausa na conversa enquanto os meus pais tiveram um pequeno acidente com o antigo abridor de lata elétrico. Eles provavelmente estavam tentando abrir uma lata de sopa. Meus pais eram grandes fãs de sopa. Sendo elas enlatadas ou caseiras. Sopa lá em casa sempre esteve no cardápio, que eu até arriscaria que era uma coisa de europeu.

Meus pais vieram de uma pequena cidade na Bélgica, e se mudaram para os EUA por causa do trabalho do meu pai quando a minha mãe estava grávida de mim. A maneira como eles descreveram o lugar onde cresceram fez soar como se houvesse apenas cerca de treze pessoas da mesma idade deles na cidade. Pode não ter sido um casamento arranjado, mas com base apenas no tamanho da população, as opções por lá eram um pouco limitadas, na melhor das hipóteses.

[5] Escola de ensino médio.

— Estamos muito felizes que você encontrou um amigo aí, — meu pai disse, soando como se ele estivesse gritando a partir do outro lado da cozinha, o que ele provavelmente estava. Eu ensinei a eles como usar o viva-voz um milhão de vezes, mas é uma daquelas coisas onde eu poderia mostrar todos os dias e eles ainda não entenderiam o conceito.

O iPad que eu enviei para eles no ano passado está provavelmente, juntando poeira na prateleira ao lado da coleção de porcelana Delfware[6] da minha mãe. Ou talvez ficar gritando em toda a sala fazia muito mais sentido para eles. — Becs parece ser uma boa garota.

Becs é uma grande garota. Pena que ela não existia.

Quando fui embora da cidade, eu não queria deixar que a minha partida causasse mais dor para eles do que eu já tinha causado. Então eu fiz o impensável. Mantive contato. Eu disse para eles que, enquanto eles não tentassem me encontrar e me arrastar de volta para casa eu estaria sempre em suas vidas. Smoke achou a ideia ridícula, mas não é como se nós alguma vez já tivéssemos sido uma família normal, para começo de conversa.

— Nós sabemos que você está ocupada, — disse minha mãe, com ruídos secos de pratos batendo ao redor. — Seu pai e eu só queríamos dizer quão orgulhosos de você nós estamos. Depois que você nos deixou, pensamos, quero dizer, o seu pai e eu estávamos tão preocupados. E agora olhe para você, se esforçando para ser... — minha mãe fez uma pausa, mas eu sabia o que ela estava tentando não dizer. Normal.

Eu estava feliz que eles acreditaram em cada pedaço de falsa normalidade que eu os alimentava. Seja qual for a nossa relação, seja qual for as mentiras envolvidas, tinha que ser dessa maneira. Mais importante, está funcionando. Minha mãe continuou: — Mesmo que você nos deixou tão de repente e com a saudade que estamos sentindo, estamos tão feliz que você está se saindo bem.

Suspirei e tirei os meus binóculos. Olhando através das lentes, eu ajustei o foco e, em seguida, a visão noturna. Ampliei para a porta dos

6 

fundos e vi o último dos trabalhadores do turno da noite deixando o prédio. Por ordens do cliente, o lugar tinha que estar vazio antes de eu prosseguir. Contei os homens e as mulheres em seus macacões enquanto caminhavam para os seus carros. Um, dois, três, quatro.

Quatro, esse era o total de funcionários. Eu abaixei os binóculos e verifiquei as horas no meu relógio. Segurei o telefone entre o ombro e a mandíbula enquanto eu empurrava os fios em um pequeno triângulo de metal, ajustando o topo dos fios.

— Obrigada, mãe. É difícil às vezes. E eu sei que você não me queria tão longe e sozinha, mas eu sei que é bom para mim. Eu sinto que estou melhor aqui , — eu disse, repetindo uma versão diferente das mesmas mentiras estúpidas que eu disse a eles todos os dias com tanta emoção que pude reunir. — Explorando uma nova cidade, um novo estado, foi a decisão certa para mim. Eu estou amando estar aqui.

A última parte não foi uma mentira, embora o 'aqui' foi um dos milhares de lugares diferentes, dependendo do trabalho. Naquele dia em particular eu estava a menos de cem milhas de Lily Heights, onde meus pais, provavelmente, estavam puxando as suas bandejas de TV ao lado do sofá para que eles pudessem comer a sopa, enquanto assistiam Jeopardy[7].

— Você já ouviu de Cody? — perguntou minha mãe, continuando sem esperar a minha resposta. — A mãe dele disse que ele está indo muito bem em Brown e que está namorando. Ela diz que eles estão muito sério e que vão compartilhar um apartamento após o término do próximo semestre. É tão triste que vocês dois não são próximos mais.

Bem Moe, o que realmente aconteceu foi que eu deixei o meu melhor amigo no meio da noite depois de fazer sexo com ele no banco de trás do seu carro e fugi com um motoqueiro chamado Smoke, que hoje é mais ou menos o meu mentor.

Esperei por um sentimento. Esse buraco no estômago ou essas coisas que as pessoas dizem que acontecem quando ficam com inveja ou chateadas sobre a felicidade de outra pessoa.

Nada.

[7] Jeopardy! é um programa de televisão atualmente exibido pela CBS. É um show de perguntas e respostas (quiz) variando história, literatura, cultura e ciências. Diferentemente dos quizes tradicionais, os temas são apresentados como respostas e os concorrentes devem formular a pergunta correspondente a cada um deles.

— Ele merece ser feliz, — eu disse, que era ao mesmo tempo sem dizer nada e tudo ao mesmo tempo. Por mais que eu precisasse da minha liberdade, Cody merecia ser feliz. Felizmente, minha mãe não forçou.

— E os meninos daí? — meu pai gritou. — Algum chamou a sua atenção?

Minha mãe entrou na conversa imediatamente. — Ou, você sabe, nós não importaríamos se você trouxesse uma garota para casa. Amor é amor, como dizem, — minha mãe entoou, soando muito ensaiado.

— Eu não sou lésbica, Moeder[8], — afirmei categoricamente, embora às vezes eu achasse que teria sido melhor se eu fosse. Atração por qualquer um seria muito mais fácil do que tentar explicar ou mentir sobre não ter uma atração absolutamente por ninguém.

— Não, não, claro que você não é. Viu, Thomas? Eu disse que ela não era lésbica, — minha mãe disse para o meu pai, como se a ideia fosse toda dele. Mas eu sabia melhor. — Está tudo bem se você for. Quero dizer, se fosse.

Eu ajustei meu rabo de cavalo, apertando o elástico na base e agitando os fios loiros, pois eles sempre se enroscam a qualquer coisa que passa perto. — Eu só não tive tempo de conhecer ninguém e vocês sabem que fui embora daí para me encontrar, e não para encontrar outra pessoa. Eu sou jovem e não estou com pressa, — eu disse, recordando a frase no outdoor que eu tinha lido.

Eu quase podia ouvir o seu alívio através do telefone, não porque eu não era gay, meus pais realmente não se importariam de qualquer maneira, já que me disseram isso um milhão de vezes. Não, o seu alívio era porque eu estava vivendo minha vida e porque eu sabia que eles estavam sempre ouvindo os vestígios da pré-adolescente em minha voz, em minhas ações.

Aquela com problemas de raiva e que tinha uma curiosidade mórbida. Aquela que deixou as suas portas do guarda roupa abertas durante a noite, esperando que os monstros saíssem e a levassem para casa com eles. Aquela que ainda não tinha aprendido a arte da mentira.

Ou a arte de matar.

[8] Mãe em holandês.

Metade do tempo eu acho que eles acreditaram na merda de história que eu inventei para eles, não porque eles acreditavam em mim necessariamente, mas porque era mais fácil.

Toda vez que eu falava com meus pais, que era diário, só me provava que ir embora foi a melhor decisão para todos nós. Não havia mais dor em suas vozes. Suas preocupações anteriores sobre o meu estado mental tinham sido reduzidos para uma preocupação que qualquer pai teria ao ser separado de seu filho.

Esse tipo de preocupação era melhor do que as perguntas constantes que eles faziam. Será que ela vai ferir alguém? Será que ela vai se machucar? Por que ela não se sente como as outras pessoas se sentem? Sem mencionar que ao encenar aquela garota que eu não era muito melhor do que ser arrastada de médico para médico.

Não importa o que eu estava passando, não importa a aparência ou os argumentos ou as avaliações constantes, eu nunca culpei os meus pais por quem eu era ou quem eu havia me tornado. Eles nunca foram o problema. Eles foram amorosos e gentis e me deram tudo que eu sempre quis. Exceto a liberdade de ser eu. Para explorar as coisas que eu tinha que manter escondido e enterrado em torno deles. Para aprimorar as minhas habilidades. Para buscar uma vida fora do normal.

— Você não sabe o quão feliz isso nos faz, meu docinho, — disse a minha mãe. — Espero que você não esteja trabalhando muito para ter a oportunidade de explorar a cidade. Paris é tão incrível como você pensou que seria? É melhor do que a Dinamarca? — o alarme no meu telefone apitou no meu ouvido, indicando que era hora. Deitei na grama alta. Segurando o telefone com uma mão, e apertei o triângulo de metal sobre o detonador com a outra. Em poucos segundos, o chão debaixo de mim rugiu e balançou quando o edifício a menos de meia milha de distância explodiu na noite. Eu assisti com espanto como o céu acima de mim se iluminou com rajadas de estilhaços de fogo melhor do que qualquer fogos de artificio de quatro de julho.

O resultado do meu trabalho flutuava para baixo do céu e eu assisti com uma reverência tranquila. O que eu fiz foi mais do que apenas trabalhar.

Era uma arte do caralho.

Perdida em meus pensamentos, eu quase esqueci o telefone ainda em meu ouvido até que a minha mãe limpou a garganta. O chão exalava um último murmúrio, indicando que o prédio tinha caído. Plumas de

fumaça laranja passou acima de mim, borrando as estrelas com as falsas nuvens cinzentas.

Não querendo estragar o momento, eu abaixei a minha voz e sussurrei para o telefone — Não se preocupem com nada. — sirenes soaram a distância. Eu sorri e dessa vez não foi um sorriso forçado. Calor se reuniu em meu estômago. — É absolutamente... *bonito* aqui. — Suspirei novamente, desta vez não foi exasperado, mas sim de um sentimento de profunda e pura satisfação que fez o seu caminho até os meus ossos. — E sim, mãe, é tudo o que eu sempre pensei que seria.

Capítulo três

RAGE

Junto de explosões, o meu tipo favorito de trabalho era rastrear pessoas. Eu sempre achei estranho alguém precisar de ajuda para encontrar alguém. Não é difícil. Na maioria das vezes, tudo que faço é ficar online e acionar o meu Belieber fã-girl interior. Dentro de alguns minutos aquelas garotinhas sempre sabem onde, como, quando e com quem o seu ídolo estava. Eu era da mesma maneira, exceto que meus clientes me pagavam para perseguir e depois que eu tinha encontrado o que eles estavam procurando, com certeza não terminava com alguém gritando e uma selfie.

Bom, talvez não com a selfie.

Babá, por outro lado, era o meu trabalho menos favorito. Era algo que eu tinha evitado desde a época que eu era uma júnior na escola, não importa quantas vezes os meus pais me disseram que o Jefferson estava procurando alguém para cuidar de seus gêmeos depois da escola. No segundo que Smoke me ligou, me prometendo que os dois próximos trabalhos eram com explosivos, eu concordei como Gollum[9] concordou com a porra do anel. A próxima coisa que eu sabia, era que eu estava em cima de uma árvore, no calor de quarenta graus, ocupando um galho enquanto esperava o meu alvo (meus serviços de babá) aparecer.

— Você sabe como isso é chato pra caralho, certo? — eu gemi no telefone.

— Claro que eu sei, é por isso que não sou eu que irei fazer, — disse Smoke, parecendo se divertir.

— Você é um merda.

— Não, é para isso que os lacaios servem, — houve uma pausa, e eu ouvi um arrastar seguido pelo som fraco de uma voz de mulher. —

[9] Personagem fictício do senhor dos anéis.

Você dormiu tudo que precisava nesta semana? — perguntou Smoke, mudando de assunto.

Suspirei e ajustei a minha posição sobre o galho, me dando uma visão melhor do lado da casa. Eu não sei por que ele sempre me fez essa pergunta. Minha resposta era sempre a mesma. — Eu acho que isso depende do que você considera dormir.

— Rage, ficar sentada olhando fixo para algum ponto com os olhos abertos por uma ou duas horas não é dormir, — Smoke repreendeu.

— Desculpe desapontá-lo, *papai,* mas não, eu não dormi.

Em anos.

— Por mais que eu goste de ser chamado de papai, eu só gosto que uma mulher me chama assim quando ela está debaixo de mim e eu estou segurando os seus joelhos para cima, enquanto eu meto o meu pau nela. — Smoke riu. — Portanto, a menos que você tenha mudado de ideia dada a sua aversão a pau, é melhor você manter essa merda de papai para si mesma.

Smoke aprendeu bem rápido quando nos conhecemos que tudo o que ele considerava ser o seu charme era completamente desperdiçado em mim, mas ele nunca parou de tentar de qualquer maneira. Ele não entendeu que, para ser ofendido por alguma coisa, você tem que se preocupar com isso em primeiro lugar.

Eu não me preocupava.

No entanto, parecia o divertir pra caralho, — Uhuh, soa bem, — eu disse, mal prestando atenção quando uma luz dentro da casa acendeu, banhando as janelas em amarelo desbotado. — O que *exatamente* estou fazendo aqui? — perguntei novamente.

— Basta manter um olho sobre o menino. Se alguém que se parece com seus pais aparecem aí na casa, me chama. Se você achar que ele sabe onde eles estão, me fale. É simples. Eu preciso que você observe e me relate tudo. Chegue o mais perto quanto possível.

Me sentei sobre o galho e mordi o lado da unha do meu polegar — Você tem certeza que não quer que eu tire essa informação dele? Eu

tenho que trocar o óleo em minha Vespa[10] e... — Smoke me cortou antes que eu tivesse a chance de dizer a ele sobre ter que voltar a acompanhar o leilão do eBay onde eu estava atualmente com o lance mais alto em uma lâmina de aço serrilhada de seis polegadas com alça de cristal Swarovski.

Essa lâmina está na minha lista de desejo por meses assim como a pequena tatuagem na nuca. Porra, eu não iria perder pelo SPONGE_BOB_DAD_6969.

— Não. Não arranque dele. Ainda não, de qualquer maneira. Aguarde até eu falar, — Smoke suspirou, parecendo frustrado. — E eu vou trocar o óleo da sua scooter do caralho *depois* que eu ter certeza que esse garoto não sabe onde diabos seus pais de merda estão. Mas você não vai fazer nada até que eu dê a ordem. Entendeu? — eu ouvi o som distinto de um isqueiro, seguido do sopro de Smoke através do receptor.

— Quanto tempo eu tenho que ficar aqui? — perguntei, cedendo a Smoke e, relutantemente, aceitando o destino de babá. O leilão termina no domingo, e eu sabia que não seria possível fazer os lances através do meu celular, não com o sinal nesta cidade que cortava a cada três palavras o que Smoke dizia.

— O tempo que for preciso.

Eu bufei. — Você me deve por isso.

— Vou te dizer uma coisa, Rage. Pare de trabalhar para todos e o seu tio Albert e comece a trabalhar exclusivamente para mim, e eu vou parar de te jogar nestes trabalhos de babá de merda, — Smoke ofereceu.

Eu balancei a cabeça, como se ele estivesse na minha frente e não no telefone. Era uma oferta que Smoke tem feito frequentemente. Muitas vezes, o suficiente para eu já saber que não era realmente uma oferta. Era um teste. Smoke era um motoqueiro, mas ele não pertencia a nenhum clube. — Não posso. Você sabe disso. — era a nossa regra número um. Nossa *única* regra. Nenhuma lealdade a ninguém, sem vínculos.

---

10 

— Vou te dizer uma coisa, — comecei a falar. Eu praticamente podia ouvir o sorriso de Smoke através do telefone. Ele sabia exatamente o que estava por vir. — Eu vou concordar em trabalhar exclusivamente para você... no dia em que você ligar para os Bastards e me tornar um membro oficial. Eu quero um colete também. Rosa.

— Vá se foder Rage, — disse Smoke, sem o menor traço de raiva em sua voz. Às vezes eu troco o MC e digo que eu quero ser uma Warrior, outro grande MC no sudoeste da Flórida, mas a essência da minha piada era sempre a mesma.

Smoke não era apenas o meu mentor, ele era um cliente e eu sempre concordei em fazer os seus trabalhos. Eu também concordei que se alguém alguma vez me contratasse para matá-lo, eu ao menos iria avisá-lo algumas horas antes.

Bem, talvez, pelo menos, alguns minutos antes.

Talvez.

— Que tal isso, — Smoke começou. — Observe esse garoto e descubra onde os pais dele estão escondidos e eu vou deixar você tirar a informação deles como os cães que são, de qualquer maneira que você quiser. Explodir um carro talvez? — Smoke fez uma pausa e baixou a voz. — Gostaria disso, Princesa? — ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Ele pode não ter sido capaz de me seduzir com seu corpo, mas ele com certeza sabia como me seduzir com a promessa de criar a minha arte na forma de destruição. Meu coração acelerou e eu mordi meu lábio. Fechando os olhos com força, senti todo o meu corpo estremecer com o desejo que me consumia.

Querer *destruir.*

Necessitar *matar.*

— Sim, eu achei que você gostaria disso, baby, — disse Smoke.

— Eu não disse nada, — eu sussurrei, tentando não aparentar nada, mas ele sabia que ele me tinha exatamente onde ele queria.

— Você pode enganar alguns idiotas por aí, mas você não pode me enganar. Eu sei que você só fecha essa sua boca quando você está animada com alguma coisa.

Às vezes eu odiava o fato dele me conhecer tão bem. Depois de Cody, eu não queria que ninguém mais me conhecesse. O pensamento de Cody me fez cair de volta à realidade, o presente e o trabalho que estava em minhas mãos.

Concentrei minha atenção sobre a foto que eu puxei do meu bolso. Era uma daquelas fotos da escola com um fundo azul típico e o nome da empresa de fotografia no canto inferior direito. O menino tinha cabelos castanhos avermelhados e olhos castanhos. Ele tinha um hematoma desbotado no topo de sua bochecha direita. Seu sorriso era grande e brilhante, embora seus dentes eram grandes demais para seu rosto e estava faltando um na frente. Ele estava vestindo uma camisa de Tampa Lightning hockey[11] e tinha uma covinha na bochecha esquerda.

— Por que esse garoto está sozinho em uma cabana na praia? Ele não deveria estar na escola ou algo assim? — perguntei, novamente observando as janelas para detectar quaisquer sinais de vida lá dentro, além da luz recém acesa.

— *Você* não deveria? — Smoke brincou. — Além disso, eu acho que ele é alguns anos mais velho do que a foto, mas isso é tudo o que Cannon conseguiu pegar.

Revirei os olhos, mais uma vez como se ele pudesse me ver. Talvez os meus pais não fossem os únicos que não compreendesse plenamente como o telefone realmente deveria funcionar. — Sim, porque Cannon tem quinhentos anos de idade e, provavelmente, foi para uma biblioteca procurar nos arquivos quando ele poderia ter apenas ido ao Google, — eu disse, sabendo que eu não estava muito longe da verdade. Cannon às vezes era a assistente de Smoke.

Smoke riu novamente. — Provavelmente, — ele admitiu. — Mas eu já olhei o garoto por cima. Ele tem uma conta no Instagram, mas nada que tá lá sobre ele foi útil.

Houve um pequeno movimento na janela da casa. Apenas uma sombra que passou seguido por um latido contínuo. — Ótimo, Smoke, ele tem um cão, caralho. Você não me disse que ele tinha um cachorro, porra. — eu me encolhi, lembrando o episódio de *MythBusters*[12] que eu

[11] Tampa Lightning é um time de hóquei.

[12] É um programa de televisão que os apresentadores usam elementos do método científico para testar a validade de rumores, mitos urbanos, cenas de filmes, provérbios, vídeos da internet e histórias novas.

assisti em que eles derrubaram o mito sobre saliva do cachorro ser mais limpa do que a saliva humana.

— Como diabos eu deveria saber? Essa foto e o endereço é tudo o que tenho. — disse Smoke, parecendo menos divertido. — Tome cuidado com essa língua quando fala comigo. Eu te dei muita liberdade porque somos farinha do mesmo saco, mas não esqueça com quem diabos você está falando.

Ignorei o seu discurso de *sou-um-grande-e-mau-motoqueiro-independente-que-merece respeito.* — Você sabia que é uma ilusão que a boca de um cachorro é mais limpa do que a boca de um ser humano? — perguntei. — Eles realmente contêm dez vezes mais bactérias e a maioria dessas bactérias são prejudiciais de alguma forma. Deixar o cachorro lamber o seu rosto pode ser dez vezes mais perigoso do que lamber o vaso de um banheiro público. Um golpe da língua deles poderia enviá-lo para o hospital e você pode morrer de alguma doença horrível que causa uma diarreia incurável. Você poderia literalmente cagar até à morte. Quero dizer, você pode imaginar? Cagando até à morte?

— Eu posso agora. Obrigado por essa imagem do caralho, — Smoke disse categoricamente.

Eu continuei: — E o que eles podem carregar sob a sua pele? Existem milhares de tipos de carrapatos-

Smoke me cortou novamente. — Rage, eu realmente tenho um monte de merda para fazer hoje, e tanto quanto eu gostaria de ficar aqui ouvindo cada pequeno fato que você quer vomitar sobre fodidos germes, se você continuar reclamando, eu vou cortar os freios da sua scooter do caralho. — ele alertou.

Mordi o canto do meu polegar. — Primeiro de tudo, pare de chamá-la assim. O nome dela é Dalila. Ela é uma boa scooter e nunca fez nada para você, então pare. Em segundo lugar, tudo bem para mim. Faça o que quiser com os meus freios.

— E por que isso? — Smoke perguntou, parecendo confuso e mordendo a isca.

Eu abaixei a voz e imitei o tom falso e sedutor que Smoke utilizou mais cedo. — Sim, pode cortar os meus freios, mas então boa sorte para descobrir qual das suas armas eu posso ou não ter adulterado.

— Espere, o que diabos você fez? — Smoke perguntou quando eu cliquei no botão encerrar chamada e empurrei o telefone de volta na minha bolsa. Eu ri quando ele imediatamente vibrou novamente. Eu ia deixar tocar.

Eu realmente não tinha adulterado nenhuma arma de Smoke, não recentemente de qualquer maneira, mas o pensamento dele com o cuidado de inspecionar cada uma para descobrir se eu tinha mexido era o suficiente por ele ter chamando Dalila, minha confiável Vespa azul, de scooter do caralho.

Fodido.

Meu mais recente trabalho, sob protesto, estava ocorrendo em Ridge, uma área de praia de Logan Harper, que era uma comunidade de pescadores que virou local de férias para os ricos e famosos na costa do golfo da Flórida.

Todas as cinco milhas de praia tinham sido tomadas por condomínios, hotéis e edifícios altos. Entre esses edifícios tinham pequenas casas de campo em que seus proprietários seguravam a venda esperando a melhor oferta ou os donos teimosos que não aceitariam qualquer quantidade de dólar em troca das suas pequenas residências.

Estas pequenas casas foram todas construídas nos anos vinte e era visível que precisavam de algum tipo de reparo. Elas tinha charme, embora, ao contrário da arquitetura contemporânea dos edifícios mais recentes. Sem janelas de vidro do chão ao teto. Apenas portas de vidro deslizantes, tapumes lascados, e persianas de madeiras.

Um pescador experiente, excessivamente enrugado, com a pele bronzeada demais sentou em uma cadeira à beira da água, meio adormecido. Sua vara de pescar era um tubo de plástico cavado no chão arenoso, ele estava dobrado em um severo ângulo na parte superior, ou era por causa da maré ou um peixe que estava puxando a linha. O pescador, com o queixo apoiado no peito, estava alheio à sua possível captura.

A pequena casa de praia que eu estava observando estava em cima de meias estacas com um espaço de armazenamento embaixo escondida por tiras brancas de madeira, no qual metade delas estavam sumidas. No topo, havia um deck com uma pequena piscina que desesperadamente precisava de cuidados. A água estava pelo menos trinta centímetros mais baixo na borda e era tão verde como o musgo

que havia crescido e se espalhado pelo tapume amarelo desbotado. Era mais sujeira do que uma piscina.

Havia um edifício em um lado e um pequeno cercado contendo várias árvores no outro. Havia um sinal em cima do muro escrito Área de Conservação. Mantendo algumas árvores ali em troca de todos os apartamentos, parecia um pouco ridículo para mim, mas eu não estava no mercado imobiliário. Eu não iria construir ou criar qualquer coisa.

Meu trabalho era destruir.

No lugar onde eu estava, no alto de um galho de uma das árvores do espaço conservado, eu fiquei escondida de qualquer um que andasse pela praia ou que aparecesse caminhando através do estreito beco da rua principal. Mais importante, eu tinha uma excelente vista para a casa e da calçada no caso do menino ter visitantes.

Por mais que eu estivesse ali em cima por tempo demais, infelizmente estava aqui por três horas, eu sabia que alguém estava lá dentro, a julgar pelos sons do cão, pela TV, e pelas luzes ocasionalmente acendendo e desligando, nada mais do que uma porta tinha sido aberta ou uma sombra tinha aparecido na janela.

Assim quando pensei que os meus próximos dias ou semanas seriam os mais longos de minha vida, a porta dos fundos da casa se abriu e, de repente, o meu alvo estava dentro do meu campo de visão. Embora fosse... diferente, a pessoa que apareceu no deck era a mesma criança que eu vi na foto, o menino.

Só que ele não era mais um menino.

Um pequeno buldogue francês preto com um rosto branco saiu da casa, serpenteando ao redor do meu alvo, que ainda estava na porta. O cachorro ofegava enquanto fazia o seu caminho em torno da plataforma sob a luz brilhante do sol. Eu presumi que era esse pequeno cachorro o dono do latido que eu tinha ouvido antes.

Ele babava em seu caminho ao redor da piscina, uma saliva branca que escorria para fora de ambos os lados de sua boca com uma carranca permanente. Sua longa língua cor de rosa lembrava a forma daquele brinquedo que ficava em parquinhos onde as crianças ficam de escorregando de cima para baixo, raspando a madeira estilhaçada enquanto gingava de uma extremidade da piscina para a outra. Ele andou feliz pelo deck até chegar aos dois gnomos de jardim lascados na beira da piscina. Ele passou suas patas contra o deck como se ele

estivesse tentando enterrar um osso, mas rapidamente ele se cansou e saiu correndo para o próximo alvo.

Cão desgraçado.

A cada ingestão de ar, o cachorro fez um som como se estivesse tendo um ataque de asma. Um zumbido profundo fazia o caminho pelo seu nariz até a garganta, era como se ele mudasse de um cão para um leão-marinho bebê.

O som da respiração irregular deste cachorro não parecia preocupar o cara sentado na soleira da porta. Não, ele estava muito ocupado olhando fixamente para a água suja da piscina que provavelmente continha tudo, desde a peste bubônica a sífilis ou o que mais você poderia pegar que ainda nem foi descoberto ou catalogado pelo homem.

O cara usava uma regata branca apertada, seus ombros eram largos, as linhas musculares de seus bíceps dançaram e flexionaram quando ele moveu o queixo para descansar em cima de um punho fechado. Ele tinha algum tipo de tatuagem em suas costas, mas eu só pude ver a parte que alcançou por cima dos seus ombros, parando pouco antes de sua clavícula.

Seu cabelo ainda era da cor que estava na foto, castanho claro, puxado para o vermelho. Os fios caíram sobre os olhos com uma ligeira curvatura nas extremidades. Grande o bastante para empurrar atrás das suas orelhas e cair em torno de seu queixo. Eu não podia ver muito de suas outras características faciais devido a minha posição sobre a árvore, mas eu podia ver uma ligeira curvatura em seu nariz.

Eu ainda estava observando o meu novo alvo quando o cão se inclinou e caiu dentro da piscina produzindo um baque contra a água, o cara ainda estava na soleira da porta, ele ainda encarava o espaço vazio onde o cão estava segundos atrás. Foi então, quando ele não fez nenhum movimento para salvar o seu cão, que eu notei a razão pela qual ele não estava se movendo. Ele estava sentado. Sua perna direita estava estendida diante dele em cima de um tipo de suporte de descanso fixo preto.

Sua *cadeira de rodas.*

Quando o meu alvo finalmente puxou a cabeça para fora da bunda e notou que seu cão se afogava, ele freneticamente rolou para frente em direção à borda da piscina.

Ele gritou: — Murray!

Quando ele tentou chegar na água, o cão já tinha afundado demais. Ele tentou se levantar da cadeira, mas tudo o que conseguiu fazer foi apenas se inclinar, e com um baque muito maior, ele se juntou a seu cão sob a água.

Então, nada.

Capítulo três

NOLAN

Meu celular tocou e a palavra 'Tio' apareceu na tela do meu telefone. Com um suspiro eu pressionei o botão vermelho e encerrei a chamada, mandando-o para o correio de voz pela terceira vez desde que eu voltei à cidade. Eu não tinha tempo para lidar com o meu tio, ou qualquer outra pessoa, porque eu estava ocupado.

Super ocupado.

Eu estava bem no meio da semana em uma grande festa de piedade com proporções épicas. Álcool e maconha em quantidades maciças eram as únicas coisas que estavam na minha agenda.

Meu verão deveria ter sido preenchido com meus velhos amigos, festas, em seguida, ir para o meu novo dormitório no centro atlético, seria o meu primeiro ano. Em vez disso, eu me vi olhando para a parede na velha casa de praia dos meus avós, esperando que as minhas circunstâncias de alguma forma mudassem milagrosamente.

Eu vou ficar aguardando pra caralho.

Eu tinha desistido de muita coisa para chegar onde eu estava. Os sacrifícios que eu fiz foram além e bem acima do que a maioria dos atletas da faculdade fazem. Mas mesmo assim eu fiz. Por um tempo valeu a pena. Há poucos meses, antes da minha lesão, eu estava no topo da porra do mundo. Não, eu era *o rei* do mundo, caralho.

Como diabos tudo deu errado tão rápido?

Oh, eu sei como. Lesões, pais de merda, e uma bolsa de estudos que foi tirada de mim no segundo que o médico da equipe deu a entender que o hóquei não seria mais parte de meus planos futuros.

O destino é uma cadela má e vingativa.

Meus sonhos sobre ser um atleta de hóquei caíram de cabeça no chão mais rápido que uma máquina Zamboni poderia deixar a

superfície de gelo da pista lisa antes mesmo que os meus patins se quer tocassem a pista para a próxima temporada.

O topo do bolo de merda foi, é claro, as velas do caralho. Ou seja, *Jessica.* Mais especificamente, Jessica e sua decisão repentina de encher a boca com todos os paus de Harper's Ridge à Jacksonville Community College. Descobrir o que ela estava fazendo através de um vídeo do instagram dela chupando um pau, não era exatamente o ponto alto da minha vida.

Não é como se ela fosse minha namorada. Eu nunca tive um relacionamento desse tipo. Mas eu pensei que nós nos divertimos juntos e ela era alguém que eu comia em uma base regular. Para mim, ela poderia ter sido apenas a coisa mais próxima de uma namorada que eu jamais teria e eu cogitei a hipótese de que *talvez* pudéssemos levar esse relacionamento mais a sério.

Minha avó costumava dizer que eu tinha um estômago de uma cabra de montanha e que eu provavelmente poderia comer até latas e ficaria perfeitamente bem. No entanto, depois de ver o vídeo de Jessica na internet, meu estômago revirou.

Na verdade, não teria durado muito mais tempo de qualquer maneira. Nós não estávamos juntos por amor, nós estávamos apenas confortáveis um com o outro.

Pelo menos eu tinha estado confortável.

Eu não tinha Jessica, mas se pelo menos eu tivesse o hóquei.

Até que eu não tinha mais.

Eu tinha sido destinado para a NHL. Agora o meu único futuro era que eu ia trabalhar para o meu tio, o que eu estava fazendo todos os verões até que a vadia da bolsa de estudos na Hockey bateu com a porta na minha cara e me presenteou com um novo futuro em uma fodida bandeja de prata.

A verdade da questão é que, embora eu amasse o meu tio, qualquer trabalho depois de ter os meus sonhos esmagados ia parecer uma merda. Qualquer vida diferente da que eu tinha imaginado na NHL ia ser fodida.

Não importa o que eu sabia que tinha que fazer, eu não estava com pressa de fazer tão cedo.

Era seguro dizer que eu tinha estado em um humor de merda sentado naquela sala escura sentindo pena de mim mesmo, enquanto inalava o forte cheiro de naftalina e deixava a minha bunda mais que bêbada.

As bolas de naftalina costumavam ser um cheiro reconfortante para mim enquanto meus avós estavam vivos, mas depois que eles morreram, se tornou um lembrete constante de que não estavam mais aqui.

Mas mesmo assim lá estava eu sentado, jogando uma bola de borracha azul na parede, com ciúmes da fodida bola, porque eu não podia manobrar a minha maldita cadeira de rodas perto o suficiente para que eu pudesse bater a minha cabeça contra a parede no lugar da bola.

Murray, o velho bulldog francês que eu tenho desde que eu era uma criança, estava latindo por cinco minutos para ser solto. Eu tentei ignorá-lo, mas o merdinha ficava mais persistente à medida que envelhecia, e desde que ele aparentava ter setecentos anos, ele se tornou um filho da puta irritante. Além da cabana, Murray era tudo que os meus avós tinham deixado para mim. — Vamos, — eu murmurei, me empurrando para o fundo da casa.

Murray correu para fora no segundo que eu consegui abrir o suficiente a grande porta de vidro. Eu me posicionei na soleira da porta enquanto ele andava lá fora. Eu continuei a contemplar a merda que a minha vida se tornou.

Talvez eu só precise transar.

Eu vinha em Harper's Ridge todos os verões desde que eu era uma criança e me mudei permanentemente após a mãe e o pai desaparecerem quando eu estava no ensino médio. Eu era um local. Eu sabia que muitas meninas estariam dispostas a vir até mim e me deixar fodê-las por algumas horas.

O tipo de companhia que terminava em orgasmos e cigarros.

Eu estava tentando lembrar onde eu coloquei o meu telefone, quando ouvi um baque.

PORRA.

Murray caiu na piscina.

Afogando.

Suas perninhas não eram fortes o suficiente para levá-lo de volta à superfície ou impulsioná-lo de volta para o deck. Alguns pequenos gemidos escaparam de sua boca pouco antes de sua cabeça desaparecer sob a superfície e ele ficou completamente submerso.

Me inclinei para um lado e tentei alcançá-lo, mas era uma coisa impossível de fazer enquanto está sentado na cadeira de rodas, então eu tentei me manobrar para fora da cadeira para que eu pudesse deitar no meu estômago, mas na minha pressa eu me derrubei sobre a minha cadeira de rodas e de repente meu verão desperdiçado já não importava.

Nem todas as minhas lamúrias e putaria.

Nem o hóquei.

Ou Jessica.

Não. Nenhuma das queixas de merda importava também, porque nos próximos minutos, eu não teria uma vida que reclamar.

Eu estava me afogando. Eu estava me afogando e eu estava morrendo. Eu sabia disso porque eu estava afundando como Murray. Abri os olhos sob a água e olhei para a superfície.

De pé lá em cima no deck estava a garota mais gostosa que eu já vi. Longo cabelo loiro, usando um minúsculo biquíni branco. Ela estava em seu telefone celular olhando para mim. Parecia que ela estava brigando com quem estava do outro lado, enquanto ela apontava para mim.

À medida que cada segundo se passava, eu sabia que estava ficando cada vez mais perto do fim. Eu me senti impotente, mas não estava pronto para desistir. Eu agitava os braços, a ponto de chamar a atenção dela, mas ela levantou seu dedo indicador para mim exigindo um momento para terminar a sua chamada.

Que porra estava acontecendo?

Isso não podia ser real. Eu estava morrendo e a minha última visão nem poderia ser uma menina que gostasse de mim. Eu culpo Jessica e a sua falta de reflexo de vômito. Tinha de ser a culpa dela que eu estava imaginando a mais bela garota que eu já tinha visto e a minha própria imaginação não poderia nem mesmo fingir estar preocupada quando inalei uma golfada de água.

E depois outra.

Na verdade, ela parecia chateada. Como se a minha morte irritasse ela.

Imaginação do caralho.

Círculos pretos começaram a se formar sobre as bordas dos meus olhos, cada vez maiores e mais escuros. Meu gesso, que foi sete mil dólares e, ironicamente, eu iria retirá-lo amanhã na parte da manhã, me puxou para baixo como uma âncora. Mais e mais eu afundei até meus pés baterem no fundo.

Eu era incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser ver a menina em cima de mim, o rosto distorcido e obscurecido pela água verde ondulante. Com um último esforço frenético, invoquei cada músculo em meus braços e ombros para tentar nadar o meu caminho de volta para a superfície, mas foi inútil. Eu nunca consegui chegar mais do que uma ou duas polegadas da parte inferior.

Devo ter estado chegando ao fim, porque depois de inalar outra lufada de água, imaginei que a menina bonita na superfície tinha mergulhado na piscina para se juntar a mim, com o seu cabelo dourado espalhado ao seu redor como se ela fosse uma sereia. Bolhas flutuaram do seu nariz enquanto nadava em direção a mim.

Eu até imaginei que ela me agarrou pelo pulso. Eu poderia realmente sentir sua pele contra a minha enquanto ela me içava através da água, me arrastando para a superfície com uma força que a maioria dos homens adultos não possuía.

Eu acho que as sereias são fortes assim.

Quando o sol bateu no meu rosto como uma toalha molhada quente, eu abri a minha boca para respirar, mas eu não consegui. Minha consciência estava flutuando dentro e fora da realidade, mas eu tinha certeza que a menina estava de pé em cima de mim, tocando os dedos dos pés descalços no deck.

Ela rosnou frustrada e eu tenho certeza que ela revirou os olhos antes de beliscar a ponta do meu nariz e inclinar a cabeça para trás. Eu podia sentir o lado de um de seus seios contra o meu peito através de seu minúsculo top de biquíni, e se eu não estivesse prestes a porra morrer, teria sido um dos melhores dias da minha vida.

Quem não gostaria de sentir um pouco dos seios de uma sereia em seu último dia? Ela se inclinou mais para baixo, o rosto pairando

sobre o meu, os seus lábios estavam prestes a se conectar com os meus... e tudo ficou escuro.

Eu fui puxado de volta à realidade com uma tosse que se sentia como se eu tivesse sido esfaqueado no pulmão, juntamente com uma sensação como se eu tivesse fumado cada um dos cigarros que o meu avô fumou durante os seus oitenta anos.

Engoli em seco e finalmente fui capaz de puxar um pouco de ar pela minha traqueia, mas com a água que entrou em meus pulmões, queimou mais que tudo. De repente fui empurrado de lado, onde vomitei uma e outra vez, substituindo mais água com o ar em meus pulmões.

Isso pareceu durar horas, embora provavelmente foi apenas alguns minutos. Eu estava vendo estrelas quando consegui realmente inalar novamente sem sentir como se eu estivesse sendo rasgado por dentro.

Uma língua lambeu o meu globo ocular. *Murray.* Ele ficou babando no meu rosto. Ele sacudiu o seu corpo molhado, e enviou um spray de água e uma camada de pequenos pelos pretos e brancos sobre meu rosto e em minha boca. Limpei a minha língua com a minha mão quando ele passeou de volta para a casa pela porta dos fundos aberta.

Ela salvou Murray também?

Ela era mesmo real?

Me virei bem a tempo de ver uma bunda perfeita que mal cabia no pequeno pedaço de pano branco. As bochechas de suas nádegas estavam à mostra enquanto ela descia as escadas na parte de trás da plataforma.

Ela era real mesmo.

Ela era real, e ela estava indo *embora.*

Eu tentei chamá-la, mas tudo o que eu consegui foi tossir um pouco mais. Minha garganta estava como se eu tivesse engolido vidro.

— Espere! — eu finalmente consegui falar. Lutei para me sentar.

A menina se virou e me encarou, no processo, me forneceu uma excelente vista de seu peito, que subia e descia enquanto ela respirava. A água escorreu pelo seu rosto emoldurando os olhos azul-esverdeados brilhantes.

Eu segui as gotas à medida que caíam de seu queixo para o vale entre os seus seios, e de repente, eu não queria nada mais do que ser a alça branca e fina que estava segurando os pequenos triângulos de seu biquíni. — Por causa de você, — disse ela, apontando para mim um dedo acusador. Ela, então, apontou para a casa. — E esse cachorro idiota, agora eu vou ter que ir visitar a unidade mais próxima de HAZMAT[13] para tirar a porra das bactérias que estão em mim quando eu entrei nesse seu esgoto.

— O quê? — eu perguntei, não plenamente capaz de compreender o que ela estava dizendo, mas é evidente que essa garota não estava feliz comigo por algum motivo. Eu estava familiarizado com as meninas sendo furiosas comigo. Quando eu me arrastava para fora das janelas do quarto no meio da noite, sem nunca entrar em contato novamente. Mas essa garota estava em outro nível de raiva.

Era sexy.

Tudo nela, o jeito que ela olhava para mim, estreitando os olhos, a pura raiva irradiando dela, gritando ódio.

Porra, talvez eu a conhecesse.

Não, não havia nenhuma maneira do caralho de que eu iria esquecer aquele rosto ou aquele corpo... ou aquela carranca.

— Limpe. A. Porra. Da. Piscina , — ela retrucou, enunciando cada palavra separadamente, antes de virar e descer os degraus, desaparecendo.

Eu senti uma profunda necessidade se instalando em mim. Não, senti uma *necessidade,* de correr atrás dela e arrastá-la pelo seu rabo de cavalo de volta para o deck por gritar comigo quando a cadela nem sequer me conhece.

E eu correria atrás dela se eu pudesse caminhar, ou me mover... ou respirar.

Talvez eu estivesse morto afinal de contas, porque nada do que aconteceu desde que eu abri a porta traseira tinha feito qualquer fodido sentido. Ou desde quando eu me feri. Me deitei e deixei minha cabeça cair contra o deck. Eu podia ver as nuvens passando sobre o sol através da pele fina de minhas pálpebras fechadas.

---

[13] Unidades que descontaminam substâncias químicas ou biológicas que pode ocasionar danos aos seres humanos.

Perguntas pipocaram em minha mente.

Quem era ela?

De onde diabos ela veio?

Por que diabos ela estava tão furiosa?

Por que diabos eu estou tão duro?

Capítulo três

RAGE

— Tem certeza de que era ele? — Smoke rugiu através do telefone, soando muito mais agitado do que o habitual.

— Sim, tenho certeza. Embora você estivesse certo, ele é mais velho do que ele está nessa foto, e muito mais... — fiz uma pausa, tentando encontrar a palavra certa. — Másculo? Isso é uma palavra?

— Eu não tenho ideia. Mas é positivo que era ele? — Smoke perguntou novamente. — Me diga, como exatamente ele é?

— Como a foto, — eu comecei, tentando recordar suas feições. Fechei os olhos e respirei fundo. Em minha mente eu estava novamente em pé no deck, olhando para ele enquanto ele afundava mais e mais profundamente na água. — Ele tem uma covinha na bochecha esquerda. Ele tem olhos cor de avelã, não muito verdes, não muito marrons, mas brilhantes e grandes para um homem. Ele tem um longo nariz que está ligeiramente torto, parece que já foi quebrado. Ele é muito alto, eu podia ver isso mesmo ele estando na cadeira de rodas. Ele tá com uma perna machucada. A direita. Em um gesso. — me lembrei da forma como os cumes de seus músculos abdominais contraíram enquanto ele lutava para tomar a sua primeira respiração assim que eu o puxei da piscina e o joguei de volta para o deck. — Ele tem lábios grossos, — eu disse, pensando em como eu estava prestes a pressionar meus lábios nos dele para fazer uma rápida respiração boca a boca quando ele sozinho começou a tossir a água.

Estremeci, eu tinha certeza de que bocas humanas carregam quase tanta doença como as bocas dos cães. Eu estava prestes a arriscar pegar uma doença mortal só para poupar aquele cara só porque Smoke disse que eu tinha que fazer. — Rage? — perguntou Smoke, interrompendo minha linha de pensamento.

— Sim?

— Se eu não te conhecesse melhor, eu teria achado que você gostou do que viu quando olhou para esse cara, — Smoke disse lentamente, parecendo cauteloso.

Eu bufei, irritação aumentando com a sua avaliação incorreta. — Você realmente quer saber o que eu vi?

— Eu quero, — Smoke respondeu honestamente.

Fiz uma pausa até que eu podia praticamente ouvir a antecipação de Smoke pela minha resposta. — Eu vi um trabalho que precisava ser feito e eu vi você puto comigo por um tempo indeterminado se o seu alvo deixasse este mundo antes que você coletasse a informação que você queria.

Smoke riu. — Essa é minha garota.

— Mas acho que agora que ele me viu, você terá que conseguir outra pessoa. Que pena. — fiquei aliviada de que os meus dias de babá tinham acabado. Eu estava praticamente pulando para onde eu tinha estacionado Delilah em um beco entre dois hotéis. Coloquei minha bolsa no compartimento debaixo do assento e tirei as minhas chaves.

Smoke riu novamente. — Não, agora arraste a sua bunda até lá, Princesa.

Rosnei e chutei a parede. — Smoke! Eu passei três horas me certificando de que não houvesse nada perigoso crescendo em meus pulmões por causa daquela piscina... e você quer que eu volte? — perguntei. — Eu o salvei para você! Não é o suficiente?

— Não, não é Rage. Eu preciso dessa informação. Você vai voltar e vai conseguir ela para mim.

Me debrucei contra a parede do beco, deslocando o telefone de um lado para o outro. — Ele me viu! — entre os dois prédios, havia uma abertura revelando o céu. Uma nuvem rolou, transformando o pequeno espaço em temporariamente cinza.

— E daí que ele viu você? Ele não sabe quem diabos você é. Volte. Faça amizade com ele. Não há melhor maneira de descobrir as informações falando com ele, — disse Smoke. Houve um pouco de desespero em sua voz. Algo que certamente eu não estava acostumada a ouvir dele.

Suspirei. — Você sabe que eu sou uma atriz horrível e uma mentirosa terrível, certo? Quer dizer, eu vou bem no começo, mas

depois de vinte minutos comigo o cara vai querer sair correndo ou vai chamar a polícia.

— Então não atue.

— O quê? — perguntei, ficando mais confusa a cada segundo. — Como é que eu vou...?

— Não diga a ele a verdade, mas não atue também. Seja você mesma. Você é realmente muito engraçada se você deixar de fora toda a morte e destruição de merda. Diga o máximo de verdade possível, mas deixe de fora os detalhes.

— Você quer dizer a diversão, — eu resmunguei.

Eu verifiquei as minhas unhas para detectar quaisquer sinais remanescentes daquela piscina nojenta. Algo pode ter passado despercebido depois de ter tomado banho três vezes. Smoke estava delirando se ele achava que de alguma forma esse cara iria me deixar chegar perto dele novamente se ele soubesse alguma coisa real sobre mim, independentemente do que eu *não* lhe dissesse.

A voz de Smoke parecia cansada. — Rage, eu não quero ter que dizer isso, mas porra, você me deve e eu preciso disso. Vá até o garoto. Se torne amiga dele. Descubra o que eu preciso saber e mantenha um olho nele enquanto eu penso em alguma coisa. Faça isso... por mim. — Smoke fez uma pausa antes de acrescentar uma palavra que ele nunca me disse nos anos em que a gente se conhecia. — Por favor.

Ele continuou. — Você disse que ele tá com uma perna ruim certo? Diga a ele que você está lá para ajudá-lo em troca de um lugar para ficar. Se ele argumentar com você, basta dizer a ele que seu tio lhe enviou. Está tudo certo. Faça isso por mim, Rage. Por favor.

Porra.

Eu levantei a minha mão fechada para o céu e peguei a minha bolsa novamente do compartimento embaixo do banco da minha scooter e a atirei sobre meus ombros.

— Você entendeu? — perguntou Smoke.

Estufando o meu rosto, eu soltei um suspiro. — Sim, sim. Amigos. Ajuda. Tio. Por favor. Entendi.

— Mas, se essa merda te machucar de alguma forma, me deixe saber e eu vou pegá-lo quando ele tiver dormindo. Eu preciso dessa

informação, mas eu preciso mais do meu braço direito, — Smoke disse respirando pesadamente através do telefone.

— Sim, eu entendi. Se ele me machucar. Matá-lo. Devidamente anotado. — eu inclinei meus ombros e comecei a descer a praia. — Não se preocupe com nada, Smoke. Nós vamos ser melhores amigos para sempre. Qual o nome dele, afinal?

— Nolan. Nolan Archer. — eu finalizei a chamada assim que Smoke terminou de falar.

Pavor me consumiu quando eu parei na pequena garagem. A velha casa parecia ainda mais decrépita olhando daqui do chão. Eu tinha feito algumas merdas. Coisas que a maioria das pessoas não podiam sequer imaginar, mas eu poderia fazer essas coisas tão facilmente como sair e verificar o correio.

O que eu não podia fazer era me meter em sujeira. Eu olhei de volta para a casa e me encolhi. Eu também não fazia amigos.

Eu só tive um amigo e não tinha terminado exatamente bem. Mas esta amizade não ia acabar bem também. Para um de nós, pelo menos.

Lembrando o olhar no rosto de Cody a última vez que o vi ainda me faz estremecer.

Foi o melhor. Me lembrei. *Ele está feliz agora. Ele tem uma namorada. Uma que provavelmente não gosta de matar pessoas ou explodir pessoas.*

Mudei a minha bolsa de um ombro para o outro e disse a mim mesma que esta não era a mesma coisa e que essa amizade falsa não seria nada parecida como as coisas foram com Cody.

Primeiro que eu não iria fazer sexo com esse cara. Nunca. Ou com qualquer outra pessoa. Em segundo lugar, independentemente do que acontecer nesse tempo, eu estava começando este trabalho sabendo exatamente como as coisas iriam terminar.

Smoke tinha me arrancado de uma vida que eu odiava e me entregou a vida que eu sempre quis. Nós tínhamos passado por tantas coisas e ele estava certo, eu devia a ele. Eu não iria deixá-lo na mão.

Avançando, a única coisa que Nolan Archer precisava ser salvo... era de mim.

Capítulo sete

HOPE

Dezesseis anos de idade

Era o meu décimo sexto aniversário. Tudo que eu queria era sair com Cody e não ter que fingir ser alguém que eu não era por algumas horas. Em vez disso, os meus pais chamaram todos os meus parentes e para o meu horror, convidou toda a escola. Eles tinham boas intenções. Eles queriam uma filha que tivesse muitos amigos e que gostava de festas surpresa.

Quando eu passei pela porta a primeira coisa que aconteceu foram os gritos de *SURPRESA!* Encarei uma dezena de rostos de pessoas que eu mal tinha falado uma palavra... eu senti a faísca da raiva ganhando vida. Foi repentino; como uma queda livre que eu não estava esperando. Não havia muito que eu pudesse fazer, exceto ficar lá com o rosto mostrando completo horror enquanto a minha mãe me levava orgulhosamente no meio da multidão.

— Moe, — disse eu, tentando chamar a sua atenção enquanto ela me apresentava a tio Yan do velho continente que eu não tinha visto desde que eu usava fraldas e tia Marianne, que me enviou a bíblia das crianças quando eu tinha três anos e Lee meu primo gênio que acabou de voltar de um ano perambulando ao redor do mundo.

A porta da frente se abriu, batendo contra a parede e quase quebrou as dobradiças. A multidão se voltou para Cody quando ele correu para dentro da casa, cortando as pessoas em seu caminho até a mim. Quando ele parou na minha frente, ele me virou pelos meus ombros.

Uma compreensão visual do que estava acontecendo dentro de mim brilhou em seu rosto. Ele me levou para longe da minha mãe, me empurrando para frente em direção à saída.

— Vá! — Cody gritou por cima da música. Eu disparei para frente, deixando para trás os meus pais que chamaram o meu nome quando

me viram escapando. Cody que agiu como uma barricada humana os parou antes que eles pudessem vir atrás mim.

Eles ainda não podiam ver os sinais. Eles ainda não entendiam.

Ninguém entendia.

Ninguém, apenas Cody.

Eu não precisava de uma festa. De estar no meio de uma multidão. Às vezes a raiva vinha como um ataque e, por vezes, surgia sob a superfície até que ela explodia. Foi quando eu fiz as coisas como empurrar uma mesa de um professor, ou jogar uma pedra através do para-brisa do carro da minha professora de educação física.

O pior foi quando eu ataquei o quarterback do time de futebol depois de ele ter feito algum tipo de comentário sobre eu ser uma cadela frígida, o que resultou em eu sufocando-o até que seu treinador teve de me erguer dele.

Surpreendentemente, esse incidente um foi tratado em particular porque, aparentemente, o treinador não queria fofocas sobre os hematomas ao redor do pescoço de seu jogador estrela serem causados por uma menina com metade de seu peso. Eu não fui expulsa da escola, mas em vez disso fui obrigada a fazer quarenta e oito horas de avaliação mental no hospital e fui ordenada a atravessar para o outro lado do corredor se eu visse Donnie.

Uma vez que eu estava no meu quarto com a porta fechada, eu tentei tomar uma respiração profunda, mas não conseguia puxar o ar suficiente. As paredes cor de rosa e floridas zombaram de mim. O barulho da festa flutuava acima das escadas e penetrava sob a rachadura da porta.

Tudo começou na base da minha espinha, aumentando como um ferro em brasa até que ele estava tão quente, que era como se cada respiração estivesse abanando o fogo interno, fazendo aumentar ainda mais, ficar mais quente. Andei para trás e para frente no meu quarto, torcendo as mãos e puxando o meu cabelo.

Dependendo da gravidade do meu estado de espírito, algumas noites em que senti o início do calor, eu poderia escapar para o meu quarto e andar no chão até sentir a raiva morrer. Às vezes isso levava horas. Às vezes minutos.

Às vezes simplesmente não funcionava.

As brasas da minha raiva cresceram até que invadiram os meus nervos, músculos, membros e mente, como uma posse alienígena. Nesse ponto, nenhuma de regras escritas por Cody, nenhum pensamento positivo, nem respiração profunda poderia me controlar.

Andei até a janela quando o calor chegou aos meus ouvidos, queimando com a necessidade de libertar o demônio dentro de mim. Eu abri a janela, e empurrei a tela e em seguida saltei. Meus pés tocaram a grama molhada e eu avancei para dentro da noite, pulando o muro e correndo para a floresta densa atrás da minha casa. Não havia luz para guiar o meu caminho, mas eu não precisava de luz. Cody e eu tínhamos explorado cada polegada do bosque, criamos refúgios desde que mal saímos das fraldas.

Corri até meus pulmões queimarem e então corri mais rápido, com a intenção de sentir a dor, de sentir outra coisa que não fosse a raiva borbulhando e explodindo dentro de mim como fogos de artifício. Com a intenção de expulsar a raiva do meu sistema.

Quando cheguei ao meu destino, eu me sentei em torno da base da árvore onde eu tinha colocado um canivete entre as raízes crescidas. Eu estava respirando com dificuldade quando minha mão conectou com a alça de metal.

Puxei-o de seu esconderijo com um rugido e com ambas as mãos sobre a lâmina. Mergulhei a lâmina no tronco da árvore uma e outra vez, gritando pela minha raiva. Lascas de madeira pulverizaram ao meu redor, seiva escorreu de onde eu tinha ferido a árvore.

Cicatrizes antigas nessa mesma árvore de vindas anteriores salpicaram do tronco. Noites em que eu não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. Quando todo o pensamento racional ia embora e tudo o que restava era vontade. Necessidade.

Raiva.

Vozes masculinas à distância chamaram a minha atenção, me tirando do meu devaneio. Um galho estalou. Aumentei o meu domínio sobre a faca e me agachei ao lado de algumas moitas e serpenteei para mais perto de onde as vozes estavam vindo.

Eu estava praticamente deitada, espiando por uma fresta nas folhas onde a mata densa dava lugar a uma pequena clareira. A ausência de árvores permitia a entrada da luz da lua. Eu podia ver claramente a cena.

Dois homens em coletes de couro preto e jeans escuros estavam de pé de frente um para o outro. O homem mais baixo com o cabelo loiro gorduroso tinha um grande sorriso em seu rosto enquanto ele mordia um palito. Ele segurava uma pá casualmente sobre os ombros, o que foi que me levou a perceber o grande buraco no chão no canto mais distante da clareira.

O outro homem muito maior com cabelo preto até os ombros e barba, olhava com ódio para um terceiro homem que estava de joelhos com seus pulsos amarrados atrás das costas. Sua boca estava com uma fita adesiva mantendo-a fechada. Uma mancha escura foi formada na frente de suas calças.

A arma estava apontada para sua cabeça.

Meu batimento cardíaco acelerou. Minha raiva se transformou em adrenalina, surgindo através de mim.

O homem maior, o que segurava a arma, falou em sua voz profunda e áspera, se espalhando sobre mim como um espesso manto de escuridão.

— Você pensou que podia foder com a gente e fugir com ela, Jerry? — suas narinas inflaram. Eu preferiria que fosse a minha mão segurando a arma. Puxando o gatilho. Arrepios eclodiram em meus braços e na minha espinha. Eu tremi.

Ele levantou a arma e eu fiquei ofegante. Não por surpresa, mas por pura admiração.

— Não... não, Smoke. Não faça isso. Eu prometo, eu não queria machucá-la, — Jerry estalou.

Smoke riu, sua risada baixa e rouca. — Você não queria machucá-la? Ela era uma criança, filho da puta. Você a estuprou, dilacerando a sua buceta virgem, e deu a ela a porra de uma concussão. Então não me diga que você não teve a intenção de machucá-la só para poupar a sua vida, seu pedaço de merda! É tarde demais para isso agora. — Smoke levantou a arma e a trouxe para baixo, batendo-a contra a cabeça de Jerry, fazendo-o cair de lado no chão sujo. — Mugs, pegue esse saco de merda do chão. Eu quero que ele fique na posição vertical quando eu explodir os seus malditos miolos.

Eu já não estava no controle dos meus movimentos. Dos meus pensamentos. Era como se eu estivesse pairando acima do meu próprio

corpo, me observando. Sem pensar eu levantei de joelhos para ter uma melhor visão sobre a moita.

Os dois homens em couro arrastaram Jerry para o buraco e o chutaram para dentro. Eu não tenho certeza se Jerry estava de joelhos ou de pé, mas eu só conseguia vê-lo do pescoço para cima.

Engoli em seco, incapaz de tirar os olhos dos homens. Assim quando eu senti o início raiva, eu senti um sentimento desconhecido me consumido, só que não era raiva que estava me consumindo.

Era QUERER.

NECESSIDADE.

Pura e primitiva.

Eu não sabia que eu levantei ou que eu tinha pulado sobre o arbusto, ou que eu tinha entrado diretamente para o centro da clareira até que fosse tarde demais.

Jerry me notou primeiro, me observando enquanto eu me aproximava e parei logo atrás dos dois homens. Quando perceberam Jerry olhando para trás, eles viraram abruptamente. Mugs deixou cair a pá e puxou uma arma debaixo de seu colete. Smoke virou a arma de Jerry para mim.

Eu me inclinei para o lado, olhando os homens e tentando dar uma olhada melhor no buraco onde Jerry estava sangrando de seu olho direito. Ele olhou para mim e, com os olhos, ele fez um apelo silencioso a minha ajuda.

— Quem diabos é você? — Smoke exigiu, fechando a distância entre nós em dois passos. A barba longa o suficiente para roçar seu peito largo nu sob seu colete. Tatuagens artísticas, com linhas arrojadas e belas cobriam todo o lado direito de seu torso e no braço bem desenvolvido, os desenhos coloridos serpenteavam até a frente da sua garganta para o lado de seu pescoço e atrás da orelha. Seus olhos eram castanho-escuros, parecendo quase preto quando ele olhou para mim com um olhar de confusão e raiva.

Clube de motoqueiros não era algo novo para mim. Entre Lilly Heights até Logan's Beach e Harper's Ridge era onde dois dos maiores MCs no estado tinham sua sede. Eu estava acostumada a ver motoqueiros passeando pela cidade nos fins de semana, mas Smoke estava em branco, totalmente inexpressivo, enquanto Mugs claramente

tinha um colete que dizia em letras grandes 'Beach Bastards', assim como frases menores na frente, mas eu não conseguia ver no escuro.

Meu olhar passou rapidamente entre Jerry, Mugs, a arma na mão de Smoke... que ele tinha levantado e agora estava apontada para a minha cabeça.

Eu sorri, principalmente porque eu *não* podia *deixar* de sorrir. Eu apontei para a arma de Smoke e bati palmas, incapaz de formar as palavras exatas que eu queria dizer. Limpei a garganta e tentei novamente, tentando não parecer uma idiota, mas não funcionou. — Eu posso? Por favor? — eu perguntei em um sussurro.

— Você pode o quê? — Smoke latiu. — O que exatamente você está pedindo, menina? — ele rosnou, embora seu rosto tivesse dito 'raiva' e 'irritação', eu também vi um traço de entendimento.

— Por que diabos você está sorrindo, menina? — Mugs perguntou, balançando a arma.

Eu não perderia meu tempo com Mugs, senti que Smoke era o único que poderia me ajudar. Eu olhei para ele e então apontei para o buraco no chão onde Jerry estava gemendo e segurando o lado de sua cabeça.

Smoke olhou para mim através do longo cabelo escuro que tinha caído em seu rosto e algo entre nós estalou. Alguma coisa relacionado a mudança de vida. Não amor, ou qualquer coisa ridícula assim, mas algo importante, no entanto. Eu sabia que ele sentiu isso também quando ele sorriu, o canto de sua boca virando para cima em um sorriso perverso. Ele coçou a cabeça com o cano da arma. — Quantos anos você tem, menina?

— Quinze, — eu respondi, parecendo tão ansiosa quanto uma criança no colo do Papai Noel em que eu estava prestes a dizer a ele o que eu queria para o Natal. — Não, dezesseis anos. Hoje é meu aniversário.

— Bem, feliz aniversário, menina. Smoke, o que diabos você está fazendo? — Mugs lamentou. — Vamos acabar com esse filho da puta e depois acabar com ela. Ela é uma testemunha agora. Não podemos deixá-la viva. — ele começou a caminhar em direção a nós, mas Smoke levantou a mão para detê-lo, acenando-o de volta antes que ele pudesse dar outro passo. — Então se apresse, cara. Só sei que você não vai se livrar de me ajudar a cavar outro buraco de merda.

Eu me inclinei para o lado em um pé, esticando o pescoço para ver a parede de músculo que era Smoke. — Eu não vou ser uma testemunha se... eu for a única que fizer isso, — eu ofereci.

— Você não está com medo, não é? — Smoke perguntou, embora eu não achasse que ele estava esperando uma resposta, porque ele já sabia a resposta. Ele se agachou e estudou o meu rosto, procurando meus olhos. Eu sabia o que ele estava procurando, mas eu também sabia que ele não ia encontrar. Nada disso. Medo, hesitação, simpatia, blá-blá-blá.

Mordi o lábio e liguei minhas mãos atrás das costas, balançando meu corpo inteiro, juntamente com a minha cabeça enquanto eu balançava de um lado para o outro.

— Você está chapada ou algo assim? — perguntou Smoke, arqueando uma das sobrancelhas e ignorando Mugs mandando ele se apressar e me matar logo.

— Não, — eu sussurrei, embora eu estivesse bêbada. Bêbada de emoção que eu praticamente podia sentir o cheiro escoando dos meus poros.

Smoke ergueu a arma, novamente apontando-a para minha cabeça. Ele deu mais um passo em direção a mim, fechando a distância entre nós e pressionando o cano da arma contra a minha testa.

Eu não me movi.

Eu também não parei de sorrir. Na realidade, eu não poderia arrancá-lo da minha cara nem se eu tentasse retirá-lo com os meus próprios dedos.

Arma na minha cabeça ou não, eu me sentia viva.

Me sentia *livre.*

Os ombros de Smoke sacudiram com uma súbita explosão de risos. Ele guardou a arma e novamente olhou profundamente em meus olhos. O entendimento que eu tinha tido um vislumbre anteriormente brilhou em seu olhar escuro. — Eu reconheço esse olhar, — disse ele, arranhando seu antebraço. — Nunca vi isso em uma garota antes, embora. Especialmente não em uma tão jovem. Só tinha visto em homens. Caras como eu.

— Caras como você? — perguntei, franzindo a testa. Eu estava curiosa para saber qual categoria ele estava me incluindo.

— Sim, caras como eu. Os maus. — os músculos em seus antebraços flexionaram enquanto ele estalava os dedos.

— Por favor, — eu implorei, sentindo não só que eu queria ser a única a fazer isso, mas eu *precisava* ser. — Boa ou má... — eu balancei a cabeça violentamente, batendo o lado do meu rosto com o meu rabo de cavalo. — Eu apenas tenho que fazer.

Smoke não tirava os olhos de mim quando ele chamou Mugs de volta, — Ela não é uma testemunha se ela fizer isso sozinha. — ele se mudou para o meu lado. Mugs bufou e olhou para o relógio. Ele acendeu um cigarro.

A Pele de Mugs era muito mais pálida do que a de Smoke. Seu cabelo parecia quase branco sob a luz da lua cheia. — Uau, eu sabia que você era fodido pra cacete, Smoke, mas uma garota de dezesseis anos de idade, pedindo a estranhos para deixá-la matar filhos da puta? — Mugs revirou os olhos e jogou fora as cinzas da ponta do cigarro. — Eu espero que vocês dois fodidos sejam realmente muito felizes juntos.

— Não, não é isso que... — eu comecei a discutir com Mugs de que ele confundiu a sede de sangue com outro tipo de luxúria.

— Você não tem que explicar nada para ele, — Smoke interrompeu. Baixando a voz, ele sussurrou, — Mugs é um idiota do caralho. Só o ignore.

— Eu ouvi isso, — disse Mugs, — e o que eu vejo é que quanto mais tempo ficamos aqui, maiores são as chances de sermos pegos. Quer dizer, eu odeio matar e fugir, mas temos que ir, porra, — Mugs virou a arma para Jerry e sem aviso, ele puxou o gatilho, enviando um spray de terra chovendo para dentro do buraco.

— Que porra é essa? — Smoke rugiu.

Eu caí no chão e passei meus braços em volta dos meus joelhos, preparada para a onda de decepção que caiu em mim como um tsunami. Pisquei várias vezes, uma sensação de formigamento estranho começou atrás dos meus olhos, me lembrando da forma como o seu pé formiga quando você fica parado com ele em uma posição por muito tempo.

Smoke se ajoelhou ao meu lado. — Você está bem, garota? — ele inclinou meu queixo para cima para encontrar o seu olhar e curiosamente o seu toque não me enviou nada. Apenas Cody conseguiu realizar isso, mas aqui com esse estranho, capaz de fazer algo que me

levou anos para sentir confortável, mesmo com o meu melhor amigo. Quando os olhos de Smoke encontraram os meus, eu me perdi.

Pela primeira vez em todos os meus dezesseis anos de vida... eu chorei.

Smoke envolveu os seus braços fortes em torno de mim, me puxando contra seu peito. — Eu vou cuidar de você, — disse Smoke, sussurrando em meu cabelo. — Vou te ajudar. Você gostaria disso? — ele perguntou e através das minhas lágrimas, eu balancei a cabeça, sem saber o que eu estava realmente concordando, mas sabendo que eu precisava do que quer que fosse que ele estava oferecendo.

Então eu chorei um pouco mais.

Naquela noite, minha raiva me mandou correndo diretamente para os braços de Smoke, e mal sabia eu que era o início de um novo caminho eu que tinha de tomar.

— Brincadeira, — Mugs disse de repente. Ele esfaqueou a pá no chão e foi até onde nós estávamos agachados no chão. — Olhe lá. Ele ainda está vivo. Só tinha de saber que você estava falando sério.

Mais uma vez o meu coração acelerou.

— Você é um idiota, Mugs, — cuspiu Smoke.

— Sim, eu sei. Agora vamos nos apressar e sair daqui. Eu tenho minhas merdas para resolver.

— Qual é seu nome, garota? — perguntou Smoke, me mantendo em volta de seus braços fortes. Eu não respondi imediatamente. Eu não podia. Hope não parecia mais certo. O único nome que me veio à mente foi o único nome que já havia parecido ser certo para mim. Um que Cody me chamava de vez enquanto.

— Rage. — engoli em seco. — Meu nome é Rage.

— Rage. Eu gosto. — Smoke segurou sua arma na palma da sua mão, me oferecendo, assim quando Mugs estendeu a dele diretamente para mim. — Já disparou uma dessas antes? — ele perguntou, me soltando de seu abraço e me levantando para os meus pés pelo meu cotovelo.

— Não, — eu admiti.

— Fique aqui, — disse Smoke, de pé atrás de mim e me segurando pelos ombros. Ele alcançou em cima de mim e me entregou a

arma. — Pegue, segure assim como eu estou segurando agora. — eu fiz o que ele disse, a arma era muito mais pesada em minhas mãos do que eu pensava que seria, no entanto, pareceu natural.

Normal.

O meu normal.

Smoke me empurrou para frente até a figura agachada de Jerry entrar em exibição no buraco. Ele abriu o olho bom, o outro estava inchado e fechado. Mesmo nos vendo, ele não se mexeu, — Mire no alvo e em seguida, aperte o gatilho, — disse ele contra a minha orelha. — Você tem certeza que quer fazer isso?

— Sim.

Eu nunca tinha tido tanta certeza na minha vida inteira.

Smoke se inclinou mais perto. Cheirava a sabão e cigarros. — Porque isso é uma merda de mudança de vida aqui. Você pode fazer isso e as coisas não serão mais as mesmas novamente. Este é o tipo de merda que assombra homens adultos à noite. — ele fez uma pausa. — O tipo de merda faz suplicar à Jesus pelo Seu perdão toda noite.

— Eu não preciso de perdão, — eu sussurrei, apertando o gatilho. Um olho de Jerry permaneceu aberto, embora a vida que tinha lá segundos antes, agora se foi. Seu olhar estava completamente em branco. A terra debaixo dele escureceu enquanto o sangue escoava para fora da ferida fresca no lado da sua cabeça.

Estar bêbada de emoção não era nada comparado a euforia do sangue recém-derramado. A satisfação que eu nunca soube que existia se agitou dentro de mim, penetrando em todos os meus movimentos como o lento gotejar de uma droga na minha veia.

— Ah é? Todo mundo busca o perdão, mais cedo ou mais tarde, princesa. Por que com você não seria diferente? — Smoke perguntou, estendendo a mão para a arma, que ainda estava quente por causa do uso.

Relutantemente, eu deixei cair em sua mão. Me virei ao redor para enfrentar Smoke. — Por que... eu não sinto.

— Bom, essa é a primeira lição, — Smoke disse, de repente, virando a arma em Mugs e puxando o gatilho em uma rápida sucessão. Três balas explodiram em seu peito, ele oscilou sobre a borda

do buraco até que ele caiu de costas nele, seu corpo se juntou com o de Jerry.

— E qual é a segunda lição? — perguntei, olhando para a arma.

— A segunda lição, é que para sobreviver você não pode ser leal a ninguém. Você está do lado de ninguém, exceto o seu próprio lado. — ele guardou a arma sob seu colete e olhou nos meus olhos. Tinha sido apenas minutos desde que nos conhecemos, mas eu senti como se eu tivesse conhecido Smoke em toda a minha vida. — Você entendeu?

Eu balancei a cabeça. — Sim, leal a ninguém, — eu disse, mas, em seguida, acrescentei: — E você?

Smoke riu e coçou a barba. — Ninguém, garota. — seus olhos escuros praticamente brilharam quando ele acrescentou: — *Especialmente* eu.

Capítulo oito

NOLAN

Pela primeira vez em toda a minha vida eu cheguei cedo para alguma coisa. Eu nunca tinha sido uma pessoa da manhã. Os únicos nascer do sol que eu já vi foi de noites viradas, ou porque o treinador pediu pra treinar mais cedo.

Consumido por pensamentos da menina no biquíni branco, eu virei na cama durante toda a noite. Por volta das quatro horas eu tinha desistido completamente de tentar dormir. No momento em que o sol se levantou, eu já estava fora da porta, fui a primeira pessoa na sala de espera naquela manhã. Até mesmo antes do médico.

Porra, eu odiava médicos, consultórios e salas de espera. Depois da minha lesão, médicos para mim se tornaram nada mais do que um cara vestindo branco que distribuía notícias ruins.

O doutor remexeu na minha perna por um tempo, me perguntando sobre este ou aquele ferimento antes de remover o meu gesso. Quando ele disse que minha perna estava curando bem, minhas esperanças se levantaram como um cão que fica animado quando se oferece um bacon.

Ele me deu um par de muletas para praticar para me mover novamente. Eu sabia que não deveria ter perguntado a ele se hóquei ia ser uma possibilidade para mim, considerando que já tinha ouvido que não, mas eu ainda estava segurando a esperança, esperando algum tipo de milagre. Eu recebi a minha resposta na forma de um pequeno sorriso que era mais como um olhar severo de cabeça baixa.

O doutor olhou para mim e eu me senti como um filho da puta patético. Com uma mão no meu ombro, ele simplesmente balançou a cabeça e me deu uma receita para um Percocet[14], que eu prontamente iria jogar no lixo no segundo que eu tirasse a minha bunda do consultório. Se eu não pudesse sentir dor, como eu ia me impedir de me ferir novamente? Como eu poderia saber que estava me curando?

[14] Remédio para dor.

Fodam-se os médicos. Foda-se o que eles disseram. Foda-se a porra da minha perna. Naquele momento eu encontrei uma nova determinação que não tinha estado lá no dia anterior. Independentemente do quanto demorasse, eu ia voltar para o gelo novamente.

Não só eu iria patinar novamente.

Eu iria *jogar* novamente.

Um pouco de dor não ia me parar. *Ninguém* ia me impedir.

No dia anterior, eu estava pronto para desistir de tudo e agora, depois de estar tão perto do final, eu só podia ver o meu caminho a seguir. Eu estava olhando através do túnel da morte e agora eu tinha a visão do túnel para o mesmo futuro que era meu apenas poucos meses antes. Eu iria usar cada segundo do meu verão provando a todos os opositores que eles estavam errados.

Pela primeira vez desde a minha lesão, eu me sentia mais leve. *Foda-se se eles dizem que você não pode. Mostre a eles que você pode.* Foi o que meu avô sempre me disse. Se ele ainda estivesse por perto, ele estaria tão decepcionado com a minha lesão como eu estava, mas deixando o consultório médico naquele dia, eu acho que ele ficaria orgulhoso.

Na faixa de pedestres no centro da nossa cidade, eu parei a minha cadeira de rodas e esperei a mão vermelha piscando no sinal ficar verde. Murray que se cansa de andar um quilômetro da casa para o consultório médico, estava roncando no meu colo.

Tirei a minha camisa, deixando uma camiseta que eu tinha por baixo, sem perturbar a bunda preguiçosa de Murray e atirei a camisa sobre a parte de trás da minha cadeira, onde eu tinha amarrado minhas novas muletas com uma corda elástica.

Era nem mesmo onze horas, mas a temperatura já estava bem mais de trinta e dois graus. Eu sempre gostei de Harper's Ridge. O calor. A praia. As meninas em biquínis 365 dias. A cidade era tão original quanto os turistas que visitavam.

Eu sempre amei observá-los com suas câmeras ao redor de seus pescoços. Você pode achar um turista a uma milha de distância, porque eles eram aqueles que sempre calçavam tênis em vez de chinelos.

Eles ficam com os rostos vermelhas de queimaduras solares e geralmente acabam de chegar de uma tempestade de neve em qualquer

cidade do norte que tinham abandonado temporariamente para reclamar o seu pedaço do paraíso.

Nas raras ocasiões em que a temperatura caia para vinte e um graus, eles eram os únicos ainda andando em seus trajes de banho, enquanto nós moradores estávamos cobertos com nossos calções de inverno e blusas de manga longa e estremecendo os três passos do carro até a casa.

Georgia tinha sido bom, também. O clima. O hóquei. Lagos, em vez do Golfo. Pontões[15] em vez de barcos de pesca. Pesca de água doce em vez de pesca de água salgada. Tão diferente, mas igual. Os últimos dois anos tinham sido um sonho, mas eu tinha esquecido o quanto eu senti falta deste lugar.

Ainda ontem eu não sentia nada, apenas desprezo pela cidade que eu costumava esperar as férias escolares para visitar durante o verão antes de me mudar pra cá permanentemente.

Um velho homem magro com um bronzeado profundo carregava uma vara de pesca e um balde, cruzando o asfalto quente, com os pés descalços. Ele me deu um sorriso sem dentes em seu caminho para o cais.

Eu me senti... melhor naquela manhã. Ainda perturbado, mas melhor, no entanto.

Eu sabia a razão da minha nova perspectiva de vida. A razão pela qual eu tinha uma vida.

ELA.

A menina no biquíni branco.

Durante a noite, a minha imaginação tinha conseguido o melhor de mim e repassei o afogamento e, em seguida, ela mergulhando dentro da piscina e me salvando, mas como um filme, meu subconsciente tinha tomado algumas liberdades artísticas. Substituindo sua carranca por um sorriso. Em vez de fugir como um pássaro, em meu sonho terminou com ela em seu joelho, os lábios enrolados no meu pau.

---

15 

Porra.

Eu estava ficando duro novamente, assim como eu tinha ficado a porra da noite inteira e cada vez que pensava nela. Não querendo ostentar a minha ereção maciça em público, eu me ajustei o melhor que pude. — Desculpe Murray, — eu disse, pedindo desculpas por acordá-lo e rolando-o para o lado para que eu pudesse ajustar o meu pau um pouco mais.

Rolei minha cadeira para frente quando o sinal ficou verde, grato que eu poderia começar a usar as muletas e começar a colocar a força de volta na minha perna. Murray caiu imediatamente no sono. Uma mulher idosa em sua scooter atravessou a rua comigo, ela me saudou quando passou por mim.

Passei pela rua que no verão passado costumava ter casas como a casa dos meus avós, mas agora estavam se elevando em mansões de praia, condomínios e hotéis de alto padrão. Meu avô sempre insistiu que não importava o quanto eles oferecessem, que eles iam ter que construir seus edifícios elegantes em torno de sua casa, porque eles iam morrer naquela casa de praia.

Que foi exatamente o que aconteceu.

O amor não era real. Não em minha geração de qualquer maneira. As pessoas se tornaram egoísta demais para o amor. No entanto, se alguém precisasse de uma prova de que isso realmente tivesse existido, eles tinham toda a prova que precisava do amor da minha avó e do meu avô.

Ostentar um pau duro em público não era legal, mas choramingar sobre meus avós também não era. Enfim, eu movi o meu sentimentalismo para fora. Que por sua vez me levou a pensar na garota. Eu me peguei pensando nela em todo o meu caminho de volta para a casa.

Fazer sexo vai resolver isso rápido.

Cavei meu telefone dentro do meu bolso Eu digitei uma mensagem para uma garota local chamada Thalia, já tinha ficado com ela alguns verões antes.

Ia ser o primeiro passo para limpar a minha cabeça e me sentir como eu mesmo novamente. E agora que eu estava me sentindo melhor, eu estava definitivamente no clima para alguma companhia, mais do que no dia anterior.

Deixei claro que não houvesse mal-entendido com as intenções na minha mensagem quando eu cliquei em enviar.

Antes de eu voltar para casa, Thalia já tinha respondido.

Estou indo. Beijos

Perfeito. Thalia me ajudaria a me livrar do enigma que era a menina no biquíni branco. Dentro de algumas horas, ela não seria nada mais do que alguém que estava no lugar certo na hora certa. Não mais do que uma memória difusa.

Pena que eu estava errado pra caralho.

Capítulo nove

NOLAN

Enquanto eu esperava por Thalia, eu tinha tomado um banho, algo que eu não tinha feito ao longo das últimas semanas. De repente eu estava muito grato que eu tinha ajudado meu avô a instalar a banheira para pessoas com deficiência alguns anos atrás.

Coloquei um novo par de calções e espirrei algumas gotas da colônia do meu avô que ficava guardada no fundo de sua gaveta de meias para ocasiões especiais. Coloquei uma camiseta limpa, embora depois da chegada de Thalia eu planejava não usá-la por muito tempo.

Eu enxotei Murray para o banheiro do corredor e escondi a pilha de correspondência e os jornais na gaveta do balcão, tentando várias vezes fechar a gaveta que já estava transbordando.

Não demorou muito antes de ouvir uma voz feminina do lado de fora.

Vozes?

Eu rolei para a janela da frente e espiei pela cortina de renda e, como eu esperava, Thalia estava na varanda, seus cabelos vermelhos encaracolados presos no alto da cabeça. Seus amplos seios espremiam para fora devido ao uso do sutiã três números abaixo da sua numeração. Isso não me surpreendeu, porque essa era apenas Thalia.

A pessoa que estava com ela que me chocou pra caralho.

Que porra é essa, o que ela está fazendo aqui?

Ela estava com o biquíni branco outra vez, as cordas do seu biquíni saíam do decote de sua camiseta e abraçava a curva de sua nuca. Uma bolsa azul estilo esportivo estava ao redor de seus ombros, o cordão preenchendo o espaço de seu decote. Seu longo cabelo loiro estava mais uma vez puxado em um rabo de cavalo elegante, as madeixas caiam timidamente pelas suas costas até a sua cintura fina.

Thalia era gostosa, era linda com todas as suas curvas femininas, uma pin-up dos anos vinte. Mas a de biquíni branco era mais gostosa, ganhava de Thalia disparadamente. Não havia nenhum sinal de maquiagem detectável em seu rosto. Cílios escuros. Lábios rosados e cheios.

Uma beleza sem esforço.

O tipo que o meu pau gostava porque ele saltou ao vê-la.

— Com licença, eu posso te ajudar? — perguntou biquíni branco, me surpreendendo mais uma vez. A mão de Thalia estava levantada em um punho como se ela tivesse prestes a bater.

— Ummmm... — Thalia murmurou, virando e se inclinando para trás para verificar o número da casa, se certificando de que não estava no lugar errado. — Estou à procura de Nolan, — ela disse, inclinando a cabeça para o lado e colocando as mãos nos quadris. — Me desculpa, mas quem é você?

Meu queixo caiu quando ela falou novamente. — Eu sou Rage, apelido para Regina. Nolan não está em casa agora, mas posso dar a ele o seu recado? — ela caminhou para a porta. Thalia olhou para a menina com a boca aberta quando biquíni branco descansou a mão na maçaneta como se fosse a dona do lugar.

Que diabos ela pensa que está fazendo?

E por que eu estou inclinando para destravar a porta?

O nariz de Thalia arrebitou em confusão. — Sinto muito, mas você é a faxineira ou algo assim? — ela perguntou, dando um passo para trás, para a rampa onde agora ela estava em uma posição elevada em relação a biquíni branco.

— Eu? — perguntou Rage, piscando para Thalia um sorriso que parecia qualquer coisa, menos genuíno. Seus lábios torceram para o lado de um jeito como se ela estivesse de alguma forma conseguindo sorrir e franzir a testa ao mesmo tempo. Foi a coisa mais horrível que eu já vi. Cobri minha boca para reprimir uma risada.

Eu poderia abrir a porta e perguntar o que diabos ela estava fazendo aqui, mandá-la embora e deixar Thalia entrar, tirar a roupa, e deixá-la pular no meu pau, mas a minha curiosidade falou mais alto e eu desesperadamente queria ver como esta cena estranha ia terminar.

Rage quebrou o seu sorriso estranho e com uma cara séria, ela disse: — Eu sou a esposa dele. Nolan estará de volta daqui a pouco, se você quiser entrar e esperar. Ele deu um pulo na farmácia para trazer alguns absorventes internos. Ele é tão útil.

Thalia deu mais um passo para trás. — Eu uh, — disse ela, que já se encontrava completamente fora da rampa e quase na entrada da garagem.

— Eu suponho que você está aqui para a posição de babá? — perguntou Rage, batendo em seu estômago. Os olhos de Thalia se arregalaram com um completo horror. — Eu sei que a barriga ainda não apareceu, mas nunca é cedo demais para começar a procurar uma boa ajuda.

— Eu achei que você tinha dito que ele tinha saído pra comprar absorventes? — perguntou Thalia, cruzando os braços sobre o peito e projetando um lado do quadril para frente.

— Sim, — Falou Rage, não corrigindo a mentira que tinha sido apanhada. Ela apontou para o estômago igualmente plano de Thalia. — Uau, você está esperando também? Devemos ir comprar o enxoval do bebê juntas. Eu não conheço muitas pessoas por aqui e...

Num acesso de raiva, Thalia se virou e foi embora. Thalia não esperou Rage terminar a frase. Eu esperava que a garota, que eu agora sabia que se chamava Rage, fosse rir de sua própria piada, ou fazer algum tipo de dança da vitória por se livrar da minha convidada, mas lá estava ela, olhando para a porta. Seu rosto completamente ilegível.

— Você vai abrir a porta ou apenas olhar para mim pela janela o dia todo? — ela perguntou com um suspiro. Ela encontrou os meus olhos através da cortina de renda.

Merda.

Minha tarde tinha acabado muito mais interessante.

RAGE

É claro que no segundo que eu decidi realmente fazer contato com o meu alvo, uma menina com peitos do tamanho do Lago Okeechobee subia a rampa até a casa de Nolan.

O tempo todo que eu estava tentando me livrar da peituda, eu senti os olhos dele em mim através da janela. No entanto, eu continuei com as minhas mentiras, mesmo sabendo que ele podia me ouvir. Uma parte de mim queria que ele abrisse a porta e me chamasse. Embora não tivesse o conhecido oficialmente, ainda estava irritada com o incidente da piscina, mas eu gostei de potencialmente provocar a sua ira do jeito que ele tinha provocado a minha.

— Você vai abrir a porta ou apenas olhar para mim pela janela o dia todo? — perguntei depois que eu com êxito botei a garota pra correr. Me virei para onde eu o sentia me olhando através da janela.

— Tá aberto, — disse Nolan. — Entre, caralho.

Entrei e recostei na porta, ouvi o clique atrás de mim. Olhei para a sala e rangi os dentes.

Isto é aonde a poeira veio para morrer.

— Você quer me dizer o que diabos foi tudo isso? — Nolan retrucou, empurrando o queixo para a porta. Suas mãos estavam em volta dos braços da cadeira como se estivesse a ponto de derrubá-las a qualquer momento.

Mesmo sentado em uma cadeira de rodas o homem é enorme. Se eu fosse o tipo de pessoa que poderia ser intimidada, ele seria a pessoa.

Mas eu não era.

Encolhendo os ombros, eu decidi tentar dar uma mão para essa coisa do Smoke, mas não estava tão entusiasmada como costumo ficar. — Eu não a queria aqui, então a fiz ir embora, — eu admiti.

Nolan riu, embora eu não pudesse dizer se ele realmente achava engraçado o que eu tinha feito ou se ele estava apenas rindo porque ele não podia acreditar. Seu cabelo rebelde era longo o suficiente para ser colocado atrás das orelhas, o que foi exatamente o que ele fez. Mesmo com a barba por fazer, a sua covinha ainda era mais proeminente na face esquerda do que era na sua foto escolar.

— Eu te salvei ontem, — eu soltei, ficando desconfortável tanto sob o seu olhar quanto ao seu silêncio.

Nolan bufou. — Sim, e depois você correu.

— Você me deixou puta, — eu admiti, agarrando a minha bolsa mais apertada no meu peito. — Não foi a coisa que me deixou mais puta, mas em uma escala de um a dez, lhe darei um forte seis. — os olhos de Nolan seguiram meu movimento e pousaram no meu decote. Mudei a minha bolsa novamente até que ele estava cobrindo meu peito completamente.

Nolan limpou a garganta. — Como exatamente o meu afogamento te irritou? — ele perguntou. Estava escuro dentro da casa. Mofado. A única luz vinha através das janelas da sala de estar que não tinham cortina.

Tudo, desde os móveis de vime branco desbotado e lascado, até a pequena TV em um suporte no canto, era velho e empoeirado. Um feixe rebelde da luz do sol iluminava a enorme quantidade de poeira, pois voava ao redor em pleno ar. Senti a minha garganta fechar. Eu esperei qualquer poeira mutante nessa casa provocar alguma reação alérgica desconhecida em mim e por um segundo desejei ter uma daquelas injeções em que poderia fincá-la na minha coxa quando o choque anafilático chegar.

Meu peito ficou apertado. Um buraco no meu estômago cresceu. Eu tinha o desejo de limpar a garganta. Ou tossir. Ou respirar em um daqueles sacos pardos de pânico. Ótimo. A casa era velha. Contaminação por amianto era uma boa possibilidade de se contrair aqui. Assim como o chumbo.

Eu firmei meus olhos em Nolan e tentei me concentrar em sua covinha em vez da morte por micróbios e poeira. — A sua piscina é nojenta.

— Minha piscina? — a testa de Nolan vincou e ele esfregou a ponte do nariz entre dois de seus dedos. — Você estava no telefone. Você estava falando com alguém e ia me deixar afogar, mas depois você me salvou. Que diabos foi aquilo?

Eu passei o peso do meu corpo de um pé para o outro.

— Ummm... eu estava tentando pedir ajuda, mas não tinha nenhum sinal...

Eu estava ligando para Smoke para ver se eu deveria apenas deixar você se afogar. Você está vivo, então obviamente o argumento não foi suficiente.

Nolan levantou uma sobrancelha para mim. Ele não acreditou em mim. Até eu não acreditava em mim.

Merda.

Eu rapidamente mudei meu argumento. — Eu vim para cá para ver como você está.

— Eu ainda não entendo como uma piscina te deixou tão irritada, — disse Nolan, incapaz de me seguir para o novo tópico da conversa que eu estava tentando levá-lo.

Mordi o lábio inferior e olhei para o chão sujo. Isso ia ser mais difícil do que eu pensava. Mas se Smoke queria que eu dissesse a esse garoto a verdade, então foda-se. Seria completamente culpa dele quando o seu estúpido plano saísse pela culatra.

O que de pior poderia acontecer? Nolan iria ficar desconfiado? O trabalho iria para o ralo? Eu poderia acabar com esse fiasco mais cedo. Não parecia tão ruim assim.

Soltei um rosnado frustrado. — Ok, então vou dizer como vai ser, — eu disse, deixando meus ombros cair, assim como minhas pretensões. Eu quase respirei fundo antes de pegar outro vislumbre da tempestade de poeira na sala de estar. Em vez disso optei por várias respirações curtas. Tirei a bolsa dos meus ombros e fui até a cozinha aberta, atirando-a sobre o balcão, que parecia que tinha sido recentemente limpo, então eu o usei como meu lugar seguro.

Nolan cruzou os braços sobre o peito amplo e bem definido, fazendo com que as veias se movessem. Seus antebraços eram maiores do que as minhas pernas.

Ele limpou a garganta.

— Oh, certo. O meu nome. Eu falo que é Rage, mas eu minto para todos falando que é uma abreviação de Regina, mas é realmente apenas um apelido que foi me dado quando eu era criança porque eu tive... *tenho* problemas, do tipo me irritar com as coisas. Isso é claro sem mencionar o meu pequeno caso de TOC, leve às vezes, mas principalmente forte em relação à germefobia e hipocondria. Oh, mas esse último tem sido totalmente melhor desde que eu deletei o aplicativo Web MD do meu telefone. Eu não digo às pessoas o meu nome

verdadeiro, porque, francamente, eu prefiro não dizer. — eu olhei para Nolan para me certificar de que ele ainda estava me acompanhando. Ele estava, seus olhos seguindo os meus em cada movimento.

Essa coisa da verdade não era tão ruim. Por enquanto, tudo bem.

Empurrei meu corpo para fora do balcão me aventurando para fora do meu lugar seguro e fiz meu caminho em torno do pequeno espaço quadrado. Eu examinei as fotos emolduradas nas paredes da família, principalmente um casal de idosos e uma versão mais jovem de Nolan.

Havia uma enorme quantidade de bugigangas cobrindo todas as superfícies disponíveis, que estava toda coberta por uma camada de pó e sujeira. A cozinha, sala de jantar e sala de estar eram amontoados em uma pequena área.

— Continue, — disse Nolan, me pedindo ir adiante. — Não pare agora.

— Eu estava por perto quando eu vi você se afogando, — eu comecei. — E quando você caiu na piscina, o meu primeiro pensamento não foi salvá-lo, — eu disse, pressionando algumas teclas de um pequeno piano que ficava no canto da sala.

— Não? — perguntou Nolan, embora ele não parecesse surpreso.

Eu balancei minha cabeça, meu rabo de cavalo balançando de um lado para o outro, levemente batendo contra os meus ombros. — Não. Meu primeiro pensamento foi da sua piscina nojenta. Das coisas invisíveis que poderiam estar escondidas lá apenas esperando para fazer o seu caminho dentro de mim e me matar, como uma bomba em um temporizador. Você já ouviu falar de ameba comedora de cérebro? Procure. Mas não na Web MD. Um mergulho na água infestada e alguns germes filhos de uma cadela entram pelo seu nariz e corroem o seu cérebro. O seu próprio apocalipse zumbi parasita que você nem sabe sobre eles até que seu nariz sangra e você morre.

Nolan permaneceu em silêncio como se ele estivesse esperando que eu continuasse. Mas quando eu não disse nada, ele finalmente falou. — Você estava irritada comigo… por causa da piscina?

Suspirei. — O mesmo que dizer: 'Limpe. A. Porra. Da. Piscina'. — eu joguei aspas no ar ao longo das últimas palavras que eu tinha falado com ele antes de correr para uma rodada de antibióticos

preventivos. Eu joguei o meu biquíni antigo fora e fui até a uma loja de biquíni e saí de lá usando um biquíni novo.

Através das portas de vidro deslizantes, a pequena casa velha tinha uma vista e tanto para o mar. O sol começou a se pôr, caindo rapidamente por trás das ondas pequenas. — Eu estou aqui para o verão, — eu disse, ainda olhando para fora da janela. Um rapaz correu pela plataforma perseguindo um Frisbee. — Eu vi você perto e percebi a sua perna. — eu me preparei para o que eu estava prestes a dizer em seguida. — Eu preciso de um lugar para ficar por um tempo, — eu olhei ao redor da sala e voltei o meu olhar para Nolan. — E você precisa de alguma ajuda por aqui.

Nolan não parecia convencido. — E o seu tio achou que seria uma boa ideia você ter alguma ajuda.

— Você sabe quem é o meu tio? — perguntou Nolan. Houve um pequeno traço de alarme em sua voz, mas desapareceu tão depressa como apareceu.

— Não, eu só sei que alguém falou com ele recentemente. Disse que você pode ficar bem comigo aqui, em troca de te ajudar.

— Que tipo de ajuda? — seus olhos novamente viajaram por toda a extensão do meu corpo. — Além disso, o que a faz pensar que preciso de ajuda? — ele perguntou defensivamente.

Olhei para o teto e, em seguida, para o chão. — Oh, eu não sei, talvez os dez centímetros de pó no piso e cada superfície neste lugar. Talvez o bolor crescendo no canto, o lodo crescendo em sua piscina, a menina com o piercing na língua em sua porta no meio da tarde, — eu o desafiei, sem saber por que mencionei a menina. Então eu rapidamente acrescentei: — Você sabe quão sujo um piercing na língua pode ser se não cuidar be-

— Ela tem um piercing na língua agora? — perguntou Nolan, me cortando.

Eu tive a súbita vontade de empurrá-lo de volta para a piscina. — Eu vou limpar esta casa. Eu vou cozinhar, embora eu seja melhor em fazer bolos. — Eu dei um passo atrás de sua cadeira, virando-o para a cozinha para mostrar a ele o quão grande poderia ser a minha ajuda. — Eu te digo uma coisa, eu vou ficar de olho para que você não se afogue na piscina pelo menos durante o verão.

— Você está fugindo de alguma coisa, Rage? — perguntou Nolan, me pegando desprevenida.

— Não, eu parei de fugir a muito tempo.

Nolan ficou em silêncio por um momento. Eu me aproximei de sua cadeira e ele estendeu a mão para mim. — Bem então. Eu acho que é bom conhecê-la, Rage-eu-não-sei-seu-real-nome, germefóbica e hipocondríaca com problemas de irritação, sem sobrenome, que não foge mais de nada. Eu sou Nolan, recentemente ferido, ex-amigo de foda de uma mulher que decidiu se tornar um depósito de esperma on-line, que perdeu a de hóquei, e chafurdou na auto piedade, que álcool certamente é um grupo de alimentos, Archer.

Fiquei olhando para a mão dele como se estivesse empunhando uma faca. Nolan se aproximou como se estivesse indo me tocar e eu pulei para trás. — Calma aí, tigre, — ele disse, abrindo a pequena garrafa de plástico de desinfetante para as mãos da minha bolsa, generosamente aplicando nas palmas das mãos e entre os dedos.

Por que ele não está me dizendo para dar o fora depois de tudo que eu disse? Talvez ele seja mais demente do que eu.

Provavelmente não.

— Vamos tentar isso de novo, — disse Nolan, estendendo a mão recém-higienizada. — Eu sou Nolan e tudo que eu disse antes.

Meu estômago virou. Eu estava prestes a mudar de ideia e dizer a ele para esquecer tudo o que eu tinha acabado de dizer e deixar para lá quando ele disse: — Vá em frente, aperte a minha mão, garota germefóbica, — ele desafiou, sussurrando: — Eu te desafio.

Desafio *aceito.*

Agarrando sua mão estendida, eu tinha toda a intenção de saudar rapidamente e dar um passo atrás. Mas quando minha mão encontrou o calor da sua e seus grandes dedos cobriram a minha mão, eu permaneci parada por um momento muito longo. Fiz um movimento para me afastar, mas ele apertou minha mão com mais força, me puxando, então meu nariz estava quase tocando o seu. Quando ele sussurrou para mim de novo, seu hálito frio soprou contra a minha bochecha. Suas palavras, tão baixas e tranquilas eram quase inaudíveis.

Quase.

Sorte a minha que eu tinha uma excelente audição.

Azar se encaixava melhor.

Ele soltou minha mão de repente e eu tropecei para trás. Me afastando, me movi novamente para a sala com as portas de vidro deslizantes e foquei a minha atenção para fora da janela. Nolan riu me seguindo indo para a sala. Eu esfreguei meu polegar sobre a palma da mão, que ainda estava quente do seu toque. O ar condicionado deveria estar tão quebrado como o resto da casa porque a sala pareceu incrivelmente quente.

Eu provavelmente deveria verificar a minha temperatura.

Escuridão invadiu o céu laranja e o sol e a lua mudaram de turnos.

Este é apenas um trabalho. Um trabalho como qualquer outro. Você sempre termina os seus trabalhos. Você consegue fazer isso.

Eu não ia deixar que nada me distraísse da tarefa que tinha em mãos, nem mesmo as palavras que Nolan sussurrou para mim. As palavras que deixaram arrepios espalhados por toda a minha pele e minhas palavras ficaram presas na minha garganta. Talvez eu tivesse ouvido errado.

Mas eu sabia que eu não tinha.

— Foi fofo você ter achado que eu estava realmente deixando você ir.

Smoke estava errado sobre ele.

Nolan Archer não era nada comum.

Capítulo dez

RAGE

— Isso não é uma moto, — Nolan anunciou a partir da entrada da porta aberta da frente. Eu tinha acabado de estacionar Delilah ao lado de seu jipe. Eu afastei um mosquito que pousou no meu pescoço e me lembrei de ir comprar spray e velas de citronela e talvez algumas dessas raquetes elétricas que fazem um ruído alto quando mosquitos são eletrocutados. Mosquitos são responsáveis por pragas. Ou talvez fossem os ratos. De qualquer forma, os mosquitos tinham que sumir.

Sim. A raquete elétrica era uma obrigação.

— Bem, é a minha versão de uma moto. Delilah me leva de um lugar para outro muito bem, — eu disse, tirando o mosquito morto com a palma da minha mão como se fosse um pitbull agarrado no meu pulso.

— Delilah? — Nolan perguntou divertido, seus olhos dançando, enquanto me observava ganhar a batalha sobre o mosquito.

— Sim, Delilah. Não a julgue, você nem sequer a conhece. Você é algum grande afeiçoado de moto ou algo assim? — perguntei, tirando uma agulha de pinheiro do para-choque de trás da minha scooter.

Nolan agarrou no batente da porta e se levantou um pouco para fora de sua cadeira para que ele pudesse alcançar o interruptor de luz. Ele apontou para a área sob a casa coberta com as videiras encima de uma cobertura de madeira barata que agora estava banhado em luz antes de se sentar novamente. — Vá ver por si mesma, — disse ele presunçosamente.

Espiando pelas grades e através das teias de aranha que estavam felizmente por outro lado dele, sob a casa, em uma área de armazenamento temporário, junto às varas de pesca decrépitas e brinquedos de piscina enferrujados, vi uma silhueta de uma moto, coberta por um material tipo lona fina. — Parabéns para você, você tem uma moto. — eu disse, me virando e caminhando de volta até a rampa. — Isso deveria me impressionar? Quer dizer, a coisa boa é que

ela se parece com uma Harley, então pelo menos não é uma moto de mocinha. Mas eu vou deixar você saber agora que se for uma Honda ou uma Crotch Rocket, eu não vou ficar aqui e o nosso negócio está acabado.

Nolan sorriu enquanto empurrava em sua cadeira, rolando-a mais para dentro da casa para que eu pudesse fazer o meu caminho de volta para dentro. — Então eu acho que o nosso acordo ainda está de pé porque aquela senhorita na verdade é um menino enorme. — ele parou e olhou para mim como se ele estivesse esperando algo. — Eu vou considerar a sua completa falta de entusiasmo que você ainda não está impressionada.

Eu usei o cobertor de jogar no encosto do sofá para escovar a poeira da almofada, que felizmente estava coberta de plástico.

Nolan rolou a sua cadeira para a cozinha sussurrando para a geladeira antes de se juntar a mim. Ele voltou e colocou uma das duas cervejas na mesa de café. Ele tirou um grande saco de pipoca de seu colo e jogou para o sofá.

A outra cerveja, ele abriu batendo contra o canto da mesa de café, mais uma tampa se juntou com as outras centenas idênticas que tinha no mesmo lugar. Ele entregou a cerveja aberta para mim e fez o mesmo com a outra garrafa. Quando eu envolvi minha mão em torno do gargalo da garrafa fria, seu aperto demorou e ele recuou ligeiramente. Nossos olhos se encontraram por uma fração de segundo antes dele soltar a garrafa.

Um arrepio percorreu a minha espinha.

Deve ter sido o início de uma febre causada por alguma infecção Eu provavelmente devia estar com uma. Eu fiz uma nota mental para excluir o aplicativo de enciclopédia do meu telefone, que depois da minha febre de antes, eu tinha certeza de que o meu fim estava próximo.

— Você sabe muito sobre motos? — perguntou Nolan.

— Uh, um pouco, — eu disse, mordendo meu lábio inferior. Era uma pequena mentira. A verdade era que eu sabia, sabia muito, alguns dos MCs eram meus maiores clientes e, portanto, fora dos limites e não era permitido estar perto de Truthville. — Mas eu cresci em uma cidade com uma concessionária da Harley. Sabe, uma daquelas grandes. Motos por quase todo o fim de semana. Meu amigo Cody e eu nos sentávamos em cima das mesas de piquenique na parada de

caminhões no lado da estrada e observávamos elas descerem das rampas dos caminhões. Íamos na concessionária e aprendíamos os nomes de todas as motos e gritávamos quais eram quando elas passavam por nós.

A cerveja de Nolan foi interrompida em seus lábios. Ele olhou para mim como se ele pudesse ver através de mim, mesmo que ele não deveria porque o que eu estava dizendo a ele era a verdade. Bem, exceto sobre não saber muito sobre motos. — O que você acabou de dizer soa muito e não como pouco.

— Você cresceu em torno de um monte de motos? — perguntei.

Nolan concordou. — Motos. Motoqueiros. Difícil evitá-los nesta cidade, — disse ele. — Eu não sei se você está ciente, mas temos dois dos maiores MCs no estado do outro lado da calçada em Logan's Beach.

Eu balancei a cabeça e tomei um gole da minha cerveja, com medo de que se eu não fizesse alguma coisa com a minha boca a verdade sobre o que eu sabia derramaria por entre meus lábios.

Nolan estava clicando em algo sobre o lado de sua cadeira de rodas que afrouxou o braço para que ele pudesse deslizar para baixo. Os músculos em seus antebraços ficaram flexionados e tensos quando ele se levantou e se moveu para o sofá, pousando com um grunhido contra as almofadas.

— Dói? — perguntei, apontando para sua perna.

Seu rosto se amassou. — Não, obrigado por ajudar, porém, — Nolan disse sarcasticamente com os dentes cerrados. Ah, sim, o menino definitivamente sentia dor.

— Você foi muito bem por conta própria, — eu apontei.

— Sim, eu costumo ir muito bem, mas eu vi o doutor esta manhã e ele mudou o meu antigo gesso para este menor, então é difícil reposicioná-lo. Eu deveria começar a usar muletas, mas não tentei ainda, — disse ele, posicionando o seu pé para descansar a perna ferida em cima da mesa de café.

— Como você fez isso? — perguntei por curiosidade. — Hóquei, certo? Foi no treino ou em um jogo?

— Como você sabe disso? — perguntou Nolan, se inclinando para longe de mim.

— Porque eu posso ler a sua mente, — eu disse, acenando minhas mãos no ar como uma mística. Baixei minhas mãos quando ele continuou a olhar para mim sem expressão. — Você me disse. Quando você se apresentou. Lembra? Você é Nolan e se feriu no hóquei?

— Oh, sim, — disse Nolan, esfregando a ponte de seu nariz.

— Eles pegaram você com uma grande quantidade de drogas ou algo assim? — eu questionei, me perguntando por que ele estava tão de repente desconfiando de mim quando antes, ele concordou em me deixar ficar em sua casa sendo que ele nem sequer me conhecia.

— Eu só tenho um monte de coisa na cabeça. — ele me ofereceu um pequeno sorriso. — Não foi em um jogo.

— O quê?

— Você perguntou como eu feri a minha perna. Não estava em um jogo. Nem mesmo foi no treino. A verdade é que eu entrei em uma briga.

— Acho que você perdeu?

Nolan olhou para mim como se eu tivesse acabado de bater na sua porta e lhe perguntado se ele aceita o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo em sua vida. — Não, caralho. — Nolan cuspiu, revirando os olhos.

— Tudo bem então, brigão, o outro cara está com um colar cervical na garganta?

— Não, engraçadinha. Pelo menos eu acho que não. Eu estava bebendo com os amigos. Esse cara que eu nem conhecia direito, mas ele aparentemente me conhecia, começou a falar merda comigo. Nós saímos. Antes que eu batesse nele, ele tirou uma lâmina e cortou a porra da minha perna. Doeu como um inferno, mas eu nem sequer senti, não até depois de eu dar uma surra naquele filho da puta. — Nolan suspirou e olhou para o teto.

Eu não sei se eu deveria dizer alguma coisa, então eu fiquei quieta enquanto ele terminava a sua história. — Ele teve sorte de eu não matá-lo. — as juntas de Nolan ficaram brancas ao redor do gargalo de sua cerveja, que ele finalizou em poucos goles longos.

Ele respirou fundo e acenou. — Chega dessa besteira, — disse Nolan. — Aqui. — ele chegou por trás de sua cabeça e agarrou algo

antes de voltar para o sofá. Ele me jogou um controle remoto. — A escolha é das mulheres.

Eu peguei e comecei a passar os canais, grata por ver algo além de morder o lado do meu polegar, o que era um hábito que eu nunca tinha tido êxito em exterminar, embora eu estivesse tentando parar desde que eu era uma criança.

As mãos são sujas e tudo mais.

— Sabe, você é a única pessoa que eu contei essa história e que não disse sinto muito. — disse Nolan.

Apertei os lábios. — Por que eu iria dizer sinto muito? Eu não sou a pessoa que bateu em você, — eu disse. A tela da TV brilhou no escuro, iluminando a sala com cada clique do meu polegar como um raio cortando através de um céu à noite.

— Não, — Nolan riu. — Não, você não me bateu. — nós dois estávamos de novo em silêncio por um momento, antes que Nolan de repente perguntar: — Como você está fazendo isso? — ele apontou para o controle remoto na minha mão e depois para a TV. — Você está passando pelos canais muito rápido.

— E daí? — perguntei, continuando o meu ataque no botão de trocar de canal. — Você tem certeza que está bem comigo ficando aqui? Quer dizer, talvez seus pais não gostem.

Calma, Rage.

— Sim, mais do que bem. A casa foi dos meus avós antes de morrer.

— Explique o plástico, — eu disse, me remexendo ao redor, fazendo barulho no sofá.

— Sim, essa era a minha avó. — disse Nolan. — Meus pais não gostavam de tirar fotos. Eles vendem imóveis internacionais ou alguma merda assim. Normalmente fico meses sem ouvir deles. Desta vez tem sido um longo tempo. Não os vejo desde que os meus avós morreram e honestamente, eu não estou exatamente sentado esperando que o telefone toque. — disse Nolan e eu sabia que havia mais história. Eu precisava descobrir por Smoke, mas não pressionaria, não queria levantar suas suspeitas.

— Você é próxima de seus pais? — perguntou Nolan. — Ou eles são as pessoas de quem você está fugindo?

Eu refleti sobre sua pergunta e pensei nas ligações diárias. Eu poderia falar com eles todos os dias, mas dizer mentiras conta como ser próxima? — Tão próximos como nós podemos ser, — eu respondi, e felizmente parecia ser o suficiente de uma resposta e ele não intrometeu mais.

Nolan apontou para a TV novamente. — Nunca mais vou te deixar tomar conta desse controle com esse polegar no gatilho.

Eu sorri, mas não porque ele apontou para minhas habilidades de folhear os canais, mas sim em seu uso do 'polegar gatilho'. — Não me julgue da mesma maneira como você julga Delilah. Eu assisti tanta TV enquanto crescia que eu provavelmente poderia lhe dizer o que está passando agora sem sequer virar o rosto, mas eu não conheço os números dos seus canais aqui, então vou passando os canais enquanto eu trabalho minha magia. — eu enrugo o meu nariz ao esticar a minha língua assim como eu tinha dez anos de idade e fazia na varanda de Cody.

— Alguém já te disse que você fica uma gracinha quando você está com raiva? — perguntou Nolan.

Eu parei, o meu polegar pairando sobre o botão. — HA! Não nesta vida. E confie em mim, isto não é raiva. Você não quer me ver irritada. — a cerveja deve ter ido para a minha cabeça porque a minha raiva não era algo que eu queria falar com ele.

Definitivamente havia algo de errado comigo. *Mais* errado do que o habitual. Eu tinha certeza disso. Eu fiz uma nota mental para baixar novamente o Web MD depois que Nolan for dormir.

Olhei de volta para o ventilador que tinha chamado minha atenção desde que eu entrei na casa. Havia algo errado com esse ventilador. E com o universo. Sim, era definitivamente a porra do ventilador sujo de todo mundo que estava errado. O ventilador fez um barulho, enviando poeira cinza escura sobre as bordas das pás, aterrando na mesa da sala de jantar. Eu me encolhi.

Nolan não pareceu notar. Ele levantou uma sobrancelha para mim. — Estou curioso para ver como você fica quando está irritada, — disse ele, — toda vermelha e corada, — mas ele não estava tirando sarro de mim. Ele não estava rindo. A maneira como ele disse era baixo e profundo. Ele poderia muito bem ter dito: 'Estou curioso para ver como você é nua'. Para mim, a coisa do nua seria menos invasivo do que se ele me visse durante um dos meus ataques de raiva.

Estava ficando muito pessoal.

Demais.

Alcancei o saco esquecido entre nós, rasguei e peguei um punhado de pipoca, colocando em minha boca o tanto que coube. Joguei o controle remoto de volta para Nolan, que clicava sobre o controle em um ritmo mais lento, enquanto eu fui até a geladeira para pegar mais cerveja, mesmo que a minha ainda estivesse meio cheia. — Você não deveria estar curioso, — murmurei para mim mesma. — Fofa é a última coisa que eu sou quando estou com raiva. Pergunte aos meus pais, meus psiquiatras, meu professor, Smoke, ou Cody.

— O quê? — Nolan perguntou. Felizmente, a TV entrou em erupção de tiros. Eu sentei no sofá e cruzei os pés debaixo de mim, então eu estava sentada em minhas panturrilhas.

Para meu espanto, a bola babona e cheia de germe de Nolan chamado, Murray, veio gingando para fora da sala. Dentro de alguns minutos ele estava dormindo no sofá entre nós, o ronco mais alto do que Smoke depois de uma noite de bebedeira.

— Eu amo esse filme, — disse Nolan, tomando um gole de sua cerveja fresca. Então, na tela, Jason Statham correu através de um pátio. Um segundo depois, um carro atrás dele explodiu, levantando do chão em uma bola de fogo dramática.

Tão irrealista. Carros nem sequer fazem esse tipo de ruído quando eles explodem na vida real. Efeitos sonoros irrealistas do caralho. Na realidade, a explosão de um carro é longe de ser tão dramático. É realmente muito abaixo do esperado. — Você já viu antes? — perguntei. — É sobre o quê? — eu sorri.

Nolan concordou com a cabeça, enterrando a mão na pipoca. — Sim, é aquele em que o Statham resgata uma menina e eles fogem tentando escapar daquele cara, — ele apontou para a TV, — porque ele está atrás da garota.

Eu ri.

— Qual é a graça? — perguntou Nolan, deslocando os olhos do filme para mim. Seu olhar permaneceu no meu peito antes de arrastar para o meu rosto. Eu fingi não perceber, mas eu tive a sensação de que Nolan não se importava se eu reparasse nele olhando.

— Nada, — eu ri. — É porque um amigo meu tinha essa coisa de…

— Cody? — Nolan interrompeu. — Você mencionou antes.

Eu balancei a cabeça. — Sim, Cody. — parecia estranho dizer o nome dele em voz alta, especialmente para um alvo e depois de tanto tempo de não dizer a não ser na minha cabeça, ou para minha mãe quando ela o trazia no assunto. O que ela fazia. Em *toda* conversa. — De qualquer forma, ele costumava fazer essa coisa de arranjar alguém para descrever um determinado filme de Jason Statham. Então ele descrevia outro filme estrelado por Statham, e, basicamente, a piada era que, geralmente, todos os filmes de Jason Statham poderiam ser descritos da mesma forma exata.

Nolan parecia como s estivesse pensando sobre o assunto. Ele moveu os lábios enquanto pensava, falando silenciosamente para si mesmo. Seus lábios eram cheios e me peguei pensando se eles eram tão suaves quanto pareciam, quando ele começou a rir. — Sabe de uma coisa, eu acho que você tem razão.

Eu elaborei. — Os personagens de Statham correm de bandidos com uma garota pobre a tira colo. Explosões e caos acontece. — olhei para a minha cerveja e peguei o cantinho do rótulo. — Sim, Cody sempre ficava falando coisas como essas. — levantando a garrafa à boca, dei um grande gole da minha cerveja e engoli em seco.

— *Cody* é seu... namorado? — perguntou Nolan, dizendo o nome de Cody como se ele deixasse um gosto ruim em sua língua.

— Não. Apenas um amigo. — eu suspirei. No espírito de honestidade, acrescentei: — Ele era o meu único amigo.

— Era? — perguntou Nolan, se virando para mim tanto quanto a sua perna estendida permitia.

— Sim, é complicado, — eu admiti. — Olhando para trás, talvez eu nunca fui amiga dele, para começar. — eu não tinha vontade de falar sobre Cody mais. Eu dei de ombros como se perder o meu único amigo fosse grande coisa. Mais uma vez, meus olhos foram atraídos até o ventilador, a poeira sobre o ventilador não tinha saído dos meus pensamentos desde que eu tinha entrado na casa. Na minha cabeça, as bactérias se multiplicavam a cada segundo. — Seu ventilador é nojento.

— Assim como a piscina? — perguntou Nolan, fazendo uma cara de nojo, e eu sabia que ele estava imitando o olhar que eu tinha quando eu o puxei da piscina. — Se isso faz você se sentir melhor, eu não sou a porra de um porco completo. Este lugar estava vazio por um longo tempo antes de eu vir para cá, — disse Nolan, acrescentando à minha

observação do ventilador enquanto ele falava. — E como você pode ver, — Nolan apontou para sua perna, — eu não estou exatamente em posição de escalar no momento. As calhas estão precisando de algum reparo também. Acho que elas não foram tocadas desde que eu as limpei e isso foi há anos. O deck precisa ser polido e a lista continua. No entanto, se você quiser ir em frente e começar a limpeza, você é mais que bem-vinda para ir para a cidade e...

Nolan mal tinha deixado as palavras saírem da sua boca e eu já tinha puxado uma cadeira da mesa da sala de jantar. Agarrei o espanador barato que eu vi na cozinha inclinado contra os armários. Era um daqueles de plástico que você compra no supermercado. O tipo com o cabo flexível super leve que sempre quebra dentro de alguns usos, mas para quebrar você teria que usar primeiro.

— O que exatamente você está fazendo? — perguntou Nolan, seus músculos abdominais flexionaram sob sua camisa quando ele fez um movimento para se levantar, temporariamente esquecendo sobre sua perna. — Você vai cair, — ele rosnou em frustração. Até o momento que ele se jogou de volta no sofá, eu já estava limpando a poeira da primeira lâmina. — Eu estava brincando, Rage. Você não tem que limpar agora.

Eu balancei a cabeça, grata que Nolan continuou no sofá, porque se ele fosse tentar me tirar daqui eu teria que chutar a sua bunda. — Eu estive olhando para essa porra de ventilador desde que eu passei pela porta. Isso precisa ser cuidado agora antes que os monstrinhos de poeira cresçam e o ataque no meio da noite em seu sono.

— Isso é um problema? — Nolan perguntou, parecendo se divertir. Ele tomou um gole de sua cerveja, me observando enquanto eu limpava o ventilador.

— Com certeza é. — eu levantei o decote da minha blusa em meu rosto, usando como uma máscara facial temporária.

— O que exatamente você está fazendo? — perguntou Nolan, sua voz soou de repente tensa.

— Eu estou cobrindo minha boca e nariz para me proteger de qualquer coisa que voe para fora do ventilador e antes que entre em e mim e encontre um ponto quente dentro do meu corpo para florescer ou crescer ou mutar ou o que quer que os germes fazem, — eu respondi. Me virei para Nolan e ergui o espanador que era branco, mas agora completamente preto. — Mas a pergunta que você deve estar se fazendo é, você realmente quer esperar e descobrir o que acontece se

você não fizer nada? — minha voz foi abafada através do tecido fino da minha camisa.

O sorriso de Nolan endireitou enquanto seus olhos corriam para baixo da minha camisa, a pele exposta acima da cintura do meu shorts. Ele limpou a garganta. — Eu ainda não quero você aí em cima, — ele murmurou com a voz rouca. Ele se sentou no sofá e acenou com a cerveja ao redor da sala, rapidamente olhando para longe, de volta para a TV. Ele engoliu em seco e seu tom ficou mais leve. — Mas se você quer tanto assim, continue. Combata os potenciais monstros de poeira e qualquer coisa que seja mal e vá fazer mal para mim enquanto eu durmo. Te agradeço por seu sacrifício em me proteger. — ele baixou a cabeça.

Protegê-lo. Essa era uma verdadeira piada.

Exceto que, ali de pé na mesa da sala de jantar dos seus avós, limpando o seu ventilador... não era tão engraçado.

Eu continuei no ventilador. — Você ri agora, mas espere eu chegar até essa sua geladeira. Quando eu peguei a cerveja mais cedo, eu vi mofo na gaveta que precisa ser tirado dali. — Nolan se inclinou mais à frente no sofá quanto o seu gesso permitiria. Em um sussurro alto, acrescentei: — Eu tenho certeza que uma das bolotas verdes piscou para mim.

Nolan caiu sobre as almofadas e soltou a risada mais alta e mais longa que eu já tinha ouvido. Era uma daquelas risadas verdadeiras que você não apenas ouve, mas você sente. Isso me fez rir também, eu fiz um rápido trabalho no ventilador, enquanto Nolan murmurava para si mesmo sobre eu ser uma garota estranha e engraçada. Ele clicou no controle remoto, provavelmente tentando encontrar um filme menos previsível do que qualquer coisa com o Statham.

— Por que você está me deixando ficar aqui? — perguntei, concentrando a minha atenção no ventilador. Eu não tinha vontade de perguntar, mas minha curiosidade estava me pegando de jeito. — Você deveria estar com raiva de mim por mandar a sua namorada embora, mas você não está. Por quê?

— Thalia? Ela não é minha namorada , — disse ele, sem responder a minha pergunta.

— Eu estou apenas curiosa em saber o porquê de você me deixar ficar aqui depois que eu fiz isso. — parei o movimento com o meu espanador e olhei para Nolan, que estava distraidamente esfregando o

estômago de Murray. Sua cabeça enorme pendurava para fora da borda do sofá, a língua de fora, cobrindo um dos olhos.

— Eu não sei. Talvez eu não fiquei com raiva porque ela não é importante. Ou talvez eu queria conversar com a menina que me puxou da piscina e salvou minha vida. — ele deu de ombros e voltou para a TV. — Não importa o porquê. Você está aqui agora , — disse ele, como se respondesse tudo.

— Então ela é sua amiga ? — eu perguntei, minha curiosidade aumentando.

— Eu não a chamaria exatamente disso.

— Então por que ela estava vindo para te ver? — perguntei. A segunda pergunta saiu da minha boca, e me arrependi, porque o meu olhar se encontrou com os olhos cor de avelã de Nolan. Ele não estava olhando para mim como se eu fosse uma aberração, o que eu estava acostumada, mas como se estivesse realmente confuso com a minha pergunta.

— Eu não sei se você está zoando comigo ou se você realmente não sabe. De qualquer maneira eu vou te dizer, mas só se me responder honestamente.

Eu mudei meu olhar de volta para o ventilador. — Eu meio que sei, — eu disse. Seguido de: — Mas eu meio que não sei.

Nolan permaneceu impassível quando ele disse: — Eu a convidei aqui depois da consulta do meu médico porque já tem bastante tempo desde que eu machuquei e eu estava uma bagunça sobre quase ter morrido. Havia esta linda menina em um biquíni branco que me salvou e, então, fugiu. Não podia tirá-la da minha cabeça. Thalia sempre foi um estepe. Então, para responder sua pergunta, Rage, ela estava aqui esta tarde para... me *foder.* — meus olhos caíram para os seus. — Eu sei que não é a resposta mais cavalheira, mas também não é uma mentira.

Linda.

Ele me acha linda.

— Mas então por que você deixou Thalia sair e por que você deixou a menina no biquíni branco ficar? — perguntei, continuando a se referir a mim na terceira pessoa como Nolan tinha feito.

Ele balançou a cabeça como se não pudesse acreditar no que ele estava prestes a dizer. — Porque, eu *não* podia não deixar ela ficar.

Capítulo onze

RAGE

Nolan estava dormindo no sofá no momento que eu terminei a limpeza do ventilador, e, em seguida, a geladeira, e, depois, as superfícies dos móveis e, depois, o chão.

Eu tinha mandado uma mensagem rápida para Smoke informando que Nolan disse sobre não ter ideia de onde seus pais estão. Fiquei decepcionada, mas não surpresa com sua resposta imediata.

Ele pode estar mentindo. Preciso de mais. Fique.

Tanta coisa para ser feita.

Eu joguei meu telefone na minha bolsa e notei que o meu outro celular tinha uma bateria vermelha piscando na tela. Sabendo que meus pais iriam surtar se ligasse e caísse direto para a caixa postal novamente, eu conectei o carregador na única tomada que eu poderia encontrar na sala de estar. Então, com a minha bolsa na mão, eu fiz o meu caminho até o pequeno corredor que só tinha duas portas. Um deles era um pequeno banheiro, o outro era o único quarto. Ainda bem que eu não dormia.

Meu banho levou uma hora. Principalmente porque eu limpei o azulejo com bórax e desinfetei cada polegada da porcelana antes de eu considerar decente para pisar, até mesmo pisei com chinelos dentro da banheira para realmente tomar banho.

Felizmente, havia toalhas limpas em cima do balcão. Quando eu terminei o meu banho, eu envolvi uma toalha em torno de mim e tinha acabado de escovar os dentes e pentear o meu cabelo quando ouvi um toque familiar.

Peguei shorts limpos dentro da minha bolsa e procurei o meu telefone no fundo da bolsa, mas quando eu o puxei para fora a tela estava preta. Merda, esse toque era do meu outro telefone. O que eu tinha deixado carregando na sala de estar.

Ao lado da cadeira de Nolan.

Eu nem sequer me preocupei em me vestir. Saí do banheiro ainda enrolada na toalha, mas no momento eu cheguei lá, o toque tinha parado.

Era tarde demais.

Nolan ainda estava no sofá, só que agora ele estava bem acordado. Um enorme sorriso no rosto. Sua covinha em plena exibição. O cabo que tinha estado ligado ao meu telefone estava pendurado sobre o braço do sofá. Meu telefone estava em seu ouvido enquanto ele ria e conversava.

Com meus pais.

NOLAN

Eu achei que seria engraçado atender o telefone de Rage. Seus pais tinham um sotaque que eu não conseguia identificar de onde era. Eles estavam muito animados e estranhamente surpresos ao ouvir que Rage tinha um amigo. Quando eles me perguntaram como a gente tinha se conhecido, eles quiseram ouvir tudo sobre isso, mas eu basicamente contei a eles a verdade. Nós tínhamos acabado de nos conhecer.

Os pais dela me perguntou se eu estava gostando de Paris quando eu virei quando vi um movimento no canto do meu olho.

Eu deixei cair o telefone.

Então lá estava Rage. Envolta em apenas uma fodida toalha.

Gotas de água caíram de seu cabelo e desceram pelo seu pescoço magro. Seu cabelo estava molhado como na primeira vez em que a vi, só que agora estava caído em torno de seus ombros, tão longo que quase chegava à sua cintura. E, assim como na primeira vez que a vi, ela ainda fervendo de raiva.

Instantaneamente, meu pau estava duro. Me mexi para ajustar, mas não havia como esconder sob meus shorts finos.

Eu não me importava. Havia algo primitivo que esta menina despertava em mim que me fazia querer puxá-la pelos cabelos e arrastá-la ao redor.

Eu tinha esquecido completamente sobre o telefone, sobre seus pais, de respirar. Todos os meus pensamentos estavam sobre ela, a curva de seus peitos apareciam para fora do topo da toalha e o sangue corria para o meu pau latejante e duro. Mesmo com o olhar irritado em seu rosto, eu não podia deixar de imaginar como seria levá-la debaixo de mim. O sons que ela faria quando gozasse.

Aposto que eu podia tirar a fodida carranca em seu rosto bonito.

Rage veio até mim e se inclinou. Prendi a respiração. Ela não prestou atenção na tenda em minhas calças quando ela alcançou entre a minha coxa e o sofá para recuperar seu telefone. Ela parou por um segundo e respirou.

— Olá? — ela disse, levando-o até sua orelha. Sua voz nem sequer soou como dela. Era muito aguda e... amigável. — Não Moe, ele não é o meu namorado. Não, eu ainda não sou lésbica. — ela deixou cair o rosto na palma da mão aberta e a toalha escorregou outra polegada. — Ele é apenas um amigo. Não, não, você não pode falar com ele novamente. — seus olhos correram para mim. — Ele está muito ocupado e estamos nos preparando para...

Eu estendi a minha mão e ela deu um tapa, afastando. Graças a Deus que ela é pequena porque eu estendi a mão e agarrei o celular dela facilmente. — Olá de novo, — eu disse. Rage ficou roxa, os lábios contraídos, e se eu chegasse perto o suficiente, eu jurava que eu poderia ver um pouco de fogo vindo de seus ouvidos.

— Oi, Nolan. É tão bom saber que a nossa menina tem outro amigo americano para conversar e ajudá-la aí em Paris, — disse sua mãe em algum tipo de sotaque que eu não ainda não descobri.

— Paris? — perguntei. Os olhos de Rage se arregalaram. Sua raiva desapareceu em um flash.

— Por favor, — ela murmurou, articulado com seus belos olhos azuis esverdeados para eu ir junto com a mentira que ela, obviamente, os levou a acreditar.

— Sim, Paris tem sido ótimo. Foi difícil me ajustar aqui no começo, mas a sua filha tem sido uma ótima companhia. Na verdade, ela é a única que tem me ajudado.

Os pais dela continuaram e continuaram. Tagarelando sobre pratos e sopa. Eu nunca tirei os meus olhos de Rage que parecia completamente petrificada. Ela se ajoelhou ao lado do sofá e apoiou o queixo no braço, olhando para mim como o mais triste e mais bonito olhar de filhote de cachorro que eu já vi na minha vida.

Ela mal se encolheu quando Murray caminhou sobre as costas de suas pernas como se ele nem estivesse lá. Ah não. Ela deixou cair à testa no apoio de braços, seu cabelo mudou para o lado onde eu peguei um vislumbre da tatuagem rosa na parte de trás de seu pescoço esguio. O que quer que esteja acontecendo em sua cabeça. O que quer que esteja acontecendo dentro daquele cérebro, ela tinha que parar de me olhar dessa forma.

Pare AGORA.

— Eu sinto muito, mas o sinal aqui está realmente ruim. Está tudo bem se nós ligarmos para vocês depois? — eu não terminei a frase, apenas finalizei a chamada abruptamente e joguei o telefone para o lado. Eu gostaria de poder ficar em pé. — Saia da porra do chão, — eu exigi, a ordem rasgando da minha garganta. Isso saiu muito mais duro do que eu queria, mas não pude evitar. Eu precisava me explicar.

— O quê? — perguntou Rage, piscando rapidamente. Ela se inclinou para fora do sofá, mas continuou em seus joelhos.

— Rage, se eu pudesse ficar em pé agora, eu te levantaria do chão eu mesmo, mas eu não posso, então levanta, caralho. — ela se levantou, segurando a toalha com força contra o peito. — Boa menina. Eu não quero nunca mais te ver assim novamente. Não fiquei no chão do jeito que você estava. Não se acovarde para qualquer um. Nem para os seus pais, nem para ninguém, Você me ouviu? — eu agarrei seu antebraço. — Eu não sei o que aconteceu lá ou pelo que essa menina forte passou, mas nunca fiquei de joelhos para ninguém, nunca. — fiz uma pausa, os meus olhos seguindo a pele lisa e cremosa de sua perna, da sua coxa até onde a toalha só tinha de se mover talvez uma polegada a mais para que eu a visse nua. O pensamento dela de joelhos para mim me deixou com quase nenhum controle. Minha voz estava grossa, profunda, e atada com todas as coisas imundas que eu

queria fazer com ela. — Espera, — eu falei alterado. — Você pode cair de joelhos para mim. Eu vou ser a exceção à regra.

Rage me olhou como se ela estivesse tentando ficar com raiva, mas não conseguia. — Você não pode falar assim comigo. Eu não aceito ordens, — disse ela, embora tenha soado mais como se ela estivesse tentando se convencer mais do que a mim. — Isso não era parte deste negócio.

— Você sabe o que eu acho? Eu acho que você gosta de receber ordens. Eu acho que você quer que eu lhe diga o que fazer. — para provar meu ponto, eu movi minha mão de seu braço e tracei o exterior da sua coxa. O medo que seus pais haviam causado nela foi desaparecendo rapidamente. Seus ombros caíram e eu podia sentir a tensão deixando os seus músculos.

Eu estava latejando por esta menina. Um pau duro dolorido não poderia começar a explicar o quanto eu queria me enterrar profundamente dentro dela. — Por que você mentiu para os seus pais? — perguntei.

— É complicado, — respondeu ela, inalando acentuadamente, observando minha mão com um estranho tipo de curiosidade. Na sequência eu deslizei a minha mão para mais para cima de sua perna. Sua relutância em responder a minha pergunta só levou a mais perguntas. Eu me encontrei perguntando se ela perguntar sobre Thalia antes tinha sido um produto de sua ingenuidade, ou talvez apenas de ter sido ferida antes. Que me levou a pensar sobre algumas coisas idiotas do que poderia tê-la machucado. O que me fez querer quebrar a porra do pescoço desse imaginário ex-namorado com minhas próprias mãos. Eu deixei pra lá sobre ela não me dizer mais sobre os seus pais, embora eu planejasse perguntar sobre isso novamente.

Afinal de contas, eu menti para ela sobre os meus próprios pais.

Eu estava prestes a chegar sob a toalha e ver se eu estava a fazendo sentir do mesmo jeito que ela me fazia sentir. Eu me perguntava se ela estava molhada. Quão quente ela iria ser contra meus dedos. Eu pensei sobre mergulhar meus dedos dentro dela quando um BOOM atravessou a sala, seguido por um flash de luz ofuscante.

Fogos de artifício. Malditos fogos de artifício empata foda. Embora talvez não fosse o termo certo para usar, porque Rage não era uma menina que eu poderia apenas piscar a covinha e comer. Não, Rage era

complexa e ia demorar mais do que tocar sua coxa para levá-la a se entregar para mim completamente.

— Eu fico com o sofá, — eu disse para Rage que, para a minha decepção, tinha trocado sua toalha para roupas reais. O que eu queria fazer era arrancá-la dela e levá-la para a minha cama. Havia um olhar em seus olhos. Isso foi o que me fez parar. Confusão misturada com inocência. — Você pode ficar com a cama. Há lençóis limpos no armário, — eu falei, preparando para passar a noite no sofá.

Rage voltou do banheiro vestida com outro par de shorts. Estes eram brancos e ainda mais curto do que os jeans de mais cedo. Sua pequena e apertada camiseta rosa estava escrito, VÁ SE FODER. OBRIGADO. Seu cabelo estava empilhado em cima de sua cabeça em um coque bagunçado que tinha fios saindo dele em todos os ângulos, alguns passavam de seu queixo. — Não precisa. Eu estou bem.

— Você está aqui para me ajudar. É o mínimo que posso fazer como homem é oferecer-

Rage me cortou, sacudindo a cabeça. — Quando eu disse que não preciso disso, eu estou falando sério. Eu não durmo. É uma dos minhas... *'peculiaridades'.* — ela fez aspas no ar em torno da palavra peculiaridades, obviamente, algum idiota tinha feito ela se sentir mal sobre suas excentricidades. Provavelmente, o ex-namorado que eu agora, não vou só estrangular, mas cortar suas bolas também.

— O que você quer dizer sobre não dormir? Quer dizer que você só dorme algumas horas por noite? — perguntei.

Rage mordeu o lado de seu polegar e desviou o olhar. — Mais como zero.

— Como isso é possível?

— Eu não sei. Quero dizer, eu durmo por um tempo, as vezes, talvez uma ou duas horas, no máximo. Eu fico plenamente consciente, apenas um pouco fora de mim.

— Como é que é?

Rage pressionou as palmas das mãos abertas e apontou os dedos em direção ao teto como se estivesse orando. Ela parecia estar sempre falando com as mãos, se movimentando enquanto falava as palavras. —

Pense nisso como meditar em vez de dormir, só que eu não estou realmente meditando.

— Uau, eu nunca ouvi falar de tal coisa. Você está sempre cansada? — perguntei, curioso para saber como ela poderia funcionar sem dormir.

Rage sacudiu a cabeça. — Não. Na verdade não. Além do mais, você nunca ouviu as pessoas se queixarem de não ter horas suficientes no dia? — ela perguntou, com um sorriso malicioso nos lábios cor de rosa. — Bem, essa é uma queixa que eu já não faço. — foi então que eu percebi que enquanto eu tinha cochilado, ela tinha feito mais do que apenas limpar o ventilador. Os pisos foram esfregados e todas as superfícies da casa também.

— Então você apenas fica acordada a noite toda e faxina? — perguntei. Ela se sentou ao meu lado e enrolou as pernas debaixo dela como tinha feito anteriormente. Seus shorts subiram, expondo o pequeno pedaço de pele entre sua buceta e a parte interna da coxa.

Porra.

— Eu me mantenho ocupada, — foi sua resposta.

Apesar do meu pau mais uma vez estar latejante, senti meus olhos se tornando mais e mais pesados. Eu bocejei. Rage me observava, os olhos na minha boca, a mesma admiração escrita em seu rosto que ela tinha tido quando ela estava assistindo a minha mão se mover para cima da sua perna. — Bem, mi casa es su casa, — eu disse, me levantando do sofá. Desta vez eu peguei as muletas do chão em vez da cadeira de rodas. — Te vejo na parte da manhã.

— Noite, — disse ela, sem parecer nem um pouco cansada.

Eu oscilava o meu caminho para o corredor, mas antes que eu girasse a maçaneta na porta do quarto, eu me inclinei para trás e roubei um último olhar para a menina sentada no meu sofá da sala. Pressionei meus lábios, não querendo que ela me ouvisse rindo, mas quando eu vi o que ela estava fazendo, eu *não* pude deixar de rir.

Rage estava olhando para as portas de vidro deslizantes, observando o seu reflexo... enquanto bocejava. Ela abriu a boca e depois fechou, inalando profundamente e se alongamento. Depois ela cobriu a boca. Depois disso ela fechou os olhos e bocejou falsamente, terminando com um longo gemido no final do seu alongamento.

Era o mesmo olhar que eu queria ver em seu rosto quando eu a fizesse gozar.

Em breve.

Me obriguei a parar de observá-la e fechei a porta do quarto atrás de mim, caindo sobre a cama com o potencial rosto de Rage pós-orgasmo queimado em meu cérebro.

Fiquei ali por horas antes de finalmente derivar com um último pensamento em minha mente antes de escorregar em um sono profundo.

Esta menina vai me matar.

Capítulo doze

RAGE

Em algumas ocasiões, geralmente durante o café da manhã ou jantar no deck, Nolan compartilhou mais detalhes comigo sobre seus pais, como eles nunca estiveram por perto enquanto ele crescia, assim como mais detalhes sobre sua vida de como ele chegou a morar com seus avós. Toda vez que eu comunicava à Smoke que eu tinha o suficiente, ele pedia mais. Eu estava começando a pensar que ele planejava que eu ficasse aqui de forma permanente. Eu acreditava em Nolan quando ele disse que não sabia onde seus pais estavam, então confundia a minha mente quando Smoke continuava me mantendo aqui.

Por mais de uma semana eu tinha estado na casa, e com exceção da piscina, eu tinha limpado cada polegada do lugar. Embora ainda estivesse precisando de um monte de reparos, ficou muito bom, e eu descobri que eu gostava de matar o tempo fazendo a casa brilhar novamente.

Eu considerei lixar e pintar os armários da cozinha e talvez tirar o carpete no quarto para ver o que poderia ter em baixo. Eu afastei esses pensamentos assim que eles vieram. Eu não tinha necessidade de ficar ligado, mesmo que fosse apenas por uma casa.

Quando Nolan me mandou me levantar dos meus joelhos na semana anterior, algo dentro de mim mudou. Ele pode não ter entendido por que eu reagi daquela maneira, mas o porquê não era importante para ele, uma vez que a situação me afetava. Eu estava com medo de que cada gota de trabalho que eu tinha colocado no relacionamento que eu tinha construído com meus pais ao longo dos últimos três anos fosse para o ralo abaixo com uma conversa com alguém que eu acabara de conhecer. A verdade era que, embora o meu relacionamento com meus pais fosse baseada em mentiras, eu não estava pronta para contar a verdade para eles inteiramente. Talvez fosse egoísta da minha parte.

Quando não tinha ido por esse caminho e Nolan desligou o telefone, eu fiquei repetindo o que *poderia* ter acontecido uma e outra vez em minha mente, que foi quando eu desintegrei tanto mentalmente quando fisicamente, até que Nolan me fez ficar de pé novamente.

Nolan não tentou me tocar de novo desde aquela noite.

A parte confusa era que isso me chateou. Ainda pior foi que eu estava me perguntando *porque.* Esse pensamento continuou cruzando a minha mente e o que me tinha mais me preocupado foi: *eu quero que ele faça de novo?*

O que senti quando ele olhou para mim e, quando ele colocou a mão na minha perna foi meio que calor. Minha pele se arrepiou e ficou viva. Meus mamilos endureceram e os meus seios estavam pesados e doloridos. Então, quando ele arrastou a mão entre minhas pernas, tudo dentro de mim se apertou. Sim, eu definitivamente queria que ele me tocasse novamente. Eu poderia criar um milhão de suposições em minha mente, mas a verdade era evidente e desde que eu estava sendo honesta com Nolan, tanto quanto eu poderia ser de qualquer maneira, eu provavelmente deveria ser honesta comigo mesma também.

Mesmo que eu nunca tenha sentido isso antes, nem mesmo um formigamento, eu sabia exatamente o que era que estava acontecendo comigo quando eu estava perto de Nolan.

Eu nem sequer precisava procurar por isso na Web MD.

Mas eu fiz.

Tinha que parar. O que eu sentia TINHA QUE PARAR.

Nada de bom apareceu. E foi por isso que eu tinha que passar mais tempo com Nolan e conseguir as informações que Smoke precisava. Qualquer merda que realmente aconteceu permaneceu um mistério, mas eu queria saber e então eu iria terminar o trabalho como eu sempre fiz e daria o fora.

Moleza.

Certo?

Nesse meio tempo, eu estava indo bem no meu falso acordo com Nolan. Eu cozinhei, limpei, e limpei um pouco mais. Eu fiz bolos demais, fiz mais muffins do que o próprio homem muffin. Qualquer coisa para me distrair de Nolan vendo-o fazer flexões no deck dos

fundos, que era o que ele estava fazendo quando eu coloquei a terceira fornada de muffins no forno. Até o momento que ele caminhou através da casa usando apenas uma muleta, e eu já tinha polido a coleção de talheres de prata da sua vó.

Sua perna tinha sido curada, e na última visita do médico, eles trocaram seu gesso para um ainda menor. Ele passou a frequentemente usar as muletas, e logo depois ele usava só uma muleta, e algumas vezes eu o peguei mancando por aí sem elas.

Nolan desapareceu no banheiro e quando ele saiu ele estava de banho tomado, vestindo uma apertada regata preta e um par de calções pretos, o cabelo penteado para trás e molhado. Ele cheirava como o sabão que ele mantinha no chuveiro. Ele se aproximou de mim lentamente, como um gato prestes a atacar. Seus olhos castanhos brilharam maliciosamente quando ele sorriu para mim como se ele tivesse um segredo.

Você não é o único.

A sensação no meu estômago e a atração que eu sentia quando ele caminhou para mim, apenas confirmou o que eu já sabia.

Eu o queria.

Eu não queria desejá-lo.

Eu queria querer *matá-lo.*

NOLAN

Eu queria isso pra caralho. Eu precisava foder ela mais do que eu precisava da minha próxima respiração. Eu estava tentando descobrir como quebrar a concha em torno de Rage quando tive uma ideia. Uma ideia que eu esperava resultar nela se contorcendo debaixo de mim, mais cedo ou mais tarde. — Vou levá-la para sair amanhã à noite, — eu anunciei. Rage estava sentada no balcão da cozinha, balançando as pernas bronzeadas no ar, esfregando as colheres de prata da minha avó com um pano.

A casa estava muito mais leve desde que ela apareceu em minha vida. Não apenas porque a casa estava agora livre de poeira e impecavelmente brilhante, mas porque, pela primeira vez desde que os meus avós morreram, aqui pareceu mais como uma casa e menos como um túmulo.

— Para onde vamos? — ela perguntou sem olhar para cima, concentrada na tarefa que ela estava fazendo.

Qualquer outra garota teria perguntado por que eu estava levando-a para sair. Qualquer outra garota iria procurar algum tipo de motivo ou intenção por trás de casa ação minha e com razão.

Mas ela não.

Pode ter sido debaixo d'água a primeira vez que a vi, mas mesmo assim, eu soube imediatamente que Rage definitivamente não era como qualquer outra garota.

Capítulo treze

RAGE

Um balcão de pia de fórmica lascada, uma banheira/chuveiro amarelo, e um vaso sanitário escondido atrás de uma meia parede eram tudo o que tinha nesse banheiro minúsculo. Uma janela alta e estreita obscura na parede silenciava a luz do dia. O papel de parede floral rosa desvanecida assumia cada polegada disponível do espaço da parede percorria o centro, dividindo a parede em duas partes.

— Eu acho que você é perfeitamente capaz de fazer isso sozinho, — eu disse ao reflexo de Nolan no espelho parado no batente da porta.

Eu tinha acabado de dar um banho em Murray e eu cheguei à conclusão de que ele era mais cinza do que preto quando Nolan tinha me chamado para ir ao banheiro. Eu o encontrei imerso na banheira que eu tinha esfregado, para que ficasse mais limpo quando você saísse do que você estava quando você entrasse. As costas de Nolan estavam para mim contra o azulejo, mas no espelho eu poderia vê-lo claramente, os seus definidos músculos abdominais desaparecendo abaixo da água, que felizmente tinha muito sabão para não ver nada. Embora meus olhos ainda tivessem vagado da mesma forma.

— Talvez, mas que diversão teria isso? — perguntou Nolan, abanando uma sobrancelha sugestivamente.

Me virei para sair.

— Não, espere, — disse ele, e por alguma razão, eu realmente ouvi e parei. Eu parecia estar fazendo muito isso quando eu vim pra cá. Não gostei disso. Nem um pouco. Eu entrei nisso aqui para ter a minha liberdade e lá estava eu ouvindo as ordens *dele,* um alvo, ainda por cima.

Eu precisava me lembrar de onde minhas malditas bolas estavam, e rápido.

— Brincadeira a parte, meu joelho está travado e eu preciso da sua ajuda, — disse Nolan, sua voz assumindo um tom mais sério. — Por favor, — acrescentou, me oferecendo um pequeno sorriso tímido.

— Tudo bem, — eu bufei. Andando até a banheira, eu sentei no tapete e inclinei sobre a borda. Só porque ele me afetava, não significava que ele precisava saber disso. Nossos olhares se encontraram e tentei manter o meu olhar em seu rosto. — O que você precisa que eu faça?

Nolan apontou para a perna ferida. Seu joelho estava dobrado em um ângulo, se levantando um pouco acima da água. — Eu preciso que você pressione a minha perna um pouco para que eu possa destravá-la desta posição, — disse ele.

— E você não pode fazer isso porque...

— Porque dói quando eu tento e eu não sou bom em infligir dor a mim mesmo. — ele me olhou nos olhos. — Mas algo me diz que você é muito boa nisso, — ele brincou.

Esperto, esperto.

— Bem, só há uma maneira de você descobrir, — eu murmurei. Nolan riu. — Onde você quer que eu empurre?

— Bem aqui, — disse ele, posicionando as mãos acima da rótula do joelho em ambos os lados da cicatriz vermelha irregular. Eu limpei as mãos e as coloquei onde ele me mostrou. No canto do meu olho, eu peguei um vislumbre de movimento entre as pernas de Nolan sob a água. Eu empurrei para baixo.

Duro.

— Porra! — Nolan gritou quando seu joelho cedeu sob a pressão. Tirei as minhas mãos. — Eu pensei que você ia pelo menos contar até três ou algo assim.

— Por que você pensou isso? — perguntei. — Você não me disse para fazer isso.

— Porque é a coisa humana a se fazer, — disse ele com os dentes cerrados. As veias em seu pescoço estavam tensas. Dei de ombros. — Você pode massageá-lo, por favor? Dói pra caralho, dói até pra movê-lo. — eu olhei para ele com ceticismo, procurando a piada que sempre parecia seguir os seus pedidos. Em vez disso, ele me surpreendeu

dizendo: — Por favor, Rage, eu não quero ter que tomar aquele fodido remédio de dor que me deram. Eu realmente odeio essa porcaria. Caras do time de hóquei tomam essas coisas como a merda de um Tic Tac. Os deixam desleixados e impedem a sua recuperação. Eu não quero isso. — seus olhos se suavizaram. Ele cobriu a minha mão, que estava descansando no lado da banheira com a sua. A puxei de volta, mas ele segurou. — Eu ainda estou esperando um milagre aqui.

Me lembrando de que não importasse qual era a minha reação em relação à Nolan, eu estava lá sob a falsa pretensão de ajudá-lo. Então ajudar era o que eu tinha que fazer. Mais uma vez, eu coloquei minhas mãos acima do seu joelho, assim como ele havia me mostrado e comecei a massagear lentamente a área ao redor da sua cicatriz.

Ele assobiou por entre os dentes no início, mas quando eu senti a rigidez do músculo da coxa sua tensa se tornar mais suave e mais flexível, ele soltou um gemido de aprovação que fez os meus mamilos endurecerem. Ele fechou os olhos e descansou a parte de trás de sua cabeça contra a parede de azulejos.

— Você sabe, — eu disse com a necessidade de falar. Precisando dizer algo para me distrair da agitação que eu vi mais de uma vez sob a água, e apenas alguns centímetros de onde minhas mãos estavam trabalhando sobre a perna de Nolan. — Eu machuquei minha perna uma vez também.

Nolan abriu os olhos. — É mesmo? Fazendo o quê?

— Acidente com a scooter. Eu bati minha Vespa em uma vala, — eu disse, oferecendo o máximo de verdade que eu poderia. Eu realmente bati a minha Vespa, mas foi por causa de um erro de principiante e o resultado de ficar perto demais de uma explosão, que tinha sido muito mais poderosa do que eu tinha previsto. Caí dentro de uma vala enquanto subia na minha moto pra ser um pouco mais exata.

Foi um erro que eu nunca cometerei novamente.

— Você quebrou?

Eu balancei a cabeça e sentei na minha bunda. — Nah, ela só precisou de um novo tanque de gás e repintar foi um saco. A pior coisa foi que eles não fazem esse tom de azul mais. É uma scooter clássica, então tiveram que fazer três vezes pra ficar direito.

— Eu quis dizer a sua perna. Você quebrou sua perna?

— Oh, — eu disse. Eu levantei minha perna sobre a borda da banheira para que ele pudesse ver o lado da minha coxa e apontei. — Dezesseis pontos, no entanto. — Nolan estendeu a mão e, lentamente, correu as pontas dos dedos ao longo das três cicatrizes brancas desbotadas antes de baixar à mão de volta na água. Me sentei novamente e continuei massageando a sua perna. Mais uma vez, ele gemeu com o meu toque e eu me encontrei mordendo o interior da minha bochecha toda vez que ele fazia um som.

— Isso deve ter doído, — disse Nolan, parecendo genuinamente preocupado.

— Não foi grande coisa, na verdade. Eu já tive pior.

Eu já infligi dor pior.

Eu continuei na perna, embora o músculo já estava ficando mais apertado, mais duro do que tinha estado antes. — Eu não acho que isso está funcionando, — eu disse, mas antes que eu pudesse mover minhas mãos, ele apertou a sua sobre elas.

— Não, é só que você massageia bem pra caralho, — disse Nolan, sua voz áspera. Seus olhos estavam mais pesados do que antes, um olhar sonolento em seu rosto enquanto seus olhos mergulharam até a frente da minha camisa. Devo ter me inclinado para a água, porque toda a frente da minha blusa branca estava encharcada. Meus mamilos duros em exibição orgulhosa. Eu normalmente não me sentia envergonhada, mas algo sobre a maneira como ele olhou para mim deixou o meu rosto vermelho e calor subiu do meu pescoço e bochechas.

Olhei para onde sua mão grande tinha capturado a minha mão muito menor. Minha atenção foi subitamente atraída para o que eu não podia mais ignorar. Sua enorme excitação tinha aparecido acima da água, a ponta tocando a barriga acima do seu umbigo. Quando seu olhar seguiu o meu, ele pulsou contra os músculos de seu estômago esculpido.

Meu primeiro instinto foi correr. Mas por mais que eu tentasse, minhas pernas não quiseram me ouvir. Nada me daria ouvidos. Especialmente meus olhos que estavam colados ao seu pau como se fosse um animal novo sendo exibido no jardim zoológico. —

Gosta do que você vê? — perguntou Nolan, sem quaisquer vestígios de brincadeira em sua voz. Suas palavras me puxaram para fora do meu estupor e eu fiz um movimento para sacudir a minha mão de sua perna, mas ele apenas deixou seu toque mais apertado. — Aqui, me deixe te mostrar uma coisa, — ele ofereceu. — Confie em mim, — disse ele. Eu não confiava nele. Eu não confiava em ninguém. Mas a minha ânsia de ver o que ele estava prestes a me mostrar foi alimentada por sua voz tensa.

Não respondi, mas também não puxei a minha mão, permitindo que ele a acomodasse em sua coxa. — Boa menina, — disse Nolan, suas palavras passando por mim. A água estava quente e o banheiro era pequeno. Foi a razão pela qual eu disse a mim mesma que eu me senti, de repente quente. Corei. Embora a verdadeira razão provavelmente tenha tido algo a ver com o fato de que Nolan agarrou meu pulso e, lentamente, traçou até a coxa, a maneira que ele começou arrastando a mão na minha perna na sala de estar na semana anterior. Seus músculos se contraíram tensamente contra o meu toque quando ele arrastou meus dedos todo o caminho para onde o seu pau estava orgulhosamente para fora da água.

Apesar de ter relações sexuais com Cody, eu realmente nunca vi o pau dele. Tinha sido tão escuro e tão rápido. Eu fiquei dormente quando tudo começou. Além de ter que limpar uma bagunça na minha perna, nada me machucou assim depois e tudo acabou tão rápido, eu não conseguia lembrar de um monte de detalhes.

Nolan pegou minha mão na sua e a ergueu à boca e deu um beijo suave e quente em meus dedos, que enviou uma sacudida de eletricidade pelo meu braço.

Então ele me surpreendeu, arrastando-a de volta ao seu abdômen. Engoli em seco quando ele envolveu meus dedos ao redor de seu pau enorme. O segundo que a palma da minha mão entrou em contato com a pele macia em torno de sua dureza, ele pulsou novamente. Nolan silvou entre os dentes. Envolvendo a sua mão ao redor da minha, ele começou a masturbar a si mesmo com a minha mão. Uma vez para cima e uma vez para baixo. Ele gemeu quando nós dois observamos as nossas mãos em seu eixo. Seu corpo inteiro convulsionou e um formigamento me chamou de volta para fora de qualquer neblina que eu temporariamente fiquei perdida.

Eu não posso fazer isso.

Tirei a minha mão e me levantei. Eu estava quase passando pela porta quando Nolan disse: — Você sabe o que eu acho? Eu acho que você gosta de dar um pouco de controle para a mim. Eu até acho que você gostou quando a sua mão estava enrolada no meu pau.

Sem me virar, eu disse a primeira coisa que veio à mente. — Alguém me disse uma vez que só porque eu gosto de algo, não significa que eu deveria fazer isso, — eu disse, repetindo as palavras de Cody de quando éramos crianças.

Sai fechando a porta do banheiro atrás de mim.

— Esteja pronta em uma hora! — Nolan falou através da porta, me lembrando que ele tinha dito no dia anterior que iria me levar para algum lugar.

Pela primeira vez eu pensei que poderia realmente ter alguma verdade nas palavras de Cody depois de tudo. Embora agora eu soubesse que não tinha nada a ver com gostar de destruir.

E tudo a ver com Nolan Archer.

NOLAN

Eu já fui arrodeado em torno de um monte de pessoas diferentes na minha vida. Acadêmicos, atletas, ciclistas, viciados, e todos os tipos de meninas.

Mas nunca ninguém como Rage.

Meu plano realmente tinha sido chamá-la para o banheiro para me ajudar com o meu joelho. Minha perna estava se curando, mas eu a superestimei quando eu entrei na banheira e o filho da puta do joelho travou. Doeu como se um carro tivesse passado sobre ele, mas eu tinha quase esquecido a dor quando Rage apareceu usando um top branco e sem sutiã.

Eu mal podia controlar quão duro eu estava a partir do momento em que ela entrou, mas quando sua camisa tinha ficado molhada, não tinha como me segurar e de repente eu estava mais duro que já tinha

sido. Quando coloquei a mão dele no meu pau, eu quase explodi ali mesmo. Eu sabia que depois que ela se levantou, eu poderia ter a feito voltar. Eu poderia ter usado a mão dela para me masturbar, mas a maneira como ela ficou embaraçada tão facilmente quando eu estava olhando para os peitos dela me fez perceber o quanto eu não queria assustar essa garota. Ela estava tão hesitante. Tão inocente.

Tão fodível.

Eu quase perguntei se ela já tinha tocado em um pau antes. Eu queria perguntar se ela toca a si mesma. Me explicar em grandes detalhes o que ela faz para gozar enquanto eu acariciava o meu pau com a sua pequena mão. Tanto quanto doía, me segurei. Eu precisava de mais tempo para quebrar através desse escudo dela.

É por isso que nós tínhamos um encontro.

Ela não sabe ainda, mas Rage estava prestes a se tornar minha.

Em *todos os sentidos.*

Capítulo catorze

RAGE

Pequenas ondas se quebraram contra a costa, deixando linhas de espuma cinza para trás cada vez que a água deslizava de volta para o mar. O cheiro de sal era espesso no ar da noite úmida. A brisa era apenas o suficiente para tirar alguns fios de cabelos do lugar, mas quando escureceu, a brisa trouxe consigo um ar mais frio que me fez me sentir muito bem com o contraste do calor que tinha sido naquele dia. Um casal ocasional segurando as mãos passava na beira da água. Eu vi a última das famílias na praia empacotar os seus coolers e cobertores, arrastando suas coisas de praia através da areia, indo para um dos muitos estacionamentos pagos.

Eu tinha estado no deck, observando as pessoas e encostada na grade com Murray em meus pés, quando ouvi a porta deslizante de vidro abrir e fechar e, em seguida, seus passos pesados rangendo na madeira velha. Eu o senti atrás de mim. Ele não me tocou, mas meu corpo estava totalmente ciente de sua presença. Seu calor. O seu cheiro arejado e limpo de banho tomado, e quando me virei, notei que seu cabelo ainda estava molhado, penteado para trás das orelhas. Embora ele estivesse vestindo seu habitual chinelo marrom escuro, foi a primeira vez que eu o tinha visto em outra coisa senão calções. Seus jeans desbotados estavam pendurados em seus quadris estreitos, sua camiseta branca apertada abraçava seu peito e bíceps.

— Uau, — disse ele, me olhando de cima abaixo. Mordi o lábio e puxei a bainha do meu vestido. Eu nunca saia com mais do que poderia caber confortavelmente na minha bolsa, mas tinha conseguido trocar meus habituais shorts por um simples vestido de verão de algodão branco. Tinha uma gola em v, decotado na frente. O vestido abraçava a curva da minha cintura, parando algumas polegadas acima do meu joelho.

Nolan limpou a garganta. — Vamos, eu quero te mostrar uma coisa, — ele disse, agarrando minha mão e me levando em direção aos degraus.

Mãos.

Mãos é uma coisa engraçada. Quando crianças, chupamos os dedos para maior conforto. Quando adultos, nós usamos para segurar um ao outro. Sentir. Tocar.

Meu tempo com Nolan estava me fazendo olhar para as mãos como algo mais do que a parte mais suja das pessoas e um ponto de transferência para a doença. Quando ele entrelaçou nossos dedos, os pensamentos que costumavam ser os primeiros a aparecerem, mal foram registrados.

Cody e Smoke foram as únicas pessoas que eu tinham sido capazes de tocar sem eu me encolher, mas com eles eu nunca senti o choque da maneira que eu senti quando Nolan me tocava. Eu só o conhecia por um curto período de tempo, e, embora eu soubesse que nosso acordo era temporário, eu deixei ele segurar minha mão, dizendo a mim mesma que era parte do trabalho, a fim de conseguir as informações que eu precisava.

Quando Murray viu que estávamos deixando ele, ele choramingou em protesto.

— Está tudo bem, rapaz. Vamos voltar logo, — eu disse a ele.

— Na verdade, estou achando que você está começando a gostar dele, — Nolan brincou.

— Isso é algo que eu nunca vou confirmar nem negar. — como eu me sentia sobre Murray ainda estava no ar. Só porque eu cocei o estômago dele enquanto nós assistimos TV e o levei para caminhadas diárias até a praia e comprei uma variedade de diferentes gravatas coloridas da seção animal de estimação da mercearia e fiz para ele bolos especiais para cães, não significava que eu realmente gostava da pequena criatura babando com os olhos vacilantes e bafo de dragão. (Embora, as guloseimas em forma de escova de dente verde que eu comprei ajudaria a mudar isso).

Não, isso não significava que eu gostava dele. Nem um pouquinho.

Quando Nolan começou a descer os degraus, cheguei sobre a grade e agarrei uma de suas muletas. Eu empurrei em sua mão livre. Ele revirou os olhos. — Obrigado, *mamãe,* mas o médico disse que estou bem para passar um pouco de tempo sem muleta. — ele colocou a

muleta de volta sobre a grade e continuou a descer as escadas para a areia.

— Você tem de me arrastar em todos os lugares? — perguntei, não inteiramente infeliz com o calor que se espalhou através do meu braço quando ele apertou sua mão grande sobre a minha, me puxando como uma criança faz com uma boneca de pano. Havia algo sobre ele segurando a minha mão na sua grande e forte que eu achei estranhamente atraente. Por mais que eu não quisesse admitir isso para mim, eu me encontrei ansiosa para ser sua boneca de pano. — Para onde estamos indo? — eu adicionei enquanto ele me levava até a beira da água. A ideia de entrar em lago artificial onde eu não podia ver o que estava escondido debaixo da superfície me fez congelar.

Nolan deu um puxão na minha mão. — Não se preocupe. Nós não vamos lá, — ele me assegurou. — A areia é mais firme pela costa. É mais fácil eu descer até aqui do que pela areia seca. Eu sei por que você odeia a piscina, mas não me diga que você não gosta do mar também.

— Eu gosto do mar, especialmente as partes onde a água se torna azul brilhante e parece com as águas do Caribe, mas as partes da praia onde a água é mais escura, e especialmente à noite, não é um lugar que eu queira me aventurar. Eu gosto de ser capaz de ver debaixo da água, — expliquei, terminando a minha pequena história. — Se é difícil para você andar aqui fora, nós poderíamos ter ido pela rua, — eu disse, voltando para a casa, mas fui interrompida brevemente quando Nolan não se mexeu e não largou da minha mão.

Ele balançou sua cabeça. — Onde está à diversão nisso? — ele perguntou, me dando uma piscadela e seu habitual grande sorriso.

Nós caminhamos até a praia, agora vazia. Nolan tirou os chinelos e os carregou. Eu fiz o mesmo. A areia molhada e fria esmagava entre os dedos dos pés. Música tocando na distância flutuava sobre a água juntamente com vozes abafadas e a explosão ocasional de risos vindos do alto de uma das varandas do condomínio. — Por que você está me olhando assim? — perguntou Nolan.

— Porque o seu sorriso é ridículo.

Ele riu e me puxou para mais perto, então meu ombro estava quase tocando seu bíceps enquanto caminhávamos. — Este sorriso? — ele disse, mostrando-o novamente, desta vez cruzando os olhos.

Eu ri. — Sim, esse seria o sorriso em questão.

— Porra, não, esse sorriso não é nada ridículo, quero dizer, você viu essas covinhas? — ele perguntou, apontando para a bochecha, onde a covinha estava em plena exibição.

Nolan levantou nossas mãos e me guiou para passar por cima de um pedaço de madeira. — Oh sim, eu certamente vi a covinha. Na verdade, eu acho que é a covinha que torna ainda mais ridículo, — acrescentei, olhando para longe, para que ele não visse o meu próprio sorriso no canto da minha boca.

— Bem, *você* pode achar que é ridículo, mas eu tenho certeza que se eu tivesse sido convocado para o NHL, os patrocinadores não teriam partilhado da sua opinião. Você provavelmente estaria vendo esta covinha em todos os comerciais de pasta de dentes ou nos outdoors. — Nolan fez uma pausa e virou para olhar sobre a água. Nossa caminhada ficou em silêncio por alguns momentos, e eu sabia que ele estava refletindo sobre a sua oportunidade perdida.

— Você sabe o que eu faria se eu o visse em um outdoor? — perguntei, tentando puxando-o para fora de seus pensamentos.

— Desmaiaria? — perguntou Nolan, e foi assim que eu soube que ele estava de volta.

Mordi o lado do meu polegar. — Claro que não. Eu subiria até lá com uma lata de tinta spray e grafitaria a coisa toda. Eu deixaria um de seus dentes pretos, eu faria na covinha uma enorme verruga, e colocaria um tapa-olho. — eu cobri meu olho com a mão para demonstrar. — Você seria um ridículo e gigante pirata sorrindo.

Pensei que ele fosse rir, mas em vez disso, Nolan parou e me puxou para perto dele. Com uma cara muito séria, ele estendeu a mão e empurrou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Rage, a coisa do hóquei provavelmente não vai acontecer para mim. Eu sei disso, mas eu vou tentar de novo de qualquer maneira. Você tem que me prometer uma coisa, no entanto.

— Que seria? — perguntei, esticando o pescoço para ver melhor o seu rosto.

— Você tem que me prometer que, se por algum milagre eu conseguir isso e você realmente ver essa cara feia em um outdoor em algum lugar, você vai fazer a sua promessa de me tornar um pirata, — disse Nolan, se afastando de mim, a brisa tomando o lugar do seu corpo grande espalhando a frieza onde seu calor tinha estado antes.

— Considere feito, — eu concordei. Retomamos à nossa caminhada. Uma parte de mim realmente esperava que seus sonhos de hóquei se tornassem realidade algum dia.

Mas ele não tem esse algum dia, eu me lembrei.

— Por que você de repente ficou tão quieta? — perguntou Nolan.

— Apenas pensando sobre onde você está me levando.

— Nossa primeira parada é aqui, — disse ele, apontando para cima da praia.

Olhei para onde ele estava apontando, mas no escuro tudo o que eu podia ver eram sombras dos edifícios e as luzes da janela. — Eu não vejo nada, — eu disse. Ele me puxou para longe da beira da água para onde quatro estacas de madeira foram marteladas na areia. Fita amarela conectava no topo, delimitando a pequena área. No meio das estacas, na areia... não tinha nada.

Nolan se agachou com a perna lesionada estendida na frente dele, olhando sobre pedaço vazio de areia. — Eu não entendo, — eu sussurrei.

— Por que você está sussurrando? — Nolan perguntou em um tom regular.

Me ajoelhei ao lado dele e continuei a sussurrar. — Eu não sei. Este tipo de situação parece ser daquelas que devemos sussurrar.

— Vozes não as incomodam, embora possa incomodar a mãe se ela estiver nesse momento botando os ovos no ninho, mas ela já fez isso. — Nolan enfiou a mão no bolso para seu telefone e clicou sobre o aplicativo de lanterna. Ele segurou a luz até um sinal amarelo retangular pregado a uma das estacas de madeira.

NÃO PERTURBE

NINHO DE TARTARUGA MARÍTIMA

VIOLADORES SUJEITOS A MULTAS E/OU PRISÃO

— Tartarugas marinhas... — eu respirei, finalmente entendendo o que eu estava olhando.

Nolan se levantou e eu o segui. Nós dois olhamos no meio do ninho, que não parecia diferente do que qualquer outro pedaço de areia

na praia. Nolan olhou para a praia, para as poucas luzes que ainda estavam acessas mesmo tendo passado um pouco mais de 20h00 horas.

— Honestamente, fiquei surpreendido que a mãe construiu o ninho aqui nesta temporada, mesmo com toda a construção e as pessoas ao redor. Não é preciso muito para assustá-las.

— Elas ficam com medo? — perguntei, circulando as estacas como se eu pudesse de alguma forma ver no ninho de um ângulo melhor.

Nolan seguia de perto e explicou: — Sim, as pessoas querem tirar fotos delas chegando à costa, ou as crianças querem pular por cima delas e tocar em suas carapaças. Até mesmo algumas cadeiras de praia esquecidas pelo caminho poderia fazê-las se virar e correr. As circunstâncias têm que ser quase perfeitas para elas fazerem o seu ninho e depositar os seus ovos. — ele se inclinou sobre mim, seu queixo repousando sobre o espaço entre o meu ombro e pescoço. Eu fingi não ser afetada quando seus lábios roçaram minha pele enquanto ele falava. Ele apontou para a areia. — Essa deve ter sido uma tartaruga determinada para criar o ninho aqui, — disse ele, em pé e empurrando o queixo em direção ao hotel e arranha-céus atrás de nós sendo construídos. Uma alta sombra cinza escura com dois guindastes, pelo menos, quinze andares ainda estava em ambos os lados do edifício como dois brontossauros dormindo. — Mesmo confrontada com tudo isso, ela ainda escolheu aqui para ficar. Deve ter colocado ovos aqui antes. Ou nascido aqui. Essa pode ser a casa dela. Tartaruga valente.

— Valente? — perguntei, — Talvez apenas estúpida.

— Estúpida? Como assim?

— Ela poderia ter se machucado. Seus ovos poderiam ser esmagados ou arruinados por seres humanos. Colocar seus ovos aqui com toda essa porcaria acontecendo, é um risco, mas ela fez isso de qualquer maneira. Talvez ela devesse ter apenas fugir. — eu agachei novamente, olhando para a areia, não tendo certeza se eu ainda estava falando sobre as tartarugas, ou sobre mim. — Talvez, as vezes, fugir é melhor do que ficar, mesmo se ela ache que este lugar é a sua casa.

— Rage? — perguntou Nolan. Me levantei e escovei a areia dos meus joelhos. — Você está bem?

— Sim, claro. Estou bem, — eu assegurei a ele, desviando o olhar para que ele não lesse o meu rosto. Mudei de assunto. — Quando elas nascem?

— Em breve. Duas semanas no máximo. Elas costumam ficar sob a areia por cerca de dois meses antes do nascimento. Apenas uma em cada mil chega à vida adulta, no entanto.

— Puta merda. Então por que se preocupar em tentar? — perguntei, pensando sobre a estatística que parecia incrivelmente baixa.

— Porque vale a pena, — disse Nolan. — Estes ovos são sua família. A família sempre vale a pena. A família é tudo, — disse ele.

Abri a boca para responder, mas fechei rapidamente. Eu ia perguntar a ele sobre seus pais novamente. Teria sido a oportunidade perfeita, mas eu não queria. E se o que ele me dissesse era o que Smoke precisava? E se a resposta à sua pergunta fosse o começo do fim?

Eu sabia que ia acontecer - era inevitável - mas afastei o pensamento, não estando pronta para lidar com isso ainda.

— Você tem certeza que está bem? — Nolan perguntou novamente.

— Claro, — eu disse, me virando para encará-lo. — Obrigada por me mostrar isso.

— Rage, — Nolan começou, — onde é casa pra você? Eu não perguntei, porque você não quer falar sobre os seus pais depois que eu falei com eles no telefone e quando você veio à minha casa naquele primeiro dia você não me disse o seu nome verdadeiro, mas agora estou curioso.

— Não é importante.

— Acho isso difícil de acreditar.

Ofereci a ele o que eu podia. — Rage é meu nome real. O nome que me foi dado quando nasci realmente não é importante porque os meus pais são os únicos atualmente em minha vida que, mesmo conhecendo esse nome, na maioria das vezes, eles me chamam de algum apelido brega. Saí de casa há muito tempo, e além de telefonemas diários, eu não vi os meus pais desde então. Na casa deles eu nunca me senti em casa e, não foi por causa deles. Eles são

ótimos. Eles sempre tinham boas intenções, suas vidas e a vida que queriam para mim não era... não era pra mim.

— Então você não tem uma casa? Você só anda por aí? — perguntou Nolan.

— Mais ou menos, — eu admiti. — Eu tenho um amigo. Não, mais como um mentor. Eu fico na casa dele quando estou na cidade, mas minha estranha falta de sono faz com que eu não vá lá muitas vezes.

Todo o comportamento de Nolan endureceu. — Eu achei que você tinha dito que Cody era seu único amigo? Este outro cara é seu namorado?

— Não! Ele não é. Ele é como um professor, mais ou menos. Ele sempre tem uma garota diferente na cama. E pare com todas essas perguntas, eu nunca tive um namorado! — eu gritei, inundada por pesar no segundo que as palavras saíram da minha boca.

— Nunca? — perguntou Nolan, parecendo se divertir. A covinha reapareceu.

— Não, eu estou muito ocupada perambulando pra namorar em cada estado que eu passo, — eu disse, sarcasticamente, com um gesto dramático das minhas mãos.

— Muito bonitinho. Mas, falando sério, como é que você se mantém segura? Sozinha lá fora? Há um monte de gente ruim no mundo, Rage.

Sim, e eu sou uma delas.

— É muito mais seguro do que você pensa, — eu disse, voltando para as tartarugas, pronta para colocar um fim na conversa. Relutantemente Nolan entendeu o recado.

— Em um par de semanas, podemos voltar e ver se elas já chocaram. Se tivermos sorte, talvez possamos ver isso acontecer, — disse ele.

— Eu gostaria de ver, — eu disse, porque eu gostaria. Eu realmente queria testemunhá-las rastejando para o mar. Pela primeira vez eu me deixei ter essa fantasia e em questão de segundos eu me convenci de que era tudo verdade. Que eu voltaria para ver as tartarugas.

Nolan pegou minha mão, desta vez eu o segui em direção à rua. Uma vez na calçada vazia, no piso reto, o seu mancar era quase imperceptível. A rua estava vazia, exceto por um carro solitário ou caminhão passando a cada poucos minutos. Caminhamos em um silêncio confortável até que chegamos em um pequeno prédio de estuque do tamanho de um galpão. — Que lugar é esse? — perguntei quando Nolan abriu a porta para mim.

— Este lugar tem as melhores empanadas na cidade, — Nolan anunciou, abrindo a porta de vidro para o pequeno café. Um sino tocou em cima. O cheiro de pimenta e pão assumiu cada polegada do lugar. Vapor subiu das panelas na cozinha aberta, que só tinha dois fogões e uma porta de vaivém, ocultando o lugar na parte de trás, onde mais vapor estava vindo que eu assumi que eram mais panelas.

— Goon[16]! Onde diabos você esteve, irmão? — um homem baixo, de pele escura com um bigode gritou por detrás de um balcão de vidro alto.

Goon?

— Pinto[17]! Meu cara! Bom te ver. Já faz bastante tempo, — Nolan disse e os dois homens trocaram um abraço fraterno do jeito que podiam com o balcão de vidro os separando, apertando as mãos e batendo nos ombros um do outro.

— Eu ouvi sobre a perna, cara. Isso é péssimo. Estamos torcendo para você voltar para casa, — disse Pinto. — Oh, e que puta é aquela fodida Jessica. Eu sabia que ela era a porra de uma vadia, irmão, porque a minha menina Maria viu ela foder com Tico e seu...

Não foi difícil descobrir que Jessica era a amiga colorida de Nolan.

Limpei a garganta.

— E quem pode ser essa? — perguntou Pinto, os olhos correndo para mim.

— Esta é Rage, — disse Nolan, me apresentando. — Rage, este velho filho da puta é Pinto. Pinto faz as melhores empanadas em todo o sudoeste da Florida. Eu me formei com o irmão dele.

---

[16] Posição no time de hóquei.
[17] É Pinto mesmo, não é dick, nem nada. Kkkk

Pinto colocou a mão sobre o coração. — Muito prazer em conhecê-la, Rage. Obrigado pelo elogio, Goon, mas essa merda é verdade. Embora meus avós possam discutir com você, porque é a receita deles. Portanto, caso ela esteja olhando do céu, vamos apenas dizer que eles são os melhores em todo o mundo, — disse ele. Ele se virou para Nolan e bateu em seu ombro. — E eu sou dois anos mais velho do que você, mano. Então, corta o *velho*.

Nolan deu lhe um soco de brincadeira.

— Você bate como a porra de uma menina. Vocês dois foram ao Bunch Beach hoje à noite? Ouvi dizer que eles estão fazendo uma merda. Scotty saiu daqui com o carro dele. Você pode acreditar que ele ainda tem aquele pedaço de merda? Você deve ir dar uma olhada.

— As pessoas ainda fazem festa lá? — perguntou Nolan.

— Sim, cara. Você deve ir lá dizer oi. Claro, existem algumas gatas por aí que gostariam de dizer oi para *o* Nolan Archer.

— Vá se foder cara, — disse Nolan com uma risada.

Pinto pegou duas Coronas de uma geladeira com a frente de vidro e um logotipo da PEPSI por cima. Ele jogou para Nolan e apontou para uma das duas únicas mesas no local. — Por que vocês dois não se sentam em uma mesa e eu vou trazer algo especial, — disse ele, esfregando as palmas das mãos como se ele estivesse formulando um plano. Dezenas de tatuagens coloridas decoravam as costas de seus dedos. Nolan me levou até a mesa amarela de plástico em frente a grande janela. Ele usou o parapeito de concreto na parede lateral para remover as tampas das nossas cervejas como se ele tivesse feito isso um milhão de vezes antes. Ele me entregou uma.

— Goon? — perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Coisa do hóquei, — explicou Nolan. — Eu volto já. Vou ali no banheiro.

Enquanto Nolan foi, Pinto veio e colocou dois pratos de isopor transbordando com uma variedade de comida com cheiro surpreendente. Não só com uma empanada dourada em cada um, mas também com algum tipo delicioso de carne de porco picada, e o que parecia rodelas de banana fritas. — Uau, isso parece ótimo, — eu disse,

pegando o garfo de plástico e cavando a comida, provando que o gosto era ainda melhor do que o cheiro.

— Puta merda. Quem precisa da porra de elogios? Tudo que tenho que fazer é ficar aqui e ver você comendo. Isso é elogio suficiente, — disse Pinto, exibindo um sorriso. Não foi até que ele ergueu a mão para enxugar o rosto que eu notei a tatuagem de caveira sobre os nós do seu dedo médio da mão direita. Uma que eu vi muitas vezes antes.

Beach Bastard.

Porra.

— Ele sabe quem você é? — Pinto perguntou num sussurro ameaçador, se inclinando com uma mão na parte de trás da minha cadeira.

Eu peguei outro bocado de carne de porco em minha boca. — Qual é o tempero disso? É fantástico, — eu disse através da minha comida. — Quero dizer, o coentro eu já descobri. Esse foi o mais fácil. Há mais uma coisa que eu não posso distinguir completamente.

— Você está atrás dele, ou você apenas trepa com ele? — perguntou Pinto, pegando o garfo da minha mão e estatelando no meio do meu prato. Foi direto na minha cara. — Ou talvez ambos? — o fogo em minha coluna começou a queimar no segundo que ele pegou a porra do meu garfo.

— Eu não sei o que você está falando, — eu brinquei.

— Eu vi sua tatuagem. Eu sei quem é você. Eu costumava ajudar na limpeza para os Bastards. A tatuagem foi descrita por um homem morrendo ou dois deixados pra morrer que eu tive que cuidar por causa de algo que você fez, — disse Pinto, se inclinando ainda mais perto. — Achei que eles estavam delirando. Achei que era um mito que uma menina poderia causar tanto dano. Eles a chamam de o Anjo da Morte. Não achei que você fosse real até que você entrou aqui.

— Se afaste ou você vai aprender em primeira mão por que eles me chamam assim, — eu avisei. Eu estava familiarizada com o apelido. A completa falta de criatividade ou originalidade do apelido era a única coisa que me incomodava sobre isso.

Pinto ignorou o meu aviso, colocando uma mão na parte de trás da minha cadeira. — Escuta aqui sua cadela. Aquele garoto é meu

amigo. Tem sido assim desde que estávamos usando fraldas. Se alguma coisa acontecer com ele, eu vou ligar para a porra do meu irmão. Ele é um Bastard, e ele vai chegar até você. Ele e todo seu fodido clube.

Eu fingi um bocejo, sua ameaça tão chata e sem originalidade como 'Anjo da Morte'.

Eu afastei a sua mão e peguei meu garfo novamente. Com a outra mão eu agarrei as bolas de Pinto e apertei, as veias em meu antebraço flexionaram e esticaram com o meu o aperto. Ele gritou e tentou dar um passo para trás. Eu só apertei mais forte.

Eu cortei o canto da empanada e dei uma mordida enorme. — *Mmmmm,* estas são realmente muito boas, — eu disse em um volume normal, antes de abaixar minha voz. — Escuta aqui filho da puta, eu vou fazer o que eu preciso fazer, assim como você vai fazer o que você precisa fazer, — eu disse enquanto mastigava. — Se você atrapalhar o meu negócio, eu vou não só cortar suas bolas e alimentar você com elas, como também vou queimar esse buraco de merda que você chama de estabelecimento. — eu o olhei diretamente nos olhos onde as lágrimas haviam se formado nos cantos. — Eu não sei o que você ouviu sobre mim, ou o que você acha que sabe, mas confie em mim, o que você ouviu é besteira... eu sou muito, muito pior. Se você não acredita em mim, eu recomendo que desde que você é um Bastard, que você pergunte a Chop ou a Bear sobre mim. Eles vão te dizer que eu não apenas ameaço, eu cumpro. Eu meio que espero que você se foda. Ficarei muito feliz em acabar com tudo. O seu clube. Seu negócio. Seu irmão. — fiz uma pausa e deu a ele um último aperto. — Com você.

Quando a porta do banheiro se abriu, eu soltei Pinto, que imediatamente deu um passo para trás do balcão. Nolan saiu, limpando as mãos com papel toalha. Ele formou uma pequena bola e a jogou no lixo, como se estivesse atirando em uma cesta de basquete.

— Bom, não é? — perguntou Nolan, apontando para o meu prato.

— O melhor, — eu disse, olhando para Pinto, que fez uma careta antes de desaparecer na cozinha. Ele não saiu de lá novamente.

Ele nem sequer respondeu quando Nolan disse adeus.

Covarde.

Capítulo quinze

RAGE

A ocasional iluminação da rua pouco fez para romper a escuridão, mas nós não precisávamos dela para nos ajudar a orientar o nosso caminho, porque Nolan parecia saber exatamente para onde estávamos indo enquanto ele me lavava através da noite. Nós caminhamos pela calçada em frente às janelas escuras das lojas e cafés fechados.

Nolan puxou a minha mão, e eu o segui através de um beco estreito entre o que pareciam ser duas casas de praia abandonadas, elas estavam em uma forma muito pior do que a casa de Nolan. Placas vermelhas com algum tipo de aviso foram grampeadas sobre cada uma das janelas, que estavam tampadas. Nolan me soltou e virou de lado, a fim de passar pela pequena abertura, agarrando a minha mão novamente quando ele emergiu do outro lado me puxando para a praia.

— Onde estamos? — perguntei. O que estava diante de mim não era apenas mais um lugar, mas um outro mundo. No espaço de cem metros entre onde nós pulamos, havia uma arena improvisada, onde duas enormes caminhonetes com pneus gigantes estavam alinhadas.

Algumas dezenas de espectadores estavam sentados espalhados pelos pavimentos degradados das duas casas, que eu percebi que era um duplex em vez de dois edifícios separados. Os espectadores conversavam e recarregavam os seus copos de plástico vermelho no barril que ficava em cima de um pneu na areia, enquanto esperavam o que estava prestes a acontecer entre as cordas começar.

Vários outros veículos estavam posicionados do lado de fora das cordas com os espectadores sentados nas cabines, enquanto outros estavam estacionados de frente, brilhando os seus faróis para a pequena arena. — É só esperar. Esta era uma das minhas coisas favoritas quando eu estava no colégio. Quando eu não estava jogando hóquei, eu estava aqui. — ele me levou até as cordas.

— Do jeito que você é forte, você poderia ter jogado qualquer esporte. Baseball. Futebol. No entanto, você escolheu o hóquei? — perguntei.

— O que há de errado com o hóquei?

— Nada, mas você não vê como isso é engraçado? Você vive no sudoeste da Flórida. Um lugar onde nunca neva ou quase nunca fica abaixo de vinte e um graus, mas você escolheu jogar hóquei no gelo?

Nolan riu. — Você está certa. Acho que nunca pensei nisso dessa forma, embora. Meu avô era originalmente de Michigan e cresceu jogando no lago atrás de sua casa. Ele é o único que me levou para jogar. Não exatamente em lagos, mas funcionava.

— Goon! — alguém chamou da multidão. Nolan acenou.

— Que tipo de nome de hóquei é Goon? — perguntei.

— Eu era o executor.

Esperei ele me explicar. — Oh, — ele disse, — eu acho que você não sabe muito sobre hóquei.

— Indivíduos com tacos. Falta de dentes. Canadá, — eu disse, informando-o sobre o meu conhecimento de hóquei.

— Um executor é alguém que o treinador envia para finalizar as coisas. Deixar a outra equipe saber quando eles vão se foder e que não vamos aceitar qualquer merda. Não é uma posição oficial. É mais como algo que você não deveria fazer, mas fazemos de qualquer maneira. É parte da diversão. Uma pessoa estúpida é apenas outro nome para isso. Nunca pensei que iria conseguir uma bolsa de estudos, mas eles reconheceram que eu poderia patinar melhor que a maioria, então que eles me chamaram. Eu estava com tudo preparado para trabalhar para o meu tio em um dia e no seguinte, eu estava indo para a faculdade.

— Basicamente, você era um lutador em patins.

— Eu acho que você pode dizer que sim, — Nolan concordou, aparentemente divertido com a minha avaliação.

Mordi o lábio inferior. De repente, me senti muito mais quente do que os vinte e oito graus que marcava no sinal. Fazia sentido que Nolan era um lutador. Ele se virou para as cordas, me dando um vislumbre de suas costas largas e coxas grossas.

— Scotty! — Nolan gritou. Um cara em torno da idade de Nolan com o rosto queimado com linhas brancas dos óculos ao redor dos olhos saltava de um das caminhonetes e correu até nós.

— Nolan fodido Archer! Ouvir dizer que o seu rosto feio pra burro estava na cidade novamente. Você chegou a ver o meu carro? Ele está melhor do que nunca, — disse Scotty, seu lábio inferior sujo. Ele cuspiu no chão, em seguida, nos deu um sorriso torto, ajustando seu boné de beisebol azul, que tinha as palavras SALT LIFE salpicado de branco em toda a borda.

— Você ainda tem aquele pedaço de merda? — perguntou Nolan, empurrando o queixo para a caminhonete que Scotty tinha acabado de sair.

— Sim, cara. Vou ficar com ele para sempre. Primeiro amor acontece somente uma vez, você sabe.

— Scotty, esta é Rage, — disse Nolan, me apresentando.

— Rage? — perguntou Scotty, cuspindo novamente na areia.

— É apelido para Regina, — Nolan explicou, dizendo a Scotty a minha mentira usual. Nolan me atirou uma piscadela astuta e apertou minha mão.

— Bem Rage, vocês querem se sentar no deck ou vocês querem vir na cabine comigo? — perguntou Scotty.

A resposta de Nolan foi imediata. — Merda, sim, vamos para a cabine.

— Então vamos, Goon! — disse Scotty, levantando a corda para que pudéssemos atravessar. — Você já esteve em um cabo de guerra de caminhonetes antes? — ele me perguntou.

— Não, mas eu já ouvir falar sobre isso.

O rosto de Scotty se iluminou. — Então querida, você vai estar em um de verdade, — disse ele, abrindo a porta do lado do passageiro para uma das caminhonetes no centro da arena improvisada. Eu estava prestes a subir quando as enormes mãos de Nolan me agarraram pela minha cintura e me levantaram na cabine. Ele subiu atrás de mim e, embora ele não estivesse mais me tocando, minha pele formigava onde suas mãos tinham tocado.

— Eu poderia ter subido por conta própria, — eu disse a ele.

Nolan baixou a voz e se inclinou. — Eu sei que você pode, mas eu não queria que você mostrasse o que está sob esse pequeno vestido para todos, embora eu tenha certeza de ter olhado. — ele correu o nariz em toda a minha mandíbula. — Essa calcinha rosa que você está usando está me fazendo ficar duro como uma rocha do caralho.

Foi a última coisa que eu esperava que ele dissesse. Suas palavras pareciam absolutamente possessivas. Eu não tive tempo para processar todos os pensamentos que corriam pela a minha cabeça, porque Scotty pulou para o banco do motorista. Nolan colocou o braço em volta dos meus ombros, me puxando para mais perto e eu não sabia se ele estava tentando me proteger do que estava prestes a acontecer ou se ele não queria que Scotty me tocasse.

Scotty fechou a porta, acelerando o motor. — Quer uma cerveja? — ele perguntou, vasculhando atrás do banco traseiro e pegando duas grandes latas de PBR de um refrigerador. Eles nos deu antes de abrir a sua, segurou a lata para o alto e colocou o conteúdo da garrafa em sua boca. Quando terminou de beber, ele bateu o punho fechado no peito e soltou um longo arroto.

— O que exatamente vai acontecer? — perguntei. Nolan apenas sorriu, abriu a cerveja e entregou para mim antes de fazer o mesmo com a sua. Ele tomou um longo gole antes de colocar no assento entre os joelhos.

— Você vai descobrir. Segurem-se em mim, baby, — disse Nolan, maliciosamente. Excitação estava em torno de nós, voando pelo ar como pequenas luzes iluminando o ambiente. Nolan estendeu a mão, se agarrando a uma alça de forma descuidada acima da janela. Com o outro braço em volta dos meus ombros, ele me puxou ainda mais perto, amarrando o meu corpo ao dele. O calor no ar não se comparava com o calor que irradiava de Nolan. Seus olhos eram absolutamente selvagens. A antecipação do que estava para acontecer aumentou e aumentou. O olhar de Nolan continuou voltando para os topos das minhas coxas, onde a bainha do meu vestido tinha subido.

Scotty desceu sua janela. — Seus covardes estão pronto para o 'Yota[18]? — ele gritou e uma onda de gritos com todos os palavrões que já existiu veio em resposta. — Sim, eles estão fodidamente prontos, —

[18] É a caminhonete dele.

disse Scotty com uma risada, terminando o resto de sua cerveja em alguns grandes goles e lançando a lata para fora da janela, aterrissando na caminhonete com um som metálico.

Um cara com um megafone apareceu. — Um, dois, três, vaaaaaaai! — gritou ele, seguido por uma longa explosão de buzina. Ele mal tinha dito *três* quando Scotty deslocou o caminhonete em marcha e apertou o pé no pedal do acelerador, empurrando o pedal até o chão.

— AEEEE-PORRA, filhos da puta! — Scotty gritou quando a caminhonete que estávamos andou alguns metros antes de ser puxada para trás. — Segurem as suas vaginas, cadelas! — ele acrescentou. Quando os pneus giravam e chegamos a lugar nenhum, ele começou a girar ao redor da arena, lento e, depois mais e mais rápido. Areia molhada e lama acertaram cada polegada do para-brisa de trás, o que tornava impossível ver do lado de fora.

Precisando saber mais, ver mais, me sentei de joelhos e virei, inclinando sobre o pequeno banco de trás. Abri a pequena janela traseira.

— Que porra você está fazendo? — Nolan perguntou, estendendo a mão para mim, segurando em minhas coxas antes que eu pudesse chegar muito longe.

— Eu quero ver! — gritei, mas antes que eu pudesse abrir a janela, a caminhonete de repente deu uma guinada para frente totalmente desequilibrada. Eu cai no colo de Nolan. Ele me pegou, me impedindo de cair no chão. Com o antebraço em volta da minha barriga, a outra em torno do meu pescoço, ele acariciou minha pele com o polegar causando formigamentos, mais uma vez, não só pela minha pele, mas pela minha espinha. A multidão do lado de fora entrou em erupção em vaias e aplausos.

— Que porra aconteceu? — perguntei, olhando para Nolan e soprando meu cabelo para fora do meu rosto.

— O que aconteceu querida, é que perdi, caralho! — disse Scotty com um sorriso e risada que me fez pensar que ele só poderia ser o perdedor mais feliz do mundo ou não entende o que perder realmente significa. A caminhonete, agora parada toda torta, nos deixou em uma posição quase curvada com o nariz no ar. Scotty teve que se levantar no banco e alcançar ao redor da minha cabeça para chegar ao cooler onde pegou mais três cervejas, jogando duas delas para nós. Ele estendeu a mão e abriu o teto solar, de pé, com metade do corpo para fora quando

ele gritou: — Eu preciso de uma revanche, filho da puta! O Yota ressurgirá outra vez! — seguido do som dele estalando sua cerveja. Ele se levantou para fora da caminhonete completamente e caiu para a areia, onde ele deu a volta e abriu a porta do lado do passageiro, que eu não tinha percebido que tinha sido travada de novo com uma barra de metal depois que tinha começado.

Nolan pulou em um salto gracioso, mas eu não deixei de notar ele estremecer quando ele caiu sobre a perna ferida.

— Como exatamente nós perdemos? — perguntei. Nolan estava prestes a me puxar quando Scotty saltou entre nós, me pegando e me balançando ao redor. Atrás de nós eu ouvi Nolan rosnado.

— Desculpe, cara! — disse Scotty, embora ele parecesse nada arrependido. — Ela é uma gostosa. — Nolan me tirou dos braços de Scotty.

Ele não me colocou no chão, no entanto. Em vez disso, ele segurou as costas das minhas coxas e envolveu minhas pernas em torno de seu torso. Meus braços instintivamente passaram em volta do pescoço e por um segundo eu estava perdida, olhando nos olhos castanhos que pareciam mais verdes no escuro da noite.

— Perdemos por causa disso, — disse Scotty, nos puxando para fora do momento. Nolan se virou para a parte de trás da caminhonete, onde todo o para-choque traseiro tinha sido roubado. A caminhonete vencedora estava dirigindo em círculos, fazendo várias voltas de vitória enquanto arrastava as partes perdidas da caminhonete de Scotty.

— Basicamente, quebramos primeiro, — disse Nolan.

Scotty puxou o seu boné de beisebol e passou a mão sobre seu cabelo, colocando-o de volta na cabeça. — Vou pegar aquelas cabeças de merda na próxima vez, — disse ele, jogando uma lata de cerveja na outra caminhonete quando ela fez outra volta da vitória. A lata acertou o para-brisa e foi recebida com aplausos e gritos tanto da multidão quanto dos ocupantes da outra caminhonete. Scotty saiu correndo, perseguindo a caminhonete e pulando na traseira, se juntando a vários outros espectadores que já haviam feito a mesma coisa. Ele abriu a braguilha e urinou no para-brisa de trás da caminhonete. A multidão foi à loucura. Rindo e segurando suas cervejas. Torcendo pelo cara do 'Yota.

— Vamos antes que eles nos atropele, — disse Nolan, ainda me carregando quando ele se abaixou sob a corda.

— Você pode me descer, você sabe, — eu disse.

— Eu sei que eu posso, — Nolan admitiu, dando as costas das minhas coxas um aperto. — Você gostou?

— Foi incrível! — eu exclamei. — Embora eu retire o que eu disse sobre o hóquei antes. O cabo de guerra de caminhonete é um esporte ainda mais estranho. Deve dar um monte de trabalho colocar a parte de trás da caminhonete e em seguida, destruí-la de novo, mas sim, foi divertido, totalmente divertido.

— Eu achei que você ia gostar, — disse Nolan com uma risada. Seus dedos cavaram mais fundo em minha carne, massageando as costas das minhas pernas para o vinco da minha bunda, me segurando ainda mais perto contra seu grande corpo. Senti seus músculos abdominais flexionarem sob sua camisa apertada, esfregando contra o interior das minhas coxas. A adrenalina correndo através do meu sistema era uma mistura de excitação de ter estado dentro da caminhonete e imaginando o que aconteceria se Nolan continuasse me tocando. Se suas mãos subissem um pouco mais.

A corrida foi mais intoxicante do que qualquer trabalho que eu já tinha feito.

Nolan olhou em volta de mim, onde vários outros caras estavam nos observando, ou mais especificamente a mim. Ele deu a eles um olhar que fizeram com que todos se virassem. Lentamente, ele me soltou, me deslizou para baixo até meus pés baterem no chão. Senti a vibração do seu gemido gutural pulsando através de mim. Havia um brilho de algo mau em seus olhos, um olhar de algo por vir, que causou arrepios em mim.

Sussurros e risos me chamaram a atenção e comecei a notar e depois fingir que não percebi as outras meninas em torno de nós. As que olharam param Nolan e acenaram, sorriram timidamente antes delas voltarem suas atenções para mim, me olhando com os olhos cheios de ódio. A multidão estava aumentando e ficando mais espessa, mas entre as multidões de pessoas tive um vislumbre da menina que eu botei pra correr da casa de Nolan semanas atrás.

Nolan colocou a minha cerveja fechada em um cooler cheio de gelo e encheu dois copos vermelhos do barril. Ele me entregou um copo

e tomei um gole da cerveja gelada, um contraste muito bem vindo para a noite abafada. Nolan nos levou de volta para perto das caminhonetes e vimos outro par alinhadas e preparadas para a sua vez. — Todas as pessoas que eu já conheci tratam suas motos como uma extensão de si mesmos. — eu disse, pensando em Smoke e o amor que ele tinha por sua moto e eu com a minha scooter. A moto de Nolan estava protegida sob lonas, então eu sabia que ele iria entender onde eu estava indo com isso. — Algumas tratam as suas motos ou carros melhores do que suas próprias famílias e ainda assim essas pessoas... — acenei o meu braço para onde Scotty agora estava sentado no telhado de outra caminhonete, bebendo outra cerveja enquanto o veículo que ganhou continuava a sua turnê da vitória na arena, dirigindo até a beira da água e levantando uma nuvem de lama. Fiz uma pausa, sem saber como descrever a maneira imprudente que eles deixavam as suas caminhonetes dilaceradas, mas amando elas mesmo assim. — Essas pessoas são...

— Um bando de porra louca? Sim, eles são, mas eles estão se divertindo pra caralho. — os gritos de Scotty 'YOTA para sempre!' parou quando a caminhonete seguiu em direção à praia até que desapareceu ao longe. — Mas eu entendo o que você está dizendo. Motos são sagradas e esses caras ficam animados pra porra. O engraçado é que a caminhonete não é apenas um brinquedo, é essa porra que leva Scotty para trabalhar, — disse Nolan, seguido por uma explosão de riso.

— De jeito nenhum! — eu disse, tomando um gole. Nolan pegou minha mão livre e novamente interligou seus dedos com os meus, me puxando mais perto para que a minha perna nua escovasse contra a sua coxa vestida no seu jeans. — Por que você sempre segura a minha mão? — perguntei, olhando para os nossos dedos entrelaçados.

— Porque eu quero, — disse Nolan com um encolher de ombros. Ele baixou a cabeça e me puxou contra ele. — Você vai aprender que quando se trata de você, eu vou fazer o que eu quero, e mais do que isso... — ele fez uma pausa, sugando seu lábio inferior. Ele estava tão perto, seus lábios quase tocando os meus como se nós respirássemos o mesmo ar. — Você vai amar o que eu quero fazer com você. Em breve, — ele acrescentou. Não havia tempo para reagir ou pensar sobre o que estava acontecendo, ele fechou o espaço entre nós, e segundo depois, seus lábios mal tocaram os meus quando uma voz o chamou, rompendo a nossa conexão.

— Ei, garoto bonito! — uma voz profunda gritou. Nós nos viramos. Um cara usando uma camisa preta e jeans se levantou do deck. Ele era quase tão alto quanto Nolan e, embora ele fosse grande, sua massa era arredondada e volumosa, onde Nolan era musculoso e esculpido. — Sinto muito sobre a sua perna. Parece que você está preso nesta cidade com todos nós 'zé ninguéns' afinal de contas, — disse o homem e, embora suas palavras tivessem um tom de tristeza, a sua voz não sentia nada disso.

A mão de Nolan se apertou ao meu redor. Ele me empurrou atrás dele quando o cara se aproximou. — Zé ninguém. Isso é apropriado. Descrição exata do que você realmente é.

Dei um passo para o lado de seu corpo, precisando ver o que estava acontecendo e por que esse cara estava provocando Nolan.

— Você se divertiu lá, fingindo ser alguém que não é? Seu tio deve estar adorando porque você fodeu com ele com um disco de hóquei fodido e um capacete. Deve ser uma merda saber que covarde você se transformou, *Goon.*

A mandíbula de Nolan se apertou. Os músculos de seus braços estavam tensos e uma veia grossa sobre seu bíceps pulsava. Eu reconheci a sua reação tão facilmente como eu reconheço a minha própria. Eu podia sentir a sua raiva assim que ele disse, — Merda acontece, Griff. Estou de volta. Mas a questão é que, se você quer me irritar, você vai ter que esperar por mais um tempo, eu meio que estou ocupado agora, — disse ele, tomando um gole de sua cerveja em uma tentativa de esconder sua raiva emergente. Eu assisti os dois homens em fascínio, mas se Griff continuasse empurrando Nolan, eu não sabia quanto tempo mais eu seria capaz de segurar minha própria raiva que já tinha começado a queimar e estava ameaçando se transformar em um inferno que eu não seria capaz de controlar.

— Sim, eu tinha quase esquecido sobre sua perna manca, — disse Griff, dando um passo à frente. — E lá estava eu, achando que você estava de volta na cidade porque você me viu no Instagram batendo meu pau no fundo da garganta da sua menina.

Nolan bufou. — Jessica? Ela não é a minha menina. Nunca foi. Você pode ter a fodida cadela pra você, — cuspiu Nolan, estreitando os olhos quando Griff desceu das arquibancadas improvisadas, as escadas velhas rangendo sob os seus pés, anunciando cada passo pesado enquanto ele fazia o seu caminho até a areia, até que ele estava

na nossa frente. Ele virou seu boné de beisebol preto de modo que a ponta estava para trás.

— Oh, eu com certeza tive ela, — disse Griff, estalando os lábios, incitando Nolan adiante. — Muitas e muitas vezes. Foi divertido passar um tempo com dela. Acho que ela cansou de você lá em cima jogando hóquei e fingindo ser o atleta todo americano, quando todos nós sabemos que você é simplesmente um lixo branco.

Nolan murmurou algo sob sua respiração e cerrou os punhos. Ele me segurou mais apertado e se virou para sair, me puxando ao lado dele, nos conduzindo de volta para a escuridão. Meu pulso foi captado quando nos afastamos. Calor assumiu meu corpo interno e eu me esforcei para uniformizar a minha respiração. Nolan estava certo em ir embora. Precisávamos ir para longe da situação o mais rápido possível, porque eu estava a segundos de me perder completamente.

Griff chamou assim que a gente saiu, seu ódio por Nolan era evidente em sua voz, me cutucando e me provocando com cada palavra afiada. — Enquanto você está fingindo ser tão formal e educado, sendo a fodida piada 'todo americano', você pode passar pra cá essa loira agora, e eu posso apresentá-la à mesma boa foda que eu dei em Jessica. Não se preocupe, cara. Vou devolvê-la quando eu terminar de entrar na garganta dela e a fazer engasgar com meu pau. — alguns dos amigos de Griff riu.

Nolan parou e ficou completamente em silêncio. Ele rangeu os dentes e depois, lentamente, se virou, soltando a minha mão.

Em poucos passos, Nolan chegou até Griff, e o seu punho acertou o rosto arredondado dele, enquanto sua cabeça ainda estava inclinada para trás rindo. Fiquei ali de olhos arregalados, surpresa com o poder por trás do soco de Nolan. Griff deu uns passos para trás na areia.

Vendo Nolan tão no controle fez a minha raiva a se desvanecer ligeiramente. Ele lidou com isso. Nós poderíamos ir. Se sairmos agora, eu poderia manter a queimadura em segredo. — Vamos lá, vamos embora, — eu disse suavemente. Nolan se virou para mim, estralando os dedos da mão que ele tinha usado para acertar Griff quando dois dos caras de Griff que tinham estado sentados pularam nas costas de Nolan, empurrando-o para dentro da areia. Um o segurou para baixo, enquanto os punhos do outro voaram.

Chega.

A partir desse momento não havia mais controle.

O calor familiar se espalhou por todo o meu corpo como um fogo selvagem sem controle. Minha visão mudou de branco para vermelho... para preto.

Eu tinha perdido todo o controle que eu pensei que tinha, e no processo eu mostrei a cada pessoa lá que Rage definitivamente não era apelido para Regina.

Capítulo dezesseis

NOLAN

Mal tive tempo de registrar o que estava acontecendo quando Oben e Ward, dois amigos de Griff que completavam o trio delinquente juvenil, saltou em minhas costas como os covardes que eram. Depois de me segurarem no chão e receber deles alguns socos, Griff se levantou e sacudiu a areia. — Você vai pagar isso, seu filho da puta, — ele cuspiu, enxugando o sangue escorrendo pelo canto do seu nariz. Eu estava no processo de sacudir os dois merdinhas quando Rage apareceu de repente. A expressão vazia e uma sensação estranha de calma nela. Para minha surpresa, ela andou até Griff.

— Rage! — gritei em advertência, mas ela não respondeu. Griff não era o tipo que se importava se ela era do sexo masculino, do sexo feminino, ou a porra de uma criança. A mãe dele estava cumprindo pena por ter matado o seu pai. A visão dele sobre as mulheres em geral não era das melhores e seu ódio em relação a mim ia muito mais longe do que o hóquei e Jessica. Rage me ignorou e continuou a caminhar em direção a Griff. Ela não protestou ou até mesmo desviou quando ele se lançou para ela, agarrando-a pelos braços, girando em torno dela, então ela estava de costas para o peito dele, as mãos presas atrás dela.

— Você acha que é a porra de um gostosão, *Nolan?* Senhor. NHL? Senhor. Grande homem do fodido campus? — Griff fervia, baixando os lábios no rosto de Rage. — Se você acha que pode tirar a merda de mim sem eu tirar a merda de você, então você está seriamente e fodidamente enganado. Porque essa garota aqui? — disse Griff, correndo um dedo gordo na bochecha de Rage. Eu puxei contra Oben e Ward, que estavam lutando para me manter contido.

Foi quando notei algo sobre Rage que me fez parar de lutar. Algo que enviou calafrios na minha espinha e diretamente na porra da minha alma.

Ela estava olhando diretamente para mim... só que não era ela. Seus olhos não estavam focados. Eles foram deslocados como se estivessem prestes a rolar em sua cabeça.

E ela estava *sorrindo.*

Não um sorriso falso que eu a tinha visto usar antes. E não o sorriso doce como quando eu a fazia rir. Este era algo totalmente diferente.

Foi assustador pra caralho.

Cada fio de cabelo na parte de trás do meu pescoço se arrepiou.

— Rage, — eu disse, tentando chamar sua atenção, mas Oben chutou meus pés debaixo de mim, me fazendo cair de joelhos na areia. Era isso. Isto terminava agora. Eu não sabia o que estava acontecendo com ela, mas eu sabia que tinha que chegar até ela antes que Griff tivesse a chance de machucá-la porque se ele fizesse isso, eu iria assassinar esse filho da puta. Com um rugido do fundo do meu peito, eu convoquei toda a minha força e determinação e com sucesso sacudi os dois comparsas de Griff. Batendo duro, esmaguei os ossos à socos de cada um deles que teria deixado o meu treinador orgulhoso.

Os deixei gemer na areia e não tinha dado dois passos quando Rage girou em torno do aperto de Griff, então ela estava de frente para ele. Com um grito agudo que fez com que um enorme círculo de espectadores se formasse para ver o que toda aquela comoção era, ela se lançou para ele. Ela o escalou como se fosse uma árvore, se virou em torno dele então ela estava de costas, os braços em torno da garganta dele. Ela estava apertando. Mais e mais até que Griff caiu de joelhos na areia. Os olhos deles foram de branco para vermelho e vermelho sangue, inflando enquanto ele lutava e engasgava para respirar.

Eu assisti com espanto e horror enquanto Rage apertava a vida de Griff. Os espectadores começaram a gritar. Um pegou um telefone celular e murmurou algo sobre chamar o xerife. — Rage! — gritei, tentando chamar a sua atenção. Ela rosnou e apertou mais forte, um grunhido escapando da boca de Griff, juntamente com o último suspiro de ar em seus pulmões. — Rage! — a chamei de novo, parando ao lado dela. Eu coloquei a mão em seu ombro. Seu foco sumiu, só por um segundo. Ela tirou um de seus braços do pescoço dele e agarrou meu pulso, torcendo-o dolorosamente. — Rage, sou eu. Você tem que soltar ele. Temos que ir antes de ficar... — ela estava olhando para mim, mas

seus olhos ainda estavam fora de foco, quase como se ela estivesse olhando por mim. Eu coloquei a minha outra mão em cima dela, a que torcia o meu pulso, e tentei novamente. — Baby, sou eu. Nolan. Temos que ir. Baby, você pode me ouvir? — eu sussurrei tão calmamente quanto pude com a dor que irradiava através do meu braço.

Quando ela não respondeu, seu foco unicamente em drenar a vida de Griff, eu fiz a única coisa que passou pela minha cabeça a fim de impedi-la de matá-lo na frente de trinta testemunhas.

Me inclinei e pressionei meus lábios nos dela.

Eu fiquei lá, a minha boca na dela até que eu senti os cílios de Rage bater contra a ponte do meu nariz. Foi quando eu recuei.

Rage piscou várias vezes até que a luz do reconhecimento brilhou em seus olhos. Ela soltou meu pulso.

— É isso aí, baby. Vamos lá, temos que ir agora. — ela olhou para onde ela tinha estado com Griff, que ainda tinha o pescoço em suas mãos e olhou em volta de mim para a multidão que agora estava assistindo com espanto com os seus telefones celulares em mãos, sem sombra de dúvida filmando cada segundo. Ela estava voltando de onde ela tinha ido, mas lentamente. Muito lentamente. Eu sacudi o meu cérebro, pensando em algo para dizer a ela para puxá-la por todo o caminho de volta, e rapidamente. — Você quer voltar para a casa e dar um mergulho na piscina? — perguntei. Rage finalmente soltou Griff, que deslizou em suas costas até a areia. Griff caiu para o lado com um longo gemido, felizmente ainda vivo, embora uma parte de mim ainda estivesse com raiva o suficiente para desejar que ela tivesse terminado o trabalho de matá-lo. Oben e Ward se arrastaram para o lado dele como os patéticos bajuladores que eram.

— A sua piscina está imunda, — Rage brincou antes de se inclinar para a frente e desmoronar em meus braços. Eu a peguei e a levei, passando pelos sussurros dos espectadores. A segurei suavemente em meus braços, então eu poderia nos levar de volta pelo beco entre as casas de praia e voltar para a calçada da rua principal.

— Sim, baby. Está, — eu sussurrei para uma Rage quase inconsciente.

Eu nunca tinha visto nada parecido com a menina nos meus braços.

Bonita. Forte. Feroz e impetuosa.

Uma força maior do que qualquer tempestade e duas vezes mais destrutiva.

Em alguns aspectos, ela era ingênua. Inocente até. Em outros aspectos, ela era o próprio diabo.

Eu nunca quis ninguém tanto assim.

Eu não sabia o quão profundo eram os seus segredos, mas eu tinha a sensação de que, se eles eram tão profundos como os meus, então havia um tipo diferente de tempestade que se aproximava. Uma que eu esperava que pudéssemos resistir.

Juntos.

Em algum lugar entre o momento em que ela apareceu na casa de praia e a tentativa de assassinato, eu tinha começado a pensar nela como não apenas alguém que estava hospedado em minha casa. Não apenas alguém que eu queria foder também.

Comecei a pensar nela como *minha*.

A levei de volta para a casa. Ao longo do caminho, eu decidi que não iríamos mais correr de nossas verdades. Era hora de compartilhar alguns segredos.

Nós dois.

RAGE

Nunca antes eu havia apagado tão duramente depois de um episódio. Meus olhos estavam fechados, minha respiração estava regular. Quem me viu só iria pensar que eu estava dormindo, mas eu não estava. Senti cada passo debaixo de mim, os bíceps de Nolan em volta de mim quando ele me levou de volta para a casa de praia e me deitou no sofá.

O relógio digital azul no fogão marcava duas e meia da manhã no momento em que eu estava forte o suficiente para abraçar a consciência novamente.

Me sentei lentamente, esfregando minha testa. Minha cabeça latejava como se estivesse com uma ressaca quando recordei o que aconteceu no cabo de guerra de caminhonete. Foi confuso no início, mas, de repente, tudo voltou. As tartarugas marinhas. Sendo reconhecida por Pinto. As caminhonetes. O quase beijo.

Griff.

RAIVA.

Cobri a minha boca com a mão para acalmar o meu suspiro. Nolan tinha me visto.

O verdadeiro eu.

Eu estava comprometida.

Profissionalmente. Pessoalmente. Ele sabia demais.

Não apenas na noite passada, mas toda essa situação tinha saído do controle muito rápido.

Tinha acabado.

Tudo o que tinha que fazer agora era ir embora.

Quando ouvi o chuveiro ligado, agarrei a minha oportunidade. Deslizei a porta de vidro e saí para o deck o mais silenciosamente que pude. A porta gritou enquanto corria no trilho enferrujado. Quando fechei atrás de mim, Murray estava lá, sentado do outro lado do vidro, lamentando e olhando para mim com uma carranca triste. — Shhhhhh, não posso deixá-lo sair, — eu disse a ele. — Vá se deitar, rapaz. — eu apontei para a sua cama do outro lado da sala. Murray se virou como se ele realmente entendesse o que eu estava apontando. — Bom menino, — eu disse. Quando Murray se sentou e abanou o rabo, eu sabia que não era a sua cama que ele estava tão feliz em ver.

Nolan.

O cabelo molhado. As gotas de água brilhando em seu peito e abdômen sem pelos. Uma toalha branca enrolada baixo em torno de sua

cintura estreita. A dica de qualquer tatuagem que eu nunca tinha visto passava por cima de seus ombros. Sombras do que pareciam dedos fantasmagóricos em volta do seu tríceps.

— Rage? — perguntou Nolan. Eu balancei a cabeça e dei um passo para trás.

Realização atravessou seu rosto, seguido por um flash de dor em seus olhos.

Ele sabia.

— Rage... espere, — ele gritou, dando um passo ao redor do sofá, a voz abafada pelo vidro que nos separava.

O momento eu que ouvi a porta se abrindo bruscamente, eu já tinha pulado do deck e estava correndo descalça pela areia. Parecia que toda uma vida tinha passado desde o dia em que conheci Nolan e uma vida mais tinha passado enquanto corria. Não apenas de Nolan.

Da vida.

Trovão retumbou ao longe e, embora eu odiasse tempestades, felizmente os berros das nuvens abafaram o sangue correndo por meus ouvidos, assim como a voz na minha cabeça me dizendo para voltar para a casa. Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu não conseguia parar. Era tarde demais.

Eu planejava correr até que eu já não pudesse mais ouvir Nolan chamando o meu nome pela praia, ou até que a umidade externa escorrendo pelo meu rosto parasse.

Eu tive um sentimento de que eu estaria correndo por muito, muito tempo.

Não era tempo suficiente.

Capítulo dezessete

NOLAN

Tempestades era um conforto para mim. Sempre tinha sido. Vovô e eu costumávamos vê-los se formar do lado de fora da casa, esperando até o último segundo, quando a chuva passava de pequenas gotas para chuva torrencial. Sempre depois que vovó gritava para nós 'pegarmos as nossas bundas e entrarmos em casa antes de sermos mortos'.

Quando Rage pulou do deck e correu até a praia, as nuvens da tempestade rolaram em cima tanto da praia quanto na minha mente. Eu senti nada exceto conforto. Flashes iluminaram o céu escuro, iluminando as nuvens ameaçadoras. A tempestade se tornou maior, mais intensa, o trovão explodiu, sacudindo a terra como um alto-falante de um carro barato sacode.

A chuva literalmente virou de lado, caindo tão duro que picou a minha pele quando eu tentei persegui-la até a praia. Eu era um corredor rápido, mas não em uma toalha, e não com uma perna manca. Por não ser muito alta, as pernas de Rage se mexiam a um ritmo que não era humano. Eu a perdi de vista através da parede espessa de chuva.

No segundo que os nossos olhos tinham se ligado através do vidro, eu sabia que ela estava indo.

O que Rage e essas sexy pernas não sabiam era que sua velocidade não era páreo para a minha determinação.

RAGE

Trovoadas é uma merda. Eu nunca fui fã de chuva. Quando eu era mais jovem, era a única coisa que me fazia querer me esconder

debaixo da minha cama ou procurar os meus pais. Meus pais se alegravam com este raro momento de normalidade, mas eu odiava. Ter medo. Infligir medo era incrível. Sentir medo não era nenhum pouco divertido.

Era um momento estúpido. Eu tinha visto tanto. Eu tinha *feito* tanto. E ainda assim no segundo que as nuvens se formavam eu me tornava a minha versão de seis anos de idade, exceto que agora eu não tinha uma cama para rastejar por baixo e me esconder mais.

A mãe natureza desencadeando a sua fúria sobre a terra deveria ter sido um conforto para mim. Almas gêmeas. Causa estragos sobre a terra tanto como eu.

O trovão ressoou tão alto e tão ousado que era como se as nuvens de tempestade descessem para a praia e tivessem me cercando por todos os lados. Eu estava encharcada da chuva torrencial, meu cabelo molhado e frio, aderindo ao meu pescoço e rosto. Meu coração estava acelerado em meu peito enquanto eu tentava fugir da tempestade. Corri até que a força da chuva e do vento me cegou e a areia virou uma desordem sob meus pés. Tentei pegar um guarda sol de praia abandonado e me abrigar, mas ele voou para longe quando eu o abri, voando pela praia.

Era por volta de quatro horas da manhã, cedo ou tarde, dependendo do modo de como você olha isso. Não havia uma pessoa ao redor, tanto quanto eu podia ver, embora a chuva obscurecesse a minha visão e eu só podia ver cinquenta metros em qualquer direção até que ela começou a cair tão forte que eu não podia ver mais de dez metros e, então cinco. Eu estava esperando com a esperança de que o sol viesse milagrosamente mais cedo e afastasse a tempestade.

Não tive essa sorte.

Eu andava na areia molhada. Foi quando eu percebi que eu não tinha os meus sapatos e nem a minha bolsa.

Ou mesmo a minha scooter.

Nunca na minha vida eu tinha sido tão descuidada. Tão imprudente. Não apenas com as minhas coisas, mas com um trabalho, com Nolan. Eu deveria ter dito a Smoke que eu estava fora no segundo que eu percebi que havia algo diferente sobre este trabalho. Que algo estava acontecendo entre nós.

Além de odiar ter medo, eu também não gostava de me sentir fraca.

Saltei sobre uma pequena barreira de concreto e me inclinei contra a parede de um edifício alto. Escorreguei e sentei na calçada, os meus pés descalços ainda estavam encharcados como a chuva. Eu não sabia o quão longe eu tinha ido a partir da casa de praia, mas tudo que eu sabia era que não foi longe o suficiente.

Nunca seria suficientemente longe.

Eu errei. O quão estúpido eu era para pensar que eu poderia controlar a minha natureza ao redor de Nolan. Já tinha se passado semanas. Um recorde para mim ficar tanto tempo sem ter um ataque. Quanto tempo eu achava que eu segurar isso?

Não importava mais. Nada disso.

Eu queria me sentir aliviada que tudo estava acabado, mas eu não conseguia. Tudo que eu fiquei pensando era sobre era o olhar no rosto de Nolan quando eu fugi. A mágoa. A maneira como ele chamou meu nome enquanto eu corria dele.

A única pessoa que eu tinha sentimentos reais. Verdadeira atração.

Uma pessoa que não me conhece.

Por mais que eu quisesse que a ansiedade e as palmas das mãos suadas e o coração acelerado fossem por causa de uma ameba comedora de cérebro por causa da piscina cheias de germes. Não eram.

Isso tudo era *ele.*

Eu puxei as minhas pernas até o meu peito e baixei a cabeça sobre os joelhos. Minhas mãos tremiam e meus dentes batiam tão forte, que eu podia ouvi-los batendo. Meu vestido estava encharcado, mantendo a chuva fria pressionada contra minha pele como um bloco de gelo.

Não era os germes e tempestades as únicas coisas que eu temia.

Eu também tinha medo de Nolan Archer.

Enquanto um dos meus medos ainda estava soprando ao redor na praia na minha frente. O outro rolava em um ATV[19], emergindo de uma cortina de chuva apenas a alguns metros de distância. No momento que eu ouvi o motor durante a tempestade, levantei a minha cabeça das minhas pernas e ele estava bem na minha frente.

Eu me ergui, sentando sobre os joelhos. Nolan olhou para mim com um olhar diabólico em seus olhos que me deixou tremendo por uma razão completamente diferente.

— O que eu te disse sobre ficar de joelhos, porra? — ele fervia.

Eu não tinha para onde correr.

19 

Capítulo dezoito

RAGE

O cabelo molhado de Nolan caiu em seus olhos. A água escorria do queixo para frente de sua camiseta negra. Seus olhos estavam incrivelmente escuros. Seu peito subia e descia duro com suas respirações rápidas. Suas narinas pareciam malditamente ferais quando ele direcionou um olhar de ódio para mim. O algodão molhado de sua camisa se agarrou à cada polegada do músculo em seu peito largo até seu abdômen.

— Volte para casa, Nolan, — eu disse, olhando para o chão. Deixei os meus ombros cair. — Eu não posso mais fazer isso. Pela primeira vez na minha vida eu estou cansada. Tão fodidamente cansada.

Nolan soltou um rosnado de dentro da sua garganta. Seus punhos abrindo e fechando. Ele estalou os dedos. — Se você está cansada, então eu vou levá-la para a cama. Mas de qualquer forma, nós vamos fazer isso agora, — disse ele. — Mas, primeiro, você precisa me ouvir porque eu não vou dizer isso novamente. Desça da porra dos seus joelhos. — Nolan estendeu a mão e me levantou do chão por minha cintura, me segurando firmemente contra seu peito duro.

Bati meus punhos fechados contra ele, lutando para sair de seus braços, mas ele não se mexeu. — Não foi isso que eu quis dizer quando eu disse que estava cansada. Eu não preciso dormir. Estou cansada de fingir. Eu fiz isso uma vez. Eu não posso fazer novamente, — eu gritei. — Eu não vou.

Nolan levantou a sobrancelha. — Quem exatamente você está fingindo ser?

Eu balancei a cabeça. — Eu não posso te contar! Eu não posso te contar nada, — eu gritei, lutando para me libertar, mas não cheguei a lugar algum. — Vai estragar tudo que eu construí. — eu empurrei contra seu peito. Nolan soltou tempo suficiente para que eu contornar

em torno dele e voltar correndo para a chuva, onde um súbito trovão ressoou acima, ecoando entre os prédios.

Eu caí de joelhos na areia, me abaixando e cobrindo a cabeça com as mãos.

— Ei, está tudo bem, — disse Nolan se inclinando sobre mim, cobrindo meu corpo com o seu.

Me protegendo.

Eu não merecia a sua proteção. Se ele realmente sabia quem eu era e o que eu estava lá para fazer, ele não iria querer me proteger mais. — Não! Não está tudo bem! — eu gritei, empurrando-o para cima de mim e para os meus pés. — Nada disso está bem, caralho!

Nolan agarrou o meu pulso. — Me deixe explicar isso para você, — disse ele, calmamente. Muito calmamente. Ele estendeu a mão e segurou meu rosto, esfregando a ponta do polegar. — Você e eu vamos ter uma conversa. Você vai me contar sobre suas merdas. Eu vou te contar sobre as minhas merdas, e então eu vou te foder. Devagar e duro, até que você não se lembre do seu nome real ou o que você escolheu porque você vai estar muito ocupada gritando.

Minhas entranhas se apertaram e eu comprimi os meus lábios com força, suprimindo um gemido. — Que segredos você tem? — perguntei, engatando o ar em meus pulmões. Eu não quis me inclinar em seu toque, mas foi exatamente isso o que fiz, meus olhos nunca deixando os seus enquanto eu esfregava meu rosto ao longo de sua palma aberta.

Nolan sacudiu a cabeça. Seus lábios se curvaram em um sorriso arrogante. — Oh não, Princesa. Damas primeiro.

— Você quer a verdade? — perguntei.

— Sim.

— A verdade é que eu tenho que ir.

— Isso não vai acontecer, baby.

— Bem. A verdade é que eu não sou ninguém. Eu não sou nada. Eu não vivo em qualquer lugar e eu não chego perto de ninguém. A verdade é que você me conhece melhor do que ninguém jamais me conheceu, mas você realmente não me conhece. E é por isso

que eu tenho que ir. Você já viu muito. Você sabe demais! — eu puxei minha cabeça para longe, mas Nolan me puxou de volta.

— Besteira, — ele retrucou, recusando a minha resposta. — Onde você mora?

— Em lugar nenhum, — eu disse, repetindo a verdade.

A mandíbula de Nolan apertou. Rangendo os dentes, ele olhou para o céu tempestuoso, como se estivesse procurando alguma coisa, qualquer coisa, até mesmo as respostas que eu lhe dera. Um rugido gutural saiu das profundezas de sua garganta, vibrando todo o caminho até a porra da minha alma negra.

— Isso não é o suficiente, caralho, — ele ferveu.

— Eu sei, — eu disse, me virando novamente. Nolan veio atrás de mim e puxou minhas costas em seu corpo. O calor entre nós aqueceu o frio dentro de mim. — Você é um bom rapaz, Nolan. Bom demais para mim. Você é normal. Eu nunca vou ser normal. Nunca. É por isso que eu tenho que ir.

— Você não vai à porra de lugar nenhum. Quanto mais cedo você perceber isso, melhor, — ele rosnou no meu ouvido e me puxou rudemente contra ele, me girando em seus braços. Estiquei o pescoço, seus olhos se conectaram com os meus. Castanhos contra o azul esverdeado. A terra e o céu tempestuoso lutando entre si pelo controle.

Com aquele olhar, eu sabia que eu estava perdendo. — Você não pode me dizer que não sente essa coisa entre nós, — disse ele, correndo o nariz na minha mandíbula. Ele me agarrou pelos quadris, pressionando sua ereção contra o meu núcleo. — Isto é o que você faz comigo. O tempo todo. O. Tempo. Todo. Você não pode me dizer que eu não tenho um efeito sobre você porque eu sei que você me sente aqui, — disse Nolan, pressionando sua mão espalmada contra o meu peito. — Da mesma forma que eu sinto você. — ele arrastou os dedos para a frente do meu vestido molhado e em meu peito e mamilo.

Eu respirei fundo. Levou tudo que eu não tinha para não arfar em seu toque. Empurrei os meus seios pesados e os mamilos duros em suas mãos bonitas e fortes. Meu corpo ansiava para empurrar de volta contra a dureza que eu senti pulsando através de seu jeans molhado, imitando o meu próprio ponto latejante que estava inchado e dolorido, pedindo mais.

É por isso que eu tenho que ir.

— Não me diga que você não quer isso. Eu. — ele baixou a cabeça e correu o nariz do meu ombro, do pescoço para o meu queixo, me inalando enquanto andava. A onda de umidade agrupou entre as minhas pernas que não tinha nada a ver com a chuva. — Jesus Cristo. Eu posso sentir pelo cheiro o quanto você quer isso agora, então não se atreva a me dizer que não.

Eu balancei a cabeça, mas Nolan apenas riu.

Ele riu de mim.

Aquele riso se transformou em um dedo pressionando o botão na mesma raiva que eu mostrei que eu era capaz, especificamente ontem à noite. A sensação de queimação começou, me avisando do que estava por vir. Eu não tentei respirar lentamente. Eu não tentei pensar em outra coisa. Eu nem sequer tentei fugir novamente.

Ele queria a verdade, então eu iria dar a verdade a ele.

Obviamente Nolan precisava ver novamente o que eu era capaz e compreender totalmente com o que estava lidando. Não havia nenhuma dúvida em minha mente que, depois, ele me deixaria ir sem desperdiçar um segundo sobre pensar em me deixar ir.

Meu estômago se revirou com o pensamento. Eu desviei o olhar.

— Porra, olhe para mim, Rage! — Nolan ordenou, puxando o meu queixo em direção a ele e olhando nos meus olhos. A sua imagem estava borrada. Como se ele nem estivesse lá. Eu o ouvi me chamando. Eu o ouvi murmurar.

Então não ouvi nada além de um zumbido nos ouvidos quando a raiva tomou conta, me envolvendo no seu abraço torturante, me alimentando com o que eu precisava, com o que eu queria. Eu poderia não saber como lidar com a merda emocional que fazia com que meu peito doesse, mas a raiva? Raiva?

Essa eu sabia como trabalhar.

Meu lugar feliz do caos.

Eu não precisava de Nolan.

Eu estava feliz. Absolutamente vertiginosa.

Até que eu não estava mais.

De repente eu fui arrancada dos braços da minha velha amiga, a minha visão entrou em foco, Nolan voltou à vista. Eu coloquei a mão sobre a sensação de ardor na minha bochecha. — Você me bateu.

O rosto de Nolan estava tão perto, seu nariz tocou o meu. — Eu bati em você. Eu disse que não iria te deixar ir e isso não quer dizer sobre fugir.

— Você me bateu, — eu repeti, esfregando a mão sobre minha bochecha aquecida.

Nolan concordou. — Não queria, mas eu tive que trazê-la de volta, baby. — Nolan baixou a voz. — Tive. Um beijo não funcionou desta vez.

— Você me beijou? — perguntei, os meus dedos se movendo do meu rosto para os meus lábios. De repente, eu não estava chateada que ele não iria me deixar ir. Eu nem estava chateada que ele me bateu. Mas por alguma razão, foi o beijo que tinha feito a minha mente cambalear. Eu não conseguia pensar quando estávamos tão perto. A esmagadora necessidade de colocar distância entre nós assumiu. Eu precisava limpar a minha mente.

Sem esperar mais um segundo, eu passei por debaixo do braço de Nolan e andei até a praia.

Eu não parei.

Será que eu queria?

Eu não parei até que algo duro atingiu as minhas costas por trás e fui enviada voando de cara na areia molhada. Mãos fortes me viraram sobre minhas costas. Mais uma vez, eu me vi olhando para um par de olhos assassinos cor de avelã. Estes olhos não eram os belos olhos do menino que eu tinha começado a conhecer nas últimas semanas.

Esses olhos eram escuros e eles estavam furiosos.

Nolan procurou meu rosto. — Minha perna pode ter problemas, mas não subestime o fato de que eu quebraria tudo de novo por você. — ele estava respirando com dificuldade, suas coxas montando em meus quadris. — O que aconteceu com Griff, é essa a merda que está te fazendo ir, é isso?

Eu não respondi porque dizer que foi um incidente seria errado. Em parte foi, mas era apenas a ponta do iceberg que era a minha vida. — Todos nós temos raiva, baby.

— Não como a minha, — eu cuspi. Eu empurrei meus quadris em um esforço para tirá-lo de mim, mas tudo que eu consegui fazer foi me colocar em contato com a dureza lutando contra os seus jeans molhado. Mordi o lábio para abafar um gemido, não querendo que ele soubesse o quanto ele estava me deixando excitada.

Olhei para os olhos luxuriosos de Nolan e algo me disse que não fui muito bem sucedida.

Nolan franziu as sobrancelhas. — Baby, quando você sente que o seu temperamento está atravessando o ponto de não retorno, então jogue essa merda em mim. Se você tem que liberar tudo o que está acontecendo no seu cérebro, então lance em mim. Me dê a sua raiva e não me deixe novamente. Você ouviu o que estou dizendo? Venha para mim, Rage. Me dê tudo o que você tem, e eu vou te dar de volta. Jogue isso para mim. No meu corpo. Eu prometo, eu posso aguentar. — Nolan fez uma pausa, correndo o olhar sobre o meu corpo, me lambendo de cima abaixo com seus olhos cor de avelã. — Eu *quero* aguentar.

Abrindo a minha boca para argumentar, fui rapidamente silenciada quando Nolan esmagou os seus lábios nos meus.

Naquele momento, eu estava perdida. No beijo. Em Nolan. No que ele estava pressionando contra mim, como ele me beijou, duro e longo. Sua língua separou meus lábios. Era tanto uma dança quanto uma guerra. Eu nunca soube que um beijo poderia ser áspero e suave. Macio e sólido.

Gemi em sua boca, e ele balançou contra mim de novo, meu vestido subindo nas minhas pernas. Se ele olhasse para baixo, minha calcinha estaria em plena exibição.

— Você é tão bonita. Eu mal posso esperar para preencher essa sua buceta com o meu pau. Eu estou louco para sentir você enquanto eu estou enterrado profundamente dentro de você, — Nolan gemeu, empurrando seu pau duro contra a minha calcinha, esfregando-o para cima e para baixo em um ponto que me deixou ofegante e querendo empurrar contra ele. Mais. Eu tive uma sensação de que Nolan estava fazendo com que eu entendesse que o que ele ia fazer comigo não era apenas uma promessa. — Eu vou foder a raiva de você.

Era um aviso.

O sol estava nascendo sobre a água quando Nolan alisou a mão por cima da minha coxa nua, sobre minha calcinha e, em seguida, entre as minhas pernas. Eu nem sequer percebi que a chuva tinha parado. Nolan levantou a borda do tecido apenas o suficiente para mergulhar dois dedos. O segundo que ele entrou em contato com a minha pele sensível, minhas costas se levantaram da areia em um salto. Ele brincou com a minha abertura. Me beijando mais e provocando com os dedos por minha umidade. Ele pressionou a ponta de um dedo dentro de mim, então parou. — Esta é a minha buceta, — disse ele, retirando a mão da minha calcinha e colocando os dedos na boca, chupando a minha umidade e gemeu quando sentiu o meu gosto. Ele olhou para mim, e por um breve segundo, confusão brilhou em seus olhos pesados.

Nolan se acomodou em cima de mim, sua mão novamente serpenteando o seu caminho em minha calcinha. Ele empurrou um dedo dentro, mas não foi muito longe quando ele parou. — Você é tão apertada.

Eu levantei meus quadris para cima da areia, esperando que ele pegasse a dica e mergulhasse mais fundo. Ou qualquer coisa para matar a dor que estava sendo construída em mim. Eu não sei quanto mais eu poderia aguentar. Meus mamilos estavam tão duros que era praticamente doloroso. Minhas coxas tremiam.

O som da gargalhada estridente de uma criança quebrou o feitiço que ambos estávamos.

— Merda, — Nolan amaldiçoou. Ele se levantou rapidamente, me puxando com ele. Uma família de quatro pessoas emergiu de uma casa de praia por perto, uma menina loira desceu os degraus, perseguindo uma bola de praia duas vezes maior do que ela.

Nolan pegou minha mão e me puxou para o ATV que ele tinha conduzido. Ele me pegou e me pôs sobre o assento. Ele chegou por trás de sua cabeça e puxou sua camisa, levantando-a sobre a cabeça e apoiou a camisa no assento vago. — Você acha que eu sou um cara normal, né? — ele perguntou com um sorriso malicioso. — Você não é a única com segredos, Rage. — antes que eu pudesse perguntar o que ele estava fazendo, ele se virou e eu ofeguei.

Santa merda.

Eu estava finalmente dando uma boa olhada na tatuagem de Nolan. Ocupada suas costas inteiras. Colorido e muito detalhado. No centro, havia um lobo lutando com uma águia cujas as asas esticavam nas costas de Nolan até os ombros e sobre seus músculos. O símbolo era um que eu reconhecia, mesmo sem ter que ler as palavras enroladas na parte inferior.

Wolf Warriors Motorcycle Club.

Logan's Beach.

Nolan estava certo.

Eu não era a única guardando segredos.

NOLAN

Vovô sempre disse que se você espera honestidade, primeiro você deve dar isso. Que foi o que eu fiz, mostrando a Rage as minhas costas e deixando-a ver uma grande parte da minha vida que eu vinha escondendo dela.

Eu queria ela. Corpo, coração e alma do caralho. Isso significava que ambos tínhamos algumas verdades para falar, e eu esperava que eu pudesse explicar a minha de uma maneira que eu não iria acabar perseguindo-a novamente, o que era exatamente o que eu faria se ela fugisse.

De novo e de novo.

Eu nunca tive que responder a ninguém, especialmente não sobre o MC. Antes de Rage, eu nunca tinha sequer cogitado a hipótese de manter uma menina por perto mais do que algumas horas. Mesmo com Jessica, eu cansava dela se ficássemos juntos mais do que uma noite por semana. Mas com Rage eu não queria deixá-la fora da minha vista um único minuto.

Outra coisa que era novo para mim, e algo que deixou o meu pau pingando pré-sêmen, foi a noção de que Rage, a garota que eu estava prestes a foder e fazê-la minha, era possivelmente uma virgem. Antes da constatação de que ela poderia ser inocente me bater, eu estava prestes

a tomá-la como um selvagem na praia. Eu tinha planejado transar com ela até que ela estivesse gritando na areia.

Tanto quanto eu odiava a criança gritando nos interrompendo, eu estava grato também. Eu precisava garantir que cada segundo de Rage fosse tão fodidamente incrível para ela como eu sabia que ia ser para mim.

Tão bom que ela nunca mais vai tentar ir novamente.

Se eu tinha aprendido alguma coisa depois de sua tentativa de fuga, foi que não havia nada que eu não faria para mantê-la.

Qualquer coisa.

Nós ainda tínhamos algumas verdades para compartilhar, mas ia ter que esperar, porque era hora de mostrar que ela pertencia a mim, e não importava a distância que ela pensou que poderia colocar entre nós, esse fato não ia mudar.

Eu bati o pé no acelerador e corri da praia para a casa apenas com a garota na minha frente na minha cabeça.

Eu planejava passar o resto do dia mostrando a ela uma verdade. A verdade que se eu soube desde o dia em que nos conhecemos. O que eu senti no meu âmago e compreendi melhor do que qualquer coisa que já entendi em toda a minha vida.

Ela era *minha*.

Capítulo dezenove

RAGE

Nolan é um *Wolf Warrior.*

Esse pensamento passou pela minha mente uma e outra e outra vez enquanto nós dirigíamos de volta para a casa de praia.

Como é que eu não sabia? Por que Smoke não me disse?

Joker, o vice-presidente dos Warriors, era alguém por quem eu tinha feito um monte de trabalho antes. Alguém que não se importava muito comigo desde que eu me recusei a trabalhar exclusivamente para ele. Ele estava entre as poucas pessoas que me conheciam não só o meu trabalho, mas a minha aparência também.

Nolan estacionou o ATV na área de armazenamento sob a casa de praia, onde uma abertura na estrutura tinha sido removida e foi encostada na lateral da casa. Ele desligou o motor e me levantou do banco, me levando pelos degraus. — Me ponha no chão, — eu disse, batendo em seu peito nu. — Você vai machucar a perna de novo, — eu disse a ele, mas ele me ignorou, grunhindo enquanto ele continuava a me levar, não me abaixando até depois que ele chutou a porta do quarto.

O segundo que os meus pés tocaram o tapete, ele fechou a porta e me virou contra ela. Ele abriu meus joelhos e se empurrou entre as minhas pernas. Ele ainda estava duro. Minha cabeça caiu contra a porta e eu fechei os olhos quando ele vigorosamente esfregou em mim. Seu pau deslizou para cima e para baixo contra o meu núcleo. Minhas pernas tremiam de antecipação. Meu corpo inteiro foi inundado por sensações desconhecidas.

Não era familiar, até Nolan.

— Abra os seus malditos olhos, — ele ordenou. Por mais que eu dissesse a mim mesma que eu odiava quando Nolan me dava ordens, era mais uma coisa que ele estava certo. Quando eu respondi às suas

exigências, o meu corpo respondeu ao seu pedido. Cantarolando e zumbido como uma luz de rua ao anoitecer.

— Eu preciso... de respostas, — eu gemi, engolindo em seco quando Nolan continuou o seu ataque sobre os meus sentidos, moendo mais contra mim, agarrando a parte de trás do meu pescoço e cobrindo meus quadris com o dele. Punição. Hematomas. Ele explorou a minha boca com a língua, mordiscando o meu lábio inferior com os dentes.

— Respostas mais tarde, — disse ele, se afastando ligeiramente. — Mas só depois de eu te mostrar a quem você pertence. — Nolan serpenteou as mãos para cima das costas das minhas coxas, colocando as mãos em minha bunda e cavando seus dedos em minha carne. Eu soltei um grito quando ele me levantou do chão. Eu envolvi minhas pernas em volta dele. Ele estendeu a mão e desfez o meu rabo de cavalo. Eu senti o frio quando o meu cabelo ainda molhado caiu sobre meus ombros.

Eu deveria ter discutido com ele. Ter dito a ele que havia muitas questões entre nós sem respostas, mas então ele baixou a cabeça e mordeu meu mamilo através do meu vestido, roçando ligeiramente com os dentes. Todo pensamento racional tinha ido embora. Em seu lugar estava a nova vida em que Nolan estava respirando em meu corpo e em dois outros locais em mim que eu achava que estava morto há muito tempo.

Minha alma.

Meu coração.

Ambos bem vivos, aquecendo meu sangue por dentro.

Foi o pensamento de calor que me fez lembrar da minha bochecha, a picada de seu tapa fresco na minha pele ainda formigando.

Eu levantei a minha mão, e sem qualquer aviso, eu dei um tapa no rosto de Nolan.

Forte.

Ele virou a cabeça para longe de mim na direção que eu tinha batido nele. Meu estômago virou, sem saber qual seria a sua reação.

Não me importava.

— Isso é por me esbofetear, — eu disse entre os meus dentes, saboreando a sensação da picada agora na palma da minha mão, em vez da minha bochecha.

Nolan se virou para mim e nem mesmo a sua covinha, que estava em plena exibição, poderia diminuir a aparência do mal em seus olhos ou o sorriso torto puxando o canto da sua boca. Sua pele avermelhada, a marca tomando a forma da minha mão. Ele riu baixo e profundo. Seus olhos brilhavam. Escuro e misterioso. Uma mistura de raiva e luxúria.

— Você vai pagar por isso, baby, — Nolan avisou. Sua voz era áspera e gutural. Ele rosnou. Algo sobre o som primitivo enviou uma faísca de desejo entre as minhas pernas.

Tentei juntar as minhas coxas para encontrar algum tipo de alívio, mas tudo o que consegui fazer foi Nolan segurar duramente a minha coca e moer ainda mais forte entre as minhas pernas, esfregando o meu núcleo contra ele. — Mais, — eu exigi, esperando que ele soubesse o que era que eu estava pedindo.

Porque eu não tinha certeza do que eu fiz.

— Ah não. Não tão rápido, — Nolan repreendeu. — Você não vai gozar sozinha. Esse é meu trabalho. — ele se inclinou, seus lábios roçaram contra a minha orelha, se arrastando para o meu pescoço, onde ele chupou e mordeu minha pele uma e outra vez. Acariciando com a língua, os dedos amassando minhas nádegas. — Eu vou te punir, te fazer gozar até que doa. — sua boca voltou a encontrar a minha. Nós gememos na boca um do outro quando sua língua separou meus lábios e nossas línguas se conectaram.

Eu senti isso através do meu corpo, o que causou a sensação pulsante dentro de mim voltando muito rápido. Uma fração de segundo de prazer que me deixou querendo mais. Precisando de mais.

Muito mais.

Normalmente era na raiva que eu me perdia, mas com Nolan, eu me senti como se eu pudesse me perder nesses novos sentimentos, essas novas sensações.

Nele.

Você já está perdida nele.

Olhando para baixo, vi com espanto e confusão o lugar onde nossos corpos estariam conectados, ou ligados, se nossas roupas não estivessem no caminho. Como algo tão simples como um toque poderia causar uma reação tão grande estava além de qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado.

Os olhos de Nolan estavam em mim, me olhando, nos assistindo. — Porra, — ele sussurrou, antes de enfiar a mão pelo meu cabelo, puxando minha cabeça para trás para dar um acesso mais fácil à minha garganta. — Esse fodido olhar inocente em seu rosto agora me deixou mais duro do que eu já estive. — ele gemeu, arrastando seus lábios contra a minha pele. — Agora seria um bom momento para me dizer se você é intocada, baby. Eu tenho que saber quando eu estiver transando com você, se eu sou um filho da puta de sorte que vai reivindicar a sua buceta virgem. A forma como eu já reclamei outras partes suas.

Meu pulso acelerou da mesma maneira que fazia quando eu estava prestes a puxar o gatilho. — Eu já fiz isso antes, — eu admiti em um sussurro. — Sexo. Quer dizer, eu acho que eu fiz.

Nolan franziu as sobrancelhas. — Boa menina. Gosto da maneira como você responde sem hesitar. Sem constrangimento. A maioria das meninas não fazem isso.

— Eu não sou a maioria das pessoas, — eu o lembrei.

— Não, eu sei que não, porra, — ele sussurrou, procurando os meus olhos, antes de passar pela minha boca e passar a ponta do polegar sobre meus lábios. — Há um monte de pessoas que não se lembram facilmente desses dias. Aniversários. O nome do seu carteiro. Fuder não é algo que a maioria das pessoas não tem certeza. — eu abri a minha boca e levemente mordi a ponta do seu polegar. Ele baixou a testa na minha, com um grunhido irregular. As linhas do seu pescoço ficaram tensas. Uma veia azul grossa correndo debaixo de sua orelha e garganta pulsava rapidamente.

Ele chegou por trás do meu pescoço, desatando meu vestido úmido. Ele caiu, reunindo em torno de minha cintura, expondo os meus seios. — Merda, você é perfeita, — disse ele antes de mergulhar a cabeça e correr a ponta da língua sobre o meu mamilo, seu cabelo molhado fez cócegas sob a minha pele. Eu não sabia que era possível ser tocada em um só lugar e senti-lo em outro, mas quando ele circulou

o pequeno broto duro, senti o meu núcleo vibrar. Apertei as minhas coxas, precisando parar a dor que mais uma vez se construiu. — Rage, — disse Nolan, se movendo de um mamilo para o outro.

— Sim? — perguntei, observando-o lentamente lamber em volta da minha pele rosada, circulando-a com a língua antes de chupar, o que me deixou vendo estrelas.

— Explique, — ele ordenou, soprando através da pele agora molhada, me fazendo tremer. Eu apertei as minhas pernas em volta de sua cintura, tentando puxá-lo para mais perto. Precisando sentir mais dele.

Fechei os olhos com força, tentando formar um pensamento coerente. — Hum. Sim. Cody. Meu amigo, — eu comecei a dizer, mas quando ele rolou meu mamilo em sua boca, sugando e rolando a língua pela ponta ao mesmo tempo, eu empurrei meus quadris da porta.

Nolan se afastou do meu mamilo, e eu choraminguei. Ele agarrou os meus pulsos com uma mão, colocando-as em cima da minha cabeça. Fogo dançou em seus olhos. — Você disse que ele era apenas um amigo.

Eu balancei a cabeça — Ele... ele era. Mas fizemos uma lista quando éramos apenas crianças. Estas regras de como me ajudar a ser normal. Só um monte de ideias sobre como controlar a minha raiva e como escondê-la das outras pessoas, então eu não teria que continuar vendo os psiquiatras que os meus pais insistiam em me mandar.

— Então ele escreveu uma lista de que você deveria transar com ele? — Nolan fervia, balançando contra mim duramente, arrancando um grito de meus lábios. Cavei meus pés em suas costas.

— Não. Quero dizer, sim. Foi ideia dele, mas eu aceitei. Eu tinha feito de tudo na lista, e algumas coisas funcionaram. Outras não. A parte de enganar as pessoas, quero dizer. A única pessoa que nunca me enganei foi eu. Nunca me mudou como eu costumava ser e espero que não mude, — eu admiti.

Lentamente, Nolan deslizou a mão no meu pescoço para os meus ombros.

— Continue falando, — ele ordenou, sua voz rouca e profunda.

— Eu queria experimentar esta uma última coisa. Pelos meus pais. Por Cody... ele era o meu único amigo. — a mão de Nolan continuou descendo entre os meus seios, dando o meu mamilo direito um beliscão antes de deslizar na frente do meu estômago. Ele mergulhou seus dedos no interior do topo da minha calcinha, depois parou.

Ele deu um beijo na minha bochecha, junto à ponte do meu nariz. Foi suave. Doce. E inesperado. — Temos muito mais a falar de fazer, mas saiba que você jamais vai precisar fingir perto de mim. Nunca. Eu não gostaria disso, de qualquer maneira. Me diga como você não sabe se ele fodeu você ou não. — realização atravessou seu rosto e sua mandíbula ficou reta, dura. — Esse filho da puta drogou você ou algo assim? — ele bateu um punho na parede ao lado da minha cabeça. Excitação corria em minhas veias e entre as minhas pernas. — Porque eu vou acabar com-

— Não. — eu balancei a cabeça, respirando com dificuldade. — Não, eu só me distraí.

— Se distraiu? — Nolan sussurrou, sua raiva lentamente se dissipando.

— Eu me perdi na minha mente em algum lugar. Não voltei até que tinha terminado, — eu admiti. — Eu suponho que nós fizemos. Ele não disse o contrário.

— Quando eu te foder você vai saber *quando,* — ele baixou os dedos dentro da minha calcinha. — Quão *duro.* — Quão *longo*. — Há quanto *tempo.* — ele deslizou dois dedos sobre o meu clitóris. Eu contorcia sob seu toque, tentando persuadi-lo a descer ao local onde a pulsação era tão proeminente, que estava guiando cada movimento meu e todos os meus pensamentos. — Eu prometo que você nunca vai esquecer o que sentiu quando você gozar ao redor do meu pau. — ele chegou ainda mais perto, sibilando entre os dentes quando ele encontrou o calor pulsando entre as minhas pernas. Eu balancei para frente, em busca de mais contato. Quando ele circulou os lábios da minha boceta, cobrindo os seus dedos na minha umidade, eu estremeci, um tiro de prazer foi direto para os meus mamilos e para o lugar onde Nolan trabalhava a sua mão profissionalmente bem.

A sensação de puxar começou abaixo no meu estômago. Um tipo de alongamento, uma expansão e contração aconteceu cada vez que ele completava uma rotação torturantemente lenta, com os dedos.

— Me diga, — disse Nolan, suor aparecendo em sua testa. — Doeu? Você sangrou? — Nolan fez uma pausa e olhou como se ele estivesse contemplando alguma coisa, mas depois parou. — Alguma coisa saiu de você? — ele empurrou a ponta de um dedo dentro de mim e meus músculos internos se apertaram em torno dele.

— Ahhhh. Não. Estava... estava na minha perna. Minha... minha coxa.

As narinas de Nolan queimaram. — Eu vou matar aquele filho da puta por tirar vantagem de você enquanto você estava praticamente inconsciente.

Eu não corrigi Nolan. Não lembrei a ele que eu estava distraída, não inconsciente. Porque só então, a nova realidade da nossa situação realmente se afundou.

Nolan. *Meu* Nolan era um Wolf Warrior. Esse fato se tornou muito claro quando não havia nada sobre a forma como ele ameaçou matar Cody que me faria duvidar do quão sério ele falava.

Ele me confundiu. Ele me deixou com um milhão de perguntas.

Ele me excitou.

Minha espinha arrepiou com o calor. Não era raiva. Este tipo diferente de calor irradiado pelo meu corpo e flutuando pela minha pele.

— Foi há muito tempo, — eu resmunguei, a voz profunda mal soando como a minha própria.

Nolan tirou as mãos da minha calcinha e me levantou da porta. Ele me virou e me jogou em cima da cama. — E antes dele? Depois? Você gozou por alguém além de si mesma?

— Não. Nem para mim mesma.

Nolan respirou. — Como isso é possível?

— Eu te disse, eu não sou normal.

— Não, você não é. Porque se eu fosse você, eu não seria capaz de tirar as mãos de mim. — suas pálpebras estavam pesadas quando ele olhou para o meu corpo. — Você nunca gozou antes. — foi uma declaração. Não uma pergunta.

Eu balancei a minha cabeça.

Nolan passou a mão pelo rosto. — Porra, Rage. Estou prestes a explodir só de pensar em fazer você gozar pela primeira vez. Não importa se eu sou o primeiro dentro de você. Eu só quero *você.* — seus olhos nunca deixaram os meus quando ele soltou o cinto e empurrou seus jeans pra baixo, os chutando. — Mas eu acho que há apenas uma maneira de descobrir com certeza. — seu pau grosso saltou livre, a cabeça escura e roxa, subindo e descendo enquanto ele caminhava para o lado da cama. Ele acariciou seu pau a partir da base de seu eixo até a ponta, apenas uma vez. Ele estendeu a mão e deslizou ambas as mãos acima da parte externa das minhas coxas, deixando minha pele em chamas.

Mergulhando os dedos dentro da minha calcinha, ele as deslizou para fora das minhas pernas. Seu olhar estava com fome quando ele olhou para o lugar entre as minhas pernas agora expostas a ele. Ele sugou seu lábio inferior. Seu pau pulsou e ele o acariciou novamente.

Meu vestido era agora mais um cinto, envolto em um trecho fino de tecido logo acima do meu umbigo e abaixo dos meus seios. Ele empurrou pelo interior do meu joelho, espalhando as minhas pernas. — Caramba, baby. Você está molhada pra caralho.

Não havia uma única parte de mim que não estava exposto a Nolan.

Exceto a verdade.

Que, depois de sua própria revelação, e depois que ele respondeu a algumas perguntas minhas, eu sabia que precisava dizer a ele.

Tudo.

Um novo sentimento de emoção estava tomando conta de mim e não só porque Nolan colocou um joelho na cama e depois o outro, subindo sob o meu corpo. Lentamente. Deslizando sua pele contra a minha pele. Peito nu para meu peito nu. O sentimento dele em cima de mim não era algo que eu esperava adorar, mas havia algo sobre a maneira como ele olhou para mim enquanto ele pairava sobre mim que me fez esticar o pescoço em busca de seus lábios.

Quando ligados, não havia nada lento sobre o nosso beijo. Começamos a agarrar um ao outro. Minhas mãos percorreram em torno de seu corpo, sentindo e explorando o seu peito e ombros, arrastando para baixo de seu abdômen como eu queria fazer há semanas. Ele acariciou os meus seios, apalpando-os em suas grandes

mãos e apertando-os. Seu pau quente e duro contra meu estômago enquanto ele moía contra mim.

A boca de Nolan deixou a minha. Ela desceu pelo meu corpo, lambendo e mordendo enquanto ele se movia mais e mais para o sul, sobre os meus seios e estômago. Eu praticamente saltei da cama quando ele beijou o interior da minha coxa. Eu gemi muito e alto, os olhos rolando para trás por causa de um único toque.

Foi pura tortura.

Pura tortura deliciosa.

Ele parou, pairando à polegadas acima meu clitóris. Minhas pernas se espalharam em volta da sua cabeça, me abrindo para ele. Ele soprou em meu clitóris, acendendo um solavanco dentro do meu núcleo.

A sensação de desconforto ficou mais forte e algo estava lá, por trás do sentimento, algo que precisava ser liberado. — Puta merda, — disse ele, sua voz profunda e necessitada. — Eu mal posso esperar para te ver gozando pra mim.

Eu levantei meus quadris para fora do colchão, assim que a língua quente e úmida de Nolan tocou o meu clitóris, me lambendo de ponta a ponta. — *Mmmmmm,* — ele gemeu, esfregando seus quadris no colchão, sua bunda muscular subindo e descendo enquanto lambia ao redor da minha entrada, chupando meus grandes lábios. A sensação de puxar se tornou tão forte que ficou insuportável. Meu rosto corou.

Cabelos selvagens caíram nos olhos de Nolan quando ele olhou para mim, achatando sua língua e circulando meu clitóris. — Ahhhhhhhh, — eu gemi, fechando os olhos e jogando minha cabeça no travesseiro.

— Abra os olhos, — Nolan ordenou. — Me observe.

Abri os olhos e levantei a cabeça, e foi quando Nolan mergulhou sua língua dentro de mim e um prazer tão grande passou por mim, me fazendo remexer na boca de Nolan.

Nós assistimos um ao outro. Eu enquanto ele me fodia com a língua, e ele como eu reagia a cada movimento dele. Ele balançava no colchão com o mesmo ritmo vigoroso ele me lambia. — Chega, — eu

gemi, apertando meus próprios mamilos, em busca de algo quase ao meu alcance.

Nolan rosnou no meu centro, ele levantou de cima de mim, apenas tempo suficiente para dizer: — Ainda não, já estamos quase lá. — com a mão que estava segurando as minhas coxas abertas, ele pressionou a pele em ambos os lados do meu clitóris com o dedo indicador e o polegar, apertando-o e empurrando o botão sensível para frente.

Ele baixou sua boca em mim novamente e levemente sugou. Eu apertei as minhas coxas ao redor de sua cabeça, apertando-o, mas ele não parou. Ele chupou com força, murmurando sobre o quão bom meu gosto era e como ele mal podia esperar para estar dentro de mim. Agarrei seu cabelo, enfiei os dedos pelos fios. Eu estava tão perdida na sensação que eu não sabia se eu queria empurrá-lo ou puxá-lo para mim, então eu só puxei o seu cabelo enquanto eu gritava.

A bunda de Nolan moveu para cima e para baixo no colchão mais duro. Mais e mais rápido enquanto ele trabalhava com a boca. Foi quando ele deslizou um dedo dentro de mim e, ao mesmo tempo beliscou meu clitóris com os dentes, que a sensação de puxar explodiu.

Uma luz branca ofuscante explodiu através da minha visão e meu corpo. Ondas e ondas de prazer que poderia ser de outro mundo rolou em cima de mim e passou por mim e dentro de mim, até que eu não sabia se eu existia mais.

Nolan soltou um som gutural longo, que eu nunca o ouvi fazer antes. Ele abrandou seus movimentos, seus quadris não bombeando na cama. Ele parou entre as minhas pernas. O rolar preguiçoso de sua língua substituindo o foder vigoroso de segundos antes.

— O que diabos foi isso? — perguntei, ofegante, tentando recuperar o fôlego.

Nolan subiu e cobriu meu corpo com o seu. Ele empurrou o cabelo para trás de seu rosto, os lábios brilhando com minha umidade.

A expressão em seu rosto era ilegível quando ele olhou para mim e respondeu: — Eu não faço a mínima ideia do caralho.

Capítulo vinte

NOLAN

Alguém estava batendo na porta da frente e me perguntei se minha arma estava carregada. Embora eu não tivesse ideia por que eu me perguntei isso.

Sempre está carregada.

Eu, então, me perguntei o quão rápido eu poderia matar quem estava na porta e estar de volta entre as pernas da minha menina.

Não rápido o suficiente.

Nenhum de nós demos atenção à batida, em vez disso, empurrei as coxas dela mais amplamente e parei entre elas. — Você me fez gozar sobre a cama, — eu disse em uma bronca simulada.

— Desculpa? — ela ofereceu, como se ela não soubesse se era uma coisa boa ou ruim.

Eu balancei a minha cabeça. — Oh não, você não tem que pedir desculpas por isso. A maneira como provei você. A maneira como você puxou o meu cabelo. — eu inclinei e beijei os seus lábios suavemente. — A maneira como senti você quando você gozou em minha língua. — eu gemi e mesmo tendo gozado como um adolescente por toda a cama, eu estava completamente duro novamente.

O bater que tínhamos ignorado se tornou um barulho, seguido de gritos abafados de um homem. — Fique aqui, — eu pedi. Me levantei, puxou minha calça e peguei minha arma na mesa de cabeceira, colocando-a na parte de trás da minha calça jeans.

Eu vi o movimento a partir do canto do meu olho enquanto eu caminhava para a sala de estar, e com certeza, Rage seguiu, amarrando o seu vestido de volta ao redor de seu pescoço. Eu não sabia o que estava me deixando mais nervoso. Ela não me ouvir ou ela se vestir novamente.

— Você vai ser punida por isso, — eu disse a ela quando ela puxou o seu longo cabelo em um rabo de cavalo. Eu ouvi o som de rádios de polícia.

Antes que eu pudesse espiar pela janela, Rage já tinha aberto a porta e estava encostada no batente, completamente imperturbável pelos dois policiais militares que estavam na varanda com os polegares em seus coldres.

— Posso ajudar vocês? — Rage perguntou, usando o seu sorriso muito ensaiado. Seu sotaque do sul muito mais lento e mais grosso do que o habitual.

— Eu sou oficial Crest e este é oficial Towers. Estamos aqui para investigar um incidente que aconteceu ontem à noite. — Rage cruzou os braços sobre o peito e eu queria acabar com os oficiais quando os olhos de ambos caíram temporariamente para os peitos dela.

— Nós estávamos fora na noite passada, — Rage disse docemente.

Eu passei meus braços de forma protetora ao redor dela, puxando-a de volta contra o meu peito. Eu não tinha que adivinhar o porquê deles estarem aqui. Griff. Com Rage correndo de mim e aquilo que estávamos fazendo até poucos momentos atrás, eu não pensei nem por um segundo sobre o episodio de ontem.

Não me surpreende que eles estivessem aqui. Não acontece muita coisa em Harper's Ridge, especialmente com os habitantes locais, que acabavam chegando aos policiais, mais cedo ou mais tarde.

Fodida cidade fofoqueira.

Eu conhecia todos os policiais em torno da cidade, mas já tinha passado anos. Os dois caras na minha varanda eram estranhos para mim.

— Estamos cientes de que você estava fora, Srta. Estamos aqui para perguntar sobre uma briga que aconteceu ontem à noite cerca de 11h30 em Bunch Beach.

Porra.

— Que briga? — perguntou Rage, inocentemente. O Oficial Crest sorriu para ela, caindo fácil no flerte, ainda que o charme fosse falso. Ele pode não ter sido capaz de ver através de suas mentiras, mas

sua atuação era ridícula para mim, na melhor das hipóteses. Também era meio que adorável.

Oficial Torres pegou um telefone do bolso e apertou um botão. Ele virou a tela e, com certeza, lá estava um vídeo de Rage derrubando Griff. A legenda por cima era 'Sansão e Golias'. Quem gravou o vídeo não filmou os dois rapazes tentando me bater e o único som capturado foi os aplausos da multidão. Então, felizmente, quando chegou na parte onde eu estava falando para Rage não matar Griff, nada do que eu tinha dito a ela era audível.

Assistindo o vídeo novamente me fez lembrar que, apesar de ela se apresentar como alguém com problemas de raiva, eu não tinha percebido o quão profundo isso era até aquela noite.

Se os policiais estavam pensando em prender Rage, eles tinham que pensar duas vezes antes em chegar perto o suficiente da minha garota para travar algemas nela.

— Este vídeo foi filmado por um espectador na guerra de cabo de caminhonete no Bunch Beach, foi publicado em um site de rede social na noite passada e me parece ter ficado um pouco viral. Nosso departamento salvou o vídeo, e várias testemunhas nos trouxeram até aqui, — Oficial Towers afirmou. — Senhorita, você pode confirmar que esta é você neste vídeo?

Eu estava prestes a exigir um advogado quando Rage interrompeu. — Sim, claro que sou eu. Legal, não é? — ela perguntou, pegando o telefone. — Posso ver novamente? Onde posso pressionar para passar? Quantas visualizações consegui? — os oficiais pareciam tão confusos como eu estava, embora eu estivesse escondendo bem a minha confusão, esperando que Rage estivesse realmente indo a algum lugar com isso. — Uau, 247.000? Fantástico. Dá pra acreditar? Olha, isso saiu melhor do que imaginávamos, — disse ela, segurando a tela para eu ver o vídeo passando novamente. Seu sorriso falso caiu ligeiramente. — Oh, mas a qualidade do som é uma merda. Você não pode sequer ouvir o que ele está dizendo. — ela deu de ombros e colocou o sorriso de volta no rosto. — Tudo bem. Podemos lidar com tudo na edição.

— Absolutamente, — eu concordei, tomando a decisão de jogar junto com ela. Rage pode não ter sabido como burlar a lei como eu, mas ela era inteligente, uma das pessoas mais inteligentes que eu já

conheci. Por mais que eu quisesse tomar o controle da situação, eu a deixei continuar, confiando em suas táticas.

— O quê? — perguntou o Oficial Crest, franzindo o nariz. Rage entregou a ele o telefone.

— Bem, eu suponho que você não foi capaz de falar com Griff ainda, certo? — perguntou Rage, usando o apelido de Griffin como se fossem melhores amigos, sorrindo ainda mais brilhante do que antes.

— Senhorita, não vamos divulgar qualquer parte de nossa investigação até encontrarmos respostas, — Oficial Towers iniciou, interrompendo Rage.

— Eu acho que você precisa falar com Griff. Ele vai te explicar. Essa sou eu no vídeo, eu admito totalmente isso. Fizemos isso na noite passada e Griff estava de acordo em participar. Eu estou tentando entrar na escola de cinema, mas eu acho que é ele que precisa ir para Hollywood. Ele é totalmente incrível.

Ambos os oficiais se entreolharam e depois voltaram o olhar para Rage, confusão ainda estampava nas afeiçoes dos policiais. — Eu imitei bem uma heroína, não foi? Quero dizer, se vocês estão aqui, então isso significa que o vídeo é totalmente incrível! NYFA, aqui vou eu! — ela rodou seu cabelo e se virou com as mãos no ar.

— Isso aí, amor. Viu? Eu disse que você era boa. — eu beijei o topo de sua cabeça. — O quê? — eu perguntei os oficiais. — Ela só tem cinquenta e seis quilos.

— Cinquenta e três, — Rage corrigiu.

— Desculpe baby, — eu me desculpei, antes de continuar, — Cinquenta e três quilos e Griff é um elefante. — eu indiquei, rindo. — Vocês realmente acharam que a minha menina aqui poderia acabar com ele? Vocês devem cair na real e pegar leve no departamento durante o verão. Vocês devem estar bem entediados para acreditar que isso seja verdade.

— Nolan Archer, certo? — Crest perguntou presunçosamente. Eu poderia não ter sabido quem ele era, mas, obviamente, ele me conhecia. — Ou eu deveria chamá-lo de Goon?

Rage continuou a sua dança com uma versão horrível do cabbage patch[20]. Eu assisti com admiração enquanto ela dançava perto da parede. Rindo quando ela quase caiu na minha varanda antes de se recuperar rapidamente.

— Você pode me chamar do que você quiser me chamar.

— O seu nome, senhorita? — Towers perguntou a Rage, que finalmente se acalmou e voltou para o meu lado.

— Regina. Regina George, — Rage respondeu, sem titubear. Eu tive que pressionar os meus lábios para conter meu riso.

Minha menina tinha bolas.

— Vamos falar com Griff e vamos voltar, — disse o Oficial Crest, anotando o nome falso de Rage em seu pequeno bloco de notas antes de fechá-lo.

— Não saia da cidade, — acrescentou Oficial Towers.

— Nós vamos ficar aqui! — Rage cantou quando eles entraram em seu veículo e foram embora em uma velocidade colossal de vinte quilômetros por hora. O carro soou mais como um brinquedo de criança que funcionava com bateria do que um veículo de polícia.

— Regina George? — perguntei entre os dentes enquanto Rage acenava.

Rage riu e fechou a porta. — O que? Você já viu *Meninas Malvadas?* Você viu? Temos que ver? — ela perguntou animadamente.

— Você não acha que devemos tirá-la daqui antes que eles falem com Griff e descubram o que realmente aconteceu?

— Não.

— E por que não? — perguntei, completamente confuso quanto a se esta criatura diante de mim realmente existia, e por que uma visita do policial deixou um sorriso no meu rosto, algo que nunca tinha acontecido antes.

Os olhos de Rage brilharam perversamente. — Nolan, você realmente acha que um cara como Griffin vai dizer aos policiais que uma menina de um terço de seu tamanho chutou a bunda dele na

[20] Um passo de dança famoso nos EUA.

frente de um grupo de pessoas? Ou você acha que ele vai ir junto com a história falsa do vídeo?

— Minha menina é um gênio do mal, — eu disse, me aproximando do balcão da cozinha. Rage se dobrou em uma reverência e eu não pude evitar. Me aproximei dela, pegando-a e colocando-a sobre o balcão, me empurrando entre as suas pernas. Eu a beijei nos lábios, suave no início, e, em seguida, eu estava mostrando a ela tudo que eu estava sentindo por ela naquele momento.

Quando finalmente me afastei para respirar, eu olhei para ela e vi um olhar preocupado no seu rosto. — Você disse que eu era a sua menina, — ela sussurrou, tocando os lábios inchados.

— Sim, eu disse, — eu falei, inclinando para outro beijo. Eu não poderia ter o suficiente de sua boca. — Agora eu vou ter a certeza de que você não se esqueça disso. — eu tomei a sua boca novamente, inclinando seu queixo para cima com as minhas mãos. Eu me afastei e beijei sobre a sua pálpebra fechada. — Mas, prioridades primeiro.

— O que seria? — perguntou Rage, bocejando de verdade.

— Você acabou de bocejar? — perguntei.

Ela balançou a cabeça e me dispensou.

— Não. Eu não bocejei. Você deve estar vendo coisas, — disse ela. — Mas me diga, quais são as prioridades? — ela perguntou, sua voz aumentando em expectativa, e eu sabia que ela estava esperando que eu dissesse todos os detalhes sujos de que eu planejava fazer com ela.

Mas tínhamos tempo, isso poderia esperar. Depois de ver como Rage lidou com os oficiais e com a facilidade que ela fez algo que qualquer outra garota de dezenove anos de idade iria pirar, eu tinha perguntas que não podia esperar mais.

— Primeiro, Regina George, — eu sussurrei, escovando meus lábios nos dela. — Eu vou te contar o meu, e você vai me dizer o seu. — seus olhos se abriram. — É isso aí. É hora de desvendar segredos, baby.

Capítulo vinte e um

NOLAN

Rage se sentou na cadeira do deck ao estilo indiano, com as pernas dobradas debaixo dela, como sempre fazia. Era fim de tarde. Eu trouxe um prato com um dos sanduíches que eu tinha feito enquanto ela tomava banho e trocava seu vestido molhado para shorts e em uma de suas camisetas cor de rosa. — Camiseta legal, — eu disse. Ela olhou para baixo e estendeu o tecido fino, movendo os lábios enquanto lia o que estava escrito, como se ela não se lembrasse de qual camisa ela estava usando. Esta camisa em especial dizia **'VOCÊ É UM FILHO DE UMA CADELA'**.

— Obrigada. — ela bocejou novamente. Pela quarta vez em menos de uma hora. Seus olhos estavam com as bordas vermelhas. A garota não queria admitir que estivava cansada por alguma razão, negando cada vez que eu perguntava sobre isso. Quando ela percebeu o que ela tinha acabado de fazer, ela olhou para mim e declarou. — Isso não é o que você pensou que era.

— Ok, — eu ri. — Eu acredito em você. Você não está cansada. Entendi.

Houve uma agitação na praia. Rage esticou o pescoço para ver por cima da minha cabeça. Eu segui o seu olhar para onde dezenas de gaivotas estavam limpando a praia de quaisquer restos de comida deixados pelos visitantes do dia, gritando com raiva um para o outro sobre pedaços de pipoca e cones de waffles.

— Por onde vamos começar? — ela perguntou, hesitante. Eu estava em outra cadeira, então eu poderia me sentar na frente dela, de costas para a praia.

— Do começo geralmente funciona. — nós iríamos ter essa conversa no quarto, mas o segundo que eu vi a cama, eu sabia que não ia acontecer, então eu nos tirei de lá e decidi que o deck era muito mais propício do que o quarto, onde o meu único pensamento era estar dentro dela.

Rage já estava rasgando em pedaços o presunto de seu sanduíche e os deixando cair para Murray que aguardava ansiosamente, que os pegava no ar antes mesmo de acertar o deck.

— Eu posso ir primeiro, se quiser, — eu ofereci.

Rage simplesmente assentiu.

Eu respirei fundo e descansei as mãos em cima da minha cabeça. — Bem, eu já te disse sobre como meus pais nunca estiveram ao meu redor, e como eles me largaram aqui com os meus avós até que um dia, eles simplesmente nunca mais voltaram para me buscar. Mas isso não é toda a história. — Rage endireitou e se inclinou. — O que eu não te disse foi que eles não eram apenas idiotas que abandonaram o seu único filho. Eles eram mentirosos. Ladrões. Da mais alta ordem. Meu pai costumava bater em minha mãe o tempo todo, eu o vi bater em meus avós também uma ou duas vezes. — eu me mexi na minha cadeira, recordando merda que eu preferiria não recordar. — A única razão pela qual eles vieram procurar meus avós, a cada poucos meses ou mais, era pra pedir dinheiro. A única boa coisa que o meu pai fez foi me apresentar ao hóquei e ele só fez isso porque ele costumava jogar em uma equipe menor da liga em Estero. Bem, até que ele foi jogado para fora do time por causa de brigas, — eu disse, olhando do meu prato para Rage para me certificar de que ela estava comigo.

Ela estava.

— Espera. Pensei que vocês eram autorizados a brigar no hóquei? — perguntou ela, franzindo o nariz.

Eu cocei a barba no queixo enquanto pensava em como explicar a briga de hóquei para Rage. — Bem, brigar tecnicamente não é permitido. É uma regra não escrita. Os jogadores passam uma espécie de código não oficial. É muito complexo, na verdade. Mas eu tenho certeza que não importa em qual liga você está, você não tem permissão para brigar com o treinador. É aí que meu pai errou.

— Oh, — Rage disse, mordendo o lado de seu polegar.

— De qualquer forma, sem o meu pai por perto, e com o meu avô por aqui, eu comecei a andar muito com o meu tio. Ele não era realmente o meu tio, mas uma pessoa que o meu avô conhecia. Ele me deixou ficar por perto em sua loja quando eu era apenas uma criança, e quando fiquei mais velho, ele me deu o trabalho de consertar motos. Me levou sob sua asa. — quando eu parei, Rage acenou para eu

continuar. — Ele se chamava Joker, que era o seu nome na estrada. Ele era vice-presidente dos Warriors na época. Ele é o nosso Presidente agora. Eu cresci no clube. Nessa vida. Consegui entrar quando eu tinha dezesseis anos. — eu corri os meus dentes ao longo do meu lábio inferior. — Eu sei que você reconheceu a minha tatuagem, mas como você está familiarizada com os MCs? — perguntei, me certificando de que ela pudesse seguir o que eu estava dizendo a ela sem ficar preso à detalhes do clube que ela poderia não entender.

Rage olhou para a praia e, em seguida, voltou para mim. — Eu te disse. Eu cresci observando eles. Eles estavam por perto. Acredite ou não, eu não cresci tão longe daqui, então eu vi esse símbolo antes. Mas não é a minha vez ainda. Se eu tiver alguma pergunta sobre algo que você me disser, eu vou perguntar, — disse ela com muita naturalidade. — Oh, eu tenho uma. O que seus avós acharam sobre você entra para o clube?

Eu balancei a cabeça e sorri, lembrando da expressão no rosto do vovô no dia que eu cheguei usando o colete. — Vovô era da velha guarda dos motoqueiros. Adorava a estrada mais que ele amava qualquer coisa além de minha avó. O velho amou quando eu me tornei um irmão.

— Mas você ainda jogou hóquei? — perguntou Rage. — Isso parece um pouco estranho.

— Sim, foi parte do acordo, na verdade. Eu queria ser um Warrior desde que eu descobri o que eles eram, mas Joker e meu avô se reuniram e decidiram que eu não poderia entrar a menos que eu concordasse em continuar a jogar hóquei e terminar o ensino médio. — eu soltei um suspiro. — Eu achei que no segundo que eu terminasse o ensino médio eu iria largar o hóquei e a faculdade e seria criado na vida do clube em tempo integral, mas então apareceu esse olheiro no meu último jogo. Ele conversou comigo um pouco depois. Eu não me lembro direito. A próxima coisa que eu lembro era que o treinador do Estado estava no telefone me pedindo para jogar para ele. A oferta de bolsa de estudos chegou no dia seguinte pelo correio na minha porta da frente. O resto é história.

— O clube deixou você sir? — Rage perguntou, parecendo surpresa.

Ela devia saber um pouco sobre a vida do clube por fazer uma pergunta dessas, mas era fofo ela pensar que deixar o clube vivo era

sequer uma possibilidade. Não era, não no meu clube de qualquer maneira.

— Eu nunca deixei o clube. Eu estava nele, assim como eu estou nele agora. Joker me disse que eu não poderia deixar passar a oportunidade, então ele praticamente me obrigou a ir. — eu corri minha mão sobre meu braço. — O treinador sabia no que eu estava metido. Disse que eu poderia jogar, mas eu não poderia usar meu colete. Eu tive que deixá-lo em casa e isso também. — eu estendi o meu braço para Rage ver os restos das desbotadas tatuagens dos Warriors. — Doeu como uma cadela tirar as tatuagens dos meus braços, mas eu fiz nas costas depois. Nas costas é muito mais fácil de esconder do nos braços, e dessa maneira, mesmo quando eu estava no gelo e eu ainda estava representando meus irmãos.

— Você deve ser alguém especial para eles fazerem esse negócio com você.

Você não tem ideia.

— Antes de eu sair, Joker tinha planejado me passar o martelo[21]. Quando recebi a bolsa de estudos, ele decidiu que não ia mudar esses planos até que visse aonde a coisa do hóquei ia me levar. — eu bufei. — Agora que estou de volta, ele está ligando sem parar, quer me tornar oficial. VP e depois Presidente, mas eu não acho que estou pronto. Ainda não de qualquer maneira. Eu sei que quando eu colocar esse colete de volta isso significa que eu vou desistir do hóquei. Eu não estou pronto para fazer isso ainda. — olhei para a cicatriz no meu joelho. — Depois que eu me machuquei, eu estava pronto para voltar aqui e pular de volta para vida do clube depois que eu passei algum tempo sozinho chateado com o mundo.

— O que fez você mudar de ideia? — perguntou Rage.

— Esta menina. Eu não sei se você sabe dela. — eu me inclinei para frente e baixei a minha voz. — Mas ela veio do nada. A coisa mais bonita que eu já pus os olhos. — Rage sorriu. — Ela salvou a minha vida.

— E a do seu cão, — Rage acrescentou.

— Sim, e a do meu cão, — eu admiti. — Na manhã seguinte que eu quase morri, eu mudei de ideia. Eu sei que é um tiro no escuro, mas

[21] O tornar presidente do MC.

eu não estou pronto para desistir dessa perna. Acho que ela ainda pode me levar a algumas milhas.

— É isso? — Rage perguntou, inclinando a cabeça.

— É isso o que?

— Você fez parecer que você tinha mais para contar. Você disse algo sobre seus pais, — Rage disse, mordendo o polegar.

Ah, sim, essa informação.

— Como eu disse, os meus pais eram pessoas más. Eu vim aqui para uma visita de três dias, um jogo rápido, enquanto a equipe estava passando pela cidade. Meus pais estavam aqui... — eu enterrei meus dentes nos meus lábios e agarrei o braço.

— E? — perguntou Rage.

— Acontece que meus pais precisavam de dinheiro, mais uma vez, então eles tiraram isso da apólice de seguro dos meus avós.

— Eles mataram seus avós? — Rage perguntou diretamente.

— Sim. Eles mataram.

— Então, o que você fez? — perguntou Rage, mordendo o lábio inferior.

Dei de ombros e levantei o olhar para encontrar os dela. — Eu matei os dois.

Eu não sei o que eu esperava como seria a reação de Rage. No tempo que eu tinha conhecido ela, eu aprendi que as expectativas e a raiva não andam juntas. O que eu não esperava era ela se levantar, levantar a sua camiseta sobre a cabeça e se sentar sobre mim.

Ela me beijou. Não um beijo *eu-sinto-muito-sobre-seus-avós*. Mas sim um beijo de *me-foda*. Nossas respirações estavam selvagens, nossas línguas procurando uma a outra. Eu tinha achado que não seria tão ruim se nós terminássemos a nossa conversa mais tarde.

Especialmente quando eu podia sentir o calor de sua buceta e a umidade através de seus shorts contra o meu estômago nu. Quando ela mordeu meu lábio inferior e chupou em sua boca, eu quase caí na piscina, mas corrigi a nossa posição antes que isso pudesse acontecer.

Rage nem sequer pareceu notar.

Perdida em luxúria, ela não deu qualquer atenção para o fato de que quase caiu na piscina que detestava mais que tudo.

Eu poderia transar com ela. Agora mesmo.

Ou poderíamos parar e então poderíamos passar para a história de Rage.

Porra. Meu pau estava dolorosamente duro. Eu queria fazer Rage minha em todos os sentidos, mas, a fim de ser minha, eu precisava saber por que ela reagiu desse jeito. Por que ela estava me beijando depois que eu disse a ela que eu tinha matado os meus pais quando a maioria das pessoas estaria no meio caminho para a delegacia de polícia nesse momento. Eu sabia que a sua história não ia ser unicórnios e arco-íris, mas eu precisava saber mais sobre a garota selvagem no meu colo. Eu precisava saber tudo.

Agora.

Porque ela era *minha.*

Eu não queria controlá-la.

Eu queria ser *dono* dela.

Isso significava que eu não podia foder com ela até que ela me contasse tudo. Fechei os olhos e respirei fundo. Reunindo toda a força que eu nunca soube que eu tinha, eu coloquei minhas mãos nos braços de Rage e a puxei de volta. Seus olhos se abriram. Seus lábios estavam inchados do meu beijo. Os seios dela estavam cheios, os seus mamilos estavam duros e eles estavam bem na porra da minha cara. Engoli em seco. — Primeiro, eu tenho que ouvir a sua história, — eu disse. Rage choramingou e moeu em meu colo. — Ahhh, — eu gemi. — Você é uma cadela suja. Se você está tentando sair deste jogo, não vai funcionar. Mas depois que você me disser o que eu preciso ouvir, eu prometo que vou fazer você gozar de todas as formas possíveis. — Mordi a pele entre seu pescoço e ombro. Sua cabeça caiu para trás. — Então eu vou fazer você *gozar* e *gozar* e *gozar*...

Não sendo capaz de resistir um pouco do sabor, eu envolvi as minhas mãos em suas costas e a puxei para mais perto de mim para que eu pudesse chupar um de seus seios perfeitos. Se alguém andasse sobre a praia ou através do beco entre a casa e os apartamentos, eles

seriam capazes de nos ver, mas eu não dava à mínima. Eu deixaria ela montar no meu rosto aqui fora se ela me dissesse que queria isso. Eu deslizei minhas mãos em braços e novamente tentei a levantei de cima de mim, relutantemente soltando seu mamilo da minha boca.

— Por favor, — ela implorou, deslizando o seu calor pelo meu pau, que estava prestes a explodir. — Só uma vez. Eu quero que você faça o que você fez comigo antes.

Que porra essa menina está fazendo comigo?

Eu sempre pensei em mim como obediente. Eu enrosquei as minhas mãos pela parte de trás do cabelo dela e puxei, expondo seu longo e bonito pescoço para mim. — Só uma vez? — perguntei, embora não fosse realmente uma pergunta.

Ela assentiu com entusiasmo, com os olhos ainda fechados. Não importava o quão duro eu agarrasse a seus braços para segurá-la, ainda assim, ela conseguia esfregar contra meu pau. — Eu vou fazer você gozar uma vez. Eu vou te dar o que você precisa baby, e depois estaremos de volta aos negócios. Isso vai ser rápido e sujo.

Eu estava com ela ainda no meu colo e a coloquei sobre o chão tempo suficiente para empurrar os seus shorts frágeis, expondo a sua buceta nua. Eu queria olhar. Eu queria abrir as suas pernas e saboreá-la novamente, mas eu precisava recuperar um pouco de controle. Mesmo recebendo o que queria, ela precisava saber quem mandava. A peguei de volta e ela colocou os braços em volta do meu pescoço. Me sentei na cadeira, suas pernas novamente distribuídas em volta de mim, o calor no meu estômago quase insuportável. Nesse momento, compreendi a conexão entre o prazer e a dor. Meu pau estava pingando da ponta, a frente da minha sunga mergulhado em uma mistura de ambos, ela e eu.

— Ponha seu rosto aqui, — eu ordenei, puxando sua cabeça para que o seu rosto estivesse enterrado entre o meu pescoço e meu ombro. Cada pequeno sopro e roçar de seus lábios contra a minha pele fazia meu pau se contorcer. Minhas bolas ficaram apertadas como se eu pudesse gozar a qualquer momento, mas isso não era sobre mim. Coloquei as minhas mãos em torno de sua coxa e com uma mão, corri os meus dedos para cima e para baixo até a volta de sua bunda. A puxei para que sua bunda ficasse ligeiramente inclinada no ar, mas seu clitóris ainda estava conectado ao pau duro na minha bermuda.

— Por favor, — ela implorou.

O segundo que o meu dedo indicador entrou em contato com a mais quente e, mais molhada buceta que eu já tinha tocado, eu empurrei um dedo dentro e ela gritou no meu pescoço. Ela era tão apertada, era como um vício apertando ao redor do meu dedo. Se esse cara, Cody, tinha fodido ela, ele não fez direito, ou ele tinha um micro pau porque o tanto quanto eu poderia dizer, Rage estava intacta.

E tudo era meu.

Quanto mais tempo continuasse assim, menor as chances de cavar algumas verdades dela. Eu bombeei o meu dedo dentro e fora dela, arrastando a sua umidade sobre o clitóris em um movimento circular, em seguida, empurrando de volta para dentro novamente. Ela moeu contra a minha mão e eu acelerei o meu ritmo, fodendo com os meus dedos mais rápido, mais duro. Ela estava tão molhada. Tão lisa. Mas tão apertada que quando eu tentei empurrar outro dedo, eu não consegui chegar longe.

Eu a mantinha ancorada em mim, minha mão na parte de trás do seu pescoço. Meus dedos mergulhavam dentro e fora de seu calor. — Continue moendo em mim, baby. Monte meu pau. Esfregue o clitóris em mim. Finja que estou transando com você. Que é o meu pau dentro de você. — eu gemi quando sua buceta se contraiu no meu dedo, sugando-o mais profundo. — Você está tão perto baby.

— Me diga co.. como, — ela murmurou. Eu não tinha certeza do que ela estava falando no início, mas, então a compreensão me bateu.

— Você quer saber como eu os matei? — perguntei, empurrando mais profundo. Ela fez o que eu disse e foi arrastando a sua buceta de cima para baixo no meu comprimento, e pela segunda vez no mesmo dia, eu estava a segundos de gozar em um lugar que não era a buceta de Rage, o que não era o que eu queria**.**

— Sim, — ela assobiou.

— Eu os fiz se ajoelhar na praia, de frente para a lua. Eu fiz eles pedirem desculpas primeiro. Então eu finalizei com uma bala nas costas de suas cabeças e morreram exatamente como o covardes que eles eram.

Rage gemeu e moeu mais contra mim, sem vergonha. — Aaaaahhhhh, — ela gritou, juntamente com algumas outras palavras que eu não consegui entender.

Eu não sei por que eu disse o que disse depois. Talvez fosse porque eu precisava que ela soubesse. Talvez porque eu queria alimentar o lado distorcido da minha garota que ficou excitada com a ideia de eu matar alguém.

— Eu mataria por você, Rage, — eu rosnei contra a orelha dela, segurando-a ainda mais apertado, transando com ela ainda mais duro. — Se alguém tentar te machucar. Se alguém tocar na porra do que é meu, eu vou acabar com eles... por você. — as coxas de Rage começaram a tremer e sua buceta apertou com força em volta do meu dedo. Ela tirou o rosto do meu ombro e olhou bem nos meus olhos quando ela gozou, balançando contra mim, cavalgando em seu orgasmo.

Ela caiu em cima de mim e eu bufei em seu cabelo, tentando me acalmar depois de testemunhar a garota mais sexy que eu já conheci gozar na minha mão. Eu beijei o topo de sua cabeça.

Se eu não tinha feito ela gozar duro antes, eu fiz agora.

Porque eu acho que eu acabei de me apaixonar por Rage.

O lugar no meu pescoço, onde seu nariz desembarcou quando ela desabou, ficou quente sob as suas respirações. Suas costas nuas subiam e caiam em um ritmo suave e eu sem pensar tracei círculos em seus braços com os meus dedos.

Rage estava dormindo.

— Merda, baby, — eu sussurrei em seu cabelo. — Você realmente vai me matar.

RAGE

Música estava tocando. Uma e outra vez, a mesma melodia esvoaçava pelo ar. Ela ficou mais alta e mais alta. Meus olhos se

abriram e eu tentei me sentar, mas um pesado braço estava descansando sobre o meu estômago.

Eu estava na cama de Nolan. Ele estava enrolado ao meu lado, com o cabelo cobrindo o seu rosto enquanto ele levemente roncava. Estendi a mão e empurrei o seu cabelo para trás, esfregando o polegar sobre sua testa e depois na ponte de seu nariz, que ele enrugou quando eu toquei. Ele se aproximou e fungou. Suspirando profundamente.

Toda a prática do bocejo deu certo. Nolan realmente acreditava que eu tinha adormecido. Eu desejei que realmente fosse assim tão fácil adormecer realmente. Em vez disso, eu tive que fingir que não senti ele me levantar e me levar contra ele para a cama. Eu tive que fingir que eu não senti suas mãos em mim quando ele me cobriu. Mas o pior foi ter que fingir que eu não queria suas mãos sobre mim mais uma vez.

Eu esperei, no meu falso estado de sono por mais de uma hora, antes de sentir Nolan cochilar ao meu lado.

A conversa que ele queria ter comigo nunca poderia acontecer. Eu estava errada quando eu pensei que eu poderia contar a ele a verdade. Ele nunca poderia saber. Havia muito em jogo.

Joker. De todas as pessoas desse mundo do caralho para ser o tio de Nolan, tinha que ser Joker. O presidente dos Warriors e o homem que não queria nada mais do que me ver pendurada em seu clube com meu rabo de cavalo em volta do meu pescoço. Ele nunca gostou de mim. Ele passou a gostar menos ainda quando ele diminuiu meu pagamento e eu fiz a sua casa explodir em uma bola de fogo ardente. Pra finalizar, enquanto sua casa queimava eu liguei pra ele e coloquei pra tocar 'Burning Down the House' através do receptor, enquanto eu ajeitava o farol no meu scooter.

A música começou novamente e foi aí que eu percebi que não era a música. Era o meu telefone. Dei uma última olhada em Nolan, memorizando a forma como ele dormia. Então, muito lentamente, eu escorreguei para fora do seu braço e na ponta dos pés fui para a sala de estar onde meu telefone estava tocando.

A foto do Urso Smokey apareceu na tela[22].

— Sim, — eu respondi em um sussurro alto.

— Ei, — disse Smoke. — Você tem o que eu preciso?

— Sim. Os pais dele estão mortos. — eu olhei ao redor do quarto. A lua cheia lançava uma luz sobre o pequeno espaço que eu tinha sido estúpida o suficiente para começar a gostar. Acostumar. Um lugar que eu deixei me enganar pensando que era a minha casa, embora eu soubesse o tempo todo que era temporário. Para alguém que tinha problema em se adaptar, eu rapidamente me adaptei não só à casa... mas à Nolan. — Eu estou fora. — olhei através da porta aberta do quarto para o homem debaixo das cobertas. — Você quer que eu o mate? — perguntei, prendendo a respiração enquanto esperava por uma resposta.

Goon e Rage nunca tiveram uma chance.

Talvez em outra vida, Hope e Nolan poderiam estar juntos, mas aqui não era outra vida, e eu não tinha sido Hope em anos.

— Não esta noite, — disse ele, eu cobri o telefone enquanto eu exalava. — Tem certeza que terminou aí? — Smoke perguntou.

— Positivo. Se eu tenho o que você precisava, então eu estou indo para a próxima, — eu disse, clicando no botão Finalizar chamada e pegando a minha bolsa. Dei uma última olhada ao redor do quarto e meu peito ficou mais apertado.

O sentimento só piorou quando eu dei partida em minha scooter.

Pela primeira vez desde que eu saí de casa, a liberdade que eu ansiava, a liberdade que eu desisti de tudo para sentir, agora parecia escura e vazia.

— *Porra, baby. Você vai me matar,* — Nolan tinha dito.

---

22 

Lágrimas se formaram nos meus olhos. Tentei pará-las. Eu consegui permiti que uma única lágrima caísse pelo meu rosto.

— Não hoje, pelo menos, — eu disse, enxugando meu rosto e fungando. — Hoje não.

Capítulo vinte e dois

NOLAN

Eu deveria ter percebido que a porra do bocejo era falso. Eu mesmo a vi praticando semanas atrás, mas eu ainda não conseguia ver além das minhas bolas azuis para juntar dois mais dois.

Eu não sou um fodido covarde. Não fui criado para ser um covarde. Eu nunca chorei durante filmes tristes.

Quando os meus avós morreram, foi uma baita merda.

Quando eu matei os meus pais, foi vingança. Uma doce vingança.

A maneira que eu me senti no funeral dos meus avós, por pior que tenha sido, não chegou perto do jeito que me senti quando eu acordei em uma cama vazia.

Mais uma vez eu sabia.

Rage tinha ido embora.

Nada que eu já senti antes se comparava com o que senti quando vi a nota que ela tinha deixado, escrito nas letras de ímã no refrigerador.

Eu sou 1 dos maus

Eu sempre pensei que um 'coração partido' era apenas um ditado, um exagero. Eu percebi que eu estava errado no momento em que vi a sua nota, porque eu senti como se todo o ar estivesse sendo sugado para fora do meu peito. Eu podia sentir as linhas querendo se quebrar através de mim, como se alguém estivesse cortando através do meu coração com uma lâmina de barbear.

Esse é o momento que eu senti o meu coração realmente quebrar. Na verdade, doeu pra caralho. Me inclinei ao meio e agarrei o meu peito como se tivesse levado um tiro.

Eu preferia que ela *tivesse* atirado em mim.

Teria doído menos.

Eu estava quebrado... assim como a porta de vidro deslizante.

Peguei uma cadeira da mesa da sala de jantar e lancei através do vidro com um rugido gutural tão profundo e angustiante sendo deixado para trás pela única pessoa que eu realmente amei, com apenas uma nota de ímã de geladeira de uma merda como a porra de um adeus.

Eu vi os pedaços irregulares de vidro caindo no chão. Eles cortaram os meus pés quando pisei em cima deles para ir até o deck. A dor se transformou em algo totalmente diferente, e eu só senti uma coisa.

Raiva.

Eu não dava a mínima para o que ela achava. Isso não tinha acabado. Estava longe pra caralho de acabar.

Capítulo vinte e três

NOLAN

Seis meses depois

Agitação.

Isso é o que aumentou durante esses meses desde que Rage foi embora sem um adeus.

Fodidos imãs de geladeira não conta.

Eu estava tão agitado que finalmente limpei a piscina e ajeitei o filtro. O que antes era um monte verde de sujeira agora era azul e estava brilhando.

Livre de germes.

Rage aprovaria.

O que só me irritou mais.

Pode parecer estúpido, mas o meu maior arrependimento foi não ter reivindicando a sua buceta antes dela ir embora. Dessa forma, pelo menos, eu teria a satisfação de saber que ela estava em algum lugar no mundo com a minha marca invisível nela. Embora uma visível tivesse funcionado também. Uma tatuagem. A porra de um selo na testa.

Rage era minha e eu precisava que o mundo soubesse.

Primeiro, eu precisava que ela soubesse disso.

Minha perna tinha ficado muito mais forte. Eu não estava mais usando as muletas, e eu estava gastando muito tempo correndo na praia e malhando no deck para ganhar a força que eu tinha perdido de volta.

Mas nenhuma quantidade exercícios fez com que ela saísse da minha cabeça. Nenhuma quantidade de corrida. Nenhuma quantidade de punheta.

E eu tinha tentado.

Dia sim, dia não, era uma lição de paciência e força de vontade e todos os dias, quando eu esperava que fosse o dia em que os meus pensamentos sobre ela iriam começar a desaparecer ou que eu iria receber uma chamada com sua localização, não aconteceu. Pesquisa após pesquisa, sem achar absolutamente nada sobre ela.

Minha memória também era um inferno, torturado por pensamentos de uma menina que tinha ido por muito mais tempo do que o tempo que eu tinha ficado com ela.

Na verdade, era mais como um purgatório. Eu estava em uma paralisação completa e absoluta.

Eu tinha pendurado meu colete na porta da frente para me lembrar o que esperava por mim. Colocá-lo de volta significava que eu tinha desistido do hóquei e de conseguir a bolsa de volta, algo que eu não estava totalmente pronto para fazer. Minha perna estava em boa forma. Tudo o que eu tinha que fazer era ligar para o treinador, pedir um dos médicos da equipe para me checar, e ver o que eles achavam.

Eu não fiz.

Até eu encontrar a minha menina, todo o resto ficará em espera.

Talvez a minha agitação interna fosse parcialmente devido há tanto tempo sem sexo.

— Não importa quanto tempo você olhe para esse colete, ele não vai chupar o seu pau, — disse uma voz atrás de mim. Uma voz que reconheci imediatamente.

Joker.

Girei na minha cadeira, o sol da tarde brilhou contra suas costas, sua barba grisalha mais longa do que nunca.

— Você nunca sabe bater, porra, — disse eu.

Joker encolheu os ombros e se inclinou contra o sofá. Ele apontou para a minha camisa enrugada e barba por fazer. — Você parece uma merda.

— Obrigado. Olá para você também, — eu disse, tomando um gole da minha cerveja.

— Então me deixe ver se entendi, — ele começou, passando a mão em sua longa barba prata, que estava trançada e amarrada no final com um elástico vermelho. — Toda essa merda de auto piedade ainda é sobre o hóquei? Porque parece que você tem alguns problemas relacionados à buceta para mim. Confie em mim, eu tive o meu quinhão disso e posso reconhecer essa merda lamentável a uma milha de distância. — Joker foi até a geladeira e se serviu de uma cerveja. — Então, quem é a buceta que está fugido com as suas bolas? Não é a vadia da Jessica, é?

— Até parece. Eu não tenho pensado nessa cadela desde o dia que eu me mudei para este lugar, — eu bufei. Rage fez isso comigo. Era como se no segundo que ela entrou na minha vida, Jessica deixou de existir.

— Sim, eu vi o vídeo no Instagram. A cadela parece que dá para qualquer um de qualquer maneira, — Joker disse, torcendo a parte superior da sua cerveja e jogando-a na pia.

— *Você* tem uma conta no Instagram? — perguntei. O homem tinha dificuldade até em mexer no controle remoto.

Joker assentiu. — Sim, mas é principalmente para comunicar com os netos. Desde que Sally se mudou para a Geórgia, ela está se certificando de publicar novas fotos das crianças todos os dias para mim e minha old lady. Não é como se eu postasse alguma coisa. Seria uma vergonha fazer uma selfie com a porra de uma semiautomática no fundo.

Eu ri. — É verdade.

— Falando de prostitutas, — disse Joker. — Se não é a piranha com o vídeo na internet que torceu suas cuecas, então quem é? Porque do jeito que eu estou pensando, você tem que ser muito louco para ignorar as chamadas do seu Presidente.

— Eu estava ignorando *os* apelos *do* meu *tio,* — eu o corrigi. — Não o meu Pres. E... o resto é complicado. — eu suspirei. — Tão, fodidamente complicado.

— Eu vim checar você, mas eu também vim para descobrir onde está a sua cabeça, que eu estou supondo que é outra razão pela qual você esteja ignorando as minhas ligações. Sinto muito sobre sua perna. Especialmente depois de uma exceção especial feita para

você. Ninguém mais tem uma licença de ausência do clube por qualquer motivo. Mas tínhamos fé em você, garoto, então é por isso que votamos a favor. — Joker se aproximou e colocou a mão no meu ombro. — Ainda estamos a favor.

— Eu não sei onde a porra da minha cabeça está, — eu admiti.

O tom de Joker correu muito rapidamente do educado para gravemente sério. — Você sabe que não voltar não é opcional. Se o hóquei é um negócio morto, você tem que voltar e colocar esse colete. Simples assim. Francamente, estou surpreso que você não resolveu isso, do jeito que você nos contou que eles estavam dizendo, você nunca colocaria os patins novamente. — Joker suspirou. — Você fez promessas aos seus irmãos quando ganhou seu colete, e eu vou segurar sua barra para eles, assim como eu faria com qualquer outra pessoa, — disse ele, suas palavras carregadas com todos os avisos que ele não precisava repetir. Eu sempre soube que não voltar não era opcional.

— Não é uma questão de voltar. Saí da cidade, não do clube. Só porque eu não podia usar o colete no campus não significa que eu não sou mais um irmão, você sabe disso, — eu disse. — Eu não coloquei meu colete de volta porque eu sinto que eu estou dando adeus e eu não estou pronto para fazer isso ainda. Quanto à perna, estou me sentindo melhor, muito melhor. Eu tenho que ver em relação a este joelho. Em breve. Mas agora eu tenho alguns outros assuntos urgentes.

— Como esperar por uma puta? — perguntou Joker.

— Ela não é uma puta, — eu disse entre os dentes. Se Joker fosse qualquer outra pessoa, ele teria os meus punhos na cara dele. — É mais do que isso, — eu disse, inclinando e esfregando a minha testa. Passei a mão no meu rosto e olhei para o meu tio, que estava esperando que eu explicasse. — Eu não sei o que você quer que eu diga. Ela se foi. Eu não consigo encontrá-la. Consegui pessoas para encontrá-la, porém. — eu terminei a minha cerveja e fui até a geladeira para pegar outra.

Joker andou até a parede de fotos de família que a minha avó tinha feito. Quadro após quadro baratos de fotos preto em branco, que começavam na parte superior da parede. Elas eram em sua maioria fotos minhas. Havia algumas manchas amareladas em forma de moldura na parede, pois eu retirei as imagens dos meus pais que

costumavam estar lá. Eu tinha rasgado todas as fotos deles após acabar com as suas vidas. Balancei sobre os calcanhares com as mãos entrelaçadas atrás das costas e ele inspecionou as imagens como se estivesse procurando algo.

— Ah, — disse ele, arrancando uma da parede. — Viu isso? — ele perguntou, empurrando a estrutura de madeira verde em minhas mãos.

A foto lá dentro parecia como se fosse provavelmente a partir dos anos setenta. Um pouco embaçada, a cor desbotada. Minha avó e meu avô em sua moto e ao lado deles estava outra moto com Joker e uma mulher que eu não conhecia. Eu nunca tinha visto ou me preocupei em olhar para esta foto antes, mas já que não era nada de anormal, se misturou com as outras. — Quem é essa? — perguntei, apontando para a mulher.

— Bem, não é a minha esposa, — disse Joker com uma risada.

— Sim, disso eu tenho certeza, Elton John, — eu disse, apontando para os óculos de sol brancos que ele usava na foto. Ele me bateu na parte de trás da cabeça.

Joker não tinha sido fiel à sua esposa, Miriam, em todo o seu casamento. Não era nada que qualquer pessoa, incluindo Miriam, não tinha conhecimento. Então, por que ele estava me mostrando uma foto antiga de uma prostituta do clube de quarenta anos atrás? Ele se encostou ao balcão e cruzou os braços sobre o peito e os pés nos tornozelos. — O nome dela era Grace.

— E? — eu perguntei, precisando que ele chegasse a um ponto e rápido.

— E, embora ela não seja a mulher que eu casei, ela era... a única. — Joker levantou a sua cerveja e tomou um longo gole. — Eu amo os meus filhos com Miriam, não me interprete mal. Mas Grace e eu tínhamos uma filha. Sadie. A criança que eu nunca cheguei a segurar. Eu tinha muitas coisas acontecendo naqueles dias e eu deixei todas as besteiras sem importâncias serem mais importantes do que a minha mulher e o meu filho.

A tristeza atravessou o seu rosto. — Quando me dei conta, já era tarde demais. — ele olhou para os seus pés. — Muito tarde.

— Por que você está me dizendo isso agora? — perguntei.

Os olhos de Joker encontraram os meus. — Porque filho, sou a porra de um homem velho e eu vejo um garoto como você sentado aí como se o mundo fosse vir até você. O hóquei não vai passar por aquela porta e cair de joelhos para chupar o seu pau assim como o clube faz. O clube também não vai mover a porra do arsenal para te dar cobertura. — Joker fez uma pausa e inclinou a cerveja para mim. — E aquela menina que você está tão preso não vai voltar e esperar você se decidir mover o inferno e a terra para arrastar a sua buceta de volta para onde ela realmente pertence.

— Você não acha que eu quero arrastá-la de volta pela porra do seu cabelo? — eu disse, levantando a minha voz. — Eu não sei onde ela está!

— Então, a encontre, porra! — disse Joker, mais alto ainda.

— Estou tentando! Liguei para Sampson, ele está nessa. — eu afundei de volta contra a geladeira.

— Filho, Sampson não consegue encontrar o seu pau nem com um par de pinças, — Joker disse. — Vou te dizer uma coisa, se você quiser, eu posso ligar para o meu cara. Ele pode encontrar qualquer um. — ele fez uma pausa. — Bem, ele pode encontrar qualquer um, exceto a cadela que queimou a porra da minha casa. — ele rosnou com a memória. Sua casa tinha sido queimada um tempo atrás quando eu estava ausente, na faculdade. Eu assumi que 'a cadela' que ele estava sempre resmungando era alguma prostituta do clube. Joker também tinha passado por maus bocados.

Eu estava temporariamente a bordo com a ideia até me lembrar de um fato estridente muito alto. — Eu não tenho muito para te dar, — eu ri com o ridículo do que eu estava prestes a dizer. — Eu nem sei o nome verdadeiro dela.

Joker não se incomodou com este fato. — Não é o que você não sabe, garoto. É o que você sabe.

— O que não é muito, — eu disse. Como eu poderia saber tão pouco sobre alguém, mas estar tão certo sobre todos ela ao mesmo tempo?

— Você provavelmente sabe muito mais do que você acha que sabe, — disse Joker, apontando seu queixo. Ele terminou sua cerveja e a jogou no lixo.

— Eu espero que você esteja certo.

Joker estava prestes a sair pela porta de trás quando eu chamei, — Qual é o nome do seu cara?

— Você realmente conheceu antes. Anos atrás, quando você era uma criança. Essa é a única razão pela qual eu vou te dizer, porque é um nome que eu gosto de manter no bolso para um dia chuvoso. — Joker abriu seu colete e bateu no bolso da camisa. — Ele se chama Smoke. — ele finalmente disse, antes de desaparecer de vista.

Eu assumi que Joker já tinha ido quando ele inclinou a cabeça através da porta aberta e acrescentou: — A pequena cadela que queimou minha casa? Aquela pequena vadia loira se chama Rage.

Joker não ficou para ver o olhar atordoado no meu rosto.

Ele também não ficou por aqui para me ver jogar a minha garrafa vazia contra a parede, arrancar o meu colete do cabide ou puxar o cobertor da minha moto.

Seis meses tinham sido demais. Não só Rage estava sumida no mundo, mas ela estava lá fora, com um alvo na cabeça de ninguém menos do que a porra do meu clube.

Joker estava certo sobre uma coisa, porém... era hora de encontrar a minha menina. Eu estava disposto a fazer mais do que mover céus e terra. Eu estava disposto a caminhar através do inferno e voltar.

Capítulo vinte e quatro

NOLAN

Hansen Bar costumava ser um lugar que as crianças pobres de férias iam. Jarras de cerveja barata manteve o local cheio de gente mesmo fora da temporada, o mesmo vale para o estacionamento. Assim que a economia se recuperou, assim como o bar, depois da reforma, virou local obrigatório de cada MC de Miami à Savannah.

O enorme homem que usava uma bandana azul veio tropeçando para fora do bar com uma morena debaixo do braço, me acertando na lateral. Imediatamente, a minha raiva queimou. Eu estava prestes a dizer algo, mas ele falou primeiro. — Hoje à noite a festa é privada, — disse ele. Isso é quando eu observei seus coletes.

Bastards.

Eu estava no lugar certo.

Ele se inclinou contra uma pilastra a três metros da porta, que sustentava o sinal WE ID. Ele acendeu um cigarro e abriu a sua calça de couro. A morena estalou e caiu em seus joelhos ali mesmo no estacionamento rochoso. Ele sorriu para mim ao espalhar os dedos pelo cabelo dela, segurando a parte de trás da cabeça dela e puxando-a duramente contra ele. Ela gritou enquanto ele riu, soprando a fumaça pelo nariz. — Você não pode entrar lá, — disse ele.

— É mesmo, por que filho da puta? — eu desafiei, o avaliando de cima a baixo da mesma forma que eu avalio alguém durante um jogo.

O homem riu. — Sim, é sim. Nada de civis esta noite, garoto. Vai ter que caçar alguém pra foder em outro lugar. Se me permite dizer, um cara como você deveria voltar para Causeway junto com os outros playboys.

Eu abri o meu capuz preto expondo o colete dos Warriors. Os olhos do homem se arregalaram. Foi bom colocar o colete novamente depois de tanto tempo. Junto com couro desgastado e flexível, a coisa

veio com poder que surgiu através das minhas veias e me fez querer comer este filho da puta como um canibal. — Quer me chamar de playboy de novo, filho da puta?

Eu estava prestes a colocar o idiota em seu lugar, quando Paco, a pessoa exata que eu estava procurando, saiu por entre as portas balançando com um cigarro pendendo de seus lábios. Ele era a cara do seu irmão mais novo, Pinto, exceto que Paco não era um civil como seu irmão, ele fazia parte da irmandade dos Beach Bastard.

— Goon! — Paco gritou, o branco de seus olhos injetados de sangue. Ele me puxou para um abraço rápido. Quando ele me soltou, seu olhar passou de mim para o homem de bandana, no qual eu ainda estava encarando, visualizando sua morte rápida.

— Jailbird, pare de ficar olhando para Goon aqui e desfrute do seu boquete, porra, — disse Paco, então se virou para mim. — Goon pegue a porra da sua bunda e traga ela aqui! — ele sorriu como se não estivesse a ponto de separar uma briga e me puxou pelo braço, me levando para as portas.

— Paco, você não pode levá-lo... — Jailbird começou, empurrando a morena para o lado, que se levantou e limpou a boca. Ele não se preocupou em fechar a sua calça e o pau flácido ficou balançando livremente quando ele veio em nossa direção. Paco deu um passo para frente também, de pé entre mim e Jailbird. Ele não era um homem grande, mas Paco tinha um olhar louco em seus olhos, o olhar que dizia 'você não sabe do que eu sou capaz' que poderia afastar qualquer filho da puta com o dobro do seu tamanho.

Jailbird não deve ter entendido o recado porque de modo algum o fez recuar.

— Escute Jailbird, — disse Paco, o tom de brincadeira que ele tinha usado em sua saudação tinha ido embora. — Quero dizer que você vai voltar para aquela mulher e cuidar da sua vida, porra. Goon aqui é sempre bem-vindo. Não estamos em guerra com os Warriors, não agora de qualquer maneira. Se você ainda tiver problema com isso quando acabarmos com a nossa cerveja, eu vou voltar aqui e todos nós podemos matar uns aos outros. Entendeu?

Jailbird finalmente concordou com Paco, murmurando algo em voz baixa quando Paco entrou novamente no bar e fez um gesto para que eu o seguisse. Eu passei pelo o meu novo amigo e o empurrei para o lado enquanto eu seguia atrás de Paco.

— Não ligue para ele. Ele é novo e ele é um saco. Péssima combinação. Além disso, ele não sabe quem é você, — disse Paco, que levantou dois dedos para o barman e, em seguida, mais dois. O barman, um homem ainda mais velho do que os meus avós, colocou duas cervejas e duas doses.

O bar estava cheio de motoqueiros e algumas mulheres semi-vestidas. Os Bastards MC não estavam longe de Ridge Harper e embora eu tenha visto alguns rostos familiares na multidão, a maioria deles eram desconhecidos para mim.

Paco notou que eu olhava ao redor. — Estamos todos aqui porque nós estamos indo para a guerra. Tive que recrutar. Buscar alguns homens de diferentes departamentos.

— Guerra com quem? — perguntei. — Eu sei estive fora por um tempo, mas eu teria ouvido falar sobre carne nova no Warriors. Além disso, você acabou de dizer que não estávamos em guerra. Se estivéssemos, vocês teriam cortado a minha garganta quando eu entrei por aquela porta.

Paco riu também. — Verdade. Mas, falando sério, você não ouviu? — ele se inclinou contra o balcão.

Eu balancei a cabeça e tomei um gole da minha cerveja. — Eu estive um pouco ocupado desde que voltei.

— Sim cara, eu ouvi sobre sua merda no hóquei. Sinto muito por isso. Se alguém por aqui deixasse de ser um lixo branco para ir para as grandes ligas, esse alguém seria você.

— Obrigado, — eu disse. — Eu acho.

— Bear. A pessoa com que estamos em guerra.

— Merda, não, — eu disse, sem acreditar. Chop era o presidente dos Bastards. Bear era o seu VP... e o próprio filho de Chop.

Paco passou a mão sobre sua cabeça calva e lisa e bebeu sua cerveja. — Sim, cara. É por isso que estamos todos aqui. Temos que nos reagrupar. Descobrir o que temos. É uma grande bagunça do caralho.

— Você quer ir para a guerra? — perguntei.

Paco se inclinou e olhou em volta para se certificar de que ninguém pudesse ouvi-lo quando ele sussurrou: — Porra, não cara. Mas

eu sou um soldado. Se o nosso líder diz guerra, nós vamos para a guerra. Você sabe como essa merda funciona. Se você quer a minha opinião, Chop pode ter o MC às suas costas, mas Bear está com o King. Eu não sei sobre você, irmão, mas não quero que aquele filho da puta cruze comigo em um beco escuro. Ou em um bem iluminado. Ou em qualquer fodido beco.

Isso era um eufemismo. Eles não chamam King de Rei da Calçada atoa. King fez mais merda através de Logan's Beach do que a maioria dos MCs e ele não pertence a nenhum deles. Ele era cruel e implacável, tanto que a cidade inteira vivia falando dele.

Paco olhou para os seus pés e, em seguida, olhou para o barman e depois para o teto. — O quê? — eu perguntei a ele.

— Nada, cara, — ele disse, olhando por cima da minha cabeça.

— Sim, é por isso que você não olha para mim.

Paco suspirou e me entregou uma dose. — Whisky primeiro. — nós brindamos nossos copos e tomamos os nossas doses. O whisky fez o seu caminho queimando na minha garganta.

— É sobre a sua menina, — Paco começou, estremecendo como se eu estivesse prestes a atingi-lo. Eu não faria isso. Pelo menos ainda não.

— Engraçado, eu vim de te perguntar sobre ela também. Queria saber se você poderia fazer algumas ligações para as suas fontes. Conseguir descobrir onde diabos ela está, porque não posso usar ninguém dos Warriors, como se vê, Joker está procurando por ela também, mas por uma razão completamente diferente.

— Eu não acho que você quer fazer isso, cara. Se ela se foi, é melhor a cadela ficar fora.

— Paco, — eu avisei, segurando minha garrafa de cerveja mais apertado.

— Cara, eu não estou tentando te ofender ou ela.

— Então o *que* você está tentando dizer? — perguntei, virando minha cerveja em círculos sobre o bar.

— Só que... ela é a porra do diabo.

Me levantei e comecei a fechar o espaço entre mim e Paco, então eu poderia acertar o filho da puta na cara. Ele levantou a mão entre nós. — Cara, eu estou tentando aqui, mas não há um jeito fácil de dizer isso, — ele murmurou algo sobre 'gringos arrogantes'. — Meu irmão me disse que viu vocês dois juntos no café. Ela é um demônio rosa, cara. Um ninja com a porra de um rabo de cavalo. Por isso que chamam ela de Rage.

Eles me chamam de Rage. É apelido para Regina.

— Que porra que você está dizendo exatamente? — perguntei, precisando que ele soletrasse para mim. Eu sabia que ela queimou a casa do Joker, mas eu sabia que havia mais. Eu estava esperando encontrá-la e perguntar a ela cara a cara, mas já que eu ainda tinha que encontrá-la, eu teria que me contentar com um cara a cara com Paco ao invés dela.

— Meu irmão foi muito covarde pra te dizer, mas ele me contou quando eu voltei para a cidade esta tarde. Eu iria passar na sua casa depois, mas esta coisa da guerra nos deixou todos loucos e distraídos. Mas, basicamente, cara, o que estou dizendo é que a menina que estava brincando de casinha com você é o anjo da morte do caralho. Uma menina que mata filhos da puta como eu todos os dias e ela estava na sua porta, o que significa que ela provavelmente vai estar de volta, mais cedo do que você pensa e ela deve estar planejando enviar você para o inferno muito mais cedo do que o planejado. No momento ela deve estar reservando a porra de um bilhete para te mandar para lá.

Eu balancei minha cabeça. — De jeito nenhum. — não é que eu não ache que ela seria capaz de matar, era mais que eu não achava que ela era capaz de *me* matar.

— Quanto mais cedo você admitir que alguém a mandou para te matar, mais cedo você pode se salvar, cara.

— Esse é o menor dos meus problemas. Eu não tenho o menor problema com pessoas não me querendo vivo, — eu disse, tentando não perder a cabeça ali mesmo no bar. Eu podia negar o quanto quisesse, acreditando ou não.

— Ok, cara, eu não quero ter que dizer isso, mas foda-se. Pinto disse que a confrontou quando você foi mijar. Ele disse que ela nem sequer negou quem era, só agarrou as malditas bolas dele e apertou

com tanta força que a garota dele jamais vai poder engravidar, ou seria um milagre ou a cadela estaria traindo ele. — ele estremeceu. — Porra, não procure por ela. E para o seu bem, é melhor esperar que a menina não volte também. — Paco me deu outra dose. — Nunca.

Engoli a minha bebida, e com o whisky queimando o seu caminho na minha garganta, a realização de sua traição se instaurou.

— Você pode querer ligar para o seu tio e avisá-lo dessa também. Você deve encontrá-la antes que ela te encontre, — disse Paco, interrompendo os meus pensamentos.

Eu estralei meus dedos. — Não. Rage é da *minha* conta. — então eu disse as duas palavras que eu tinha dito antes, mas de repente tinham tomado um significado completamente diferente. Bati a minha cerveja sobre o balcão.

— Ela é *minha*.

* * *

Eu defini um plano, onde em vez de procurar Rage pelo mundo, a faria correr para mim tão rápido quanto as suas pernas sensuais poderiam levá-la. Era quase simples demais. Eu estava realmente com raiva de mim mesmo por não ter pensado nisso antes.

Poucas horas depois da ideia ter tomado conta de dentro do meu cérebro, eu cliquei em um botão no meu telefone e coloquei o meu plano em ação. Me sentei e coloquei os pés para cima, respirando o ar quente da noite.

A arma no meu colo.

A espera tinha começado.

Ela pode ter sabido que eu era um Warrior, mas Rage estava prestes a saber o que eu estava prestes a me tornar.

Seu pior pesadelo do caralho.

Capítulo vinte e cinco

RAGE

Foda-se esta merda.

Deixei um emprego de babá e me encontrei bem no meio de outro. Foi minha culpa. Quando King ligou e disse que tinha algo para mim, eu mal registrei o que ele estava dizendo antes de perguntar onde e apontando a minha moto na direção que ele indicou.

O tema do meu trabalho de babá era Thia, que era a mulher de Bear. Bear era o VP dos Beach Bastards, mas de acordo com King, Bear estava em guerra com o seu próprio clube. Thia precisava ser protegida porque Bear estava cumprindo pena e conhecendo Chop, o velho pai cruel de Bear não hesitaria em disparar uma bala através de Thia para atingir o filho.

Foi tudo realmente muito chato, mas o ponto principal foi que eu me encontrei no meio da porra de um laranjal em uma casa que não precisa ser limpa, precisava de ser queimada do teto até a porra do chão.

O que eu tinha sugerido.

Laranjas podres estavam empilhadas nos pés das árvores e o cheiro era quase insuportável. Não havia ninguém por perto por quilômetros, exceto Thia, que tinha um tom de rosa engraçado no cabelo, e seu cachorro magro estranho.

O que me fez pensar em Murray e sua baba.

Minha situação não tinha mudado tanto assim. Eu estava em uma pequena casa. Eu estava trabalhando. Havia um cão.

Só que não era a casa certa ou o cão certo ou... a pessoa certa.

Era, no entanto, a primeira vez que eu tinha passando um tempo com uma menina da minha idade que eu não estava imaginando uma centena de maneiras diferentes para matar. Ok, talvez no primeiro mês

ou algo assim, mas depois disso, foi realmente bom. Até ensinei a Thia atirar. Nós passamos horas por dia treinando e gastamos muitas caixas de balas juntas. E não havia nenhum fingimento. Não precisei ser outra pessoa.

Você não estava fingindo com Nolan.

Eu pensava nele todos os dias. Tudo o que eu vi me fez querer contar a ele. Eu queria dizer a ele sobre o bosque, sobre Thia. Eu pensei sobre quando ele me contou sobre os seus pais. A esmagadora sensação que eu tive de confortá-lo e devorá-lo.

Enquanto Thia estava dormindo, eu patrulhava o bosque pensando no que ele estava fazendo... e o quanto ele me odiava. Com o tempo, eu achei que todos os sentimentos em relação a Nolan iriam morrer, mas o que aconteceu foi que eles só tinham ficado mais forte. Toda lembrança do nosso tempo juntos me machucava mais e mais até que as minhas patrulhas noturnas de minutos se transformaram em horas.

Nada aliviava a dor.

Não a do meu peito.

Nem aquela entre as minhas pernas.

Um cara alto e magro em um terno apareceu no bosque um dia com um arquivo em sua mão. Eu poderia dizer imediatamente que ele não era quem ele disse quando ele tentou passar para Thia um arquivo e avistei o símbolo do crânio dos Bastards tatuada no topo da sua mão.

Para encurtar a história, eu o convidei para entrar. Esfaqueei a sua mão e o amarrei a uma cadeira.

Era bom estar de volta no jogo. Voltar a fazer o que eu era boa, mas também me sentia vazia. Mais sombria.

Eu contemplava o filho da puta que eu tinha esfaqueado na mão, quando o meu telefone tocou no meu sutiã esportivo e eu não atendi porque eu estava meio ocupada e era o telefone reservado apenas para os meus pais. Mas o telefone continuou tocando e tocando e não parava.

Eu bufei e o puxei para fora, pronta para dizer a eles que eu estava ocupada e que ligaria depois. Mas não era uma ligação dos meus

pais. Era uma imagem de texto. A mesma imagem enviada uma e outra vez.

Nolan.

Era uma selfie. Ele estava igualzinho no dia em que o vi pela primeira vez na sua casa. Um sorriso enorme e ridículo no rosto. A covinha tão profunda como nunca. Barba cerrada ao longo de sua mandíbula quadrada.

Como é que ele conseguiu esse número?

Foi quando eu vi.

Engoli em seco, cobrindo a minha boca com a mão. Eu dei uma desculpa para Thia levantando o celular, e eu tenho certeza que tudo o que eu disse a ela não fazia sentido algum. Foi a primeira vez que deixei uma sessão de tortura pela metade.

O que inicialmente tinha feito o meu coração saltar uma batida e meu estômago vibrar, se transformou em algo tão escuro dentro de segundos. A selfie de Nolan não era uma selfie. Ele estava de costas para um refrigerador com fotos e receitas presas à porta da geladeira com todos os tipos de ímãs.

Mas não era na sua cozinha que ele estava de pé.

Era a cozinha dos meus pais.

Eu corri através do bosque, saltei para a minha moto e saí em disparada. Eu nunca quis algo que andasse mais rápido antes desse dia. Minhas mãos estavam suando. A queimadura que normalmente começava a ferver era a porra de um fogo completo no momento em que eu cheguei ao único sinal de pare na cidade.

Nolan alimentou o fogo quando, no mesmo tipo de letras de ímãs que eu tinha usado para deixar a minha mensagem de despedida, ele usou pra escrever pra mim na geladeira dos meus pais.

VÁ SE FODER

HOPE

Capítulo vinte e seis

RAGE

Todas as luzes estavam apagadas quando cheguei à casa dos meus pais. Eu tinha estacionado a minha moto na rua e atirei a minha bolsa em volta dos meus ombros. Com a minha arma na mão, eu rastejei ao longo da cerca até que eu contornei para o quintal.

No escuro, eu andei pequenos passos pelo quintal, um a um quando o vi sentado em uma cadeira no canto.

Esperando.

Eu apontei minha arma e subi as escadas devagar e silenciosamente até que eu estava bem atrás de Nolan. O click da arma fez um único som no escuro.

— Demorou pra caramba... HOPE, — disse Nolan, sem se virar.

— Onde diabos estão os meus pais? — perguntei, empurrando a arma na parte de trás de sua cabeça. — Se você os machucou, eu vou fazer coisas que você nem imaginou nos seus piores pesadelos.

Nolan riu, mas não havia humor na risada, ou nele. — Suas ameaças são... adoráveis. — ele se levantou e se virou, chutando a cadeira para o lado. Meu olhar correu para a arma em sua mão. — Me diga, *Hope,* você ia me ameaçar antes ou depois que você me matasse na casa de praia?

— Eu não ia matar você, — eu comecei, mas Nolan interrompeu.

— Mentira!

— Você não me deixou terminar! — eu gritei, sem me importar se eu acordasse cada vizinho no quarteirão. — Eu não ia matá-lo até que eu recebesse a ordem. Sorte para você, ela nunca veio.

Nolan olhou de cima abaixo do meu corpo. — Não, mas eu me lembro como você gemeu quando gozou. Em meus dedos. Na minha língua.

Meus mamilos ficaram duros instantaneamente. Eu esperava que ele não visse, mas quando seus olhos pousaram no meu peito e lambeu seu lábio inferior, eu sabia que ele tinha visto.

Ele usava uma camiseta preta apertada e jeans desbotados. Justo nos quadris. Seus músculos abdominais estavam flexionados através do tecido fino de sua camisa. Sua mandíbula estava com barba por fazer. Ele estava descalço. A única coisa que parecia diferente desde que eu tinha visto ele última era a adição de círculos escuros sob os seus olhos. Ele parecia cansado.

E com raiva.

A raiva era palpável entre nós, irradiando de nossos corpos como a névoa subindo em uma noite quente.

Meu olhar novamente caiu para a sua arma.

— É isso que você está olhando? — perguntou Nolan, acenando com a arma na mão, mas não apontando-a para mim. — Se isso te incomoda, eu vou me livrar dela. — ele se virou e jogou a arma no quintal escuro.

— Isso foi estúpido.

Ele balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Você sabe, eu planejei algo diferente no início. O meu lado Warrior achou que a melhor maneira de lidar com você seria acabar logo com você, como eu faria com qualquer rato. — suas narinas inflaram. — Mas eu pensei em uma punição que eu acho que vou desfrutar muito... muito mais.

— Me diga onde diabos os meus pais estão! — eu gritei. Nolan tinha cerca de dez segundos antes que perdesse o controle do meu dedo no gatilho.

— Eles estão vivos e ilesos, e isso é tudo o que você precisa saber... por agora, — disse Nolan, dando um passo em direção a mim.

Eu apontei a arma em seu peito, e de repente isso não pareceu natural, como sempre senti como se fosse uma extensão do meu braço. Em vez disso, a arma estava pesada no meu pulso e eu não queria nada mais do que lançá-la para a porra do quintal como Nolan fez com a sua.

Mas eu não fiz.

Eu não podia.

Podia?

Nolan deu mais um passo, em seguida, estendeu a mão para a minha arma. Tentei apertar o gatilho, mas era como se o meu dedo não respondesse o meu cérebro, se rebelando contra mim.

Assim como as minhas emoções, desde então, o segundo que Nolan rolou o seu caminho em minha vida.

Minha vida *vazia.*

— O quê? Você não pode atirar? Soube que você era implacável. A porra de uma assassina. O Anjo da Morte, — Nolan desafiou, agarrando o cano da arma e empurrando-a em seu peito. — Você quer me matar? Então faça. Apenas faça, porra! Eu não vou fugir como você fez. — ele baixou a voz. — Nunca.

— Não seja estúpido, Nolan, — eu disse, — ou devo chamá-lo de tonto? — eu precisava apenas puxar o gatilho e ir embora. Encontrar meus pais. Isso deveria ser fácil.

Este trabalho. Essa vida. Este garoto.

Nada disso era como deveria ser.

Não desde o dia em que eu o puxei da piscina.

Nolan se inclinou, sua respiração fria contra minha bochecha. — Se você quisesse atirar, você já teria feito isso. — ele olhou para a arma, em seguida, de volta para mim. — Você não quer atirar em mim.

— Talvez eu esteja apenas alinhando a minha chance, — argumentei.

— Tudo bem então, me deixe ajudá-la, — Nolan rosnou, caindo de joelhos e pressionando a arma em sua testa. Eu olhei para baixo para encontrar seus olhos e esperei ver raiva, mas tudo o que vi foi mágoa.

— Rage, atire. Atire em mim se é isso que você realmente quer! — Nolan rugiu, o rosto vermelho.

Algo dentro de mim estalou.

Eu não posso fazer isso.

Não agora.

Não nele.

Nunca.

— Você já apontou a arma, basta puxar a porra do gatilho, — ele cuspiu, empurrando a arma contra ele ainda mais duramente.

Não.

Puxando a arma de sua mão, eu a atirei para o quintal da mesma forma que ele tinha feito e fiz a única coisa que eu parecia ser boa.

Eu corri.

Corri para a floresta o mais rápido que pude, além da clareira onde eu conheci Smoke, depois da árvore onde eu tinha atirado pela primeira vez. Quando cheguei ao lago, eu pulei no barco de metal de Cody que eu tinha amarrado lá quando éramos crianças. Quando cheguei lá, me ajoelhei e muito para minha decepção, a ponta da corda estava desgastada e não havia nenhum barco para ser visto. As árvores sussurravam nas proximidades, seguido de passos pesados no cais raquítico que vibrou sob meus pés.

— O que você não parece entender é que não importa o quão longe você corra, não vai mudar porra nenhuma. Até você perceber o que importa é que toda essa fuga vai apenas me deixar puto pra caralho.

— O que isso importa? — perguntei, de pé, me virando para encará-lo. — Que porra você está falando?

— Tudo o que importa agora é que eu estou aqui, — disse Nolan, sua voz grossa e profunda. Seus olhos eram mais escuros que eu já tinha visto, brilhando com uma intenção má. Um lado de seus lábios subiu em um sorriso diabólico.

Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia pensar. Eu estava consumida por ele.

Ou, pelo menos, da forma como ele continuou a me foder com os olhos, eu sabia o que estava prestes acontecer.

Nolan deu um passo adiante e eu dei dois para trás. A nossa pequena dança o fez rir, o som vindo de dentro de sua garganta. Com apenas aquela pequena risada, minhas entranhas se apertaram tanto que eu engasguei.

Os lábios de Nolan se transformaram em um sorriso. Seus olhos dispararam para o espaço entre as minhas pernas, onde meus shorts tinham subido, expondo cada polegada de minhas coxas trêmulas.

Ele lambeu seu lábio inferior, traçando-a com a ponta da língua.

Minha batalha interna se alastrou entre querer fugir dele, e querer correr diretamente para ele. Mas não era como se importasse qual opção vencesse no final. O cais era estreito, e Nolan estava bloqueando a minha única saída.

Ele soltou o cinto, deslizando-o através das presilhas da calça. Dobrando-o ao meio, ele estalou o cinto, produzindo um som que ecoou através do ar úmido da noite.

A nossa dança continuou quando ele deu outro passo para mim e eu novamente recuei. — Já que você não parece se sentir da mesma forma, me deixe dizer o que vai acontecer agora, — Nolan começou. — Eu vou fazer você gozar em meus dedos. — um passo a frente. — E depois em minha língua. — outro passo. — E ao redor do meu pau. — seu último passo fechou o espaço entre nós. — Podemos nos preocupar com quem vai matar quem depois.

Minhas costas bateram no parapeito, me prendendo entre a extremidade do cais e seu peito duro. Minha respiração se tornou ainda mais dura, o meu peito subindo e descendo em rápida sucessão contra o seu. Pressionando contra o meu estômago, eu podia sentir o calor de seu pau duro através do tecido desgastado da sua calça jeans. Meus mamilos endureceram quando a dor em meu núcleo se tornou necessidade. — Eu vou te foder, baby. Duro. E eu não vou parar de te comer até você perceber que essa merda entre nós é tudo o que importa.

Cada tensão que foi liquidada do meu corpo ao longo dos últimos seis meses não era nada comparada a ter os lábios de Nolan a centímetros do meu, seu corpo pressionado contra mim, seu pau duro cutucando contra a minha coxa. — Ou talvez eu vou direto te foder. Já que eu não tenho sido capaz de pensar em outra coisa, a não ser estar dentro de você durante os últimos seis meses.

Não haveria escapatória desta vez.

Dele.

Disso.

De nós.

Eu nunca tinha estado tão nervosa em toda a porra da minha vida.

— Eu vejo esse olhar em seu rosto, — disse Nolan. — Nos seus olhos. Sinto a porra da raiva te queimando como um fogo selvagem. — ele agarrou minha mão e me fez apertar contra a sua ereção. Eu gemi, alto e em bom som. Ele respirou através de seus dentes. — Porra, isso me deixa tão duro. Você sente isso? Isso é tudo por sua causa.

Tudo que eu podia fazer era tentar respirar, minhas palavras se foram. Eu não sabia a diferença entre a raiva e o desejo. Eu estava presa em sentimentos e emoções. Sem saída.

Nenhum lugar para fugir.

Tentei tirar a minha mão, mas Nolan foi mais rápido. Ele agora tinha as minhas duas mãos nas minhas costas em uma das suas. Seus lábios patinaram em meu pescoço e mandíbula. Me virei para tentar mordê-lo, mas isso só o fez rir.

— Lembra do que eu te disse? Quando você sentir que o seu temperamento está atravessando o ponto de não retorno, então você joga essa merda em mim. Se você tem que liberar tudo o que está acontecendo no seu cérebro, então lance em mim. Me dê a sua raiva e não me deixe novamente. Tá ouvindo o que estou dizendo? Venha para mim, Rage. Me dê tudo que você tem, e eu vou te dar de volta. Atire isso em mim. No meu corpo. Eu prometo, eu posso aguentar. — Nolan fez uma pausa, correndo o olhar sobre o meu corpo, me lambendo de cima abaixo com seus olhos cor de avelã. — Eu *quero* aguentar.

Ele puxou a parte de trás de sua camisa, puxando-a pela cabeça e jogando-a ao chão. Envolvendo a sua mão ao redor do meu pulso, ele a trouxe para frente contra o seu peito. Ele apertou as minhas unhas em sua carne e raspou a sua pele, deixando um rastro de marcas vermelhas.

— Se você quer me machucar, me machuque desse jeito. — ele arrastou a minha mão em seu peito e as envolveu nas minhas costas novamente, antes de patinar uma mão na frente dos meus shorts. — Mas não fuja mais.

Ele parou bem perto da minha entrada, brincando com a minha umidade. Meus quadris tremeram com o contato. — Diga, Rage, — ele exigiu. — Diga que sim, que você não vai mais fugir de mim, e eu vou te dar o que você quer, baby.

— Eu... sim, — eu disse, porque era tudo que eu poderia dizer. Porque tanto o quanto eu queria odiá-lo, queria matá-lo, eu não consegui.

Os lábios dele desceram sobre os meus e nós não apenas nos beijamos, nós rasgamos um ao outro. Não era apenas paixão. Era a porra de uma guerra. Um lutando por um pedaço do outro. A parte que eu sabia que eu queria, mas não achava que eu poderia ter.

— Você ainda sente isso, Rage? Essa raiva ainda ferve dentro de você?

Eu concordei e a minha buceta apertou e umidade inundou a minha calcinha.

— Ótimo, — Nolan disse, olhando profundamente em meus olhos. Ele empurrou um dedo longo dentro de mim, arrastando-o para dentro e para fora enquanto ele falava.

— Porque eu estou prestes a foder a raiva de você.

Capítulo vinte e sete

NOLAN

Eu beijei Rage duramente enquanto eu metia em sua buceta molhada com os meus dedos. A beijei até que nós dois estávamos sem fôlego, atiçando o fogo que só tinha aumentado em nosso tempo separado. Seus lábios cheios e a língua molhada contra a minha boca eram o céu e o inferno do caralho.

Rage estava respirando como se ela estivesse prestes a soltar fogo de seu nariz e boca. Eu sabia que ela estava tentando ganhar o controle, sua fúria ainda evidente em seus olhos vermelhos e a forma como seu corpo inteiro estava tenso, a sua mandíbula apertada e os músculos da coxa duros. Engoli em seco e até mesmo através da minha própria raiva, não havia como negar que ela era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Eu queria puni-la. Devorá-la. Levá-la em todos os sentidos que havia para levá-la.

Minha.

Eu fiquei incrivelmente duro.

Vozes ecoavam à distância sobre as árvores em bairros vizinhos. Tanto a escuridão da noite e a linha de árvores que cercavam o pequeno lago nos mantinha escondido de curiosos olhos, não era como se eu desse a mínima se um milhão de pessoas assistisse. Dessa forma, eles saberiam a quem Rage pertencia.

A buceta de Rage chupava os meus dedos, ordenhando-os enquanto eu empurrava dentro e fora dela, circulando seu clitóris com o polegar enquanto eu descaradamente esfregava meu pau contra ela através das roupas que eu odiava mais do que eu odiava o fato de que ela tinha se afastado de mim por muito tempo.

Nunca mais.

Sua buceta era a perfeição. Quente e inchada e toda vez que eu arrastava meu dedo para fora, ela me sugava de volta como se ela não quisesse me deixar ir. Eu não queria nada mais do que senti-la no meu pau. Ela se retorceu contra a minha mão entre beijos furiosos, cavando suas garras em mim como se ela não fosse me deixar ir. Merda, eu também não queria que ela se fosse.

Se alguém me pedisse para escolher entre a buceta de Rage e jogar hóquei de novo, apesar das mentiras, apesar de tudo, eu a escolheria.

Passaria por cima do meu clube.

Eu soltei os pulsos de Rage com uma das minhas mãos, enquanto eu a trouxe para mais perto e mais perto do limite com a outra. Eu a empurrei mais duro contra a grade e capturei a sua boca e os seus gemidos enquanto ela se apertava no meu dedo. Seus pés cavaram duro em minhas costas. Engoli o choro dela e senti minhas bolas apertarem enquanto ela pulsava enquanto gozava.

Eu não esperei o seu orgasmo diminuir. Caí de joelhos e puxei os seus shorts para baixo e para fora de seu corpo. Com um grunhido primitivo, eu a empurrei para trás e agarrei atrás de seus joelhos, abrindo as pernas em volta dos meus ombros. Um olhar para a umidade vazando pelo sua coxa quase me desmoronou. Eu mergulhei nela, precisando provar o seu orgasmo em meus lábios.

Eu arrastei minha língua sobre seu clitóris e mergulhei diretamente em sua buceta, que estava fodidamente pingando, minhas bochechas correram contra o interior de suas coxas imersas e peguei tudo o que ela tinha para me dar. Ela enfiou os dedos pelo o meu cabelo e puxou com força. Eu subi uma mão e corri meus dedos sob sua camisa e toquei em um de seus mamilos duros. Seu rosto estava torcido, como se estivesse lutando contra si mesma. Sua raiva contra o seu prazer. Eu sabia que ia ganhar.

Ela gritou, à beira de gozar novamente, e quando ela esfregou sua buceta duramente contra o meu rosto, eu estava completamente satisfeito e sabia o que era necessário para ambos.

— Chega dessa bobagem, — disse eu em pé e limpando a boca com as costas da minha mão. Ela era tão pequena, tão impotente, mas tão forte e tão poderosa. Ela era raiva e beleza e luxúria embrulhadas em um pacote feroz.

Eu empurrei a minha calça e saí delas. A levantei com um braço em volta da cintura, e a virei, batendo as costas contra a grade no centro do cais. Suas pernas em volta da minha cintura. Meu pau contra sua buceta nua, deslizando ao longo de sua umidade. Pele contra pele. Molhado. Selvagem. Cru. Meu pau estava doendo e pronto. Roxo, largo e pronto para assumir e tomar o que era meu.

— Você está pronta para mim? — rosnei em seu ouvido e ela respondeu, apertando suas coxas ao redor da minha cintura, me convidando para mais perto.

Me convidando para dentro.

Nós dois estávamos respirando pesadamente. Eu mal estava me segurando. Todos os pensamentos coerentes deixaram a minha mente no segundo em que a levantei e coloquei a ponta do meu pau na mais quente, mais úmida, e apertada buceta que já conheci.

Fiz uma pausa, tentando recuperar o meu controle, gemendo quando ela mexeu os quadris contra mim. — Você tem que estar brincando comigo, — eu murmurei enquanto eu tentava empurrar para dentro, mas a cabeça do meu pau foi recebida com resistência que eu tinha que quebrar tanto com frustração e euforia. Ela estava pingando, a umidade descendo para o interior das suas coxas e na fenda de seu traseiro.

— Por favor, — ela implorou.

— Você é tão... tão apertada, — eu gemi, sentindo gotas de suor se formando na minha testa, enquanto eu acariciava a abertura de sua buceta apenas com a ponta do meu pau, enquanto nós olhávamos nos olhos e líamos um ao outro com outras partes do corpo.

— Faça, — disse ela. Não era um pedido, era uma ordem. Um desafio.

— Você é realmente muito apertada. Vai machucar, — eu avisei, sem saber se eu estava falando de mim ou dela sofrendo.

— Eu quero que faça doer.

Com essas palavras, perdi a porra da minha cabeça. Eu capturei a sua boca novamente quando eu avancei, lutando contra o meu caminho dentro da minha menina. Estava prestes a ser doloroso para ela, mas era doloroso para mim também.

Melhor dor da porra da minha vida.

De maneira nenhuma sua buceta perfeita tinha sido aberta antes. Tudo o que ela pensou que tinha acontecido não aconteceu. Rage era minha e só minha. E se eu não soubesse disso antes, eu soube com certeza quando a ponta do meu pau bateu contra uma barreira quando eu não estava nem na metade dentro dela ainda.

— Por favor. Mais, — ela implorou, escavando seus pés mais duro na minha bunda. Eu a levantei e a coloquei no cais, subindo acima de seu corpo, sem romper a ligação que tínhamos.

— Sim, — ela disse, enquanto nós continuávamos a olhar um para o outro. — Por favor, — ela acrescentou, contrariando seus quadris contra mim, pedindo mais.

Então eu dei a ela.

Empurrando para frente, eu rasguei através de sua barreira virgem em um impulso duro dentro dela quando nós dois gritamos. Eu queria ficar enterrado em seu calor apertado para sempre, mas a necessidade de provar o que eu tinha acabado de fazer me consumiu.

Eu rapidamente me puxei dela e trabalhei em seu corpo. Espalhando suas coxas com as mãos, cavando meus dedos em sua pele macia, eu corri minha língua dentro dela até que eu encontrei o que eu desejava e o gosto de cobre do seu sangue virgem bateu na ponta da minha língua.

Eu a observei. Seus olhos estavam fechados, o rosto amassado. Foi então que eu percebi que ela não estava só irritada, mas estava se segurando.

Me arrastei de volta até seu corpo e levantei a sua bunda para cima, segurando-a em um ângulo, espetando-a no meu pau em um impulso duro.

Eu a fodi com tudo o que eu tinha. — Abra seus olhos, — eu exigi, e quando ela abriu, eu encontrei o seu olhar. — Não se segure baby. Você quer gritar? É isso que você quer? É isso que você precisa?

Ela assentiu com a cabeça, seus dentes cerrados na mais sexy careta irritada que eu já vi.

— Então grite baby, — ordenei, pegando o meu ritmo até que a única palavra que poderia ser usada para descrever a forma como eu

estava fodendo com ela seria *brutal.* Então eu fiz o que eu prometi a ela que ia fazer e eu fodi a raiva dela.

Ela começou com um pequeno grunhido. Um pouco de barulho no meu ouvido. Segundos depois, Rage estava gritando alto, e eu me vi gritando junto com ela. Eu a senti liberar tudo de seu pequeno corpo enquanto ela se retorcia.

Violentamente gozando ao redor do meu pau, ela me deu tudo, em seguida, levou tudo o que eu tinha, me ordenhando quando eu gozei dentro dela. O que quer que estivesse acontecendo entre nós foi mais do que pele e orgasmos, era como se estivéssemos batendo um no outro e nos segurando por nossas vidas.

Rage pode não ter atirado em mim, mas eu estava certo o tempo todo, porque ela tinha me matado.

Nenhuma morte tinha sido mais doce.

Capítulo vinte e oito

RAGE

— Nolan, onde diabos estão os meus pais? — perguntei, ainda tentando recuperar o fôlego. Uma explosão de risos saíram de sua boca. — O que exatamente é tão engraçado?

Ele balançou as sobrancelhas para mim e mergulhou os dedos entre as minhas pernas, esfregando a umidade combinada no interior das minhas coxas.

— Porque nós acabamos de foder. Porque eu acabei de tirar a virgindade de sua buceta com o meu pau e meu sêmen ainda está vazando de sua buceta... e você está me perguntando sobre os seus pais.

— Você sabia que eu era diferente, — eu apontei.

— Eu tenho certeza da porra que é, — Nolan sussurrou, correndo os dedos pelo meu estômago, traçando círculos na parte externa do meu quadril.

— Seus pais estão no belga Social Club americano em Port Charlotte em algum tipo de festa que envolve um manequim que faz xixi ou algo assim. Eles estarão de volta na parte da manhã. — ele olhou para o céu. O sol já tinha começado a subir. — Ou logo.

Eu bati na minha própria testa. — Eles vão para lá todo ano. Espere. Como *você* sabia que eles estavam indo para lá? Ou onde viviam? E como você conseguiu o meu número de telefone para me enviar essa foto e... — me sentei, continuando a disparar minhas perguntas. Nolan estendeu a mão e torceu meu mamilo sob a minha camiseta para me fazer calar. Eu bati na mão dele e ele agarrou o meu pulso, esfregando o polegar sobre a palma da mão e dando um beijo suave nos meus dedos.

Nolan suspirou. — Eu não consegui te encontrar, bem, exceto pela sua falsa conta no Instagram. Suas habilidades de Photoshop são

uma merda, não posso acreditar que os seus pais realmente acham que é Paris no fundo. Então me lembrei de que você disse sobre eles serem da Bélgica, e da saída de motos da concessionária da Harley para a interestadual que você costumava assistir. Minhas fontes correram com essa informação e me levaram direito à seus pais.

— Você procurou por mim? — perguntei, mordendo o meu lábio inferior.

— Todo. Fodido. Dia. — meu estômago virou.

— Que fontes ajudou você? — perguntei, curiosa.

— O clube tem um monte de nerds da computação e hackers na folha de pagamento. Eles fizeram isso acontecer. É uma das vantagens de ser um irmão em um MC.

— Merda, — eu disse, me lembrando das razões pelas quais eu fugi em primeiro lugar. O MC. Joker.

— Porra, e agora? — perguntou Nolan, me apertando como se ele estivesse me impedindo de correr novamente.

— Há algo que eu tenho que te dizer. É sobre o MC... — eu comecei.

— Sim, ouvi dizer que você queimou a casa do Joker, — disse Nolan com um sorriso. — Mas por que você ficou tão irritada sobre isso? Eu pensei que era o seu negócio?

— Não, a porra do fogo fiz porque quis, mas você não está ouvindo o que estou te dizendo. O seu presidente. O homem que você jurou lealdade. Eu incendiei a casa dele e ele quer me matar.

— E?

Dei de ombros. — Eu não sei, talvez eu estivesse pensando que poderia haver um ligeiro conflito de interesses?

— Como assim? — perguntou Nolan, levantando uma sobrancelha para mim e se recostando nos cotovelos.

— Porque você. E então eu... ugh, esquece.

Nolan riu. — Eu só estou provocando você. Eu sei o que você está tentando dizer. É um problema, porque você e eu estamos juntos. Você é minha. Eu não vou deixar você ir. Você vai ficar comigo na casa de

praia até resolvermos a merda de hóquei, e então você vai vir comigo onde quer que eu vá. Vou falar com Joker dessa merda.

— Você ainda me quer? — perguntei. — Depois de saber sobre o que eu faço? Tenho certeza que você ouviu os apelidos.

— Anjo da Morte. Barbie Rambo[23].

— Barbie Rambo. — eu ri. — Eu gostei desse.

— Eu não sou exatamente o menino bonzinho, caso você não tenha notado, e você faz o que qualquer cara no meu MC faz. Você tem um negócio. Você faz o que precisa ser feito. Você lida com essa merda. A maneira que eu vejo é que a única diferença entre você e um cara no meu clube é o tamanho do pau. — ele olhou para mim e piscou. — Eu acho que o seu é maior. — eu pulei em cima dele e dei um soco de brincadeira em seu peito. Ele me segurou para baixo, então meus seios estavam pressionados contra sua pele. De repente, a culpa estava me atormentado.

— Eu não ia te matar, — eu admiti. — Quer dizer, era para eu te matar, logo de início. Mas então eu mudei de ideia. Mesmo se eu recebesse o telefonema, eu não ia.

— Eu sei.

— Como você sabe? — perguntei.

— Eu conheço você, Rage. Melhor do que você mesma, — Nolan levantou a cabeça e suavemente escovou os lábios contra os meus.

— É mesmo? O que é que você pensa que sabe sobre mim, *Goon?* — eu desafiei, beliscando seus lábios.

Ele varreu a ponta do polegar na minha bochecha e eu me inclinei em seu toque. — Eu sei que você não ama frequentemente, mas quando você ama, você ama com todo seu coração. Porque eu posso sentir isso.

— Eu estou ouvindo, — eu disse. Meu coração correndo no meu peito. Ele esfregou círculos suaves por cima da minha testa antes de traçar uma linha até a minha mandíbula. — E? — eu perguntei sem fôlego.

[23] Personagem agressivo do Sylvester Stalone.

Nolan encontrou os meus olhos mais uma vez. — E, eu sei que quando você odeia, você odeia com toda a sua alma.

Eu acho que ele realmente me conhecia, afinal.

Nolan se levantou, me levando com ele, em seguida, me colocando no cais. Ele deu um passo para trás, pegou sua calça jeans e me jogou os meus shorts. — Agora não se acostuma comigo te contando todos os meus segredos, — disse ele, atirando o braço em volta do meu ombro assim que ambos estávamos vestidos. — Old ladies não conhecem os negócios do clube.

— Eu não quero ser uma old lady! — gritei, me movendo para fora do braço de Nolan.

Eu pensei que Nolan fosse ficar com raiva da minha explosão, mas ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu, parecendo divertido. — Então o que você quer ser?

— Eu só quero ser sua. Apenas Rage, — eu disse.

Nolan fechou a distância entre nós e passou os braços em volta de mim. — Então essa pessoa que você quer ser, ela pertence a mim? — ele sussurrou contra o meu pescoço.

— Sim, — eu respirei, inclinando a cabeça para lhe dar melhor acesso.

— Então tá tudo bem, — disse ele, me soltando e pegando a minha mão, me puxando. A familiaridade do gesto enviou um raio de calor através do meu peito. Era uma loucura o quanto eu tinha sentido falta de uma coisa tão simples como segurar sua mão.

— Onde estamos indo? Por que estamos andando depressa? — perguntei.

Nolan não parou, apenas continuou me arrastando atrás de si. — É de manhã e seus pais vão estar de volta em breve.

— E? — perguntei.

— E quero pegar as nossas malditas armas de seu quintal antes que eles vejam.

De volta em casa, pegamos as nossas armas. Quando Nolan estava me levando para a minha moto, eu vi algo se mover na janela na

casa de Cody. Virei a cabeça, mas foi apenas as cortinas balançando de um lado para o outro.

Cody estava na faculdade, mas eu fiz uma nota mental para voltar e visitá-lo quando ele estivesse em casa. Talvez até mesmo levar Nolan e apresentá-lo. Cody ficaria orgulhoso de saber que, embora eu nunca tenha sido 'normal', nós propusemos alcançar o normal, fazendo a lista e eu deixei com sucesso outra pessoa entrar em minha vida, e esse foi um novo normal para mim.

Meio que um jeito normal de Rage.

Capítulo vinte e nove

NOLAN

Rage teve que ir buscar as coisas dela do lugar que ela estava se hospedando nos últimos seis meses, embora ela não fosse me dizer onde era.

Devagar.

O plano era ela terminar a merda que ela começou e eu terminaria a minha merda, e depois nos encontraríamos em casa.

A primeira coisa na minha lista que eu tinha que resolver era um grande problema. Quando Joker não atendeu ao telefone, eu fui para o clube. Eu iria soltar a bomba sobre Rage e perguntar se ele iria dar a ela um passe livro, já que ela era minha old lady. Mesmo não tendo planos para contar a Rage, ela seria isso pra mim mesmo que eu não a chamasse disso na cara dela.

Joker não estava lá. Quando liguei no seu telefone de novo, ele não atendeu, e nenhum dos meus irmãos sabiam onde ele estava ou o que estava fazendo. Conhecendo Joker, no entanto, ele provavelmente estava escondido na casa de algum clube de prostituição.

Depois disso, eu fui para o escritório do médico para fazer o meu raio-X. Joker iria me ligar assim que ele ressurgisse com um novo conto de outra mulher que agora o odiava.

— Rage? — gritei, jogando as chaves em cima do balcão. A porta de vidro que eu substituí recentemente após esmagá-la quando Rage se foi, abriu. — Ou eu deveria chamá-la de Hope agora? É estranho, mas eu meio que sinto que ele também se encaixa, por algum motivo. Embora, eu não vou mentir que Rage deixa o meu pau duro. — eu sorri para mim, me lembrando da noite anterior que era tudo o que eu conseguia pensar desde que tínhamos nos separado mais cedo naquela manhã.

Tinha sido estranho pra caralho sentar na mesa no escritório do Dr. Hendry ostentando uma ereção-.

— A boa notícia é que a minha perna está curada e o doutor acha que eu deveria tentar o hóquei. Ele não promete nada, mas vale a pena tentar. A má notícia é que o Dr. Hendry agora acha que eu quero transar com ele. — eu li os classificados que estavam jogados no balcão, e joguei fora depois de concluir que era tudo lixo. — Rage? Traga a sua bunda aqui fora, e quando o fizer, seria fantástico se você vier nua.

Silêncio.

— Murray? — gritei.

Nada. Nem mesmo o barulho habitual de suas garras na madeira. Dei um passo para o corredor quando a dor rasgou na parte de trás da minha cabeça, me mandando para o chão, minha bochecha bateu contra a madeira dura.

A última coisa que eu vi antes de tudo ficar escuro era o que estava no nível dos meus olhos. Jeans escuros e um par de botas pretas.

Meu último pensamento foi Rage. A imagem em minha mente era dela olhando para mim através da água da piscina escura no dia em que nos conhecemos.

No entanto, desta vez, sua carranca tinha sido substituída com um sorriso.

Um sorriso que eu nunca ia ver novamente.

RAGE

Sangue.

Muito. Sangue.

Em toda parte.

Na cozinha. Salpicado em todo o sofá. Pingando da beira do balcão, o revestimento dos armários, e no piso de madeira escuro, grosso, vermelho.

O pior de tudo eram as marcas de arrasto.

Na sala de estar, a jaqueta de hóquei de Nolan estava jogada no chão, havia trilha de sangue na porta da frente e em todo o caminho até a garagem onde desaparecia sob o cascalho.

Nolan.

Murray estava na porta traseira, que estava parcialmente aberta, mas não o suficiente para ele passar. Abri e Murray gingou com a aparência triste para me cumprimentar. Eu freneticamente o peguei, tocando o seu corpinho rechonchudo em busca de ferimentos. Fiquei aliviada quando não encontrei nenhum.

— Onde está Nolan? — perguntei, esperando que Murray de repente aprendesse a falar palavras humanas e me falasse onde ele tinha ido.

Infelizmente, tudo o que ele fez foi babar e continuar a lamentar.

— Vou encontrá-lo, — eu garanti a ele, acariciando sua cabecinha para mostrar o significado de cada palavra da minha promessa.

Peguei meu telefone e disquei para o número da única pessoa que eu sabia que poderia ser responsável por isso. Fechei os olhos quando o telefone tocou, esperando e rezando para que Deus pudesse existir e tudo isso ser algum tipo de grande mal-entendido.

O telefone de Smoke foi direto para a caixa postal, onde sua gravação me informou que a sua caixa de entrada estava cheia. Peguei a jaqueta de hóquei cheia de sangue de Nolan do chão e enfiei na minha bolsa.

Uma e outra vez liguei para o telefone de Smoke, mas tive o mesmo resultado.

No desespero, eu pulei na minha scooter e dirigi para Coral Pines. Se Smoke estava me enviando diretamente para o correio de voz, então a única coisa que restava a fazer era ir direto para ele.

Felizmente, eu não cheguei tarde demais.

Capítulo trinta

RAGE

Bati na porta da casa de Smoke, que era mais como um barraco de um cômodo do que uma casa. Uma sala quadrada que era tanto um quarto como uma sala de estar. Uma chapa elétrica era sua cozinha. Eu ouvi um barulho no interior, então eu bati com mais força.

— Smoke, abre a porra da porta! — gritei.

— Vá embora! — Smoke gritou, soando sem fôlego.

Eu não tinha tempo para sua merda. Nem Nolan. — Ele era o meu trabalho! — eu lati, esperando apelar ao seu sentido de negócio.

Houve uma comoção alta no interior, seguido por alguns resmungos. Ele não abriu a porta.

— Foda-se. — enfiei a mão na bolsa e tirei o meu canivete suíço, selecionando uma pequena picareta. Em menos de dez segundos, eu tinha aberto a fechadura e estava dentro da casa de Smoke, observando-o enquanto ele fodia uma garota por trás. Rosnei em frustração, mas isso só fez Smoke virar a cabeça e sorrir, mas não parar.

Se eu atirar nele, irá fazê-lo parar e me ouvir, pensei.

— Smoke, pare. Nós precisamos conversar. AGORA.

— Não, você é a única que entrou aqui. Você é a única que tem que esperar até eu terminar de foder, — ele resmungou. Os músculos de suas coxas e bunda apertaram enquanto ele empurrava nela duro e rápido. Uma e outra vez, ele fodeu a menina debaixo dele que parecia microscópica sob a estrutura maciça de Smoke. Tudo o que eu podia ver dela era um cabelo escuro e pedaços de membros. Embora eu pudesse ouvi-la.

E ela estava gritando.

Alto.

Parecia que eu estava ali por uma eternidade, observando Smoke foder aquela garota que parecia estar matando com o pau. Era a última coisa que eu precisava. Eu precisava de respostas e não de ouvir Smoke fodendo.

Quando ele terminou, ele se levantou, sem se importar que ele estivesse nu e que seu pau ainda estivesse duro e balançando para cima e para baixo quando ele fez o seu caminho em toda a sala. — Do que você está falando? Que trabalho? — Smoke perguntou, esfregando os olhos e bocejando.

Me sentei na beira da cama. A menina que Smoke estava fodendo não tinha percebido que eu estava lá com todos os orgasmos acontecendo, porque quando ela me viu, ela pareceu horrorizada e levantou os lençóis em torno de seu peito. — Tenho certeza que o seu peito é grande, garota, mas eu não poderia me importar menos sobre os seus peitos agora, — eu assegurei a ela, voltando minha atenção para Smoke.

— Você sabe quem. Nolan! — eu gritei, levantando e caminhando até Smoke. Ele abriu a geladeira pequena no chão e abriu uma cerveja. Acendeu um cigarro e se inclinou contra a parede, soprando a fumaça e coçando a barba. — Então, onde ele está? O que você fez com ele?

— É cedo pra caralho, e eu não tenho nenhuma ideia de merda do que você está falando.

— Primeiro de tudo, são 7h00! — eu pisei no chão com um pé como uma criança prestes a fazer uma birra. — E em segundo lugar, eu estou falando de Nolan! Você sabe, Nolan, o cara que você me contratou para... — eu parei antes de dizer qualquer coisa muito incriminadora. Eu puxei o meu queixo em direção à menina na cama e o olhar de Smoke seguiu o meu antes de acenar para eu continuar.

— Você pode dizer o que for na frente de Morgan. Ela não vai contar nada para ninguém.

Eu deixei escapar um suspiro frustrado e continuei. — Eu estive na casa de Nolan. Havia sangue por toda parte. Ele sumiu. Eu quero saber o que você fez com ele e eu quero te dizer que ele é o meu problema. Meu trabalho. Não seu. Então, onde diabos ele está? — meu peito arfava enquanto eu lutava para conseguir formar as palavras e manter a respiração normal. Eu lutava para conter a minha raiva

quando a minha visão ficou turva. Eu não poderia perder a cabeça agora. Eu precisava me concentrar em encontrar Nolan.

Haveria tempo de sobra, uma vez que eu o encontrar, vou poder perder a cabeça.

Smoke deu de ombros e tomou outro gole de cerveja. Peguei a jaqueta ensanguentada de Nolan na minha bolsa e joguei em Smoke. — Isso toca algum sino aí? Jogador de hóquei?

Smoke olhou para o casaco e, em seguida, olhou para mim. — Rage, eu não fiz isso, — ele disse simplesmente. — Eu nunca quis que você o matasse, e eu nunca tive planos de matá-lo eu mesmo. O garoto poderia viver até que ele tivesse trezentos anos e eu não estaria nem aí.

— Mas o trabalho. Você queria que eu-

Smoke levantou a mão com o cigarro para me silenciar. Ele suspirou e virou o casaco, inspecionando as manchas de sangue. — Rage, o garoto nunca foi um alvo. O garoto nunca foi nada. Nem os pais dele.

— Eu não entendo, — eu disse, me afastando enquanto Smoke dava um passo em minha direção. Eu sentei na beira da cama quando a parte de trás do meu joelho bateu no colchão. A menina se arrastou para o lado para que eu não batesse em seus pés. — Então o que era ele? — perguntei. Smoke atirou o casaco para mim. Estendi a mão para pegá-lo antes que ele pudesse bater no chão. — Smoke, o que diabos está acontecendo? — perguntei, mas saiu como um sussurro. Eu ainda podia sentir o cheiro de sabão de Nolan sobre o casaco, e o sangue endurecido na sua jaqueta. Eu estava cada vez mais impaciente.

Smoke soltou um suspiro frustrado. — Rage, você vive neste mundo já faz um tempo. E eu não me arrependo de trazê-la. Mas você não tem mais nenhuma ligação real. — eu abri a minha boca, mas Smoke me calou quando ele continuou. — E não, ligar para os seus pais aqui e ali não conta. Sua vida foi se tornando rapidamente tão fodida como a minha. Eu não queria essa merda para você. Ainda não. — ele fez uma pausa, como se estivesse pensando em como continuar. — Depois de ver você na primeira noite na floresta e você olhar como tivesse demônios sobre você, eu queria te ensinar tudo o que eu sabia por que eu reconheci alguém que era como eu. — ele deu uma profunda tragada no cigarro e pousou a cerveja, optando por uma garrafa aberta

de uísque no chão. Ele pegou a garrafa e tomou um longo gole, sua garganta balançando enquanto ele engolia o líquido âmbar. Ele limpou a boca com as costas da mão.

— Por mais que eu queria ensiná-la sobre toda a merda que eu sei para você não tenha que passar pela mesma merda que eu passei e descobrir tudo da maneira mais difícil, eu recentemente aprendi sobre o que somos e fazer a merda que fazemos não é tudo que existe nessa vida. Eu queria mais para você. Eu queria que você tivesse uma experiência normal. Nolan, ele foi-

— O quê? Nolan foi o quê? — eu quis saber, saltei para fora da cama e fui parar diante de Smoke, os meus olhos no nível do seu peito.

— Nolan foi o meu presente para você, garota.

— O quê? — foi tudo o que consegui dizer quando a verdade veio se derramando da boca de Smoke tão rapidamente quanto o uísque entrou pela sua garganta afora. É por isso que Smoke não queria que eu mentisse para Nolan. É por isso que ele não estava com pressa para eu deixasse a casa.

É por isso que ele ficava me dizendo para voltar.

— O tio de Nolan, o cara cuja casa você, infelizmente, explodiu, é alguém que eu conheço há muito tempo. — Smoke se encostou à parede. — Você me deve trezentos mil. Isso é o custo para reconstruir a casa dele e não fazê-lo ir atrás de você depois que ele me ligou para encontrar a sua bunda e levá-la para ele. — ele deu uma tragada. — Eu conheci o garoto, Nolan, mas todos o chamavam de Goon. Eu mesmo tinha ido a alguns de seus jogos de hóquei. Quando eu ouvi sobre a sua lesão e que ele estava atravessando uma fase difícil, eu pensei em você, — Smoke admitiu, tomando outro gole de uísque. — Eu sabia que ele estava em um MC. Ele não era um covarde, mas ele não era um saco de merda também.

A menina na cama de Smoke saiu dos lençóis do outro lado, puxando uma camiseta preta sobre em sua cabeça que deveria ter sido de Smoke devido ao tamanho. Ela calmamente se dirigiu para o banheiro, fechando a porta atrás dela.

— Você pensou em mim para quê? — eu quis saber, ainda não tendo certeza do que diabos ele quis dizer com tudo isso. — Que porra é essa que você fez, Smoke?

Smoke deixou a garrafa cair no chão e fechou o espaço entre nós. Ele jogou as mãos no ar, em seguida, correu os dedos pelos cabelos longos e penteados para trás.

— Droga, Rage! Você não percebeu? Ele era para você! Eu pensei que ele poderia ser a sua maneira de manter um pé na terra dos vivos e antes de você se tornar uma ceifadora do caralho!

Eu empurrei contra seu peito. — Isso não faz sentido. Se qualquer coisa do que você está dizendo é verdade, então por que você me disse que eu poderia matá-lo se eu quisesse? — eu me agachei no chão e descansei minha testa em minhas mãos. O quarto girou. Eu nunca tinha ficado tão confusa, ou preocupada, juntamente com outra coisa que estava me machucando como veneno, fazendo o seu caminho através do meu sistema.

Smoke riu suavemente. Ele se inclinou para mim, assim como ele tinha feito na primeira noite na floresta. — Eu ouvi o jeito que você falou sobre ele. Eu sabia que você tinha uma queda por ele porque eu nunca ouvi você falar sobre ninguém assim. Imaginei que iria ter que confrontar você para que você pudesse tirar essa cabeça da bunda.

— Eu poderia ter matado ele, — eu sussurrei, a realidade me batendo na cara como um balde de água fria.

Smoke deu de ombros. — Sim, talvez. — ele levantou uma sobrancelha. — Ou talvez não. Eu estava disposto a ver onde e quão longe você teria ido.

Eu belisquei a ponte do meu nariz. — E os pais dele? E sobre as informações que você me enviou conseguir de Nolan?

— Isso foi apenas um monte de besteira. Os pais de Nolan estão mortos. Eu já sabia disso. Sabia que Nolan os matou, também, — Smoke admitiu.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Mentiras. Tudo tinha sido uma mentira total.

— Todas essas mentiras... como você ousou me mandar para ele? — eu olhei para Smoke, a realidade do que ele estava me dizendo, finalmente, afundando, mas com isso veio mais de um milhão de perguntas, mais uma importante do que todas as outras.

— Todas essas mentiras por *você!* Só assim você poderia ter um pé em um mundo onde matar não é a única coisa em que você pensa. Minha vida é uma merda porque eu fui por um caminho que não posso voltar. Mas você é jovem. Você é bonita e inteligente. Você tem tempo. Você ainda pode ter alguém por perto que se preocupa com você... alguém além de mim. — Smoke olhou para a porta do banheiro que tinha acabado de abrir e, em seguida, voltou para mim.

— Você não pensou em Nolan enquanto maquinava essas coisas? Você pensou que ele estar comigo não era a melhor coisa para ele? Quer dizer, eu o arrastei para tudo isso. Ele é parte disso e provavelmente está ferido por minha causa e o que eu faço e-

— Rage, pare!

— Não, não me diga para parar. Ele provavelmente está sangrando em algum lugar por minha causa!

— Não há ninguém atrás daquele garoto. Ele provavelmente está muito bem.

— Não! Ele não está. Você não viu o sangue, porra! — eu chorei, caindo no chão.

Smoke me levantou do chão pelo meu cotovelo como ele fez naquela primeira noite na clareira, me colocou em meus pés como se eu fosse frágil.

Eu levantei a camisa sangrando. — Se você não é a pessoa que fez isso? — senti um ardor na parte de trás dos meus olhos. — Então quem diabos fez? — minha voz falhou enquanto eu tentava segurar as lágrimas que ameaçavam cair.

Smoke pegou o casaco das minhas mãos e virou, examinando-o por todos os lados. Um pedaço de papel amassado caiu de dentro quando ele começou a desfazer os botões.

Nós dois fizemos um movimento para pegá-lo, assim quando ventilador no chão girou em direção a nós e soprou o papel em direção ao banheiro onde a menina de cabelos escuros estava na porta aberta. Ela pegou e o desdobrou enquanto caminhava em direção a nós. — As regras para ser Rage, — disse ela, lendo em voz alta. Ela entregou a nota para Smoke. — O que isso significa?

Senti todo o meu sangue escorrer do meu rosto.

Isso não deveria estar aqui.

Não poderia estar aqui.

— Como?

Os olhos de Smoke desceram enquanto olhava para o papel agora em suas mãos. Ele parecia tão chocado quanto eu. — Que porra é essa? — ele murmurou, puxando a parte inferior de sua barba.

O agarrei dele, não sendo capaz de acreditar plenamente no que ele estava segurando.

— Não pode ser, é impossível, — eu disse, desdobrando-o completamente, pronta para confirmar que o que nós dois estávamos pensando era errado.

Tinha que ser.

Mas com certeza, em caneta multi colorida, escrito em vários tipos diferentes de níveis de habilidade, mudando entre letras cursivas e de forma, lá estavam as regras familiares escritas por mim durante toda a minha infância.

Regras que eu li mil vezes.

Regras destinadas a conter a minha raiva.

Regras destinadas a tentar me fazer normal.

Regras que odiei ao longo do tempo.

Regras... escritas por Cody.

Capítulo trinta e um

RAGE

Isso foi apenas um palpite, mas era tudo que eu tinha para ir em frente. Foi surreal ir até o parque na parte traseira da moto de Smoke quando a última vez que eu estive lá eu estava indo embora na traseira de Smoke. Fazia anos, mas parecia que o tempo não tinha passado. Eu quase podia sentir o tule áspero do meu vestido de baile coçar contra as minhas pernas enquanto eu corria em direção à emoção do desconhecido.

O segundo que ele empurrou o suporte de apoio e inclinou a moto para ele, eu pulei fora. Ele desligou o motor e me seguiu. — Você ligou para o Joker? — perguntei pela quarta vez.

— Sim, uma centena de vezes. Os irmãos saíram esta tarde em um passeio, mas eles estão voltando. Joker sumiu, mas eu enviei uma mensagem e liguei para alguns dos irmãos de Nolan. Eles estão a caminho de volta de uma viagem e vindo direto pra cá, mas vai levar um tempo, — disse Smoke. — Você pegou o que você precisa? — ele apontou para a minha bolsa.

Eu balancei a cabeça e a agarrei junto ao peito. — Felizmente, eu trouxe muito mais do que o que eu vou precisar, — eu respondi, olhando a clareira entre os pinheiros. Eu quase poderia ver onde o Honda de Cody tinha estacionado pela última vez. Era como se seu fantasma ainda estivesse lá.

Me assombrando.

— Me diga de novo porque você deixou esse Cody te foder? — perguntou Smoke. Suas palavras eram cruéis, mas esse era Smoke. — Você sabe que eu iria intervir e ajudado com isso. — ele jogava o palito na boca de um lado do lábio para o outro.

A última coisa que eu queria fazer era explicar para Smoke que todos estes anos, quando eu pensei que eu tinha perdido a minha

virgindade com Cody, eu realmente perdi apenas um dia antes com Nolan.

Meu peito apertou.

— Cody era um último esforço para ser alguém que eu não queria, — eu disse, não querendo entrar em detalhes. Eu precisava chegar até Nolan.

Smoke bufou. — Eu às vezes tento ser o que não sou também, menina. Mas isso não significa que eu vou deixar algum punk enfiar o pau em mim quando isso acontece, — ele rosnou. A conversa não precisa ser insuportavelmente longa.

— Temos coisas mais importantes agora do que você estar irritado sobre algo que aconteceu quando eu tinha dezesseis anos, — eu o lembrei.

— Você realmente acha que esse cara é capaz disso? Do jeito que você sempre falou sobre ele, ele parecia ser outro tipo de cara. Um verdadeiro americano idiota pé no saco.

Eu balancei a minha cabeça. — Eu não sei mais o que pensar.

— Você acha que pode tratar de negócios se for Cody? — perguntou Smoke, arqueando uma sobrancelha para mim.

— Eu acho que você se esqueceu com quem você está falando.

— Isso é algo que eu nunca vou esquecer quando se trata de você. — Smoke olhou ao redor do parque vazio. — Você tem certeza que eles estão aqui? Parece vazio para mim. — Smoke estava certo. Mesmo sem nenhuma luz, eu podia ver a grama, as mesas de piquenique em ruínas, e as folhas do pinheiro em forma de agulhas que caiam e cobriam o chão. O lugar estava abandonado, uma sombra do que costumava ser.

Eu estava prestes a dizer a Smoke que eu não tinha certeza, que era apenas uma ideia, um palpite, mas ele levantou a mão e eu parei. A brisa pegou suavemente o farfalhar da grama alta. Smoke inalou profundamente.

— Eles estão aqui, — ele sussurrou.

— Como você sabe? — perguntei, olhando para a escuridão, tentando ver o que ele poderia ter visto.

Smoke olhou para mim e hesitou. Ele colocou a mão no meu ombro e me deu um aperto. Um sinal de afeto que fez o meu sangue correr frio. Meu rosto empalideceu. Eu sabia o que ele estava prestes a dizer, porque com outra influência da brisa, eu peguei o que ele já tinha pego. Eu não queria ouvir as palavras, mas eu não poderia impedi-las do que sair da sua boca. — Odeio dizer isso, mas cheira à morte.

Meu coração caiu.

Triste. Dor. Duas coisas que eu não tinha sentido até conhecer Nolan bateram em mim de uma forma totalmente fora de controle. Meus joelhos se dobraram, mas Smoke me pegou antes que eu pudesse bater no chão. Eu me apoiei nele como suporte, quando ele arrancou o telefone da minha mão.

— Isso é o que vamos fazer. — Smoke sussurrou. Ele me soltou e se inclinou para que seus lábios ficassem no nível da minha orelha. — É preciso se recompor, porra. Mais tarde, quando estiver tomando um banho com o sangue de Cody você poderá desmoronar. Mas agora não. Agora você precisa chamar esses demônios aí dentro, que é uma das coisas que eu mais amo e falar para aquelas cadelas que é hora de sair e jogar.

Ele estava certo. Eu poderia desmoronar depois. Eu respirei fundo e foquei em suas palavras. — Nossa missão de resgate pode simplesmente se transformar em um banho de sangue, mas eu sei o quanto você gosta deles, — ele sussurrou sedutoramente. — Você sente isso, Rage? Você sente a porra do fogo? Porque precisamos dele agora. Você está comigo?

Minha visão mudou. A realidade na minha frente ficou um pouco embaçada e tudo o que vi era vermelho. — Eu estou com você, — eu sussurrei.

Smoke se inclinou e inclinou o meu queixo para cima. Ele olhou nos meus olhos. — Oh sim. Está na hora, baby.

Senti o calor mais do que nunca na minha espinha quando ele explodiu para o resto do meu corpo quando a adrenalina atirou para todo o meu sistema. Eu era como um cão raivoso que precisava se divertir.

— Vamos, — eu disse. Andamos apenas dois metros no parque quando um tiro ecoou, ecoando através das árvores altas. Uma bala

passou zunindo entre a pouca distância que me separava de Smoke, acertando algum lugar na área arborizada atrás de nós, do outro lado da estrada de terra estreita. Pássaros assustados voaram de seus poleiros noturnos. Suas asas batendo em rápida sucessão quando eles saíram para o céu, sacudindo os ramos. Folhas de pinheiros caíram no chão, pousando com pancadas suaves na cama espessa de agulhas de pinheiro.

Smoke puxou a sua arma e se abaixou, mas eu não fiz isso. Eu apenas continuei andando no escuro, na direção de onde o tiro tinha vindo. Em direção ao assassinato e ao caos eu estava prestes a testemunhar.

Em direção à vingança sem salvação.

— Rage, não seja estúpida, — Smoke disse, pulando para cima e correndo para o meu lado, a arma na mão. Seu cabelo negro e roupas pretas o esconderam quando ele avançou. Minha camiseta rosa, shorts azuis e cabelos claros me fizeram destacar como uma tocha sendo acesa na noite. Eu não me importava em me esconder.

Eu me preocupava com uma coisa e apenas uma coisa... derramar sangue.

Chegamos ao final da clareira onde um carro estava estacionado, as suas luzes apagadas. Smoke me deslocou para trás de forma protetora, mas eu saí de trás de seu corpo grande e continuei a avançar. A lua cheia brilhava no céu noturno como um holofote, que iluminava o carro, um modelo Honda mais recente, e o homem sentado em cima dele, em um brilho amarelo assustador.

— Eu posso te ver, *Rage,* — Cody cantou, pegando algo em suas unhas. — Você sabe, eu sou a pessoa que te deu esse nome. Eu sinto que mereço algum crédito por isso. — sua voz era familiar, mas ao mesmo tempo, era muito diferente. Mais aguda.

Distante.

Ele saltou da cabine e caminhou ao redor do carro, arrastando os dedos pela pintura metálica azul. Ele parou quando chegou à parte de trás do carro, em frente ao porta-malas.

— Fique aqui, — eu disse a Smoke, que grunhiu e gritou algo que eu não podia ouvir sobre o sangue correndo pela minha cabeça. Saí da sombra para a luz da lua, assim quando Cody abriu o porta-malas,

revelando um tecido branco encharcado de vermelho, enrolado em um corpo sem vida. O cheiro me bateu um segundo depois.

Nolan.

Mesmo com a minha raiva ligada, mesmo através da sede de sangue, senti uma torção no intestino.

Uma parte de mim esperava que, quando Cody me visse, ele seria o mesmo Cody que eu tinha sido amiga. Ele passou por muita coisa pra me levar até lá. Eu não achava que ele ia me machucar, pelo menos não imediatamente. Tudo o que eu precisava que ele fizesse era hesitar, apenas por um segundo. Só para me dar tempo suficiente para explodir a porra toda.

Eu andei até Cody, que me olhou. De primeira, quando ele me viu, ele parecia satisfeito consigo mesmo, sorrindo e acenando como se eu fosse um cão que tinha encontrado o seu caminho de casa e ao seu mestre que tinha chamado por ele. Mas quando ele me olhou, seu sorriso selvagem caiu do seu rosto em uma linha reta sem emoção.

Em seguida, ele levantou a arma, na direção do meu peito, e disparou.

Capítulo trinta e dois

RAGE

Assim que ouvi a bala explodir do cano, eu pensei que tinha acabado. Era o fim.

Não apenas para mim.

Depois de perceber que eu não estava morta, me virei para onde Cody tinha redirecionando a sua mira no último segundo.

Meus olhos pousaram em Smoke.

Smoke estava de bruços no chão. Uma piscina de seu próprio sangue escorria em torno dele.

— Filho de uma cadela. Ele nunca deveria ter levado você pra longe de mim! — Cody rugiu, levantando poeira com a sua bota e enviando sobre o corpo de Smoke.

Me virei para Cody. Calmamente. Muito calmamente. Eu estava tão concentrada que até me assustei, meu coração batendo com um ritmo muito errático no meu peito. — Eu sei que nós não vimos um ao outro em anos, querido amigo, — eu disse, minha voz plana e forçada quando eu fechei o espaço entre nós. Seus olhos se arregalaram, e quando ele deu um passo para trás, ele afundou por um rápido segundo, antes de se recuperar. — Mas parece que você, a pessoa que me conhece há mais tempo, esqueceu exatamente quem diabos eu sou. — eu dei um passo para frente e Cody levantou a arma novamente, desta vez para a minha cabeça. Eu não parei. Eu *nunca* paro, porra. — E do que eu sou capaz.

— Ele está vivo! — Cody gritou de repente, dando um passo para trás. Medo substituindo a confiança que tinha estado lá segundos antes. — A porra do motoqueiro que você está fodendo. Eu não o matei.

Olhei para o lençol no porta-malas, em seguida, para Cody, que balançou a cabeça e apontou para o corpo. — Esse não é ele.

— Besteira, — eu fervi. — Então quem diabos é esse? — perguntei.

— Não acredita em mim? Vá olhar você mesma, — disse Cody, acenando sua arma para o carro. Eu passei por ele e olhei para o porta-malas. — Por que você não aprendeu como que usa isso? Você segura como se fosse a porra de um cão prestes a arrancar o seu braço. Onde está a porra do seu orgulho, cara?

— Vá se foder, Rage! — Cody brigou, a arma tremendo em suas mãos, o peso na mão destreinada dele parecia estranha e pesada. Eu puxei o lençol e prendi a respiração.

— Por que você fez isso? — perguntei, olhando para o corpo ensanguentado de que só poderia ser a namorada de Cody. Eu reconheci os cachos dourados de suas contas nas redes sociais.

— Ela é um presente, — Cody gaguejou. — Para você. Eu achei... achei que você ia gostar.

— Que porra isso significa?

— Eu posso ser como você. Eu queria te mostrar que poderíamos ficar juntos. Que ninguém poderia ficar entre nós. Eu não fiz bem? Ela gritou e eu nem sequer parei. Nem mesmo quando a pá ficou presa na-

— Cody, — eu lati, interrompendo tudo o que ele pensou que ele estava fazendo, me contando essa história. — Onde diabos ele está?

— Ele está... ele está bem ali, — disse Cody, apontando para uma mesa de piquenique nas sombras onde algo grande e escuro estava deitado na parte superior.

— Nolan! — eu gritei, correndo em direção à mesa. O olho direito de Nolan estava inchado. O outro apenas uma fenda. O sangue manchava seu rosto e braços. Ele estava respirando, mas quase inconsciente, amarrado à mesa como uma árvore de Natal é amarrada em cima um telhado de um carro pequeno. Meu alívio por ele estar vivo foi de curta duração. Minha atenção se voltou para o dispositivo preso entre as cordas e Nolan, pressionando contra seu torso.

Minhas mãos começaram a tremer. Eu mordi a mandíbula para aliviar um pouco da tensão que tinha ficado tão apertado, que não só Cody iria estar morto no final de tudo isso, ele não estaria com um único membro intacto. Me virei quando ele se aproximou.

— Este é o meu outro presente, — disse ele enquanto eu respirava fogo, sentindo o ódio queimando em meus pulmões.

Me lancei para ele a ponto de acabar com ele, quando ele deu um passo para o lado, segurando um pequeno controle remoto preto com uma luz vermelha intermitente e um único botão.

Parei meu ataque, mas não o meu movimento para a frente. Eu estava bem na cara de Cody quando eu disse: — Seu presente para mim está envolvendo explosivos ao redor alguém que eu amo? Atirar em alguém que eu importo? — Nolan tossiu e eu virei. Ele gemeu e sangue saiu de sua boca, escorrendo pelo seu queixo para cima da mesa.

Cody concordou. — O vi chegar à casa de seu pai em sua moto, então eu o observei. Então eu vi você chegar, e eu sabia que este motoqueiro era algo para você. Vi a maneira como vocês se olharam. O que mais me chocou foi quando ele te beijou. Porra, você nunca me deixou te beijar. Achei que você não podia sentir amor e de repente isso estava estampado em seu rosto? Ou isso é apenas algo que você me disse para não ficar comigo? — seus olhos brilhavam maliciosamente. — Nada disso importa agora. Me lembro o quanto você ama explosões. Fui aprendendo. Praticando. — ele deu um passo em minha direção. Foi a minha vez de me mover para trás, eu não iria arriscar que ele detonasse a bomba amarrada à Nolan acidentalmente.

— Todo esse tempo! — eu gritei. — Todos esses anos e você estava chateado comigo? Por quê? Porque eu fui embora? Porque nós tentamos a lista e não funcionou? Por Cody? Porque agora?

— Olha, eu sabia que isso aconteceria, — Cody disse, batendo a arma contra sua cabeça. — Eu sabia que você não entenderia. Você nunca foi boa com a coisa de sentimentos, então eu entendo isso. Eu totalmente entendo. Mas eu precisava de tempo para ser capaz de te oferecer o meu grande gesto, — disse ele, acenando com a arma no ar. No canto do meu olho, Smoke se mexeu, apenas um pouco. Então os seus olhos se abriram e pousaram em mim. Eu não olhei para ele, não querendo chamar a atenção de Cody. — E eu não sei se alguém já te disse isso, Hope, mas você é que exige atenção. Levou um tempo para eu aprender tudo isso. Explosivos, a merda da arma. — ele baixou a voz. — Mas você vale a pena. Sempre valeu.

— Eu vou rasgar a porra da sua garganta com as minhas próprias mãos! — eu gritei.

— Calma, baby. Essa é amaneira de tratar alguém que passou por todo este problema por você? — ele levantou o controle remoto, o polegar pairando acima do botão. Mais uma vez, fiz uma pausa, olhando para Nolan cujos olhos focavam e desfocavam enquanto ele lutava para ficar consciente. Fechei os olhos com força.

A fim de salvar Nolan, eu precisava ter algum controle e tentar uma abordagem diferente. A raiva era minha zona, meu centro.

Mas não era de Cody.

A fraqueza de Cody… era eu.

Ele deve ter visto a mudança em mim. Talvez tenha sido quando eu virei para ele e meus ombros caíram em derrota. Ele sorriu.

— Quando éramos crianças, eu fiz essa coisa com você da maneira errada. Em vez de te ensinar como ser uma criança normal, deveríamos ter aprendido todas essas coisas juntos. Em vez de fugir com aquele filho da puta, — ele disse, o fogo dançando em seus olhos enquanto ele enviava punhais em Smoke, que felizmente fechou os olhos a tempo. De repente, eu tinha esperança. Esperança de que eu pudesse tirar todos nós vivos daqui. Eu sabia o que tinha que fazer. Eu só esperava que Smoke fosse esperto o suficiente para entender antes que fosse tarde demais.

— Nós poderíamos ter ficado juntos o tempo todo, — Cody continuou. — E eu sei, eu sei, eu empurrei a coisa de sexo cedo demais. — Cody me olhou de cima para baixo e dos meus tênis para o meu rabo de cavalo, fazendo uma pausa entre as minhas pernas e meu peito. — Mas você é bonita, Hope. Eu não pude evitar. — ele chupou o seu lábio inferior em sua boca e jogou meu rabo de cavalo do meu ombro com a ponta de sua arma. Eu me encolhi. Ele circulou em torno de mim lentamente, me avaliando como um gado.

— Mas nós não fizemos, — eu cuspi. — Você me deixou acreditar nisso. O que você fez Cody, enquanto eu estava dormente? Você gozou na minha perna. Eu pensei ter dado uma parte de mim, mas eu estava errada. Descobri isso quando eu dei isso à Nolan.

Meu estômago revirou com o que eu estava prestes a fazer.

Mas meu estômago não era páreo para a minha vontade.

O rosto de Cody ficou vermelho de vergonha. Ele estava prestes a dizer algo quando eu interrompi. — Então... vamos tentar de novo, — eu disse. Dei um passo para trás e tirei a minha bolsa dos meus ombros. Peguei minha camiseta e sutiã esportivo, ao mesmo tempo puxando-os para cima da minha cabeça. Eu coloquei minhas mãos em meus quadris e empurrei os meus seios nus.

— O quê? O quê? — Cody gaguejou, acenando com a arma para mim e olhando para o meu peito nu. — O que você está fazendo? Isto é algum tipo de truque?

Eu pressionei minhas mãos em seu peito. Tinha perdido muito peso, ele era uma fração do jogador de beisebol que ele costumava ser. — Não, não há truques, Cody. Você está certo. Isto está tudo certo. Eu nem sequer nos dei uma chance da uma última vez. Já que não aconteceu na noite do baile. Vamos tentar de novo. — eu estava na ponta dos pés e dei um pequeno beijo no canto da boca dele, rezando para que Nolan estivesse muito inconsciente para ver o que eu estava prestes a fazer, a fim de salvar dois dos três únicos homens que eu já me preocupei.

O outro ia morrer quando tudo fosse dito e feito, mas as primeiras coisas primeiro.

Eu tinha matado centenas de pessoas, mas salvar vidas exigia muito mais do que apenas uma necessidade para destruir e algumas balas. Era necessário tato. Algo que eu não tinha certeza se eu tinha, mas eu estava prestes a descobrir.

— Rage, se este é um truque, eu vou estourar esse filho da puta tão rápido... — Cody avisou, erguendo o detonador no ar.

— *Sssssshhhhhh,* — eu disse, apertando meu dedo indicador aos seus lábios. — Vou te dizer uma coisa. Pode me revistar, se quiser, mas todos os meus suprimentos estão lá na minha bolsa. — eu apontei para onde eu a joguei para o chão.

Com o canto do meu olho, eu podia ver que Smoke lentamente se levantou. Ele rolou para seu lado e acenou para mim. Por mais que eu quisesse que ele começasse abrindo buracos na cabeça de Cody, eu sabia que ele não iria. Eu estava muito perto dele. Se ele começasse a atirar, ou eu levaria um tiro ou isso aqui explodiria.

Luxúria brilhou nos olhos de Cody e eu sabia que eu o tinha. — Suba sobre a fodida mesa, — ele ordenou bruscamente, apontando para a mesa de piquenique ao lado da mesa que Nolan estava amarrado.

— Eu estava pensando em algum lugar um pouco mais privado, — eu disse, me virando. Se eu pudesse levá-lo para longe de Nolan, Smoke teria tempo o suficiente para remover as cordas.

Cody negou e me empurrou em direção à mesa. — Aqui é privado o suficiente, — disse ele com uma risada. Sua voz se tornou fria. — Agora suba nessa mesa, porra.

Olhei para Nolan, que estava com os olhos fechados e, em seguida, de volta para Cody. Relutantemente, eu pulei sobre o banco e sentei na borda da mesa. Cody se adiantou e empurrou meus joelhos separados, em pé entre as minhas pernas abertas.

— Se encoste e coloque as mãos sobre a mesa, porra, — ele falou. — Boa menina. Agora, se você levantar um centímetro da madeira, eu não me importo se uma cobra saiu e mordeu você, eu vou apertar este botão e seu motoqueiro vai EXPLODIR.

Foi a primeira explosão da minha vida que eu não queria que acontecesse. A primeira que eu estava tentando evitar.

Smoke começou a rastejar lentamente em direção à arma para que ele pudesse passar despercebido. Eu nunca quis que alguém pudesse rastejar mais rápido em toda a minha vida, porque se Smoke não chegasse a sua arma logo, não haveria como contornar o que eu tinha acabado de pôr em marcha.

Arrependimento inundou por mim como uma onda.

Um galho estalou, e Cody pulou para trás de mim, agitando a arma para Smoke que congelou a vários metros da sua arma. — Era bom demais para ser verdade pensar que eu matei você, — disse ele, se virando para mim. — Eu sabia que você estava boazinha demais, Rage. Talvez seja minha culpa por ter te ensinado como ser uma boa mentirosa. Mas agora você vai pagar por isso. — ele olhou para Smoke e depois para mim. — Se levante, — ordenou a Smoke, apontando a sua arma para mim. — Venha aqui agora ou eu vou explodir a cabeça dela.

Smoke se levantou com as pernas bambas. O sangue escorria do buraco de bala no seu bíceps. Cody se afastou de mim, sua arma agora alternando entre nós dois. — Rage aqui queria ser fodida, e tanto

quanto eu queria ser o homem para fazer o trabalho, parece que eu não posso fazer duas coisas ao mesmo tempo agora. — ele levantou o botão. Nolan gemeu novamente. Ele estava apenas alguns metros de nós e tinha explosivos suficientes ao seu redor para que, se Cody empurrasse o botão, nos três ficássemos em pedaços em menos de um segundo.

Smoke rosnou quando eu envolvi minhas mãos em volta dos meus seios para me cobrir.

— Oh não, você não pode se cobrir. Coloque as suas malditas mãos de volta na mesa, Hope, — Cody ordenou, o controle em sua mão a única razão pela qual eu relutantemente concordei.

Smoke parou protetoramente na minha frente, me protegendo de Cody. — O que exatamente você está tentando fazer aqui? — Smoke perguntou.

— Você é o único que levou ela de mim. Você a levou no meio da noite, e eu nunca mais ouvi falar dela. Eu quero que você saiba como é sentir isso. Ter algo tirado de você. Ser injustiçado. — ele olhou para Smoke, mas apontou a arma para a minha cabeça. — Então agora eu vou levar algo de você. De ambos. Vou tirar o seu livre arbítrio. Seu direito de escolher. Vou tirar isso de você como você a levou para longe de mim. — Cody riu, baixo e profundo. Lágrimas formaram em seus olhos.

— Que porra você está dizendo, filho da puta? O que é exatamente isso que você quer? — Smoke gritou, sua voz ecoando por todo o parque.

Cody fungou. Seus olhos se tornaram mais sombrios. Sua mandíbula ficou tensa. Seus ombros se endireitaram com determinação com a recém-descoberta de nos fazer sofrer.

— O que estou dizendo, é que vocês dois vão *foder,* e eu vou assistir enquanto você descobre como é ter algo tirado de você.

Capítulo trinta e três

RAGE

— Não, — Smoke disse, cruzando os braços sobre o peito. Cody disparou a arma, a bala atingiu de raspão na minha canela, pareceu como se alguém tivesse levantado um machado e acertado a minha perna.

— Como eu disse, — Cody cuspiu, — isto não é a porra de uma escolha. Você vai fazer e você vai vê-la morrer antes de te matar.

Meu mundo girou em torno de mim. Eu não me senti com raiva ou enfurecida. Me senti derrotada. Me virei para Smoke. — Está... está tudo bem, — eu disse com relutância.

— Merda, — Smoke disse, deixando cair a cabeça em suas mãos.

— Agora, — Cody exigiu.

— Cale a boca por um segundo! — Smoke rugiu. Ele olhou para mim, seu olhar caindo momentaneamente para o meu peito nu antes de desviar o olhar. — Eu sinto muito, — ele sussurrou, embora não houvesse nada para se desculpar.

Eu balancei minha cabeça. — Não sinta. Temos que sair daqui, — eu sussurrei.

— Não era assim que eu queria, — disse Smoke. — Eu sou um cara, então eu não posso dizer que nunca imaginei. Mas eu quero o que é melhor para você e o melhor nunca fui eu. — ele fez uma pausa e empurrou o queixo para a mesa atrás de mim onde eu ouvi Nolan gemer novamente. — Esse é ele.

Eu balancei a cabeça. — Isso é apenas um trabalho, Smoke. Nós sempre terminamos um trabalho. Não importa o que, — eu disse, querendo me livrar da dor em sua voz. Eu não olhei para trás, não olhei para Nolan. Eu não podia. Fechei os olhos com força, em seguida, abri

novamente, olhando de volta para Smoke. — Certo? — perguntei, olhando em seus olhos, procurando o seu acordo.

— Certo, — Smoke disse suavemente, embora sua expressão dissesse o contrário.

— Roupas. Fora. Agora, — Cody exigiu. — Ou eu atiro na outra perna e depois na cabeça dela, porra.

— Eu não vou tirar a porra do meu colete, — Smoke argumentou. Todos os músculos de seu pescoço tencionaram.

Cody riu. — Eu não tenho toda a porra do dia aqui. Cale a boca e faça isso logo! — a voz dele era uma mistura de raiva e mágoa e desejo, e eu só queria que tudo acabasse.

— Está tudo bem, — eu disse novamente para Smoke, que atirou a Cody um último olhar mortal antes de parar entre as minhas pernas.

Mas não estava nada bem. Estava qualquer coisa, menos bem.

Eu tinha oferecido tudo, incluindo a minha humanidade e minha alma em troca da liberdade. E agora eu estava machucada por dentro. Mas não por mim. Por Smoke. E especialmente por Nolan, que orei para que ainda estivesse desmaiado e não prestes a testemunhar a morte de algo que realmente nunca tivemos a oportunidade de começar.

Nós.

Desempenhar um papel era uma coisa. Eu nunca realmente quis alguém antes. Mas por um breve momento, quando Smoke estava puxando meus shorts e minha calcinha, eu realmente desejei que eu fosse a Hope Michaels, e não o diabo que parecia um anjo.

Mas um anjo real.

Uma boa pessoa.

Alguém digno dos dois homens que eu tinha colocado no meio da minha situação de merda. Foi tudo culpa minha. Eu os deixei entrar. Eu os deixei chegar perto de mim, e olha o que aconteceu.

Se controle, Rage. Você é mais forte do que isso.

Sacudi os meus pensamentos inúteis e tentei mudar o foco.

Eu sou Rage. Um rastreadora. Uma assassina. Eu sou forte. Eu sou capaz.

Eu faço o que for preciso para fazer que o trabalho de merda seja feito.

Smoke empurrou o seu longo cabelo escuro de seus olhos e abriu o zíper de seu jeans, empurrando-os para baixo e me puxando para a borda da mesa. Ele abriu minhas pernas e se colocou entre elas. Seu pau duro cutucou meu estômago. — Vou tentar não te machucar, — ele sussurrou. — Porra, é a primeira vez na porra da minha vida que eu desejo não ser capaz de ficar duro.

— Apenas faça, — eu disse. Me sentindo recuar para o entorpecimento que eu tinha experimentado com Cody, mas tanto quanto eu queria sair da zona completamente, eu não poderia chegar lá.

— Coloque-a em cima de você para que eu possa ver melhor, — Cody exigiu, sua voz rouca.

Smoke grunhiu e me levantou pela minha cintura. Ele se virou de modo que ele estava sentado na borda da mesa e eu estava montada nele. — Sinto muito, — disse ele de novo quando ele cuspiu na sua mão e a esfregou na ponta do seu pau. Ele agarrou a base do seu eixo e me baixou para ele, gemendo baixinho enquanto ele se empurrava para dentro de mim.

Foi quando eu cometi o maior erro da minha vida inteira.

Abri os olhos. Lá, sobre o ombro de Smoke, me encontrei no último lugar que eu queria estar, presa no olhar de Nolan.

— Foda ela, caramba! — Cody gritou, disparando sua arma para o ar.

Smoke empurrou para dentro. Eu não estava remotamente pronta. Isso machuca. Doeu muito. — Só pense em todas as maneiras que nós vamos matá-lo quando tudo isso acabar, — Smoke sussurrou para mim enquanto ele me movia para cima e para baixo em cima dele.

O tempo todo, eu era incapaz de desviar o olhar de Nolan, que mesmo com um olho inchado, com o olhar mais vingativo no rosto avermelhado, era a coisa mais linda que eu já vi.

Esse momento mudou minha vida para sempre.

Foi o momento em que deixei de ser capaz de ficar dormente quando eu precisava recuar. Foi o momento em que eu percebi que o que eu estava sentindo por Nolan era amor.

Smoke resmungou um último pedido de desculpas, me levantando para fora dele e gozando em seu próprio estômago. Uma lágrima escorria pelo canto dos olhos de Nolan.

Eu poderia ter amado Nolan, mas naquele momento eu me odiava.

Foi também quando as balas começaram a voar, seguida por uma explosão.

NOLAN

Doente. Eu estava farto. Eu não queria ver, mas eu não conseguia tirar os olhos. Tentei gritar através da mordaça na minha boca, mas ela abafava o som. Não havia nada que eu pudesse fazer, apenas ver o outro cara foder a minha garota.

Eu estava sendo desatado. Por que eu não me importava. Eu nem sequer registrei as vozes sussurrando para mim ou quem foi que colocou a arma em minhas mãos. Cody pode ter me batido pra caralho, mas não era nada comparado com o que ele fez com aquela menina na minha sala, a estripando como se ela fosse um fodido pedaço de carne.

O segundo que eu estava livre, me levantei, ignorando a sensação de tontura na minha cabeça. Comecei a puxar o gatilho. Uma e outra e outra vez, andando em direção a Cody, atirando uma bala após a outra nele até que ele estava em uma pilha de carne morta cheia de buracos no chão.

A explosão aconteceu rápido. Quando me virei, vi um punhado de fumaça vindo das árvores. Joker e um par de meus outros irmãos saíram de onde a explosão tinha acontecido. — Cuidado, — disse Joker. — Parece que você lidou com as coisas por aqui. — ele apontou para o corpo de Cody, mas eu não lhe respondi. Em vez disso, virei para onde o cara que tinha acabado de foder a minha menina estava

abotoando as calças. Eu apontei a minha arma para ele e disparei, esquecendo que eu tinha acabado de usar todas as minhas balas em Cody.

— Eu meio que gostaria que você tivesse balas aí, — disse ele. Eu abaixei a arma e corri para Rage, pegando-a em meus braços. — Esse é Smoke. Não foi culpa dele, — disse Rage, não soando nada como ela. Ela estava mansa e quieta.

Porra, eu odiei isso.

— Você pode querer dar o fora daqui antes que eu possa recarregar, — eu avisei à Smoke, que, com um aceno de cabeça para mim e um sorriso triste para Rage, se virou e desapareceu.

— Eu... eu... — Rage gaguejou, mas não havia nada que ela pudesse dizer.

— Você não precisa dizer nada agora. Você está viva. Eu estou vivo. Isso é tudo o que importa, porra. — Rage me olhou como se ela fosse responder, mas seus olhos reviraram em sua cabeça e ela desmaiou nos meus braços.

— Eu limpo a bagunça, — disse Joker, puxando o seu telefone. Ele apontou para Rage. — A pequena incendiária está bem?

— Você sabe quem é ela? — perguntei. — Porque se você não se importa, eu vou sair daqui com ela e então-

— Cale a boca, filho, — Joker interrompeu. — Aquele cara que você acabou de ameaçar? Smoke? Ele pagou a sua dívida para mim há muito tempo. A menina não está na minha lista de acertos. Não agora de qualquer maneira. Smoke me explicou sobre vocês dois brevemente no correio de voz que ele me deixou quando ele nos pediu para vir aqui. Van deixou o carro no estacionamento e às chaves estão na ignição. Agora vá em frente, tire ela daqui e cuide dela. Venha para o clube quando você puder. Falaremos depois.

Ele não precisou falar duas vezes. Eu carreguei Rage em meus braços e deixei o parque onde nós dois tínhamos perdido um pedaço de nós mesmos e me perguntei se depois de tudo que tinha acontecido, se aquelas eram peças que nunca poderíamos colar.

Capítulo trinta e quatro

RAGE

Eu acordei em um quarto familiar. Mas não era no quarto familiar que queria acordar. Este era decorado em rosa e marrecos. Projetado para a filha que a minha mãe queria, não aquela que tinha.

— Mijn Zoeteken, estou tão feliz que você está acordada, — minha mãe disse, cruzando o quarto e sentando na beira da cama. Meu pai a seguiu, sentando do outro lado. — Nolan trouxe você para casa e disse que estava ferida, e temos estado em tal aflição. Ele é um menino tão bom, você sabe. Estou contente por terem encontrado um ao outro. Como está sua perna? Você não deve levantar. Nolan estava certo, você sempre foi ousada, mas é melhor você não esquiar em pistas que não conhece.

Nolan tinha me deixado na casa dos meus pais. Meu peito apertou. Agarrei o topo do edredom. Ele provavelmente não conseguia nem olhar para mim, mas não sabia mais aonde me despejar.

Eu puxei as cobertas e inspecionei minha perna. Foi apenas um arranhão. — Quanto tempo eu estive fora?

— Três dias, — disse meu pai. Você nos deixou preocupado, mas o doutor veio e disse que não havia nada de errado com você e que devíamos apenas deixar você dormir.

— Três dias? — eu perguntei, sentando. Minha cabeça latejava.

— E sua mãe está certa. Você não deve esquiar em pistas que não está acostumada. É perigoso, e, tanto quanto estamos tão felizes em tê-la em casa novamente, nós queremos que você torne-

— Va[24], — eu disse, interrompendo-o. — Eu acho que você sabe que eu não estava esquiando. Eu não machuquei minha perna em um terreno inclinado. Eu nunca estive em Paris. NUNCA.

Os suspiros de surpresa que eu estava esperando nunca vieram. Em vez disso, meus pais uniram as mãos em minha cama. Minha mãe tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. — Nós sabemos, Mijn Zoeteken. Suas habilidades de Photoshop são uma merda.

Meu pai começou a rir e então minha mãe. De repente, eu estava na zona de penumbra onde meus pais riam sobre minhas mentiras. — Que diabos está acontecendo? — perguntei.

— Hope, minha querida. Sabemos que você é diferente, — disse minha mãe, olhando para mim com um olhar de amor em seus olhos. — Nós não sabemos o que você faz lá fora, mas nós sabemos que não é o que você diz. Para ser franca com você, não quero saber. — minha mãe continuou enquanto o meu pai balançava a cabeça e apertava a mão dela. — Nós queremos que você seja livre e feliz. Então, para nós, você estava esquiando nas montanhas assim como aquele rapaz lá embaixo disse que era o que você estava fazendo. Contanto que você não esteja lá fora usando heroína ou na campanha de Donald Trump, seu pai e eu estamos contentes de viver na ignorância felicidade, porque sabemos que significa que podemos mantê-la em nossas vidas.

Virei a minha cabeça de lado a lado, olhando entre os dois. — Eu não posso acreditar... — fiz uma pausa. — Espere. Onde vocês disseram que Nolan está?

— Lá embaixo, — disse meu pai. — Ele esteve aqui o tempo todo. Ele se recusou a sair do seu lado até que a sua mãe o obrigou a descer para tomar o café da manhã há alguns minutos.

Saltei da cama e desci os degraus. De jeito nenhum isso era verdade. Eu tinha dormido, meus pais pararam de fingir que eles acreditavam em minhas mentiras. E o homem que eu amava e que tinha me visto outro homem me foder, tinha estado ao meu lado enquanto eu dormia por três dias. De jeito nenhum...

Mas era isso mesmo. Quando cheguei no final das escadas, ele estava lá, sentado numa banqueta no balcão dos meus pais, a barba

[24] Eles usam as vezes a língua romena, não vou traduzir.

por fazer e desgrenhada com círculos escuros sob seus olhos enquanto ele pegava um pedaço de torrada.

— Oi, — eu disse, puxando a parte inferior da minha camiseta, não percebendo até pouco depois que eu não estava usando shorts.

Nolan olhou para mim por um segundo e, em seguida, dois. Esses dois segundos pareceram uma eternidade, e eu desejei estar em sua mente e saber o que ele estava pensando. Eu não tive que esperar muito tempo. Ele se levantou, derrubando a banqueta para o lado e não perdeu tempo fazendo o seu caminho até mim. Ele me pegou, me sentou no balcão e me beijou como se eu fosse o seu mundo.

Eu o beijei de volta com tudo o que eu tinha e tudo o que eu era. — Sinto muito, — eu disse quando ele finalmente se afastou.

Nolan balançou a cabeça e me beijou novamente, me silenciando. A próxima vez que ele se afastou, ele disse: — Você não tem que se desculpar. Eu não quero a minha menina pegando todos os tipos de maus hábitos agora só porque ela está em um relacionamento. Além disso, a minha menina não pede desculpas.

— Não? E você gosta desta menina? — perguntei, o meu coração acelerado.

Nolan baixou a cabeça e roçou os lábios contra os meus. — Não, eu não gosto dela, — disse ele, procurando meus olhos e abriu um de seus grandes sorrisos ridículos. — Eu amo ela.

Capítulo trinta e cinco

RAGE

Nós nos despedimos dos meus pais, mas só depois de prometer que eu ia voltar para jantar em breve. Minha mãe me deu uma receita para a sopa de batata depois que Nolan tinha dito a ela que ele iria se mudar e me levar com ele. Eu acho que ela achou que eu iria virar uma Julia Child[25] e ou me tornar uma doméstica ou algo assim. Eu sorri e peguei a receita educadamente, olhando com o canto do meu olho enquanto Nolan tentava não rir.

— Oh e aqui. Eu consegui tirar todo o sangue, — minha mãe disse, saindo da lavandaria com a jaqueta de hóquei de Nolan em suas mãos.

— Obrigado, Sra. Michaels, — Nolan disse com o sotaque do Sul educado, vestindo-a. — Está incrível. Eu nunca consigo tirar o sangue das coisas. — minha mãe juntou as mãos e puxou Nolan para um abraço. — A qualquer momento, é só trazer a nossa menina de volta para nos ver em breve.

— Eu vou, — disse Nolan, me puxando para o seu lado. — Você pode contar com isso.

Olhei entre meus pais e Nolan e decidi que eu não me importava se eu estava vivendo na twilight zone[26].

Eu gostava de lá.

De volta à casa da praia, Nolan e eu passamos um tempo mimando Murray enquanto observávamos o pôr do sol a partir do deck. Eu prometi ao monstro de pulgas que eu iria cuidar bem dele e que não o deixaria sozinho mais. Era bom estar de volta na casa que eu tinha aprendido a amar com um cão estúpido que eu aprendi a amar, com o motoqueiro sexy eu estava apaixonada.

---

[25] Chef importante nos EUA.
[26] Uma área onde dois modos de vida diferentes ou estados de existência se encontram.

Depois de escurecer, Nolan pegou a minha mão e me levou até a praia. Ele não perdeu tempo me empurrando na areia. Em seguida, seus lábios estavam nos meus, seu peso em cima de mim. Me esmagando. A dor no meu peito não era de pensar que eu não sentia o bastante para estar com ele, mas de saber o quanto eu o amava.

Nolan serpenteou um braço em volta da minha cintura e me empurrou mais para trás na areia. Seus lábios não deixaram os meus quando ele fez um rápido trabalho com as nossas roupas. Seus dedos roçaram a minha entrada molhada e pronta, mergulhando no forro do meu biquíni. Ele empurrou o tecido para o lado, e eu gemi com a falta de contato.

Eu estava com dor. Corpo. Alma. Coração.

Eu nunca quis que ele parasse.

Os lábios de Nolan bateram nos meus. Seu pau estava quente e duro contra a minha abertura quando ele empurrou para dentro de mim. Gemendo em minha boca, ele começou a bater em mim. Duro. Rápido. Frenético. Foi então que eu percebi o que ele estava fazendo. Cada impulso foi para atirar a sua raiva em mim.

Me punindo.

Dizendo as coisas com seu corpo que ele ainda não tinha dito com suas palavras.

Nolan falou com seus lábios contra meu pescoço enquanto ele grunhia cada impulso mais duro que o anterior. Com cada batida eu apertei em torno de seu pau até que eu pensei que ia desmaiar de tanto prazer e raiva... e medo. — Nunca me mate. Nunca me deixe. Nunca mais. Você entendeu? Não importa o que aconteça. Não importa o que aconteça não assuma que terminamos, porque nós não vamos, nunca, jamais. — ele pontuou a última observação com um golpe duro que fez a minha cabeça cair na areia.

— Diga sim, — ele perguntou. — Eu quero ouvir você dizer a porra das palavras.

— Sim, — eu respirei. Ele saiu de mim, arrastando contra todas as terminações nervosas que ele apenas inflamou antes de me esticar de volta com cada impulso profundo.

— Se as coisas ficarem fodidas, nós vamos encontrar um jeito. Você é minha. Nenhuma merda vai mudar isso, — Nolan gemeu. Batendo em mim cada vez mais duro.

Nós nos olhamos e algo se passou entre nós. A expressão de alívio, como se ele estivesse finalmente convencido de que eu finalmente não irei fugir mais, tomou conta de seu belo rosto, juntamente com um olhar fortemente de desejo quando ele começou a punir o meu corpo mais uma vez de uma forma que me fez ver estrelas e clamar o seu nome quando o seu pau fez faíscas de prazer dentro de mim. Ele pegou a minha coxa, me dobrando, fazendo as suas investidas ficarem mais profundas, mais duras. Foi doloroso, mas era exatamente o que eu precisava.

Essa punição.

Esta noite.

Este menino.

Esse amor que eu nunca pensei que eu era capaz de sentir.

— Diga que você me ama, — ele exigiu, empurrando mais e mais rápido.

— Eu... — eu não conseguia pronunciar as palavras. A maneira como Nolan estava olhando para mim, a maneira como seu abdômen estava contraído enquanto ele me fodia, era tudo que o meu corpo precisava para a travessar um orgasmo que me fez cavar meus pés nas costas de Nolan. Eu me ergui e mordisquei o seu ombro quando as ondas tomaram conta de mim. Eu senti isso nos meus dedos, no meu núcleo, eu estava convulsionando tanto que eu gritei de puro terror.

Nolan rugiu para a noite, me seguindo sobre o limite, seu pescoço tencionando, seus dentes arreganhados quando ele gozou. Jorros quentes e longos pousaram dentro de mim, escorrendo para fora quando ele teve a sua própria libertação de prazer.

— Eu te amo, — eu sussurrei.

Eu pensei que a liberdade era como eu me senti depois que eu saí de casa. Pensei que estar sozinha era liberdade. Não era. Era apenas estar sozinha. Agora eu sabia o que era a verdadeira liberdade.

A verdadeira liberdade foi me dando permissão para amar.

A verdadeira liberdade foi Nolan.

Foi somente através de Cody, Smoke e, especialmente, Nolan que eu aprendi que só porque eu posso matar, não significa que eu não tenho um coração.

Eu poderia ter tanto a noite e o dia, a paixão e o veneno.

Hope e Rage.

NOLAN

— Essa foi de longe a foda mais gostosa da minha vida, — eu disse, ainda tentando recuperar o fôlego. Eu rolei para fora dela e de lado, mantendo Rage perto. Nós ainda tínhamos um monte de coisas para conversar, para fazer, mas precisávamos estar perto, de nos sentir conectados. Eu precisava que ela soubesse que a merda no parque não afetou como eu me sentia sobre ela ou me fazer a querer menos.

— Sério? — perguntou ela. Então ela me surpreendeu quando eu vi o rosa subindo em suas bochechas. Rage estava realmente corando.

Que fez o meu pau se contorcer.

Que me fez inclinar e erguer os joelhos dela para que eu pudesse subir em cima dela e me estabelecer entre as coxas. Com o meu sêmen ainda escorrendo de sua buceta recém-fodida, eu empurrei para dentro dela, mais fundo do que antes. Eu estava em outro exorcismo sexual por meio do orgasmo alucinante.

O que eu tinha reclamado no verão passado? Hóquei? Escola? Meu tio? Minha perna? O clube? Como se viu, o verão passado foi o melhor da minha vida afinal de contas.

Aquele verão foi o melhor da minha vida. Você até poderia dizer que foi tudo por causa da *raiva*[27].

Fim

[27] Em referência ao apelido Rage.

Epílogo

RAGE

Eu não ouvi falar de Smoke novamente. Quando eu tentei ligar para o seu telefone, estava desligado. Quando eu fui na casa dele, estava vazio sem nenhum vestígio de que alguém estivesse morando lá.

Eu não sei aonde ele tinha ido, mas aonde quer que fosse, eu esperava que ele soubesse que eu não o culpo por tudo o que aconteceu. Depois que Nolan superou o choque inicial, ele admitiu que também não, embora ele tenha dito isso com fúria em seus olhos.

Nolan testou a sua perna várias vezes sobre o gelo, e com a bênção de Joker, estava fazendo alguns treinos pesados. O treinador e os médicos concordaram que ele estaria voltando com a bolsa integral quando a temporada começasse.

Que foi por isso que eu estava de pé no Escritório de Admissões do reitor.

Caminhando ao redor da sala escura, vestida de verde e dourado, eu percebi que eu nunca tinha estado em um escritório chique.

— Patos selvagens? Sério? — eu perguntei, levantando um dos patos de plástico de seu poleiro em exibição e lançando ao reitor que o apanhou, embalando-o em seus braços como se fosse uma criança e não um pato de plástico falso e feio.

— O que você quer de mim? — perguntou o reitor, sua voz tão instável como as suas mãos. Eu não podia culpá-lo. Se eu fosse ele, eu seria cautelosa perto de mim também.

— Eu preciso que você escreva uma carta para mim, — eu disse na minha voz mais doce enquanto eu dava uma volta ao redor da sala, olhando para as pinturas com molduras douradas.

— Uma carta? Que tipo de carta?

Corri as minhas mãos sobre sua estante invejável, meus dedos escovaram as primeiras edições que deveriam estar em um museu e não no escritório do reitor. Eu virei a tempo de ver Rollo pressionando o reitor no ombro, forçando-o a sentar de volta na grande cadeira atrás de sua mesa. — Uma carta de admissão, é claro, — eu disse com um sorriso, girando a minha faca em minhas mãos.

— Para... para quem? — perguntou o reitor, erguendo as sobrancelhas, e eu ri porque eu não tinha sequer um diploma do ensino médio, mas eu não estava disposta deixar isso me parar.

Eu balancei a cabeça e me inclinei sobre a mesa, movendo todas as suas canetas, que estavam organizadas por cor em uma grande pilha no centro. — Para mim, — eu disse, batendo o meu arquivo falso sobre a mesa.

Abri para onde uma pequena foto estava cortada, e, embora não tenha sido uma das minhas melhores fotos, foi a melhor que eu poderia fazer em um curto prazo. Eu contemplei fazer um daqueles vídeos como Elle fez em *Legalmente Loira,* mas desde que eu estava entrando com ameaças e não com as credenciais, provavelmente era desnecessário.

— Sim... sim... claro, — o reitor gaguejou.

Bati palmas e saltei para cima e para baixo. Me inclinei e dei um high-five na cabeça do reitor. — Ah, é mesmo. — eu estava prestes a sair quando eu percebi que tinha esquecido uma coisa. — Eu acho que não preciso dizer que se você falar isso para alguém, que eu vou colocar você em cordas e pendurá-lo como uma pinhata de cinco de maio[28].

Eu balancei a cabeça para Bubba e Rollo, dois dos companheiros Warriors de Nolan que estavam mantendo a guarda, em ambos os lados do reitor, observando por cima do ombro para se certificar de que ele fazia o que lhe foi dito.

Eu saí pela porta e saltei para o corredor.

Como deu pra percebeu, eu gostei de ser uma old lady no final das contas.

---

28 

Cena Bônus

RAGE

— Podemos conversar? — perguntei, espreitando a minha cabeça em um escritório muito bagunçado. Bear estava em pé no meio de uma pilha de papéis, mas olhou para cima quando ele me ouviu.

A carranca já estava em seu rosto.

Merda.

— Depende, — disse ele, se levantando e cruzando os braços defensivamente sobre o peito. Eu não podia culpá-lo. Eu não confiava em mim também.

— Do quê? — perguntei, entrando no cômodo e me inclinando contra a parede com os braços atrás das costas.

— O que diabos você quer? — ele retrucou.

Dei de ombros e apertei as minhas mãos, apertando bem apertado para evitar a inquietação. — Alguma coisa. Um trabalho? — eu consegui guinchar. Eu não estava acostumada a pedir nada a ninguém. Foi estranho e me deixou muito desconfortável. Isso era regiamente fodido quando se tratava de Bear. O único trabalho que eu tinha feito pra ele eu tinha fodido, mas ele era a única pessoa que poderia me ajudar.

— Sente-se, — Bear ordenou, apontando para o sofá no canto. Eu atravessei a sala e Bear não tirou os olhos de mim o tempo todo. Eu empurrei alguns papéis para o lado e me sentei no sofá duro. Poeira levantou no ar. Tossi, mas permaneci sentada.

— Isso é sangue? — perguntei.

— Sim, — Bear respondeu sem olhar para onde eu estava apontando, que era uma mancha escura sobre os pisos de madeira que ocupavam a maior parte do cômodo.

— Lesão na cabeça, — eu disse.

— Como você sabe disso? — perguntou Bear, finalmente olhando para mim. Eu sentei de pernas cruzadas no sofá.

— Muito sangue, mas é como se houvesse uma grande quantidade de matéria nele. Nada faz mais uma bagunça do que explodir o cérebro de alguém. Além disso, há isso, — eu disse, acenando com a cabeça na parede onde uma enorme mancha formava uma aureola e então corria em direção ao chão. Estava seca, é claro, mas não havia dúvida do que era. — É muito alto para uma lesão no peito.

— Que diabos você quer? Porque se você quer me matar, faça isso antes de eu passar por esses papéis do caralho. Deus sabe que eu não sei como eu vou arrumar essa bagunça de merda, — Bear disse, passando a mão pelo rosto e olhando com ódio para os arquivos e papéis espalhados que tomavam todo o espaço no chão que o sangue seco não fez.

— Eu ouvi o que aconteceu. Com seu pai. Sinto muito, — eu ofereci.

— Não precisa sentir. Eu mataria o filho da puta novamente se eu tivesse a chance, — Bear disse, de repente erguendo as sobrancelhas para mim. — Espere, você acabou de dizer a merda do sinto muito?

— Sim, — eu disse, sem titubear. — Eu disse.

— E você está sentada no sofá mais repugnante conhecido pelo homem, — afirmou.

— Estou, — eu disse, sorrindo. Orgulhosa de mim de certa maneira. Ainda era nojento pra caralho, mas fiquei emocionada que não era a primeira coisa que pensei quando entrei na sala, e que ele não me mandou sair.

— Por que diabos você está aqui, Rage? — Bear perguntou novamente.

Tomei uma respiração profunda e exalei lentamente. — Ok, então lá vai. Eu errei. Sinto muito sobre deixar Thia, mas eu precisei, e confie em mim que um dia eu vou te contar a história, mas foi por um cara, que não é qualquer cara, mas o cara. — eu comecei a divagar.

— Eu soube. Goon. Warrior, — Bear disse, revirando a mão para eu continuar. — Seu ponto?

— Meu ponto é que eu tenho uma proposta para você.

— Continue.

— Eu quero manifestar a lealdade ao novo MC, — eu soltei. — Bem, para você e para os Warriors, é isso.

— E por que você faria isso? Você sempre disse que nunca iria fazer isso. Não era o seu lugar. — Bear se levantou e saltou sobre uma pilha de arquivos. — O que fez você mudar de ideia?

Eu lhe dei um pequeno sorriso envergonhado.

— O cara, — disse Bear, e não era uma pergunta.

Eu balancei a cabeça. — Sim. O cara. Mas não é só um cara. Eu costumava fazer isso... essa coisa-

— Assassinato e mutilação, — Bear interrompeu.

— Sim, tanto faz. Bem, eu costumava fazer isso como uma libertação, e eu queria que as pessoas me temessem porque eu não queria chegar perto de ninguém, porque acontece um monte de merda quando você chega perto das pessoas.

— Agora você não se importa se as pessoas têm medo de você ou não? — perguntou Bear, cruzando os braços sobre o peito como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

Limpei a garganta. — Não, mas eu aprendi recentemente que eu sou ainda mais assustadora quando tenho algo para lutar. Alguém. Então, se você me quiser, eu gostaria de estar em sua equipe. Equipe Lawless.

— Qual é o problema?

Suspirei. — Eu posso não estar disponível toda vez que você ligar. Eu estou fazendo outra coisa que pode levar até um pouco de tempo. E eu também quero a sua lealdade comigo. Para mim. E para... ele. Goon. Nolan, — eu disse. — Assim como você daria à família de qualquer um dos seus irmãos.

Bear assentiu. — Eu ainda estou chateado com você por deixar Thia daquele jeito. Mas desde que você de repente ficou inteligente e parece que você recuperou os seus sentidos, você pode querer pensar em se encontrar ela e se desculpar. A única razão pela qual eu não fui atrás de você foi porque ela me disse que não. Por alguma razão, a minha cadela louca gosta do seu traseiro ainda mais louco.

— Eu gosto dela também, — eu admiti.

Bear balançou a cabeça e soltou um suspiro. — Eu não sei se eu consigo me acostumar com esta nova Rage. Vai levar algum tempo, com certeza. — Bear fez uma pausa. — Porra, eu sei o que você está fazendo.

— Huh? — eu perguntei, olhando ao redor da sala para coisas aleatórias, em qualquer lugar para fugir do olhar de Bear.

— Você está tentando unir os MC's.

— Eu não disse isso. Eu não estive aqui e eu não disse isso. Mas se eu tivesse vindo aqui e dito isso, então seria realmente uma ótima ideia dar um ao outro uma razão para não querer se matar.

Bear coçou a barba e sorriu.

— Então... sim? — perguntei.

Ele soltou um suspiro. — Sim, mas ainda não acabei com isso. Você sabe o que acontece quando alguém passa pelo meu caminho. Eu não dou a mínima se você é uma menina. Se você atravessar o meu caminho eu vou desencadear um inferno em você e em Goon, — Bear advertiu.

Eu balancei a cabeça, sua advertência não fez nada para diminuir a pura alegria que surgiu através de mim.

Bear me levou para as escadas em direção ao portão. No caminho, passamos por vários membros que limpavam o recinto como se um tornado tivesse se instalado na noite anterior.

Um tornado sangrento.

— Teve uma festa do inferno aqui. Às vezes você precisa de um bom banho de sangue à moda antiga para manter as coisas fluindo, você não acha? — perguntei. Dois irmãos passaram, um deles tocando o outro no ombro e sussurrando em minha direção. Retornei seus sussurros com um sorriso doce e mais alegre possível, que rapidamente

o fizeram voltar sua atenção de volta para a bandeira que eles estavam levantando.

Com um deles de cada lado do pátio, eles puxaram as cordas ligadas à uma roldana, subindo a enorme bandeira preta, de modo que seria a primeira coisa que todo mundo visse quando atravessasse os portões. Estava escrito The Lawless MC com letras brancas e brilhantes, que combinava com os novos patchs que eu tinha notado de colete do Bear.

— Eu vou ter que concordar com você sobre isso, — Bear disse, falando sobre a destruição.

— Oh! — eu exclamei quando chegamos ao portão, batendo as palmas. — Há mais uma coisa que eu quero. — eu apontei para a única peça de roupa que eu já vi Bear usar além de jeans escuro. — Eu quero um colete, — eu disse, jogando o meu peso entre os meus pés.

— De jeito nenhum, — Bear disse com uma risada. Ele acendeu um cigarro. — Você não acha que Goon ficaria um pouco chateado com sua old lady usando um colete Lawless? Você *não* quer uma guerra, certo?

— Mas ele não vai me dar um, a não ser um colete estúpido escrito OLD LADY nas costas, e não é isso que eu quero. Mas porque não? Porque eu sou uma menina? Isso é uma atitude sexista do caralho. Eu poderia derrubar a maioria dos irmãos aqui sem sequer ter que quebrar a minha unha, — eu disse, cruzando os braços sobre o peito e batendo o pé no chão. — Só porque eu tenho uma vagina e não um pau não quer dizer-

— Você ter uma buceta não tem nada a ver com isso, — Bear disse, ainda sorrindo, afetado por minha birra.

— Então por quê? — perguntei, furiosa que, embora eu tenha acabado de prometer a ele e o seu MC o meu tipo de lealdade, a lealdade que eu nunca tinha pensado tanto em dar à qualquer outra pessoa em um contexto profissional, ele ainda iria me negar como um membro por causa da minha falta de pau.

Bear colocou um cigarro na boca, deixando-o se pendurar em seus lábios enquanto ele agarrava os meus ombros e me virava para onde a minha mota estava estacionada. — Por causa disso, — disse ele, apontando para a minha scooter. — Isto é um MC, um clube de MOTO, querida, essa coisa não é nenhuma Harley.

— Minhas desculpas, — eu disse sarcasticamente, colocando minha mão sobre meu coração e me virando. Protegendo os olhos do sol quando olhei de volta para Bear, estiquei o pescoço para encontrar seu olhar divertido. — Com toda a morte e destruição acontecendo por aqui, eu meio que pulei a parte da moto.

— Acontece com todos nós de vez em quando, — Bear admitiu com uma risada. Ele balançou a sua cabeça. — Eu não posso prometer nada. Votamos por aqui e agora não há nenhum protocolo que deve ser seguido, mas vá se desculpar com Thia e eu vou ver o que diabos eu posso fazer. Combinado?

— Combinado, — eu disse, pulando na minha scooter. Virando a chave, chutei o descanso para dentro e saí lentamente para fora do estacionamento de cascalho.

Enquanto eu dirigia em um zumbido alto que não era nada como o ronco de um motor de uma moto, mas um som que eu amava de qualquer maneira, eu podia ouvir o riso profundo e estrondoso de Bear me seguindo no vento por todo o caminho até a estrada principal.

Pela primeira vez, o som de alguém rindo de mim não me deixou possessa. De repente, a minha própria risada explodiu de mim, arrastando atrás de mim enquanto eu acelerava pela estrada em direção às infinitas possibilidades do futuro e para uma vida que eu poderia fazer qualquer coisa que eu quisesse.